



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

SÔNIA MARIA DE AZEVEDO VIANA

**NOITES PIONEIRAS DO ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE:
MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO
DÉCIMO (1976-1980)**



SÃO CRISTÓVÃO/SE

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

SÔNIA MARIA DE AZEVEDO VIANA

**NOITES PIONEIRAS DO ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE:
MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO
DÉCIMO (1976-1980)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Educação, Linha de Pesquisa: História, Sociedade e Pensamento Educacional.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Neide Sobral

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2020

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

SÔNIA MARIA DE AZEVEDO VIANA

**NOITES PIONEIRAS DO ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE:
MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO
DÉCIMO (1976-1980)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

APROVADA EM 26 DE FEVEREIRO 2020

Professora Doutora Maria Neide Sobral (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação – UFS

Professor Doutor Magno Francisco de Jesus Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Professor Doutor Ronaldo Nunes Linhares
Universidade Tiradentes – UNIT

Professora Doutora Josefa Eliana Souza
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Professora Doutora Silvana Aparecida Bretas
Universidade Federal de Sergipe – UFS

Ao Professor José Sebastião dos Santos (in memoriam)

Por sua perícia empresarial e sensibilidade humana que o qualificaram para construir as “Noites Pioneiras do Ensino Superior na FPD” dedico as palavras contidas na “Casa de Educação e Delicadezas”.

CASA DE EDUCAÇÃO E DELICADEZAS

Caríssimo Professor José Sebastião dos Santos

Na sua Casa de Educação, com a linha da vida que o senhor nos trouxe para desenhar obras de singular delicadeza, fomos tecendo juntos nossos melhores sonhos, sempre amparados pela grandeza do seu coração, da sua capacidade de invenção, da sua coragem bandeirante capaz de abrir passagens inéditas que deu aos sergipanos inúmeras possibilidades de formação educativa e profissional. E, mais que isso! Seu espírito generoso, altivo e pleno de vitalidade, plantou as sementes que vicejaram essa obra majestosa, que superando a dimensão empresarial, se fez como missão, ao mesmo tempo humilde e grande, que há tantos anos proporciona acesso ao conhecimento essencial ao bem-estar da vida humana e à soberania do espírito. É muito bom poder dizer que na sua Casa de Educação e Delicadezas a porta estava sempre aberta para todos, sem exceção. Acolher, atender, ouvir, orientar, ajudar, sempre com seu sorriso franco, sempre com uma palavra de salvação, criou espaço de conforto, segurança, possibilidades e dignidade para muitos que reconheceram nessa sua forma particular de tratar o outro, de receber cada um sem se importar com chancelas titulares, um jeito diferente de aproximar as pessoas, que se tornou a sua marca inimitável. Em seu gabinete, de mesa grande, água e cafezinho, bolachas e carinho eram servidos nas reuniões em que os seus funcionários iam se tornando amigos queridos, perpetuando afetos, numa convivência respeitosa e leal. Quantas histórias de vida foram compartilhadas de forma emocionada nessas reuniões; quantas alusões ao valor da família, da sua origem simples, do seu esforço incomum para construir a partir de uma escola pequena, - cujo quadro na parede o senhor sempre apontava -, a obra que hoje representa parte importante e inalienável da História da Educação em Sergipe. Foram inúmeros os momentos em que a sua presença nos empoderava para criar o futuro com inabalável fé, com a força produtiva do trabalho sério, com a ética da solidariedade de quem nunca se omitia quando podia contribuir para superação de tantas dificuldades vividas por muitos que o procuravam para um conselho, uma orientação um apoio especial. Quantos funcionários e famílias puderam realizar suas esperanças e formar seus filhos e netos. Quantos lhe são gratos! Quantos passaram por esta nobre casa de saber que soube acolher tão bem os grandes sonhos que resultam da crença na educação. Somente a sua Casa de Educação e Delicadezas se abriu dessa forma, querido professor, pondo fé nas pessoas, valorizando as pequenas ideias, realçando o que é humano, e que se pôs sempre, para o senhor, acima da formalidade das relações técnicas e burocratizadas. Todos sabem disso! A sua Casa de Educação, foi feita de sorrisos, de alegria genuína, de

brincadeiras que somente se pode fazer entre amigos, de abraço e aperto de mão, de olhar de aprovação e incentivo, de palavra rigorosa e determinação, mas sempre fundamentada na pedagogia da orientação e do compromisso com as pessoas e as questões que as envolvia em suas vidas particulares. A sua Casa de Educação brilhava em dia de festa ao som da Banda Marcial Estudantil mais bonita do mundo; dos jogos escolares; dos desfiles; das homenagens; das comemorações do seu aniversário como um evento de família, com presentes, mensagens e inúmeros votos de agradecimentos... porque todo mundo queria lhe dizer uma coisinha ao pé do ouvido ou publicamente... e o senhor todo cheio de emoção e redobrada atenção, a todos ouvia com tanta satisfação, tanta alegria e contentamento que o espaço se enchia de uma energia positiva transbordante, alcalina, vitalizadora, rendendo gotas sagradas de saúde física, mental e espiritual.

Meu querido Professor Sebastião, quero lhe dizer que foi uma grande honra tê-lo conhecido e compartilhado a intimidade da sua nobre Casa de Educação e Delicadezas, percorrido tantos espaços fundantes de perspectivas fundamentais para a grandeza da sua inestimável e inesquecível obra. O Senhor sempre cuidou tão bem da sua Casa e dos seus convidados. Gostava de gente! Gostava da gente! Gostava de ver a Casa cheia de pessoas alegres. Gostava de abrir para nós, não só as salas da sua grande Casa, mas também o seu coração afetuoso, simples, justo. Sabemos que viajou para descansar a origem do seu espírito, em hora própria, determinada por Deus e que a ninguém cabe questionar esse passo obrigatório de redenção e distância, mas não podemos controlar a saudade que vai nascendo e vai se mostrando nos olhares, nas conversas, nas lembranças, nas coisas todas da sua Casa de Educação, nos cantinhos mais recônditos, nos seus quadros e homenagens, na sua sala particular, nos retratos, frases e paisagens, e em todas as coisas que guardamos no coração. O que nos conforta é saber que estará sempre conosco, em nossos corações, onde haverá para sempre um lugar reservado para uma conversa informal com o Professor Sebastião, um abraço, um cafezinho, uma palavra amiga... um lugar especial como o que o senhor fez para nós, quando construiu, com a sua luz espiritual, com tanto zelo, com tanto amor e cuidado, com tanto carinho e fartura de entrega, dedicação, sentimento e paixão a sua/nossa Casa de Educação e Delicadezas, como um tesouro de valores e sabedorias que nunca fenecerá, ao contrário, brilhará eternamente, como patrimônio ímpar, dessa terra sergipana, lustrando para sempre a jornada das nossas vidas, educadas sob o primado do bem, do conhecimento, da justiça.

Escrito em 19/08/2019

AGRADECIMENTOS

À Família, que por suas diversas faces me faz singular.

Aos meus pais, Alberto Lourenço de Azevedo e Maria Pereira de Azevedo, tecedores da existência, que engendraram na trama das suas experiências cotidianas, de muita luta e trabalho, coragem, determinação, amor e respeito, os fios construtores que marcaram todas as obras da minha vida. Suas palavras protetoras e promotoras me elevam, e em mim fazem milagres.

Aos meus sete irmãos

Terezinha, que cedo se retirou do cenário dessa existência, e deixou, principalmente com a minha mãe, um grande vazio, como um lugar cativo de lembranças que jamais poderão ser esquecidas;

Maria José Azevedo Araújo (Lia), que se faz só para mim como rede de doçura e cuidados, sempre pronta para me embalar e acolher todos os meus sonhos;

Tereza Cristina Lourenço de Azevedo (Tina), pela plenitude de saber pensar o que é sagrado, e fiel aos seus princípios, buscando os caminhos para uma contribuição generosa e desprendida, tecendo pontes para os meus mais caros ideais;

Alberto Lourenço de Azevedo Filho (Beto, *in memoriam*), o “Menino Amarelo¹”, que também já nos deixou, mas quando foi embora não levou com ele a profundidade do que nos ensinou com a sua mais alta expressão vivencial: a dignidade humana;

Henrique Teles de Santana Neto (Rique), que me ensina a ler a vida e tece, como ninguém mais, a esfera da autenticidade de princípios, dos quais não se afasta nunca. Com ele aprendo a buscar minhas verdades e as condições construtoras de uma educação libertadora;

Ana Maria Lourenço de Azevedo, que abre horizontes e mantém acesa a chama que me guia entre a claridade dos dias e os escuros das noites, tecendo comigo o destino que nos pôs nesse caminho de comuns pertencimentos, só para compartilhar afetos, saberes, e os inúmeros desafios de ser professora. Com ela aprendo a exercitar melhor a docência e a vida;

Ao meu marido Erivaldo Macedo Viana, presença afetuosa e permanente, que me ouve com seu silêncio acolhedor, como artífice das palavras que não precisam ser ditas, para fortalecer a coragem necessária para prosseguir, sem reticências, realizando os sonhos da minha vida;

¹ Menino Amarelo se refere a um poema dedicado a Beto, publicado no primeiro livro de poesias, intitulado Referências e Memórias – Substâncias da Vida”.

Aos meus filhos, Fábio de Azevedo Viana, Erison Aurélio de Azevedo Viana e Rodrigo de Azevedo Viana, obra de todas as minhas tessituras de amor maior e horizonte de crenças infindáveis. Com eles me refaço todos os dias. Por eles, mantenho a fé na educação.

A Jorge Leite, pela amizade, e inestimável contribuição na confecção do documento final, cuja organização minuciosa, exigiu paciência e capricho.

Aos professores doutores da Banca Examinadora

Silvana Aparecida Bretas, Josefa Eliana Souza, Magno Francisco de Jesus Santos e Ronaldo Nunes Linhares, pela capacidade de inventar as condições de cada passo dado no percurso dos movimentos que tecem os sonhos de uma nova educação, capaz de conter as desigualdades, ao se realizar-se com a lucidez dos conhecimentos científicos sensíveis às questões humanas que nos movem em busca da construção de uma memória farta somente de cidadania e dignidade.

A Maria Neide Sobral, querida professora e orientadora, pela generosidade de se fazer fonte, por seu talento e méritos construídos no correr da história de uma vida inteira dedicada a educação. Pela recepção, carinho e capacidade de me mostrar novas trilhas no contexto da história da educação em Sergipe.

Aos Fundadores da Faculdade Pio Décimo

Gestores, Professores, funcionários e alunos que compartilharam um momento ímpar da vida educacional de Sergipe, deixando suas mais altas contribuições e a memória das utopias possíveis.

Aos Amigos

Especialmente a Lucymar de Souza Leite, Veralúcia Lima de Melo, Bernadete Cristina Paschoal Peixoto de Santana, Janete Valeriano da Silva, Valdenice dos Santos (Dona Valda), e aos professores do Colégio Castelo Branco e da Faculdade Pio Décimo, com os quais compartilhei inúmeras lições no âmbito das experiências pedagógicas relevantes e significativas, e a outros tantos amigos queridos que não vão aqui nomeados, mas que representam marca indelével de afeto, pela atenção permanente e incansável, pelo incentivo, pelos detalhes que ficarão guardados como memória dos cuidados, tecendo afetos, abraço fraternal, confiança e torcida.

Aos oito fundadores que gentilmente cederam parte preciosa do seu tempo para me contar sobre as histórias de um passado institucional e pessoal ainda tão presentes entre nós, e com raro desprendimento e entusiasmo, deram o seu melhor para construir a Pio Décimo como uma “Casa de Educação e Delicadezas”. Minha mais alta admiração e agradecimento a José Júlio Seabra, Emiralva da Cruz Souza, Yvone Mendonça, Maria José de Almeida Soares, Judite

Oliveira, Jeremias Romão de Brito e Osvaldo Menezes Santos. Ao professor Sebastião, como diretor-fundador, agradeço o tempo feito de acolhimento e o entusiasmo para narrar sua vida e sua história, de um jeito que só ele saberia contar. Foi uma honra compartilhar com os senhores informações, saberes e práticas referenciados ao momento especial da Fundação da Faculdade Pio Décimo.

À nova direção da Faculdade Pio Décimo, em especial a Antônio Thiers Vieira de Almeida Santos, que, por novas trilhas da gestão da educação se dedica à continuidade da obra educativa e prossegue reconhecendo as marcas das memórias deixadas pelo seu pai e Diretor Fundador, professor José Sebastião dos Santos. Obrigada pelo apoio que me permitiu concluir esta tese.

*Para os navegantes com desejo de vento, a memória é
um ponto de partida.*

(GALEANO, 2004)

RESUMO

Esta tese intitulada “Noites Pioneiras da Educação Superior em Sergipe: memórias dos fundadores do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980),” vincula-se à linha de pesquisa – História, Sociedade e Pensamento Educacional, que integra o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Objetivou compreender a história da fundação da Faculdade Pio Décimo, como instituição pioneira na oferta do primeiro curso noturno de pedagogia em Sergipe. Utilizando-se da metodologia da história oral e dos estudos que relacionam e diferenciam história e memória, o trabalho se desenvolveu a partir das narrativas de memórias do diretor, cinco docentes e dois funcionários fundadores, destacando o modo de organização, condições e desafios postos para o funcionamento dessa primeira turma de pedagogos, no período de 1976 a 1980, determinado nos limites de início e conclusão da primeira turma do curso em pauta. O problema central foi assim delineado: Como se deu na trama da fundação da FPD, a implantação do curso de Pedagogia, reconhecendo, a partir das narrativas de seus fundadores, o modo de organização e funcionamento da primeira turma; a definição da proposta curricular; a realização das práticas pedagógicas e as condições e desafios gerais para o desenvolvimento das ações de formação do pedagogo? Em relação às questões correlatas: Quais as trajetórias de vida, formação e atuação dos fundadores do curso de pedagogia da FPD? Que marcas históricas foram deixadas em suas lembranças acerca da organização pedagógica, das práticas educativas, das relações e ações desenvolvidas durante os primeiros anos de atuação no curso noturno? Que História pôde ser reconstruída da emergência do curso noturno superior em Pedagogia a partir das narrativas dos docentes, diretor e dos funcionários fundadores? Assim, defendemos a tese de que a história da vida institucional é coletiva, e não se constrói apenas como um conjunto organizado de conhecimentos acadêmicos e procedimentos burocráticos, – mais que isso, – se institui no entrelaçamento das histórias de vida, e nas memórias individuais, que guardam e atualizam o significado das experiências de formação, sempre abertas a novas interpretações e produção de sentidos, porque não se limitam à temporalidade do já vivido como passado, mas envolve a relação dinâmica passado/presente/futuro, como movimento e criação no decorrer do tempo histórico. Os resultados obtidos revelaram a importância desse processo de rememoração do passado, que oportuniza uma releitura da instituição, e dão novos sentidos aos saberes, procedimentos e práticas apreendidas no contexto das experiências compartilhadas no âmbito do curso de pedagogia, como lugar comum de atuação dos envolvidos na pesquisa, instigando novas buscas e promovendo maior compreensão sobre os processos de formação acontecidos no âmbito do ensino superior noturno em Sergipe, particularmente em uma instituição privada, constituindo-se, assim, em uma memória institucional.

PALAVRAS-CHAVE: Faculdade Pio Décimo; Curso de Pedagogia Noturno; Formação Docente; História Oral e Memória.

ABSTRACT

This thesis entitled “Pioneer Nights of Higher Education in Sergipe: memories of the founders of the pedagogy course at Faculdade Pio Décimo (1976-1980)”, is linked to the line of research - History, Society and Educational Thinking, which is part of the Education Program Post-Graduation in Education at the Federal University of Sergipe. It aimed to understand the history of the foundation of Faculdade Pio Décimo, as a pioneer institution in offering the first night course of pedagogy in Sergipe. Using the methodology of oral history and studies that correlate and differentiate history and memory, the work was developed from the narratives of the director memories, five professors and two founding employees, highlighting the way of organization, conditions and challenges posed for the functioning of this first class of pedagogues, from 1976 to 1980, determined within the limits of the beginning and conclusion of the first class of the course in question. The central problem was thus outlined: With the foundation of the FPD, the implementation of the Pedagogy course, recognizing, from the narratives of its founders, the way of organization and functioning of the first class; the definition of the curriculum proposal; the accomplishment of pedagogical practices and the general conditions and challenges for the creation of the institution and the opening of the pedagogue's training course? In the same vein: How were they selected and how was the life, training and performance trajectories of the founders of the FPD pedagogy course? What historical marks were left in their memories about the pedagogical organization, educational practices, relationships and actions developed during the first years of working in the night course? What could be reconstructed from the emergence of the higher education course in Pedagogy based on the narratives of the teachers, director and founding employees? Thus, we defend the thesis that the history of institutional life is collective, and it is not built just as an organized set of academic knowledge and bureaucratic procedures, – moreover – it is established in the intertwining of life stories, and in individual memories, which keep and update the meaning of training experiences, always open to new interpretations and production of meanings, because they are not limited to the temporality of what has been lived as the past, but involves the dynamic relationship past / present / future, such as movement and recreation in the elapse of historical time. The results obtained revealed the importance of this process of reminiscing about the past, and provided an opportunity for a re-reading of the institution, giving new meanings to the knowledge, procedures and practices learned in the context of the experiences shared within the scope of the pedagogy course, as a common place of action for those involved in research, instigating new searches and promoting greater understanding of the training processes that took place in the context of night higher education in Sergipe, particularly in a private institution, therefore constituting an institutional memory.

KEYWORDS: Faculdade Pio Décimo; Pedagogy Night Course; Teacher Education; Oral History and Memory.

RÉSUMÉ

Cette thèse, avec le titre “Nuits Pionnières de l’Enseignement Supérieur à Sergipe: souvenirs des fondateurs du cours de Pédagogie à Faculdade Pio Décimo (1976-1980)” est liée à la ligne de recherche ‘Histoire, Société et Pensée Éducative’, qui fait partie du Programme d’Études Supérieures en Éducation de l’Université Fédérale de Sergipe. Il visait à comprendre l’histoire de la fondation de Faculdade Pio Décimo [FPD], en tant qu’institution pionnière en offrant le premier cours de Pédagogie du soir en Sergipe. En utilisant la méthodologie de l’histoire orale et des études qui relient et différencient l’histoire et la mémoire, cette thèse développée à partir des récits de la mémoire du réalisateur, cinq enseignants et deux employés fondateurs, mettant en évidence le mode d’organisation, les conditions et les enjeux nécessaires au fonctionnement de ce premier groupe de pédagogues, de 1976 à 1980, déterminé dans les limites de départ et d’arrivée de la première classe du parcours en question. Le problème central a été décrit comme suit: Comme cela s’est produit lors du fondation du FPD, la mise en œuvre du cours de pédagogie, reconnaissant, à partir des récits de ses fondateurs, le mode d’organisation et de fonctionnement de la première classe; la définition de la proposition de curriculum; l’accomplissement des pratiques pédagogiques et les conditions et enjeux généraux pour le développement des actions de création de l’institution et l’ouverture du cours de Pédagogie? En ce qui concerne les questions connexes, nous avons: Comment les trajectoires de vie, de formation et de performance des fondateurs du cours de Pédagogie en FPD ont-elles été sélectionnées et quelles ont été leurs trajectoires? Quelles traces historiques sont restées dans vos mémoires sur l’organisation pédagogique, les pratiques pédagogiques, les relations et les actions développées au cours des premières années de le cours du soir? Quelle histoire pourrait-on reconstituer à partir de l’émergence de l’enseignement supérieur en pédagogie à partir des récits des enseignants, du directeur et des fondateurs? De cette façon, nous défendons l’affirmation selon laquelle l’histoire de la vie institutionnelle est collective, et elle n’est pas construite uniquement comme un ensemble organisé de connaissances académiques et de procédures bureaucratiques – plus que cela – elle est établie dans l’entrelacement des histoires de vie et dans les mémoires individuelles, qui gardent et actualisent le sens des expériences de formation, toujours ouvertes à de nouvelles interprétations et à la production de significations, car elles ne se limitent pas à la temporalité de ce qui a été vécu comme passé, mais impliquent la relation dynamique passé / présent / futur, comme mouvement pendant du temps historique. Les résultats obtenus ont révélé l’importance de ce processus de valorisation mnémonique du passé, et ont permis de relire l’institution, en accordant de nouvelles significations aux connaissances, procédures et pratiques apprises dans le cadre des expériences partagées dans le cadre du cours de Pédagogie, comme une situation récurrente de performance des personnes impliquées dans la recherche, suscitant de nouvelles recherches et favorisant une meilleure compréhension des processus de formation qui ont eu lieu dans le cadre de l’enseignement supérieur de nuit à Sergipe, notamment dans une institution privée, constituant ainsi une mémoire institutionnelle.

MOTS CLEFS: Faculdade Pio Décimo; Cours de pédagogie du soir; Formation des enseignants; Histoire orale et mémoire.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Recorte de Jornal	68
Figura 2 – Justificativa do projeto.....	76
Figura 3 – Relação dos alunos fundadores (fl. 01 e 02).....	79
Figura 4 – Professor José Sebastião dos Santos.....	89
Figura 5 – Recredenciamento do colégio.....	96
Figura 6 – Portaria do curso	98
Figura 7 – Professor Osvaldo Menezes.....	100
Figura 8 – Quadro da 1ª direção da AECPD.....	106
Figura 9 – Quadro da Comissão do Primeiro Vestibular (1976).....	110
Figura 10 – Capa Relatório Histórico e Ilustrado.....	112
Figura 11 – Professor Sandino de Melo Ribeiro – 1º Secretário.....	112
Figura 12 – Decreto.....	Erro! Indicador não definido.
Figura 13 – Professora Emiralda da Cruz Souza.....	116
Figura 14 – Professor Sebastião na mesa de abertura da solenidade	122
Figura 15 – Professor Sebastião apondo o capelo sobre a cabeça da formanda Emiralva	122
Figura 17 – Diploma do Curso de Pedagogia da FESAA	123
Figura 18 – Comissão de formatura 1ª turma 1976- 1979	124
Figura 19 – Diários de classe	125
Figura 20 – Professora Judite Aragão	132
Figura 21 – Professora Deusinha	134
Figura 22 – Professor Yvone Mendonça de Souza	148
Figura 23 – Professor Jeremias e professor Sebastião	155
Figura 24 – Professor José Júlio Seabra Santos	166

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Levantamento de teses e dissertações que articulam temáticas compatíveis com a pesquisa em pauta.	22
Quadro 2: Quadro dos professores fundadores elaborado pela pesquisadora	32
Quadro 3: Matriz curricular.....	126
Quadro 4: Distribuição organizacional.....	129

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABMPM	Associação Brasileira de Medicina das Polícias Militares
AECPD	Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo S/C Ltda
APL	Associação de Professores Licenciados do Brasil
APMESE	Associação dos profissionais do Magistério de Sergipe
APMESE	Associação de Profissionais do Magistério do Estado de Sergipe
CAIC	Centro Integrado de Atenção à Criança e ao Adolescente
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAS	Colégio Estadual Atheneu Sergipense
CEE	Conselho Estadual de Educação
Cel.	Coronel
CEPCB	Colégio Estadual Presidente Castelo Branco
CEPJSS	Centro Educacional Professor José Sebastião dos Santos
CFE	Conselho Federal de Educação
CLT	Consolidação das Leis do Trabalho
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODAP	Colégio de Aplicação
CODEFAT	Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador
CREMESE	Conselho Regional de Medicina do Estado de Sergipe
DATAMEC	Sistemas e Processamentos de Dados
DEAPE	Departamento de Apoio Pedagógico
DEMEC	Delegacia do Ministério da Educação e Desporto
DIRED	Divisão de Registro, Documentação e Arquivo
EAD	Educação a Distância
FAFI	Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe
FENEN/SE	Federação dos Estabelecimentos de Ensino do Estado de Sergipe
FESAA	Faculdade de Estudos Sociais e Aplicados de Aracaju
FPD	Faculdade Pio Décimo
GCM	Gabinete de Ciências da Matemática
IERB	Instituto de Educação Rui Barbosa
IES	Instituição de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministério da Educação e Cultura
Mercosul	Mercado Comum do Sul
NPGED	Programa de Pós-Graduação em Educação
PEC	Programa de Avaliação Continuada
PEQ/SE	Programa de Engenharia Química de Sergipe

PSD	Partido Social Democrático
QOSPM	Quadro de Oficiais de Saúde da Polícia Militar
SEAST	Semana de Atenção à Saúde e Segurança no Trabalho
SEFOR	Superintendência das Escolas Estaduais de Fortaleza
SINPRO/SE	Sindicato dos Professores da Rede Particular de Ensino do Estado de Sergipe
SINTESE	Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Estado de Sergipe
UDN	União Democrática Nacional
UFS	Universidade Federal de Sergipe
UNIT	Universidade Tiradentes

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: PALAVRAS NECESSÁRIAS PARA TECER COMEÇOS.....	16
SESSÃO 2 – TECENDO REFERÊNCIAS PARA CONSTRUIR A MEMÓRIA DO ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE.....	36
2.1 AS MEMÓRIAS REVISITADAS PELA HISTÓRIA ORAL	45
2.2 MEMÓRIAS, HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO DOCENTE.....	49
SESSÃO 3 – CENÁRIOS DA PEDAGOGIA: EMERGÊNCIA DO CURSO SUPERIOR NOTURNO	58
3.1 ESPAÇOS DE FORMAÇÃO DOCENTE: o curso de pedagogia.....	68
SESSÃO 4 – “NOITES PIONEIRAS” DA EDUCAÇÃO NA FPD.....	83
4.1 JOSÉ SEBASTIÃO DOS SANTOS: história de vida e trabalho do primeiro diretor geral da FPD.....	85
4.2 OSVALDO MENEZES SANTOS: presença e contribuições desde as origens da FPD	100
4.3 PROFESSORA EMIRALVA DA CRUZ SOUZA: as múltiplas faces da sua contribuição como egressa da primeira turma e membro da equipe diretiva da FPD...	116
SESSÃO 5 – A PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO: TECENDO A HISTÓRIA PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA DOS SEUS PROFESSORES-FUNDADORES	130
5.1 JUDITE OLIVEIRA ARAGÃO e MARIA JOSÉ DE ALMEIDA SOARES: memórias em conjunto.....	132
5.1.1 A Professora Maria José de Almeida Soares (Deusinha): pedagogia e gestão no caminho das suas práticas.....	134
5.1.2 Narrativas das memórias conjuntas reconstróem a história institucional	135
5.1.3 Memórias de professores-fundadores: narrativa oral da professora Yvone Mendonça de Souza	148
5.1.4 Professor Jeremias Romão de Brito.....	155
5.1.5 Narrativa oral do Professor José Júlio Seabra	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS: PALAVRAS TECELÃS DE CONTINUIDADES NA TRAMA DAS MEMÓRIAS DAS NOITES PIONEIRAS DA EDUCAÇÃO NA FPD.....	174
REFERÊNCIAS.....	188
APÊNDICE A – CARTA CONVITE ENTREVISTADOS.....	196
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO.....	199
ANEXO A – RELAÇÃO DE ALUNOS DA 1ª TURMA.....	214
ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR.....	221
ANEXO C – AMOSTRAGEM REGISTROS DE TRABALHO.....	225

INTRODUÇÃO: PALAVRAS NECESSÁRIAS PARA TECER COMEÇOS

O tempo tende a diluir lembranças, promover o esquecimento, mas também permitir o movimento de aproximação entre o presente e o passado. Aproximar-se do acontecido é um exercício que revela parte da trama histórica [...] que se estende para frente e para trás, numa quase atemporalidade. A produção de um discurso histórico, por sua vez, revela as razões do que se disse pela ótica de quem narra, com roteiro próprio para interpretar o acontecido (SOBRAL, 2009, p. 57).

As palavras de Sobral, professora orientadora deste trabalho, eleitas para tecer o começo dessa tese, soaram para mim, como um chamado acadêmico capaz de me conduzir a inúmeras interrogações e a decifrar antigos desejos de uma pedagoga interessada em promover lembranças aparentemente diluídas pelo passar do tempo. São lembranças submersas, dispersas, que, trazidas à tona, poderão revelar os meandros de uma história institucional representativa de um momento importante para a História da Educação Sergipana em seus primórdios. Trata-se de buscar aproximações com as memórias do passado que poderão tecer cenários reveladores da História da Fundação do Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo, curso que inaugurou o ensino superior noturno em Sergipe. Por isso, posso dizer que o texto de Sobral (2009), aportou para mim, produtiva inquietação, porque não li as palavras apenas como palavras, mas as compreendi como pequenos pedaços de sentimentos que já moravam comigo, desde que assumi o exercício da pedagogia como profissão que deu e dá significado especial à minha vida.

As palavras da epígrafe de abertura desta tese são, pois, palavras tecelãs, representativas de muitas outras leituras anteriores e concomitantes aos Cursos de Mestrado e Doutorado em Educação realizados na Universidade Federal de Sergipe (UFS), que contribuíram para a escrita desta tese. As palavras vivas como sementeiras de conhecimentos, estendem pequenos fios de prumo, como condutores de buscas e descobertas, que, posso dizer, iluminam as memórias significativas que vão nos tecendo desde os espaços atemporais que nascem e se guardam por dentro da gente, como pequenas facetas dos acontecimentos que reverberam em nossa forma de ser, fazer e viver a vida pelos caminhos da profissão que escolhemos. Elas trazem à flor da pele as memórias do passado recente, que se põem a descoberto, quando nos entregamos à busca do nosso próprio tempo de fundações.

O texto-citação é, portanto, porta de abrir começos, e nos dá roteiro flexível, entremeado de possibilidades, pequenos fragmentos que precisam de aproximação para fazer sentido, para nos fazer caminhar com esse pé de ziguezague que, quase como se fosse mágica, nos faz andar entre os cenários dos tempos passados, que ora compõem, ora rompem, ora se

imbricam com o presente-futuro, numa trilogia histórica que nos movimenta e permite compreender as relações humanas no âmbito das nossas memórias. Ressalto que a reflexão de Sobral está contemplada no texto que trata do I Seminário da Faculdade de Educação de Sergipe em 1969, texto que integra um livro² importante para compor o quadro de leituras que viabilizaram esta tese, por registrar parte significativa da História da Universidade Federal de Sergipe e, conseqüentemente da História da Pedagogia.

Nessa direção, nos propomos, nessa tese intitulada – “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976 -1980)” buscar informações e dados que nos permitam compreender a História da Fundação do Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo (FPD), instituição pioneira na criação do ensino superior noturno em Sergipe. Um pioneirismo ainda não revelado, decorridos 44 anos da sua fundação. Daí se depreendeu a importância desse estudo, que ao tomar como foco de pesquisa as lembranças guardadas na memória individual desses primeiros fundadores – professores, diretor e funcionários-, oportunizou uma leitura ainda inédita do passado recente da história da educação superior em Sergipe, convergente no contexto institucional de fundação do Curso de pedagogia na FPD, como espaço pioneiro de educação profissional, criado para ampliar a capacidade de responder às demandas de formação de pedagogos em nosso estado.

Nossa motivação para esse estudo, justificou-se em grande parte por nossa trajetória de formação que está entrelaçada ao ensino universitário, situando-se no universo do ensino superior privado, na FPD, onde atuo há cerca de 20 anos, como um dos cenários privilegiados de profissionalização, e que, de certa forma, culmina com a realização desta pesquisa realçando uma história institucional significativa e conseqüentemente, a própria condição de profissional em contínuo e dinâmico processo de formação. As lembranças do passado se transformam, e vão ganhando novos sentidos, em cada experiência, em cada prática, que se converte para refletir inúmeras outras histórias, numa rede interminável de interações que resultam de uma diversidade seletiva de situações mediadoras, constituídas com diferentes interlocutores em diferentes espaços e tempos sociais e históricos, voltando-nos para a emergência dessa instituição em nível superior no turno noturno, em Sergipe.

Embora sejam rememoradas experiências nas quais estamos incluídas, porque fazem parte da história da instituição onde nos tornamos professora universitária e exercemos o

² Freitas e Sobral (2009) rememoram e interpretam acontecimentos vividos, “fundamentado em fontes e vestígios selecionados e deixados por quem os produziu e/ou preservou para além do tempo de sua produção. São os documentos (orais, escritos, iconográficos, dentre outros) que tornaram possíveis escrever História” (SOBRAL, 2009, p. 57).

magistério, elas são singulares e significativas não por serem apenas singulares, mas por serem anteriormente tangíveis a toda uma coletividade. O foco das experiências refere-se antes a um tema cujas preocupações são universais: os processos de organização e as condições iniciais que envolveram a fundação da FPD com a oferta do curso noturno de Pedagogia, cujo significado histórico é representativo não apenas da coletividade em estudo, mas da educação superior sergipana, de tempos e espaços que constituíram referenciamentos para construção da face profissional do pedagogo, especialmente em sua função de ser professor.

Desse modo, é possível afirmar que as motivações para elaboração desta tese de doutorado não se constituíram isoladamente, no momento de acesso ao Programa de Doutorado em Educação da UFS, mas na dinâmica das constantes reflexões sobre os problemas, desafios e exigências emergentes das práticas de formação pedagógica cotidianamente exercidas, em mais de 40 anos de profissão docente, vividos no âmbito da Pedagogia.

Indícios de diversas ordens foram nos conduzindo a partir de inúmeras motivações antecedentes, compondo e ressignificando cada face representativa da minha trajetória pessoal-profissional, movida, em grande parte pelo gosto de ser pedagoga. Ressaltamos especialmente, o interesse de cunho epistemológico e pedagógico que a temática relativa aqui apresentada vem representando em nosso itinerário de experiências profissionais, servindo para abonar e justificar a escolha deste campo de conhecimento.

Há, ainda, uma outra dimensão a considerar no âmbito das motivações iniciais, e que, por vezes, pode parecer descabida em trabalhos dessa natureza, mas que ousamos destacar, por ser talvez a que nos instiga para sentir essa fome permanente de saber; a que me faz ter esse olhar de girassol³, um olhar circulante, capaz de buscar a luz necessária para clarear espaços e tempos nos lugares que fabulam as experiências que vão construindo o alicerce das nossas referências mais sólidas, na feitoria da maturidade da vida pessoal e profissional. Essa dimensão maior, podemos dizer, sem nenhum teor alienante, se refere ao bem querer, ao respeito e ao compromisso, que, desde muito cedo nos moveu para escolha dessa profissão. Essa é uma dimensão que ainda emociona, mobiliza, interroga e inquieta diante de uma profissão em os embates políticos, pedagógicos e epistemológicos implicados nos processos de formação/atuação do professor, tem produzido um certo desassossego profissional.

³ Fernando Pessoa (1988). Poema do livro “O Guardador de Rebanhos”: O meu olhar é nítido como um girassol. / Tenho o costume de andar pelas estradas / Olhando para a direita e para a esquerda, / E de vez em quando olhando para trás... / E o que vejo a cada momento É aquilo que nunca antes eu tinha visto,... / E eu sei dar por isso muito bem... Sei ter o pasmo essencial / Que tem uma criança se, ao nascer, / Reparasse que nascera deveras... Sinto-me nascido a cada momento / Para a eterna novidade do mundo...”

Foi nessa perspectiva que procuramos dar visibilidade as experiências singulares / coletivas dos fundadores do curso de Pedagogia na FPD, como forma de compreender melhor a história institucional da fundação, vivenciada como invenção das noites pioneiras da educação superior, enquanto espaço novo de educação formal.

Nessa trajetória, realizamos uma revisão bibliográfica, a exemplo de Tardif (2002), interessado na formação profissional de professores sob a perspectiva da construção dos saberes docentes. Com esse autor foi possível perceber claramente a importância dessa dimensão de personalidade que se revela a partir das histórias de vida, compreendidas como fontes de experiências fundamentais para a produção dos saberes pessoais que interferem e compõem as práticas dos professores. Tardif (2002, p. 54) “valoriza a experiência de vida em seus diversos ambientes, constituindo inclusive uma tipologia para identificar e classificar os saberes dos professores, como saberes plurais, heterogêneos, personalizados e situados, sendo que ‘os saberes experienciais surgem como núcleo vital do saber docente’”. Isto dito, o autor destaca a natureza social diversificada do saber profissional que provem de tempos/lugares distintos, envolvendo os contextos da vida pessoal, da vida em sociedade e de instituições educativas formadoras, onde os professores foram educados para educar.

Estudos realizados por Nóvoa (1991, 1992, 1995, 2002, 2006, 2007) demonstra a importância de se identificar, revelar e compreender os espaços de interação que promovem conexões entre as dimensões pessoais e profissionais, permitindo aos professores apropriar-se melhor dos seus processos de formação/atuação, dando-lhes um sentido no quadro das suas histórias de vida. A história de vida, portanto, tem sido um elemento fundamental na compreensão dos lugares de memória, nas experiências pessoais e profissionais da criação, implementação e desenvolvimento de muitas instituições educacionais. Desse modo, a escolha dessa abordagem foi para essa pesquisa permitiu iluminar os lugares da memória ligados aos acontecimentos significativos vivenciados pelos fundadores da FPD, *locus* privilegiado de formação e atuação profissional.

Ressaltamos que a escolha desse objeto foi se consolidando no contexto de inúmeros estudos levantados sobre a história oral, seus usos, finalidade, possibilidades e cuidados que o pesquisador do campo da história da educação deve ter ao adotar tal abordagem. Também com a certeza dos trabalhos consultados de que são férteis as contribuições da história oral para ampliar a compreensão dos processos de formação no âmbito de uma memória institucional foram propulsores dessa escolha teórico-metodologia.

A formação profissional tem se constituído como campos promotores de pesquisas, sendo de fato abundantes os trabalhos acadêmicos de dissertação e teses que abordam como

objeto de estudos os processos formativos, as práticas e os saberes docentes, e as representações sociais dos professores sobre a sua profissão. Apesar dos relevantes estudos já realizados nos últimos anos, principalmente como resultante da consolidação dos cursos de pós-graduação em Sergipe, os cursos e instituições superiores ofertados no Estado ainda podem ser vistos como uma lacuna na historiografia educacional sergipana.

De acordo com Nascimento (2003), a obra mais completa da historiografia educacional sergipana foi a escrita por Nunes (1984), tida como referência para os pesquisadores da Educação. Em seu texto, a autora elucidou o pioneirismo do Seminário Sagrado Coração de Jesus como instituição inaugural do ensino superior em Sergipe. Essa instituição foi o foco de análise de Barreto (2012) que, ao estudar a formação do clero da Diocese de Aracaju no bispado de Dom José Thomaz, problematizou também, o pioneirismo da instituição no ensino superior sergipano.

No contexto da historiografia educacional sergipana, considerando a pesquisa com egressos de pedagogia, Soares e Martins (2009) destacaram a pesquisa dos professores André Miguel Berger e Maria Lúcia Souza Ramos Berger, intitulada: “Estudos follow-up dos egressos do curso de Pedagogia como fonte aplicada para avaliação do currículo”, realizado no período de 1971 a 1976 para levantar informações com fins de orientar a transformação do currículo.

No tocante aos estudos acerca do universo do ensino superior sergipano, destacaram-se os trabalhos vinculados ao Núcleo de Pós-Graduação em Educação da UFS. Cruz (2014) tratou da Faculdade de Direito de Sergipe (FDS), tendo como centralidade o corpo docente dessa Instituição de Ensino Superior, de forma específica, de seis de seus professores fundadores, a saber: Antônio Manuel Carvalho Neto, Armando Leite Rollemberg, Francisco Rollemberg Leite, Gonçalo Rollemberg Leite, Manoel Cabral Machado e Mário de Araújo Cabral, docentes que compuseram a elite jurídica, política e intelectual das décadas de 1940, 1950 e 1960, no Estado de Sergipe, no Brasil.

Outros estudos enfocam os docentes do ensino superior sergipano, a exemplo o de Conceição (2010) que discute a trajetória do ensino superior de Química, a fim de evidenciar o processo de formação e legitimação do campo da Química em Sergipe. O marco temporal corresponde ao período de 1948 a 1967. Contudo, o trabalho faz alguns retrocessos na linha temporal, buscando expor as evidências deixadas acerca da primeira experiência que Sergipe teve com o ensino de Química em 1925.

Os trabalhos de Oliveira (2014; 2015) investigaram as disciplinas ministradas no curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, no período de 1951 até 1962, com o objetivo de analisar os saberes transmitidos naquele curso de formação de docentes

de História em meados do século XX e os caminhos trilhados por cinco professores que compõe uma parcela da elite intelectual de Sergipanos, desde a formação escolar até o ingresso no magistério, trazendo elementos singulares no âmbito da história oral.

Em relação aos trabalhos investigativos realizados sobre instituições, UFS e cursos, elencamos o de Souza (2015) que trouxe um mapeamento, com fontes documentais, visuais e orais que permitem acompanhar a emergência e o desenvolvimento da instituição, ao longo de sua história da Universidade Federal de Sergipe, no período de 1968 a 2012, lançando um olhar sobre os 45 anos de sua criação, pondo em destaque o início dos cursos superiores de Sergipe. Evidenciou as produções locais, monografias e dissertações que abordaram a trajetória da UFS, recorrendo ainda às instituições de preservação da história como Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Biblioteca Pública Epifânio Dória, Diário Oficial, etc.

Bretas (2014), por sua vez, discutiu sobre a criação da UFS: história, política e formação da comunidade acadêmica (1950-1970) objetivando reconstruir a origem da Universidade Federal de Sergipe, no contexto do projeto científico brasileiro, a partir da década de 1950, para propor novas linhas de investigação que preenchessem as lacunas do conhecimento em relação ao desenvolvimento da ciência, o estágio científico brasileiro, e sua relação com as práticas sociais e transformações operadas no sistemas acadêmicos de diferentes origens.

Freitas e Sobral (2009) organizaram publicação sobre História e Memória: o curso de Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (1968-2008) abordando aspectos relacionados a pedagogia, como Memória e História contemplando diferentes temáticas relacionadas ao tema central do livro.

Na mesma linha investigativa, Lima (2015) analisou as contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano, mais especificamente, sua atuação frente à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FAFI) e a UFS, tendo sido escolhido o marco temporal para a pesquisa o período de 1950 a 1968.

Consideramos o trabalho de Santos (2005), sobre a Faculdade de Serviço Social de Sergipe com o objetivo de descortinar a percepção de professoras aposentadas dessa instituição sobre a formação e a prática profissional na década de 1970, em Sergipe, e sua inserção como sujeito desse processo.

A dissertação de Melo (2015) investigou sob o tema – História, Memória e Vivências, a história e a memória dos saberes e práticas de sete professoras alfabetizadoras, analisando o contexto, o lugar, o espaço, suas dificuldades, problemas, resistências e qual o significado do ofício de ser alfabetizadoras de adultos no período de 1940-1960. As contribuições para o presente trabalho, ocorreram na perspectiva da metodologia da história oral e da memória,

apontando para a trajetória de educadores que reconstróem suas experiências de vida, criando alternativas para viabilizar melhor a suas experiências como docentes.

Nesse contexto de estudos e pesquisas antecedentes que problematizam temas diversos a partir do foco no Ensino Superior, os trabalhos que se inscrevem no âmbito da memória individual, compreendida como um traço da memória coletiva das instituições adquire um novo sentido, baseado em categorias construídas para manter a coerência com a realidade a ser pesquisada, o que permitiu-nos objetivar, conhecer e validar subjetivamente aspectos da realidade micro social, embasadas no enfoque das pesquisas qualitativas legitimadas para a área das ciências humanas e sociais, elegendo, aqui, o nosso posto de observação, a emergência do ensino superior noturno na FPD.

Nessa direção, procuramos dar visibilidade à produção realizada no âmbito dos temas relevantes que se aproximam do objeto de estudo, foco desta pesquisa, apresenta-se um (Quadro 1) que busca realizar um mapeamento das teses e dissertações e que resultaram de consultas aos sites e banco de dados da Biblioteca Virtual da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), privilegiando além dos temas afins, o período mais recente.

Quadro 1: Levantamento de teses e dissertações que articulam temáticas compatíveis com a pesquisa em pauta

Ordem	Referência/ Autoria	Título	Tese	Dissertação	Instituição	Ano
01	Alice Ângela Thomaz	Os amados intelectuais de Sergipe e suas contribuições para a educação brasileira (1950-1970)		X	Universidade Tiradentes - UNIT	2012
02	Anna karla de Melo e Silva	As Contribuições do professor Sergipano Felte Bezerra para a disciplina Etnografia do Brasil na Faculdade católica de Sergipe (1953-1956)		X	Universidade Federal de Sergipe - UFS	2013
03	Ane Rose de Jesus Santos Maciel	Entre fatos e relatos: As trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na Educação Sergipana (1960-1991)		X	Universidade Federal de Sergipe - UFS	2016
04		Autobiografias, histórias de vida e práticas de formação		X	EDPUC -RS	2006
05	Elizeu Clementino de Souza	O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores	X		Universidade Federal da Bahia – UFBA	2004
06	Eva Maria Siqueira Alves	O Atheneu Sergipense: Uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)	X		Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	2005

07	João Paulo Gama Oliveira	Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)	X		Universidade Federal de Sergipe - UFS	2015
08		Disciplinas Docentes e Conteúdos: itinerários da História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)		X	Universidade Federal de Sergipe - UFS	2011
09	Jussara Fraga Portugal	“Quem é da roça é formiga!”: Histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de Geografia de escolas rurais	X		Universidade do Estado da Bahia - UNEB	2013
10	Kátia de Araújo Carmo	Uma história do Curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe: para que? O que? Para quem? Como? (1969-1983)		X	Universidade Federal de Sergipe - UFS	2011
11	Nayara Alves de Oliveira	A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971): origens e contribuições		X	Universidade Federal de Sergipe - UFS	2011
12	Priscilla Gomes Guilles Mattos	O curso de Pedagogia da Faculdade de Formação de Professores da UERJ a partir de narrativas de formação de professoras das infâncias.		X	Universidade do estado do Rio de Janeiro - UERJ	2013
13	Renata Bernardo	Inserção no Ensino Superior: trajetórias de formação narradas por jovens universitários	X		Universidade São Francisco /Itatiba	2015
14	Rita Tavares de Melo	História, Memória e Vivências: A EJA no norte de Minas gerais (1940-1960)	X		Universidade Federal de Uberlândia/Minas Gerais	2015
15	Talita Dias Miranda e Silva	Trajetórias de Formação de Professoras de Educação Infantil: História oral de Vida		X	Faculdade de educação da Universidade de São Paulo	2012
16	Zoraya Maria de Oliveira Marques	Como se chega ou como nos tornamos docentes no ensino superior	X		Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN	2006

Fonte: Dados coletados pela pesquisadora (2018)

Pudemos observar que já há uma profícua produção que pontua memórias e história das instituições de ensino superior em Sergipe, embora apontem ainda lacunas que merecem ser investigadas. Sendo assim, constatamos nessas proposições iniciais que há um contexto mais amplo referente à problemática que se estabelece nessa pesquisa e que coloca a formação de professores-pedagogos e o curso de pedagogia, no centro desse cenário, movendo-se numa perspectiva de mudanças por vezes contraditórias e sempre desafiadoras. Nesse contexto mais

geral, se delimita o campo de pesquisa no espaço institucional particular da FPD, habilitado pelos critérios e motivos já justificados, cujos acontecimentos pedagógicos ocorridos no tempo da fundação (1976 – 1980) merecem ser compreendidos, ressignificados à luz das histórias e memórias de professores, diretor e funcionários da referida instituição.

Diante disso, nosso estudo voltou-se para a construção de uma memória institucional pautada em memórias individuais de quadros de docentes e funcionários fundadores do primeiro curso de Pedagogia noturno em Sergipe com o seguinte problema de pesquisa:- Como se deu a trama de implantação do curso de Pedagogia da FPD, em Sergipe: modo de organização e funcionamento da primeira turma, na definição curricular, na realização das práticas pedagógicas e nas condições e desafios gerais de suas ações, na formação da primeira turma? Como questões correlatas adicionamos: Quais as trajetórias de vida e de atuação dos fundadores do curso de pedagogia da FPD? Que marcas históricas foram deixadas em suas lembranças acerca da organização pedagógica, suas práticas educativas, relações e ações desenvolvidas durante os primeiros anos de atuação no curso noturno? Que História pôde ser reconstruída da emergência do curso noturno superior em Pedagogia a partir das narrativas dos docentes, e seu impacto na formação docente no Estado de Sergipe?

Quanto ao objetivo geral, buscamos compreender a história da fundação da Faculdade Pio Décimo, como instituição pioneira na oferta do primeiro curso noturno de pedagogia em Sergipe. O estudo se deu a partir das memórias institucionais de fundadores, destacando o modo de organização e funcionamento, condições e desafios de fundadores – professores, diretor e funcionários, no período de 1976 a 1980, em Sergipe. Como objetivos específicos definimos os seguintes: Descrever as trajetórias dos fundadores do referido curso; distinguir as marcas históricas que foram constituindo a Pedagogia em sua trajetória na implementação, organização e formação da primeira turma; evidenciar como se constituiu e qual o significado da implantação do curso noturno de Pedagogia em Sergipe.

Como assinala Delory-Monberger (2016, p. 137):

As experiências que vivemos acontecem nos mundos históricos e sociais aos quais pertencemos e trazem, portanto, a marca das épocas, dos meios, dos ambientes nos quais nós as vivemos. De acordo com seus pertencimentos, sua idade, suas categorias sócio-profissionais, suas atividades sociais, os indivíduos atravessam sucessivamente, e algumas vezes simultaneamente, um grande número de espaços sociais e de campos institucionais: família, escola e instituições de formação, mercado de trabalho, profissão e empresa, instituições sociais e culturais, associações e redes de sociabilidade etc.

Tratamos, então, de identificar e compreender à luz da metodologia da história oral, através das narrativas dos sete fundadores selecionados, as suas histórias de vida e memórias

que são tomadas como foco desta pesquisa, com o intuito de reconstruir os percursos, procedimentos e formas de organização vigentes no período de fundação do Curso de Pedagogia, (1976 a 1980) que inaugurou a oferta do ensino superior noturno em nosso Estado, destacando-se que naquele momento era oferecido apenas no turno diurno pela UFS.

Nesse estudo, defendemos a tese de que a história da vida institucional é coletiva, e não se constrói apenas como um conjunto organizado de conhecimentos acadêmicos e procedimentos burocráticos, – mais que isso, – se institui no entrelaçamento das histórias de vida, e nas memórias individuais, que guardam e atualizam o significado das experiências de formação, sempre abertas a novas interpretações e produção de sentidos, porque não se limitam à temporalidade do já vivido como passado, mas envolve a relação dinâmica passado/presente/futuro, como movimento e recriação no decorrer do tempo histórico.

Através das narrativas de memória de professores e funcionários-fundadores e do seu diretor-fundador, a História, ainda inédita, da criação do Curso de Pedagogia na FPD, pioneiro na oferta do ensino superior noturno em Sergipe, poderá ser conhecida e compreendida pela revelação das motivações, circunstâncias, desafios e acontecimentos que envolveram a origem da Instituição de Ensino Superior (IES) no período de formação da primeira turma de pedagogos entre 1976 e 1980.

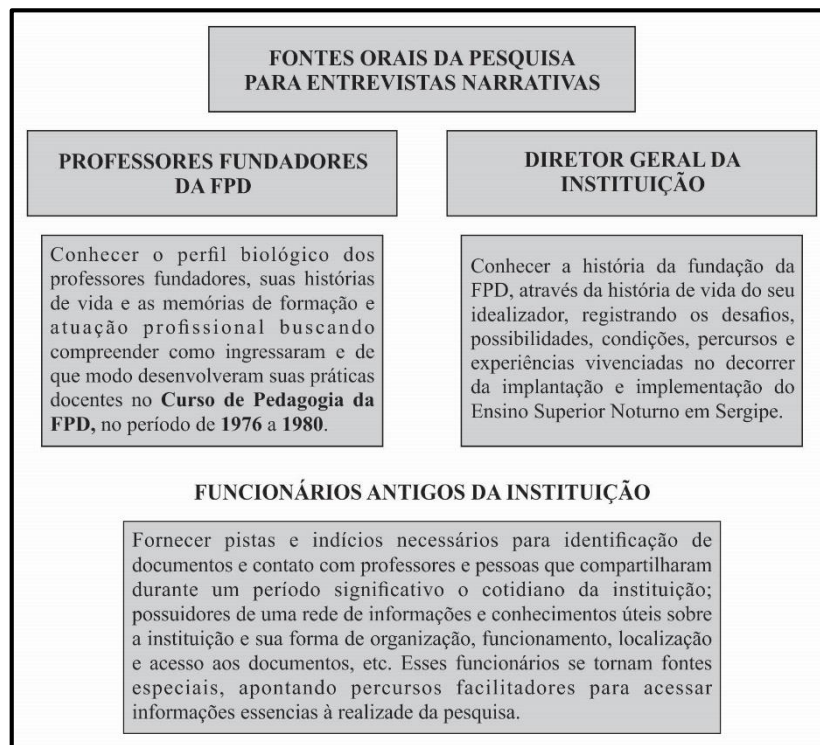
Portanto, o objeto de estudos se constitui relevante pelo seu ineditismo, e por apresentar a trama histórica da fundação, através das narrativas de memória de cinco professores, do seu primeiro diretor e dois funcionários escolhidos entre os que integraram a primeira equipe do Curso de Pedagogia, no período já destacado. Ressaltamos que a memória aqui foi compreendida como uma categoria teórica e ao mesmo tempo como uma estratégia de pesquisa, a partir dos estudos de Pollak (1992), Le Goff (2003), Bosi (1993), Menezes (2004), Albertti (2004), Delory-Momberger (2011). Também Tardif (2002) que destaca o valor dos saberes docentes e Nóvoa (1992) que aborda a construção da identidade do professor reflexivo e no texto ‘o passado e o presente dos professores’ destaca o papel pedagógico da memória como memorial de formação capaz de contribuir para ampliar a compreensão dos problemas atuais que envolvem a profissionalização dos professores.

A pesquisa abriu espaço para ouvir a memória dos fundadores, acionada a partir das suas histórias de vida, formação e atuação profissional, identificando aspectos que convergiram no âmbito da dimensão em que se estruturou a base de fundação da vida coletiva institucional na FPD, oportunizando o testemunho vivo não só dos saberes e práticas, mas dos sonhos, inquietações e desafios, vividos pela primeira equipe de profissionais.

Nesse sentido, ganhou relevância a proposição dos critérios e procedimentos metodológicos, que auxiliaram na estruturante das entrevistas realizadas, cujo fio condutor foi definido no corpus teórico-metodológico viabilizador das concepções, estratégias e técnicas apropriadas à produção do conhecimento relativo ao tema da pesquisa. Dessa forma apresentamos, um mapa de referência metodológica que contempla as dimensões orientadoras, do percurso de rememoração capaz de afinar e conduzir, de forma adequada e científica, o diálogo com os entrevistados, sem perder de vista a porta desdobrável da flexibilidade sempre aberta para acolher as lembranças que vão sendo evocadas pelos depoentes. A identificação das dimensões, funcionaram como filtros de orientação, a partir dos objetivos e questões, mas também das memórias, histórias, pessoas, lugares, acontecimentos e experiências que perpassaram a lembrança dos fundadores entrevistados.

Na (Figura 1) e (Figura (2)), é possível caracterizar a importância das fontes orais e suas referências com base nos objetivos apresentados nesta tese, bem como as dimensões, entrelaçando em cada uma as experiências, saberes e práticas, os cenários da vida pessoal, a formação e a atuação profissional que convergem para o espaço profissional comum no contexto da fundação do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo.

Figura 1 – Fontes de informações e seus objetivos



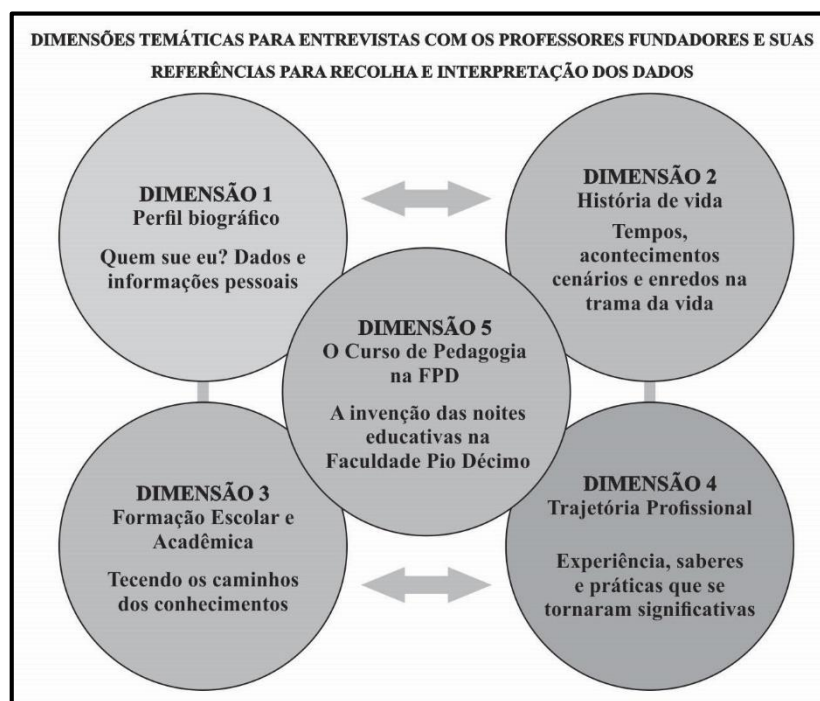
Fonte: Sônia Maria de Azevedo Viana, (2018)

A (Figura 1) define a formalidade da metodologia da pesquisa com as fontes orais, indicando na perspectiva dos objetivos previstos nesta tese, os descritores que se articulam ao

perfil dos entrevistados, contribuindo para organizar, dar clareza e mostrar de forma objetiva o papel e as possibilidades de cada um no processo de investigação.

A demarcação do passo a passo da metodologia, e com o intuito de ampliar as condições objetivas para realização de um processo de escuta e recolha de informações compatíveis com a capacidade de apreensão da realidade particular e comum aos entrevistados, apresenta-se a (Figura 2) que se propõe como mapa das trilhas metodológicas e propicia um olhar mais global sobre as dimensões, que funcionam como eixos de referência guiando o olhar para a recolha de informações, interpretação e posterior composição das narrativas orais.

Figura 2 – Mapa das trilhas metodológicas



Fonte: Sônia Maria de Azevedo Viana, (2018)

Cabe destacar que a dimensão 5 (cinco) é interdisciplinar e funciona como um eixo comum e convergente, que reflete a experiência coletiva do grupo de fundadores no âmbito da FPD, evocando elementos das histórias de vida, da formação escolar e acadêmica, e da trajetória profissional. Outra questão a salientar se refere ao reconhecimento dos depoimentos como documentos que não são passíveis de alteração, mas de organização orientada, perpassada pelas dimensões e eixos da pesquisa, capaz de promover um novo sentido à totalidade dos diálogos recortados e integrados em um texto que, ao ser transcrito, passa a considerar, também, os critérios da linguagem escrita.

Nesse sentido, a fase de análise das histórias de vida, ocorreu a partir das transcrições dos áudios, como uma forma de interpretação compreensiva das narrativas que vão revelando os acontecimentos micro sociais ao tempo em que desvelam também os contextos históricos e

institucionais. Esse procedimento de análise, baseando-se nas dimensões eleitas como matriz de referência resultou num conjunto de conhecimentos reveladores das particularidades identificadas a partir das experiências profissionais concebidas e vividas por cada um dos professores entrevistados, expondo, ao mesmo tempo, as peculiaridades dos saberes, práticas e condições de trabalho vigentes no momento da fundação do ensino superior privado em Sergipe através da abertura do Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo.

Entre os instrumentos que se destacaram para realização da coleta de dados e informações situamos a Carta Convite (APÊNDICE A) como roteiro semiestruturado, guia aberto necessário para orientar o pesquisador nas suas incursões investigativas junto ao grupo dos depoentes selecionados. Na elaboração do roteiro, considerou-se os objetivos, as questões e a tese que mobilizou a realização desta pesquisa. O modelo de roteiro semiestruturado para entrevista, assim como o termo de consentimento livre e esclarecido assinado pelos entrevistados podem ser apreciados nos (APÊNDICE B) deste documento.

A realização das entrevistas, após seleção do grupo de professores fundadores, ocorreu de modo particular quanto a definição de tempo e local, seguindo condições, necessidades, tempo disponível e situação de cada um dos depoentes.

Quadro 2: Relação dos entrevistados

ENTREVISTADOS	CATEGORIA	LOCAL DA ENTREVISTA	DATA
Emiralva da Cruz Souza	Funcionária ⁴	FPD e Residência da Entrevistada	26/10/2017 25/11/2019
Jeremias Romão de Brito	Professor	Centro de Práticas – FPD Fundação Canaã	26/10/2017 09/09/2017 16/05/2018
José Júlio Seabra	Professor	FPD Campus Jabotiana	61/11/2018
José Sebastião dos Santos	Diretor	Faculdade Pio Décimo	17/10/2016 16/10/2017
Judite Oliveira Aragão	Professora	FPD – Campus Centro	21/10/2019
Maria José de Almeida Soares	Professora	FPD – Campus Centro	21/10/2019
Maria Yvone Mendonça	Professora	Residência da Professora	25/09/2017 28/11/2019
Oswaldo Menezes Santos	Funcionário	FPD – Campus Jabotiana	16/10/2018 24/09/2019

Fonte: Sônia Maria de Azevedo Viana, (2018)

Procuramos ainda perceber nas experiências realçadas em suas trajetórias pessoais / institucionais, aspectos que influenciaram o processo de profissionalização docente, orientando

⁴ Emiralva da Cruz Souza, embora tenha sido aluna na época da fundação, está aqui representada na categoria de funcionário, uma vez que mesmo durante o curso já ocupava posto de trabalho administrativo auxiliando na secretaria da Faculdade. Mais adiante, no item que referencia os critérios de escolha dos entrevistados justifica-se o convite à referida funcionária.

escolhas teóricas, posturas, procedimentos e práticas, que os destacaram com a credibilidade necessária para compor o quadro de docentes da primeira turma de um curso que, por certo, alterava uma tradição do ensino superior ao se desenvolver em turno noturno, numa instituição privada de ensino.

A pesquisa teceu entrelaçamentos que ressignificaram e aproximam as histórias de vida, formação e exercício profissional demarcando através do tema-objeto de estudo constituído pela relação que se estabeleceu entre as narrativas, os percursos de vida e os processos de formação/atuação uma articulação fundamental à construção das práticas dos profissionais envolvidos.

No entanto, também reconhecemos que a presença de um corpo documental é importante no movimento de composição de pesquisas históricas pela tradicional credibilidade do texto escrito, elevado por suposta imparcialidade à condição de fiel e inquestionável registro do passado, durante muito tempo envolto num patamar de sacralidade, de intangibilidade, vez que, supunha-se, através do documento escrito, o passado seria reconstruído em sua totalidade.

Assim, reconhecemos com Abrahão (2003), que a pesquisa que utiliza a fonte oral comporta riscos, porque ninguém se diz impunemente. Há muitas tentações⁵ vaidades, niilismo, além de outras questões (esquecimentos seletivos) que interferem no momento da narrativa de memória, para mostrar o que fomos, o que somos, o que os caminhos da vida nos obrigaram a ser. Cada profissional sob o crivo dos critérios seletivos, como sujeito singular desta pesquisa, ao narrar sua trajetória de vida, se revela como uma testemunha capaz de reconstruir parte significativa da história coletiva da vida de uma instituição em seus primórdios, a partir das suas vivências pessoais. Aqui não se busca a verdade absoluta, inquestionável, porque já se sabe que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, refletindo o seu modo próprio de ver e compreender os acontecimentos a partir do seu lugar no mundo.

A história oral expressa através das narrativas de memória ocupa hoje um lugar especial nos estudos sobre o passado recente, tornando legítimas as fontes orais, os relatos pessoais e os testemunhos de vida. As narrativas de memória de vida são aqui consideradas, como uma estratégia de pesquisa capaz de revelar o passado das pessoas, para que possamos compreender como elas construíram seus saberes e fazeres e que sentidos, sentimentos e valores significaram

⁵Abrahão (2003, p. 82) nos ensina que “a compreensão da história oral, privilegia ao invés da estrutura amostral de uma história segundo o seu sentido originário [...] o entendimento de que a origem e o sentido profundo dos textos é algo que construímos paripasso, diuturnamente. Não obstante as Histórias de Vida realcem as positivities antes que as debilidades desses educadores, o constructo das respectivas histórias não perde em consistência, em virtude de que, embora não sendo infalíveis, eles foram por nós escolhidos justamente porque apresentam características muito especiais que os colocaram na lembrança das pessoas com essa feição tão positiva, “quase heroica” (ABRAHÃO, 2003, p. 88).

as suas vidas, viabilizando escolhas importantes para sua biografia, influenciando a vida profissional.

O trabalho de escuta da memória dos fundadores selecionados, exigiu-nos além da atitude científica, eticamente orientada, a definição de instrumentos, o rigor dos critérios, a complementaridade de informações com identificação de materiais que comporão a compreensão reconstrutiva das experiências vividas entre as lembranças inventariadas pelas memórias individuais iluminadoras do passado.

Nessa direção, destaca-se a centralidade do objeto de estudo por meio da reconstrução das memórias dos fundadores como inventores das noites pioneiras da educação em Sergipe.

Durante a fase exploratória da pesquisa localizamos na própria instituição, documentos referentes a sua fundação, funcionamento e o desenrolar da primeira turma do curso de pedagogia noturno.

Durante a fase exploratória da pesquisa localizamos na própria instituição, documentos referentes à sua fundação, funcionamento e o desenrolar da primeira turma do curso de pedagogia noturno.

- Quadro dos primeiros professores do curso de pedagogia;
- Diários de Classe;
- Portarias e Decretos;
- Primeira Matriz Curricular;
- Primeira equipe Diretiva;
- Comissão Permanente do Primeiro Vestibular.

Esse processo permitiu-nos identificar entre os fundadores da instituição os sujeitos que se dispuseram a ser entrevistados, colhendo assim suas narrativas.

Salientamos que a busca de dados documentais foi processo árduo e demorado, contrariando a facilidade que tínhamos vislumbrado inicialmente, por compreender que, como professora de longa data (cerca de 20 anos) e de livre trâmite na instituição, contaria com a ausência do espaço burocrático que demarca reservas de acesso a informações dessa natureza a pessoas “de fora” da instituição. No entanto, mesmo sem reservas burocráticas limitadoras do acesso aos espaços internos e arquivos da instituição, constatou-se os limites postos pelas formas ainda inapropriadas de arquivamento dos documentos da fundação.

Também nos arquivos oficiais não se encontravam registrados sob a perspectiva de uma visão global, sequencial, com documentação classificatória e indicativa do percurso da fundação. Sendo assim, foi preciso ir tecendo quadro por quadro, um cenário institucional

representativo da fundação com os fragmentos localizados nessa diversidade de lugares (institucionais e pessoais).

O acervo documental encontrava-se dispersos em locais diferentes, cuja reorganização está em andamento recente⁶; além disso, os setores passam por reformas – de ordem física e estrutural, o que aumentou ainda mais a dificuldade de acesso às fontes documentais importantes para consolidar uma leitura adequada da história institucional.

A pesquisa de campo constituiu-se em uma experiência insubstituível, delicada, demorada, que aguça e arredonda o olhar perscrutador do pesquisador para enxergar os vazios da realidade, bem como os subsídios que podem auxiliar no preenchimento desses vazios de informação.

Assim, **os critérios de escolha dos sujeitos da pesquisa** foram pautados numa lista de 31 professores fundadores, conforme quadro com base nas anotações contidas nos diários de classe⁷, corroborados pelas folhas de registro encontradas nos livros do setor de pessoal.

Foram escolhidos oito participantes da pesquisa, sendo cinco professores, dois funcionários⁸, e o diretor, em conformidade com os critérios que seguem:

- Compor o quadro de docentes da primeira turma do Curso de Pedagogia;

⁶ Não havia até recentemente, na instituição um setor de arquivo com responsável qualificado para organizar e prestar informações sobre esse passado da instituição. Com relação as informações acadêmicas mais recentes, pode-se dizer que estão cadastradas num sistema eletrônico e arquivadas em local apropriado, e desde as exigências do processo de avaliação institucional externa, conduzido pelo MEC, com relação a organização e funcionamento dos arquivos de documentação, a instituição se reestrutura para atender tal demanda. No entanto, há muito por fazer em relação aos dados da fundação. Com a realização desta pesquisa, evidenciando essa lacuna, a instituição já pensa na realização de um projeto de preservação da história e da memória institucional que identifique, selecione, coleione, digitalize e guarde de forma apropriada não só os documentos oficiais, também outros tipos de registro que permite a rememoração de acontecimentos importantes do passado da instituição.

⁷ Sobre os Diários de Classe é importante informar que foram localizados em arquivos da Secretaria da Faculdade, a maioria forrados com plástico transparente, visando preservação, a exemplo de antigos cadernos; amarrados com barbante, classificados por turma e ano. Em muitos, constam na capa o nome da disciplina, o período e o ano, mas não identificam claramente o nome completo do professor. Nas páginas internas no local da assinatura do professor localizamos em alguns diários o nome grafado por extenso e em outros apenas rubricas, o que dificultou a identificação do docente e somente foi possível confirmação de cada um desses casos com o auxílio da professora Emiralva, egressa da primeira turma e que depois de formada permaneceu na instituição como secretária geral e depois como vice-diretora. Essas dificuldades da pesquisa de campo foram vencidas com a disponibilidade e o conhecimento das pessoas que viveram o período delimitado nesta pesquisa, e a facilidade do contato desta pesquisadora, que ainda atua como professora na instituição.

⁸ Esclarecemos que a professora Emiralva da Cruz Souza, foi aqui incluída na categoria de funcionária, embora na época da fundação tenha sido aluna da primeira turma de Pedagogia. No entanto, escolhida como sujeito desta pesquisa, ocupa a categoria de funcionária por seu amplo conhecimento da vida institucional, em seus aspectos administrativo, acadêmico e pedagógico, uma vez que, ainda durante o curso, exerceu atividades administrativas na Secretaria da Faculdade e em outros espaços administrativos, como estágio remunerado, e após concluir o curso permaneceu na instituição sendo contratada efetivamente como funcionária da Secretaria, evoluindo para ocupação de outros cargos importantes na hierarquia institucional, (Diretora Acadêmica, Vice-diretora e Secretária Geral), estabelecendo uma relação de confiança junto ao Diretor Geral, o que lhe permitiu conhecer detalhadamente a forma de organização, procedimentos, fluxos institucionalizados pela rotina da IES, mantendo estreito contato com a direção e toda a comunidade acadêmica.

- Maior tempo de permanência na instituição, seja no âmbito do ensino ou em outros espaços administrativos ou pedagógicos;
- Experiência profissional considerada relevante⁹ desenvolvida em espaços públicos ou privados;
- Docentes de disciplinas ou práticas pedagógicas específicas ao perfil do pedagogo;
- Facilidade de acesso da pesquisadora aos professores;
- Disponibilidade do(a) professor/funcionário(a) e aceitação para a realização das entrevistas.

No quadro que segue, estão em destaque os professores que foram selecionados como sujeitos da pesquisa.

Quadro 3: Quadro dos professores fundadores elaborado pela pesquisadora

PROFESSORES FUNDADORES – DISCIPLINAS
1. Almiro Oliva Alves – Filosofia da Educação
2. Antônio Soares de Araújo – Evolução da Educação no Brasil
3. Amarize de Oliveira Soares – Administração da Escola de 1º e 2º Graus
4. Ada Augusta Celestino Bezerra – Estrutura e Funcionamento do Ensino
5. Antônio Tavares de Jesus – Introdução a Filosofia
6. Celina Oliveira Lima – Legislação do Ensino
7. Claudionor Brito Fontes – Orientação Educacional
8. Gerson Vilas Boas – Prática de Ensino do 1º grau
9. Hélia de Paula Rocha – Introdução a Antropologia
10. Jackson Sales – Sociologia da Educação II
11. Jeremias Romão de Brito – Psicologia da Aprendizagem
12. José de Araújo Mendonça – Psicologia da personalidade
13. João Batista Gomes – Introdução à Educação
14. José Alfeu do Nascimento – Introdução a Filosofia
15. José Júlio Seabra Santos – Psicopatologia da Educação
16. José Valdir dos Anjos - Metodologia Científica
17. Judite de Oliveira Aragão – Medidas educacionais
18. Luiz Claudio Sobreira Correia – Educação Física
19. Maria Aparecida Trindade Santos – Didática
20. Manuel Luiz Figueiroa – Estatística aplicada à educação
21. Maria José de Almeida Soares – Currículo e Programas
22. Maria Eunice de Carvalho - Supervisão de Ensino de 1º grau
23. Maria Ivone Mendonça – Língua Portuguesa
24. Maria Ivanda Bezerra de Santana – Princípios e Métodos de Orientação Educacional
25. Maria Leônia Garcia Costa Carvalho – Língua Portuguesa
26. Marlene Cardoso Chagas – Planejamento Educacional
27. Mirabel Araújo – Didática II
28. Nádia Fraga Vilas Boas – Introdução a Sociologia I e II

⁹ Considera-se aqui o termo relevante para caracterizar as experiências desenvolvidas pelos fundadores em seu processo de formação e atuação profissional, relativas as questões da educação básica ou superior, que caracterizem um conjunto de conhecimentos vinculados ao trabalho desempenhado na FPD.

29. Sálvia Maria Vasconcelos Sarmiento
30. Valda Souza Schmidt – Estrutura e Funcionamento da Escola de 1º grau
31. Zenilde Soares Pinto – Supervisão Escolar

Fonte: Diários de classe da instituição (2018)

A posse dos dados sobre os professores que compuseram a primeira turma, foi possível a partir do acesso liberado para consulta aos Diários de Classe e às folhas de registro contidas nos livros guardados em arquivos do setor de pessoal da FPD. Com esses dados definimos uma primeira etapa da pesquisa relativa ao processo de seleção do grupo de professores e também dos funcionários que iriam integrar efetivamente esta pesquisa, expondo em narrativas (auto) biográficas suas histórias de vida, processos de formação e atuação profissional, especialmente na convergência das ações desenvolvidas no decorrer da implantação do Curso de Pedagogia na FPD.

Somente com as informações contidas nos Diários de Classe, cuja organização se torna mais evidente depois de localizada a matriz curricular da época, não seria possível reconhecer nominalmente a presença desses primeiros professores, uma vez que algumas assinaturas, através de rubricas, dificultam a identificação para quem não viveu a época da fundação. Por meio dos contatos estabelecidos com os professores – Emiralva da Cruz Souza¹⁰, aluna da primeira turma do Curso de Pedagogia e Vice-Diretora e da Secretária Geral da Instituição¹¹, e Osvaldo Menezes Santos¹², administrador do Campus Jabotiana/FPD, que compõem o quadro da Faculdade desde a sua fundação em 1976, acumulando (ambos) um conhecimento amplo, detalhado e diversificado sobre a história da instituição, não só por força das suas atribuições funcionais, também pelo convívio cotidiano permanente com todos os setores institucionais. Assim, o contato com os primeiros funcionários, que participaram do momento da fundação, extrapolou expectativas e se tornou, de fato fundamental para nos revelar os acontecimentos que motivaram, organizaram e fizeram funcionar o primeiro curso noturno de pedagogia numa instituição privada de ensino no cenário da educação sergipana.

Colhemos a narrativa do professor José Sebastião dos Santos¹³, idealizador e primeiro diretor geral da instituição, embora com a saúde debilitada, deu-nos uma amostra do trabalho que fez ao longo da vida na instituição, destacando, sobretudo, a sua luta para o empoderamento da instituição no universo do ensino privado em nível superior em Sergipe.

¹⁰ Entrevista realizada em 26 de outubro de 2017.

¹¹ A professora Emiralva da Silva Cruz ocupou os cargos de vice-diretora e secretária geral da instituição até o ano de 2018.

¹² Entrevista realizada em 16 de outubro de 2018.

¹³ Entrevista realizadas em 17 de outubro de 2016.

Essas pessoas, podemos afirmar que, como funcionários antigos, que vivenciaram efetivamente momentos importantes no cenário evolutivo da instituição, trouxeram luzes e possibilidades para localização dos espaços onde se tornou possível encontrar as informações necessárias que ajudaram a superar, em parte, a inexistência de um setor de sistematização e guarda de arquivos representativos dos acontecimentos da fundação, da história, das tradições e da memória da instituição.

Depois, outras buscas realizadas no setor de pessoal da instituição permitiram a confirmação dos nomes sob a forma de rubricas, desvelados pelos testemunhos, uma vez que se dispõe de registro de pessoal em livro específico para tal finalidade.

Consideramos na escolha quantitativa dos cinco professores, entre os 31 que compuseram a primeira turma, os limites postos pelo tempo da pesquisa, restrito ao período do doutorado, entre outros fatores que também interferiram na relação entre esta pesquisadora e os pesquisados, como a facilidade de localização e acesso aos pesquisados, a disponibilidade deles para a realização das entrevistas, as restrições por problemas de saúde, etc.

Portanto, foram oito fundadores selecionados como sujeitos da pesquisa, cujos testemunhos revelaram através das narrativas orais, suas histórias de vida, experiências de formação e atuação profissional, destacando suas vivências profissionais no contexto de abertura do Curso de Pedagogia da FPD – curso pioneiro no ensino superior noturno em Sergipe, a saber: **Professores-fundadores:** Maria José de Almeida Soares; Judite Oliveira Aragão; Maria Ivone Mendonça; Jeremias Romão de Brito e José Júlio Seabra Santos.

Corpo Administrativo da fundação: José Sebastião dos Santos – Diretor geral; Emiralva da Cruz Santos – Vice-diretora e Secretária; Osvaldo Menezes Santos – Administrador do Campus Jabotiana/FPD.

No âmbito da história oral a realização das entrevistas se erige à condição de momento e elemento essencial, na perspectiva de constituir os depoimentos como fontes que nos remete ao sentido do documento, exigindo cuidados metodológicos para a escuta, e o registro das fontes orais.

Dessa forma, as entrevistas foram realizadas centrada nos acontecimentos que motivaram e promoveram a Fundação da FPD; nas práticas institucionais e na organização do Curso de Pedagogia no contexto da primeira turma.

Ressaltamos que os entrevistados foram compreendidos como testemunhas e colaboradores especiais da história institucional, pois compartilharam da construção da instituição em sua origem. Assim, contiveram um conhecimento significativo sobre as experiências de institucionalização do curso noturno de pedagogia, oferecido por uma

Faculdade particular, num tempo que se tornou importante para a história da educação sergipana. A criação da Faculdade, permitiu a oferta de novas vagas para o ensino superior, oportunizando estudos aos que, por motivos diversos, entre os quais o trabalho em tempo integral no turno diurno, não poderiam ter acesso ao Curso de Pedagogia diurno, que naquele momento era ofertado pela Universidade Federal de Sergipe.

A tese estrutura-se em cinco sessões que se conectam de forma complementar, entrecruzando concepções, procedimentos, informações, narrativas, interpretações e resultados alcançados.

Na introdução, considerada como primeira sessão apresentamos um panorama geral da pesquisa no qual demarcamos o objeto de investigação, as motivações, a revisão de literatura, nossa problemática e objetivos, a abordagem teórica e a metodologia, como elementos necessários para consubstanciar a investigação. Além disso, pontuamos, em síntese, os conteúdos das demais seções.

Na sessão dois, discutimos aspectos conceituais sobre a abordagem de pesquisa escolhida, história oral, enfocando o campo da memória institucional, particularmente em relação a formação em nível superior, em curso de Pedagogia.

Na terceira sessão, destacamos uma leitura do Curso de Pedagogia da FPD em breve trajeto histórico, que se desenvolve a partir das mudanças ocorridas na base legal, conduzindo processos de reformulação que traduzem as preocupações e concepções, apresentando conquistas e inquietações, que movimentam a diversificação curricular e as formas de organização e funcionamento desses cursos de formação, através de períodos históricos significativos à sua construção/reconstrução.

Nesse sentido, na quarta sessão, tornou-se fundamental ouvir as memórias do idealizador da Faculdade Pio Décimo na emergência institucional do curso noturno, bem como, de outros dois participantes da fundação, – o Senhor Osvaldo Menezes Santos, representando a perspectiva administrativa, e ainda a perspectiva acadêmica, na visão da funcionária e egressa da primeira turma professora Emiralva da Cruz Souza, que permaneceu na instituição, ocupando, durante extenso período, diversos espaços administrativos e acadêmicos.

Na última e quinta sessão, individualizamos os fundadores em suas trajetórias de vida, profissional, sobretudo na atuação durante os primeiros anos da Faculdade Pio Décimo, dando vozes através de suas narrativas orais, com apoio documental e imagens, no intuito de formar um quadro que evidenciasse a memória institucional do curso noturno superior em Sergipe.

As narrativas de vida e formação, resultantes das entrevistas realizadas, tematizadas num roteiro previamente categorizado com o intuito didático de sequenciar os acontecimentos

vividos pelos fundadores, respeitou a diversidade das suas experiências, expressas em pequenos textos que guardam suas particularidades, mas convergem em seu significado mais geral, pela capacidade de construir um sentido maior, comum ao contexto desta pesquisa.

As experiências narradas vão revelando os significados que cada professor confere aos seus saberes e práticas, tecendo uma rede de relações em torno das suas histórias de vida, revelando diferentes modos de situar-se no mundo, na vida e no exercício da docência no âmbito da instituição.

As considerações finais, nas quais apresentamos uma síntese das reflexões realizadas sobre o objeto investigado, vislumbramos novos desafios que vão se constituindo no âmbito das histórias de vida e de formação em contínuo e dinâmico movimento, produzindo mudanças sociais e institucionais que interferem, transformam e revelam os múltiplos sentidos dos saberes e práticas que marcaram a Invenção das Noites Pioneiras do Ensino Superior na FPD e que subsistem transformados à luz das novas experiências e possibilidades que contornam o contexto da educação superior no tempo presente.

SESSÃO 2 – TECENDO REFERÊNCIAS PARA CONSTRUIR A MEMÓRIA DO ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE

A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens (LE GOFF, 2003, p. 471).

Nessa sessão, nos dispomos a assinalar os fundamentos da investigação no campo da Memória e da História, sobretudo, em instituições de ensino superior noturno, tecendo com autores como Le Goff, citado na epígrafe, possibilidades de reinterpretação do passado à luz das mudanças que se manifestam no repertório das referências que concebem a memória coletiva como elemento crucial para o desenvolvimento da história, capaz de reconhecer o passado, numa perspectiva de compreensão transformadora, que deve servir, sobretudo, “para a libertação e não para a servidão dos homens”. Nesse sentido, Halbwaches e Pollak são incluídos como autores importantes que integram o quadro de referências, ao lado de outros, como Alberti, Matos e Senna, Delory-Monberger, que igualmente contribuem para ampliar as concepções teórico-metodológicas envolvendo as questões da história oral e da memória.

Nessa investigação, conduzida sob o prisma da história oral, utilizamos a memória como mediação para construção de narrativas orais, surpreende, fascina e ensina, porque nos faz refletir sobre a nossa própria história de vida e formação, ao ouvir a história de vida de outros professores, como eu, com suas faces ainda ocultas, cujo desvelo se traduz como uma forma de iluminar os lugares sociais sobre os quais se ergueram os alicerces da profissionalização. Reflito então, e é inevitável, sobre a propriedade de desvelar em algum momento dessa tese, o meu próprio percurso feito de múltiplas experiências no exercício da docência. Sentimos que a memória acena e convida para olhar entre as frestas do tempo (findo?), entre passagens secretas, acontecimentos, épocas e lugares que jamais poderão ser esquecidos, pelos caminhos da vida que me fez ser eu mesma, com as minhas particularidades inelutáveis, e ao mesmo tempo, tão comum e tão igual a tantas outras professoras e profissionais envolvidos no trabalho da instituição.

Assim, podemos confirmar esse viés uno e múltiplo da minha própria face, com a sensibilidade poética de Cecília Meireles (1994)¹⁴ quando percebemos que “se me contemplo

¹⁴ No poema Autorretrato de Cecília Meireles, evidencia a transitoriedade e a importância de cada momento vivido no tempo e sua interferência na formação de um autorretrato, uma autoconsciência de que “Não permaneço. Cada momento é meu e alheio. Múltipla venço/este tormento / do mundo eterno / que em mim carrego: e, uma contemplo/o jogo inquieto /em que padeço/e assim vou sendo (1994).

tantas me vejo, que não entendo quem sou, no tempo do pensamento”, porque a nossa história rememora interfaces substantivas do exercício da pedagogia vividos na ancoragem das experiências de vida que foram socialmente compartilhadas em tempos/ambientes diversos, mas ao mesmo tempo convergentes no âmbito da institucionalização profissional.

Há um aumento significativo do interesse de pesquisadores do campo da educação pelos estudos que envolvem a perspectiva da História e da Memória. São muitos os autores que têm publicações resultantes de pesquisas que vão revelando as possibilidades dessa relação, bem como suas dificuldades, demonstrando uma preocupação pertinente quanto ao uso interdisciplinar desse aporte teórico-metodológico inerente à historiografia da educação. Destacamos Le Goff (2003), Bloch (1997), Halbwach (2004) e Pollak (1989), Barros (2006), entre outros que deram sustentação a análise dos dados levantados em contribuições significativas.

Destacamos ainda que a consulta realizada a algumas teses que tomaram como objeto de estudo as narrativas memorísticas e utilizaram metodologias diferenciadas, trabalhando com diversos modos de subjetivação dos sujeitos e da memória social, como sejam o memorial, a história de vida, a prosopografia¹⁵. Essa leitura revisionista das pesquisas e produções realizadas em instituições de ensino e pesquisa apontaram uma diversidade de temas, referências e propostas metodológicas utilizadas pelos pesquisadores, constituindo um conhecimento importante para a definição dos caminhos possíveis à realização deste trabalho de pesquisa.

Inicialmente salientamos o que Bloch (1997) assinala sobre a história como sendo o estudo do homem na passagem do tempo, uma história não linear, feita de rupturas e

¹⁵Aqui, refletimos sobre a preocupação do pesquisador/historiador e do seu compromisso com a verdade. Aquele que se põe como historiador deve reconhecer que “O fato histórico resulta de uma montagem e estabelecê-la exige um trabalho técnico e teórico” (LE GOFF, 2003, p. 15). As expectativas no campo da pesquisa em educação, bem como as preocupações científicas envolvem o cuidado do historiador como um intérprete qualificado, um artífice, que utilizará a memória como matéria prima para construção de uma obra que resulte de um discernimento intelectual, atento as possibilidades de manipulação da história. Para tanto, é preciso investir numa metodologia que se mostre claramente baseada em critérios cientificamente aceitos de verificação e análise das fontes. Sem essa atenção, podemos incorrer no “erro” historiográfico que poderá concorrer para que haja um uso abusivo da memória, do esquecimento e do passado, uma vez que é no exercício da memória e do esquecimento, como propõe Ricouer (2007), que os abusos ocorrem (BARRONCAS, 2012, p. 7). Isso demonstra que a memória individual não existe isoladamente, mas se compõe a partir dos diferentes contextos e referentes externos em permanente interação com as ordenações sociais coletivas provenientes dos grupos que o sujeito integra. São muito frágeis as fronteiras que separam memória e esquecimento, pois há uma memória coletiva organizada que representa tudo aquilo que a sociedade deseja impor e manter como verdade universalizada, que é seletiva e não dá espaço para outras memórias subterrâneas que sobrevivem proibidas e silenciadas. Assim, é possível notar que o trabalho com a memória mesmo quando se integra objetos materiais exige dos pesquisadores uma série de cuidados, critérios, justificativas para dar crédito às testemunhas selecionadas pelas instituições como fontes confiáveis, caracterizando um controle da memória sobre os usos e abusos das informações adquiridas. Nesse processo de enquadramento da memória, quando o historiador deve considerar os limites e as tensões próprias desse trabalho de captura de informações para reconstrução da memória coletiva a partir da memória pessoal, percebemos que a imagem oficial, pautada na memória negociada entre os grupos que assumem o poder, por mais estável que pareça, vai estar sempre em movimento.

descontinuidades. Também Le Goff (2003) defende que a História não deve ser entendida como ciência do passado, mas como “[...] ciência da mutação e da explicação dessa mudança”, pois toda história é história contemporânea, entendendo que por mais que pareçam estar afastados, os acontecimentos de que trata na realidade, no tempo, sempre estarão em sintonia com situações do presente. O autor nos apresenta conceitos diferentes de história contemplando ambiguidades e paradoxos que interrogam: Será a história uma ciência do passado ou só existe a ciência contemporânea?

Barros (2006, p. 462), por seu turno, definiu a história como o estudo do homem não só no tempo, mas para além deste, afirma que há uma outra coordenada a considerar:

Na verdade, a História é o estudo do Homem no Tempo e no Espaço. As ações e transformações que afetam aquela vida humana que pode ser historicamente considerada dão-se em um espaço que muitas vezes é um espaço geográfico ou político, e que, sobretudo, sempre e necessariamente constitui-se-á em espaço social.

A reinterpretação da história passada pode trazer implicações preocupantes para as instituições que criaram ao longo da sua história uma imagem determinada que não pode ser descaracterizada brutalmente, uma vez que põe em risco o sentido já posto da identidade individual e coletiva

Pollak (1992, p. 12) compreende a memória como algo construído socialmente pelo sujeito, individual ou coletivo, de forma seletiva, às vezes consciente, outras vezes de forma inconsciente. “Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Ainda segundo o autor:

Podemos portando dizer que *a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade*, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro (POLLAK, 1992, p. 5).

Para Le Goff (2003) a memória não é apenas individual, é parte da história coletiva, que conjuga lembranças vividas em determinado tempo e contexto social, referenciando acontecimentos. A memória coletiva conserva a informação que o homem atualiza e fundamenta a identidade do grupo. Isto é a memória simplifica o tempo sem referência datada especificamente porque trabalha com imagens, paisagens, presença e esquecimento, constituindo-se como “[...] um elemento essencial do que se costuma chamar de *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 2003, p. 469).

Sobral (2009, p. 16), também nos diz com propriedade que celebrar acontecimentos dessa natureza permite referenciar lembranças ancoradas na experiência vivida pelas pessoas, entrelaçadas entre o passado e o presente, que ao longo do tempo foram deixando suas marcas no “pensar-fazer pedagógico do curso” pois:

A lembrança nos torna menos provisórios, mas, sobretudo, faz-nos recordar que fizemos nossa parte. Os lembrados se sentem comungados pela certeza de que suas ações foram significativas e deram sentido à sua vida e à vida das instituições nas quais habita.

A memória dos que participaram efetivamente dos processos de formação feita de lembranças esquecidas num tempo pretérito de sentimentos compartilhados nas trilhas comuns do cotidiano institucional, são elementos primordiais, chave mestra que contribuirá para uma nova leitura das múltiplas facetas da história da educação que se ergue como patrimônio de todos que deixaram pegadas pedagógicas como lembranças cujos sentidos o tempo não desmerece e não apaga, uma vez que se integra na formação da identidade.

Nesse sentido, é importante discutir sobre a função positiva desempenhada pela memória comum como elemento capaz de reforçar a coesão social pela adesão afetiva às referências dos grupos sociais distintos. Há que se destacar que o processo de construção da memória coletiva se define de forma seletiva e negociada entre as referências das memórias individuais.

A memória, como aspecto positivo da história oral é constante possibilidade de releitura dos fatos; capacidade de recuperação da voz dos grupos silenciados, marginalizados, excluídos da cena histórica. Nesse sentido a memória está sempre em processo, constituindo novos sentidos, lançando novas luzes e novos significados, consolidando-se por sua importância como fonte oral de informação capaz de substantivar referências na construção da história.

Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não nos fazemos no isolamento, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos.

Partindo desse ponto, a história é construída no esteio das memórias como nos lembra Halbwachs (1968), ao falar da função seletiva e da possibilidade de negociação da memória, que se revela de modo a conciliar a memória coletiva com as memórias individuais. A memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações e mudanças constantes.

Halbwachs (2006), pode nos esclarecer melhor esse caráter de preservação e de duração da memória de um grupo sobre a experiência comum vivenciada. Fatos que ficam preservados durante longo tempo, pelo apego a uma comunidade que se tornou referência próxima e afetiva e que podem ser lembrados pelo recurso da memória. “O depoimento, que não tem sentido senão em relação a um grupo do qual faz parte, pois supõe um acontecimento real outrora vivido em comum e, por isso, depende do quadro de referência no qual evoluem presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam. Isto quer dizer que o “eu” e sua duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos vivos e materiais da lembrança, aquela que reconstrói aquilo que não é mais se não do passado. O que seria desse “eu” senão fizesse parte de uma “comunidade afetiva” e de um meio efervescente do qual tenta se afastar o momento em que ele se recorda (HALBWACHS, 2006, pp. 13-14).

A memória nos distingue pelos rastros que vamos deixando no tempo/espaço vividos como marcas que nos identifica, distingue e diferencia, no contexto coletivo que ora promove pertencimentos, ora se acendem ou se apagam conforme as circunstâncias do tempo que nos envolve e eleva a partir do presente, entre o passado e o futuro. É a memória que nos constitui, em sensível complexidade emergente das lembranças que escolhemos evocar, ou guardar sigilosamente, entre silêncios e esquecimentos como esclarece Pollak, (1989, p. 3).

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.

Percebemos nessa concepção que o passado não pode ser visto como um espelho que reproduz a essência da realidade vivida, pois a memória condiciona escolhas do que deve ser lembrado, num processo seletivo, negociado, consciente e intencional, que se expressa conforme demandas, possibilidades e referências identitárias legitimadas em cada contexto dos grupos constituídos na relação do tempo que se estende entre o passado/presente.

A memória dispõe de uma força propulsora acionada a partir de diferentes pontos de referência que estruturam a vida individual e coletiva do grupo social onde nos situamos e compartilhamos experiências, isso foi se revelando nas narrativas dos fundadores, que trouxeram do lugar em que trabalhavam, as memórias que puderam preservar, depois de feita a seleção e a sua permanência no tempo do vivido.

Cada sujeito se define no seu grupo de referência de um jeito singular, e constrói e narra de uma maneira própria, particular, a sua própria trajetória de vida. Assim, elege significados

que se fundamentam no sentido de pertencimento ao grupo social de referência e esquece as coisas e acontecimentos que julga como insignificante. Na verdade, “o que está e joga na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo” (POLLAK, 1989, p. 10). O autor destaca que a seletividade e a negociação funcionam, como já dito, como elementos de conciliação entre a memória coletiva e a memória individual.

Percebemos que a rememoração do passado, mesmo a interpretação feita pelo pesquisador da história pode, de certa forma, trazer exposições preocupantes para as instituições que ao longo da sua própria história construiu as referências da sua memória oficial, que poderão ser desconsideradas, questionadas, invalidadas, uma vez que, certas narrativas sem o crivo da justificação, põe em risco a credibilidade individual, mas especialmente coletiva.

Nesse sentido, Pollak (1989, p. 10-11) foi nos mostrando que há uma exigência de justificação com o intuito de limitar a falsificação do passado no seu processo de reconstrução pelo trabalho permanente de reinterpretação, que pode ser contido por uma exigência de credibilidade. Essa necessidade de justificação funciona como uma forma de controle, um trabalho de ‘enquadramento da memória’ como chave que serve para construir, reconstruir a história.

A revisão da memória, e sua possibilidade de expressão como manifestação da memória coletiva, se revela na dependência dos instrumentos, critérios e conjuntura postos como condição para revelações ainda “não-ditas” que transformarão o tecido social.

Também é preciso lembrar que o registro de uma história de vida, colhida por meio da entrevista oral, enquanto síntese de múltiplas experiências que se intercalam entre o individual e o social pode ser apresentada de inúmeras maneiras, considerando-se o contexto a partir do qual será relatada. Embora continuidade e coerência sejam elementos desejáveis para assegurar a veracidade dos relatos, pode-se imaginar as dificuldades sentidas pelos que passaram por sofrimentos que desejam esquecer, uma vez que a memória individual é indissociável da organização social.

Ao longo da história se registram as atrocidades cometidas contra diversos grupos de pessoas indefesas, que deveriam ser amparados pelas instituições erguidas para tratar, proteger, corrigir, ressocializar.

Ressaltamos que as situações de violação dos direitos humanos ocorridas por exemplo no interior dos hospitais psiquiátricos¹⁶ se constituem como fatos de difícil investigação,

¹⁶ É o caso, por exemplo do maior hospital psiquiátrico do Brasil – o Hospital Colônia de Barbacena, Minas Gerais, que ficou conhecido como local de genocídio e “Holocausto Brasileiro”. A jornalista Daniela Arbex, (2003) expõe em livro publicado em 2003, a história das atrocidades praticadas nesse hospital, narrando a partir

enquanto objeto de estudos de juristas, médicos, historiadores interessados pelo desocultamento de verdades escondidas. Estes são movidos especialmente pela necessidade de revelação das práticas desumanas que marcaram e mancharam determinadas épocas da nossa história, que, infelizmente, não se constituíram como exceção, levando-se em consideração que muitas ainda sobrevivem, noticiadas diariamente, impunes, esquecidas.

Nesse sentido, cabe-nos refletir sobre a complexidade do campo mnemônico. O passado é alvo de disputas políticas, o que revela os seus usos no tempo presente. Na perspectiva defendida por Pollak (1989, p. 4) há memórias subterrâneas que emergem nos momentos de crise, quando se refere “à memória dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, cuja importância é ressaltada pela história oral como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas se opondo à memória oficial nacional”

Às vezes, equivocadamente é possível imaginar a memória como algo estático, imutável, que se guarda como um retrato, uma fotografia que congela o momento vivenciado para, num futuro retomo, apreciar com o mesmo olhar do passado. No entanto, o que vamos perceber com esse autor é que a memória é parte de uma teia de invenções/reinvenções, confirmando-se que a memória não é indelével e, portanto, não seria surpreendente o fato dela poder ser apagada, desfeita, refeita.

Nessa perspectiva, a memória nos convida para realizar mudanças e promover reparações em nome das recordações sinistras dos momentos fatídicos que nos assombram pelo horror da impunidade, do silenciamento e da falta de justiça que atinge os desamparados, e todos que, de certa forma, se tornam incômodos para o convívio social.

A história humana continua testemunhando cicatrizes e marcas indelíveis de torturas e tratamento desumano praticados em tempos recentes, quando, supunha-se, o homem já tinha aprendido as fatídicas lições das guerras e do holocausto. Infelizmente há fatos que permanecem mudos por demasiado tempo, trancados no isolamento dos corações atormentados, à espera de um canal aberto para o relato de acontecimentos verossimilhantes aos momentos de trevas que envolveram determinados períodos sombrios da história da humanidade que muitos guardam a sete chaves na memória e por inúmeras razões desejam esquecer.

Ora, a memória é uma forma consciente de compreender, interpretar e guardar referências que promovem o sentimento de pertencimento dos diferentes grupos sociais estabelecendo fronteiras políticas, ideológicas, culturais. A referência das experiências passadas define o *lócus* que ocupa cada grupo distinto na hierarquia do espaço social coletivo.

de entrevistas e documentos, as barbáries, torturas e crueldade, praticadas pelo Estado brasileiro, que resultou em mais 60 mil mortos cuja memória ficou por longo tempo no esquecimento (ARBEX, 2003).

Portanto, é importante frisar que o trabalho do que podemos chamar de “enquadramento da memória” feito pelos pesquisadores não pode ser arbitrariamente construído, mas deve se alimentar em referências sólidas, fontes confiáveis, “de material fornecido pela história.” Conforme explica Pollak (1989, p. 7).

A possibilidade revisionista trazida por cada nova época nos faz compreender que há períodos mais propícios ao vazamento das “memórias subterrâneas”, proibida de ser revelada, o que reflete o caráter problemático da memória, conforme cita Pollak (1989, p. 8), quando afirma que é necessário saber:

Distinguir entre as conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias ocorrem a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto.

Nesse sentido, é importante discutir a partir das ideias do autor acima citado, sobre a função positiva desempenhada pela memória comum como elemento capaz de reforçar a coesão social pela adesão afetiva às referências dos grupos sociais distintos. Também Ricoeur (2007, p. 40), se posiciona contra a tendência de muitos autores de abordar a memória a partir das suas deficiências e disfunções, embora afirme que “Se podemos acusar a memória de se mostrar pouco confiável, é precisamente porque ela é nosso único recurso para significar o caráter passado daquilo que declaramos nos lembrar.

Destacamos ainda que o processo de construção da memória coletiva se define como já dito, de forma seletiva e negociada entre as referências das memórias individuais.

Não há como negar que existem certas lembranças vergonhosas, proibidas e indizíveis porque julgadas com os valores de cada época e que, também por isso permanecem guardadas, na memória individual e de grupos sociais, reduzidas às zonas de sombra, silêncios e não-ditos.

Percebemos que são muitas, complexas e diferenciadas as razões das lembranças e principalmente dos esquecimentos temporários que ficam aguardando espaço apropriado para o anúncio das verdades “não ditas”, por inúmeros motivos: ideológicos, políticos, pessoais, porque certas lembranças vergonhosas que são proibidas, indizíveis. Essas têm reduzido espaço de comunicação, geralmente ficam armazenadas na memória pessoal dos grupos sociais submetidos. Nesse caso, afirma Pollak (1989, p. 9):

O problema que se coloca a longo prazo para as memórias clandestinas e inaudíveis é o da sua transmissão até o dia em que elas possam aproveitar ocasião para invadir o espaço público e passar do “não-dito” à contestação e à reivindicação: o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e de sua organização.

Na verdade, pensam erroneamente os governantes quando esperam que o tempo apague a memória não-dita e promova o esquecimento das atrocidades praticadas. No entanto, ao contrário, o tempo “consolida e exagera mágoas e ressentimentos, amarguras e ódios” (POLLAK, 1989, p.9), alimentando o desejo de evidenciar novas formas de enxergar e reinterpretar o passado, uma vez que a memória não é substância imutável, mas elemento de sentido que está sempre em movimento. Por essa razão não se pode compreendê-la como um arquivo morto, apenas um depósito de dados isolados, fatos e informações constituídas pelos sujeitos em determinado tempo e época.

2.1 AS MEMÓRIAS REVISITADAS PELA HISTÓRIA ORAL

A história oral concebida atualmente está pautada sobretudo num processo de reflexão que se realiza como possibilidade de reconstrução de uma memória que relaciona passado e presente numa ação dinâmica pautada numa compreensão possível com as referências do tempo presente, que não busca a verdade imutável de um passado já feito, como uma imagem congelada no passado.

A oralidade como fonte histórica não é uma prática recente, ela nos remete ao universo da comunicação humana desde o encantamento dos contos populares e se constitui já na antiguidade clássica, como foco central da preocupação dos historiadores. Ferreira (2000, p.1) mostra que para Heródoto e Tucídides, a história era um repositório de exemplos que deveriam ser preservados, e o trabalho do historiador era expor os fatos recentes atestados por testemunhos diretos.

Na sociedade contemporânea a evolução dessa abordagem se afirma com a valorização de temas que ficaram, durante muito tempo, excluídos das pesquisas históricas, como a história das mulheres, dos fenômenos migratórios dos grupos marginalizados. Isso se tornou possível graças à unidade paradigmática dos estudiosos da Escola de Chicago “que rompem com a metafísica da modernidade, abandonando a noção iluminista de objetividade e apontando a necessidade de compreensão das realidades antropossociais” (SOUZA, 2006, p.65). Aí se inscreve a origem da abordagem biográfico-narrativa que atualmente auxilia pesquisadores da educação a compreender melhor a relação singular-universal das histórias de vida, das memórias institucionais, dos processos de formação dos sujeitos.

A história oral é uma história de tempos recentes e possibilita uma visão do passado como um acontecimento que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado.

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nesta medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de História, mas, mais do que isto, ela garante sentido social à vida dos narradores e leitores que passam a entender a sequência histórica e a sentirem-se parte do contexto em que vivem. Considera Souza (2006, p. 69):

A pesquisa com histórias de vida inscreve-se neste espaço onde o ator parte da experiência de si, questiona os sentidos de suas vivências e aprendizagens. A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido.

Souza (2006, p. 69) mostra que a narrativa de memória não se organiza sobre a análise de um tempo linear, mas “num tempo da consciência de si, das representações que o sujeito constrói de si mesmo”. O autor esclarece que a memória não se vincula apenas ao campo subjetivo e autorreferente das vivências singulares de cada professor, mas situa-se e é de fato indissociável do contexto histórico e cultural.

Alberti (2004, pp. 14-15) confirma que a história opera por discontinuidades, e que nas entrevistas de história oral os narradores vão “selecionando acontecimentos, conjunturas e modos de viver para conhecer e explicar o que se passou” que nos aproxima do passado através da experiência do nosso interlocutor – “se ouço de um entrevistado um relato de seu cotidiano vivido há 60 anos em minha cidade, acabo me identificando com ele, e, eu mesma, caminhando pelas ruas em meio a bondes e senhoras de chapéu”.

Alberti (2004) esclarece, sob essa perspectiva, o fascínio e o lugar da história oral e evidencia as possibilidades e os cuidados que se deve ter com as pesquisas dessa natureza, ao abordar dois paradigmas que contribuem para um mais claro entendimento da natureza dessa metodologia de pesquisa, quando se toma o indivíduo como um valor que carrega um potencial reflexivo totalizador e reconstrutivo do passado, capaz de possibilitar novas interpretações da realidade investigada, sob o modo de pensar hermenêutico. Alberti (2004, p. 22) afirma:

O campo da história oral é acentuadamente totalizador; entrevistado e entrevistadores trabalham conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado. O esforço é muito mais construtivista do que desconstrutivista [...], e tem por base a experiência concreta, histórica e viva, que, graças à compreensão hermenêutica, é transformada em expressão do humano. É importante ter consciência dessa vocação totalizante da história oral, em um mundo em que a fragmentação e a dissipação de significados, o desaparecimento do sujeito e o privilégio da superfície (em detrimento da profundidade) também estão na ordem do dia.

A autora mostra ainda a importância da metodologia da história oral como ações (narrações) e não somente como relatos do passado uma vez que a “sua grande riqueza está em ser um terreno propício para o estudo da subjetividade e das representações do passado tomados como dados objetivos, capazes de incidir sobre a realidade e sobre o nosso entendimento do passado” (ALBERTI, 2004, p. 42).

Nos processos de reconstrução da memória a partir da história oral é preciso considerar a necessidade de justificar adequadamente e criteriosamente as novas possibilidades de interpretação das lembranças iluminadoras de determinados fatos sociais do passado uma vez que a sua credibilidade depende da coerência dos discursos sucessivos que, por exemplo, toda instituição educacional, política, cultural, veicula, consolidando uma imagem que cria para si mesma, como uma memória/identidade e sendo assim, afirma Pollak (1989, p. 11):

Ela não pode mudar de direção e de imagem brutalmente a não ser sob o risco de tensões difíceis de dominar, de cisões e mesmo de desaparecimento se os seus aderentes não mais puderem ser reconhecidos na nova imagem, nas novas interpretações do seu passado individual e das organizações

Assim, foi possível entender que, os grupos sociais, a partir das múltiplas referências vividas de forma compartilhada vão construindo uma identidade singular, através da qual se projetam, são enquadrados e reconhecidos. Por isso as recordações nem sempre podem ser ditas de forma espontânea, uma vez que a quebra do sigilo sobre o passado pode evidenciar aspectos que os próprios silenciados preferem por inúmeras razões manter sob o manto do esquecimento.

Há, nesse sentido, dificuldades que os pesquisadores encontram no trabalho de enquadramento da memória, uma vez que, os bloqueios das testemunhas da história não resultam propriamente de esquecimentos, mas sim de um pensar racional sobre a compreensão que advirá das informações que forem veiculadas. Pollak (1992, p. 13) confirma “[...] quando um passado permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação. ”

Assim, muitas informações sobre situações extremas de violência e desrespeito aos direitos humanos, permanecem sob o manto do silêncio, aquietando-se, escondidas pelo bloqueio racional dos controles exercidos pela sociedade.

Bosi (1993), em texto sobre “pesquisa em memória social”, aborda a memória sob a perspectiva metodológica, baseada na psicologia social, na teoria da Gestalt e na filosofia de Bergson, mostrando que os processos memorativos se relacionam ao que é significativo na vida das pessoas/grupos que recordam. A autora fala da importância de algumas categorias que ela analisa em seu texto como ‘campo de significações’, ‘totalidade de sentidos’, ‘memória-hábito’

e ‘lembrança pura’. Importa, para os pesquisadores da memória, compreender os desafios que a autora aponta alertando os que trabalham com esse recurso metodológico. Bosi diz ainda que a Memória é um trabalho sobre o tempo vivido no contexto da cultura que faz o indivíduo e destaca que “[...] é notável também a gama de matizes da lembrança vinculada ao trabalho, próxima ou distante da produção material que opera no interior da matéria recordada” (BOSI, 1993, p. 282).

Uma recomendação importante para orientar o pesquisador no campo de pesquisas em termos do bom uso das técnicas de coleta de informações diz respeito à combinação possível de procedimentos relativos à história de vida com perguntas de caráter exploratório. Bosi (1993, p. 283), diz “deixem ao recordador a liberdade de encadear e compor, à sua vontade, os momentos do seu passado”, e acrescenta

Aqui se revela a maestria do pesquisador: uma pergunta traz em seu bojo a gênese da interpretação final; é uma verdade que não se pode negar. E, no entanto, a liberdade do depoimento deve ser respeitada a qualquer preço. É um problema sério de ética da pesquisa. [...] se a memória não é passividade, mas forma organizadora é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo e intelectual da sua experiência e da experiência do grupo.

Também, Menezes (2004) considera que é possível compreender as questões vinculadas ao campo da historiografia e da história da educação pelo viés da memória que se debruça sobre as pegadas do passado para entender os caminhos do presente. Viñao (2004, p 333-373) apresenta preocupação com uma taxionomia dos relatos e relações autobiográficas de professores e mestres expondo as dificuldades de classificação:

Qualquer que seja o critério de classificação ou distinção empregado, sempre surgem textos que se movem em terra de ninguém ou em mais de um campo textual. A realidade transborda por sua complexidade, toda tentativa de classificação exaustiva, fechada, em especial quando se querem estabelecer taxionomias válidas para qualquer época e lugar. O que seja uma autobiografia, umas memórias, um testemunho, umas recordações, umas impressões, um autorretrato, umas confissões, um diário, uma agenda [...] é algo que se modifica no espaço e no tempo, além de não corresponder ocasionalmente, seu conteúdo real com sua denominação formação ou de combinar, em um mesmo volume, gêneros auto-referenciais diferentes.

Constatamos que são muitas as possibilidades de se construir procedimentos para o desenvolvimento das pesquisas que lidam com as histórias de vida e as narrativas de memória. A tipologia é ampla e cada uma tem a sua justificativa e a sua adequação em conformidade com a proposta de cada pesquisador interessado na escrita autorreferencial. Viñao (2004, p. 335) mostra que a “história dos processos de profissionalização docente tem conduzido às histórias de vida dos alunos, professores e inspetores, aos escritos autobiográficos, diários e relatos de

vida – história oral – dos mesmos” e propõe a leitura de Nóvoa como um dos autores que tem dado especial atenção a essa temática.

2.2 MEMÓRIAS, HISTÓRIAS DE VIDA, FORMAÇÃO DOCENTE

Observamos uma crescente produção com base nos fundamentos da história oral no âmbito da educação, como forma de empoderamento de identidade, de resiliência, e, sobretudo, de preservação da memória educativa de profissionais ligados ao ensino.

Tardiff (2002), que identifica os professores como sujeitos do conhecimento, mostra que nos últimos vinte anos a subjetividade dos professores – negligenciada durante muito tempo pelas ciências da educação -, tem sido recolocada no centro das pesquisas qualitativas. Tardiff (2002, p. 230) afirma:

Toda pesquisa sobre o ensino tem, por conseguinte, o dever de registrar do ponto de vista dos professores, ou seja, sua subjetividade de atores em ação, assim como os conhecimentos e o saber-fazer por eles mobilizados na ação cotidiana. De modo mais radical, isso quer dizer também que a pesquisa sobre o ensino deve se basear num diálogo fecundo com os professores, considerados não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos competentes que detêm saberes específicos ao seu trabalho.

No processo de reflexão sobre a identidade, alguns autores articulam esse conceito à condição de formação social e histórica do ser professor. Nos estudos assinalados por Pollak (1992, p. 204), o conceito de identidade remete a continuidade de ações coletivas, que definem cada grupo no decorrer de um determinado tempo, caracterizando o sentimento de pertencimento, de unidade e de coerência.

Tardiff (2002) esboça a problemática dos saberes relativos à formação docente, como um conjunto de elementos constitutivos dos processos de formação e aprendizagem elaborados socialmente para instruir os membros de uma sociedade. Nesse sentido destaca os saberes experienciais que segundo o autor constituem o núcleo vital do saber docente, os fundamentos da prática e da competência profissional, por apresentar características próprias relacionadas ao prático, ao interativo, ao heterogêneo, ao complexo, cuja função determina a questão da identidade, enraizada “num contexto de múltiplas interações que representam condicionantes diversos para atuação do professor.” (TARDIFF, 2002, p. 49).

As mudanças que vêm ocorrendo na educação, e que geram uma crise identitária, exigem um repensar das práticas de formação profissional, com a integração de um novo corpo

de conhecimentos e estratégias formativas, diferentes daquelas tradicionalmente adquiridas. Nesse sentido, novos saberes e competências deverão surgir, a partir das pesquisas e da análise das experiências desenvolvidas no contexto das instituições formadoras.

Há um padrão inteligente, quase que obrigatório de leitura científica que define marcos teórico-metodológicos universalizados como balizamentos necessários à construção dos caminhos da pesquisa; mas há também a possibilidade de deslocamento desse padrão pela constatação de sua incompletude diante do desmoronamento das verdades constituídas. Muitas rupturas foram produzidas no decorrer de um tempo fomentador de novas concepções e práticas de pesquisa, em face dos avanços construídos pelas ciências humanas. Na companhia desse movimento de renovação teórico-metodológica que se intensificou desde o final da década de 80 do século XX, as pesquisas qualitativas que envolvem as questões da história/ memória também trouxeram importantes modos de renovação com a proliferação dos fenômenos ligados a possibilidade de dessacralização da memória.

Considerando-se as transformações registradas no âmbito da historiografia contemporânea, podemos afirmar que vivemos um período de afirmação da história oral que, pode-se dizer, vive a maioria dessa forma de abordagem pelos importantes avanços que se observa com a formação de grupos de estudos e associações de pesquisadores nacionais e internacionais, interessados na produção de conhecimentos e sistematização de procedimentos nessa área.

Souza (2006) discute sobre a emergência de diversas fontes como as autobiografias, as memórias, as histórias de vida, as narrativas escritas, os relatos orais, etc., promovendo esclarecimentos sobre as aproximações e distanciamentos possíveis com as práticas de formação. Ele afirma que a valorização dessas fontes ocorreu no bojo da alteração paradigmática produzida a partir das dúvidas e contestações apresentadas ao conjunto de referências teórico-metodológicas próprias da abordagem positivista que predominou no âmbito das ciências naturais, cuja hegemonia foi questionada uma vez que já não podia dar conta da compreensão dos fenômenos sociais.

Nesse percurso, o movimento da nova história, fundado pelos historiadores da Escola de Annales, cria um marco decisivo para defender mudanças metodológicas no campo da pesquisa histórica, tendo por base a discussão de novos problemas, novas abordagens e novos objetos. A valorização de dimensões e esferas antes rejeitadas e questionadas em sua validade e veracidade na trajetória de evolução das pesquisas na área das ciências humanas e sociais passam a integrar novas perspectivas teórico-metodológicas, legitimando a fonte oral como testemunha da história do tempo presente.

Postas essas considerações que nos situam em estreita consideração com as fragilidades das questões que envolvem os domínios do campo da história e da memória numa perspectiva metodológica, cumpre realçar um olhar mais rigoroso e observador sobre os procedimentos da história oral como metodologia para compreender a responsabilidade do trajeto que se deve cumprir e que inquieta, exige e desacomoda, elevando os desafios postos pela pesquisa que relaciona história e memória.

Rememorar, quer dizer lembrar, revisitar, revisar, restaurar o passado, a partir do olhar mais largo e fundo possibilitado pelo tempo presente. Esse espaço de recordação, onde se entrecruzam novos sentidos permitidos pela experiência do tempo presente, cria também outras formas de revisão do tempo vivido, importantes para compreensão do presente.

É certo que o trabalho com a memória no contexto dos processos de formação docente vem se constituindo num campo de pesquisa que cria inúmeras possibilidades. Nota-se que há um crescente interesse dos pesquisadores de diversos campos de conhecimento e atuação, bem como da própria sociedade pelas pesquisas autobiográficas, que lidam com narrativas de memória, história oral, uma vez que essas modalidades de pesquisa tem contribuído para que se compreenda melhor a identidade e o papel desempenhado pelos professores, sobre si mesmos como docente da educação superior, revelando seus saberes, procedimentos e práticas privilegiados no exercício cotidiano da sua profissão.

A relação entre história e memória se define entre os desafios teóricos e práticos que se estendem conceitual e metodologicamente sobre os acontecimentos que se cruzam na complexa via da temporalidade histórica envolvendo a compreensão sobre os usos e abuso da memória e suas implicações na gestão das experiências do passado que passa a ser entendido não como algo inerte, acabado, sacralizado, mas como uma categoria que implica movimento e transformação conforme o cariz normativo liberado por cada época.

A relação entre história e memória não é simples e apresenta para os interessados e pesquisadores dessa área os desafios presentes no movimento das transformações que vão marcando o debate historiográfico ocorrido principalmente entre os séculos XIX e XX, questionando as concepções fundadas sobre uma ruptura entre o passado e o presente. A suspeição metodológica da narrativa histórica autobiográfica traz complicações e exigências adicionais para a consolidação da natureza científica das pesquisas que lidam com a subjetividade e o envolvimento afetivo dos sujeitos que narram suas próprias memórias uma vez que a pesquisa científica em seu caráter mais radical prima pelo conhecimento objetivo e pelo distanciamento emocionado e afetivo da memória do passado.

Necessário se fez em problematizar a metodologia escolhida, que pode se consolidar com a realização de inúmeras leituras de livros, artigos, textos, teses como registros críticos produzidos por diversos autores que abordam de forma questionadora a construção de um saber teórico-metodológico que vem se consolidando no âmbito da História Oral. Os estudos e as leituras realizadas sistematicamente fundamentaram e aprofundaram o teor do saber, antes raso, sobre as concepções, princípios e estratégias, enquanto pilares definidores de uma adequada estrutura de pesquisa, contribuindo para organização de um percurso de referências balizadoras desses novos caminhos que precisam ser trilhados com segurança pelos que investem na experiência da pesquisa em história oral e cedo compreendem que essa modalidade de pesquisa não resume o papel do pesquisador a mera atividade de ‘tomar notas’ como bem evidencia Souza (2006), numa escuta distante e passiva do outro. A escuta precisa ser sensível, “na qual se perceba os componentes e dimensões relevantes na vida dos sujeitos que lancem luz sobre as problemáticas construídas” (SOUZA, 2006, p. 68).

Antes de tornar-se mais claras as questões operacionais que organizam o protocolo dessa pesquisa, é preciso discorrer sobre a visão de alguns autores que vão clareando caminhos e apontando perspectivas importantes para prosseguirmos nessa jornada de pesquisa, uma vez que não podemos considerar esse processo de definição teórico-metodológica apenas em seu viés técnico instrumental, ou puramente conceitual. É preciso refletir sobre as críticas, os avanços, as mudanças que foram acontecendo nos processos de investigação no campo socioeducacional, sobre as transformações viabilizadoras de novas formas de pensar as relações ocorridas no movimento de construção de parâmetros mais abertos e flexíveis para acolher as demandas das pesquisas sociais, antes tão equivocadamente dualistas e excludentes em suas relações entre sujeito-objeto, pesquisador-pesquisados, teoria e metodologia.

Não somente essas questões devem se constituir como alvo de reflexões, mas outras que vão sendo desdobradas no decorrer das leituras fundamentais ao pensamento reflexivo, desobrigado de amarras deterministas, mas ao mesmo tempo responsável pela adequação das escolhas teórico-metodológicas comprometidas com as respostas que aportem fochos de luz para clarear uma história que começará a ser contada sob a maestria da palavra-memória dos professores que a viveram efetivamente.

Bosi (1993) já nos alerta, dizendo que os depoimentos colhidos não podem ser validados sem o conhecimento de uma teoria que elucide e explique os processos sociais. Por isso, a fonte oral exige esforço de sistematização dos registros colhidos e clara forma de interpretação, uma vez que a memória do tempo vivido é conotada pela cultura e pelas experiências do indivíduo. Bosi (1993, p. 281) enfatiza:

A comunidade familiar ou grupal exerce uma função de apoio como testemunha e interprete daquelas experiências. O conjunto das lembranças é também uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos de escolha e rejeição, em relação ao que será lembrado.

No entanto, quando se trata de levar em conta a memória viva dos oito fundadores num processo de narração da sua própria história, é necessário compreender que para além de um saber teórico-metodológico consolidado emerge a capacidade de compreender que a história oral não se delimita num conjunto de técnicas de entrevista e de transcrições e análises, mas ultrapassando esse limiar do campo técnico-científico alcança a complexidade das dimensões social, cultural e política da vida humana.

O percurso metodológico desta pesquisa se constituiu de uma abordagem que além dos dois aspetos já citados (um saber teórico-metodológico e um conjunto de técnicas), acrescenta ainda um terceiro que requer cuidados especiais, pois se refere a uma circunstância educativa vivenciada num tempo e lugar que também me envolve enquanto pedagoga há 40 anos no exercício da pedagogia e da docência, em diversas instâncias, dos sistemas público e privado da educação.

No âmbito desses posicionamentos se instala o dilema de um lembrar sistemático predefinido pelos parâmetros que norteiam o tempo social e histórico de realização da pesquisa, e Bosi (1993, p. 283), interroga: questionário fechado ou experiência aberta. Para ajudar a responder ela diz: “Se a memória é não passividade, mas forma organizadora é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação porque são o mapa afetivo e intelectual de sua experiência e da experiência do seu grupo.”

Dessa forma, a combinatória de procedimentos fechados e abertos deixa uma margem de liberdade essencial para que os entrevistados apresentem seu testemunho histórico configurando os sentidos que vão evoluindo no decorrer do tempo. Por isso mesmo, quanto mais o pesquisador é capaz de reconhecer o contexto histórico de vida dos seus depoentes, cotejando e entrecruzando informações e lembranças, mais condições terá de estabelecer o campo de significações emergente dos depoimentos apresentados.

Delory-Momberger (2011) ao discorrer sobre os desafios da pesquisa biográfica em educação aborda três importantes questões que devem ser consideradas de forma interdependentes: a necessidade de se autodefinir, fixando referências teóricas e metodológicas próprias; a possibilidade de fazer-se reconhecer internamente enquanto uma abordagem vinculada à corrente das histórias de vida em formação e, a pertinência do reconhecimento externo como abordagem autônoma no campo das ciências humanas e sociais. Com o intuito de tornar clara a reflexão sobre esses três desafios postos à pesquisa biográfica, a autora lembra a

sua experiência durante uma jornada de estudos destinada a ilustrar as perspectivas e conteúdo da pesquisa biográfica, ocorrida em Paris, no ano de 2009, que evidenciou a dimensão formadora e reparadora da narrativa de vida, da narrativa de si, como não limitada aos dispositivos instituídos de formação; que as práticas da narrativa se inscrevem em contextos sócio históricos e sociopolíticos, e que em consequência não podemos abstrair as narrativas de vida das condições nas quais elas são produzidas e recebidas; que a pesquisa biográfica não está em concorrência nem em ruptura com a corrente das histórias de vida em formação e elas obedecem e satisfazem em sua função social e política.

A pesquisa biográfica inscreveu-se no quadro da antropologia social para compreender como os indivíduos se tornam indivíduos, considerando a rede de relações que estabelece no âmbito da sua inserção no entorno sócio-histórico e cultural da temporalidade existencial que os envolve, em dado momento, no decorrer das suas múltiplas experiências.

Nessa perspectiva a memória humana se ergue como reservatório de lembranças vividas, de forma individual e ao mesmo tempo coletiva, como bem esclareceu Halbwachs (2004). A memória humana não se congela sob a distância dos acontecimentos ocorridos no passado; ela se inscreve de forma seletiva, entre lembranças e esquecimentos, num processo privado, controlado pelos filtros e padrões sociais que regulam comportamentos percebidos e assumidos pelo narrador. A narrativa da experiência vivida, singular e autorreferente, se constitui como uma versão sensível, reconstruída na trama da história de vida que se desenvolve no contexto do grupo de referência social e cultural, e se desvela a partir das múltiplas experiências que vão sendo adquiridas no decorrer do tempo posterior ao acontecimento que se toma como foco da narrativa no momento da pesquisa, como ressalta Souza (2006, p.63):

A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

Contribuindo com essa ideia, Matos e Senna (2011, p. 97) destacam que:

A memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos.

Compreendida no âmbito dos procedimentos metodológicos, a história oral se realiza através de entrevistas com as pessoas, grupos sociais, categorias profissionais que testemunham fatos, acontecimentos, instituições que desejamos conhecer de forma viva e dinâmica, sensível e singular e para tanto, assegura-se a primazia do sujeito como construtor de sentidos de forma pessoal, única, intransferível.

Nessa perspectiva particular do sujeito depoente, que, como testemunha, narra um fato, aborda uma circunstância, descreve um acontecimento não é possível esquecer que cada indivíduo percebe, se apropria, recria e revela o mundo, sob a sua própria ótica, a partir das referências que acessa em face das possibilidades e oportunidades postas pelo seu contexto social, pois “cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de forma específica” (MATOS E SENNA, 2011, p. 98). Assim, podem surgir múltiplas versões-visões de um mesmo acontecimento, interpretado por pessoas diferentes que carregam as marcas das suas singularidades, suscitando questionamentos sobre a fidedignidade das informações e, portanto, sobre a Verdade dos fatos, colocando a história oral sob suspeita, alvo de críticas pelos adeptos de uma tradição de pesquisa hegemônica, validade por critérios de precisão, neutralidade e objetividade.

Nessa perspectiva a história oral conquista espaço na pesquisa histórica e dá relevância aos estudos sobre o passado, mas, também sobre o presente, como passado recente considerando os feitos das pessoas comuns, dando legitimidade as fontes orais, aos relatos pessoais e aos testemunhos

No âmbito dessas considerações é preciso compreender que a percepção de cada testemunho convocado criteriosamente para compor um quadro de pesquisa que se utiliza da história oral é real, e enquanto percepção particular pode contribuir com informações inéditas, que nenhum documento escrito vai possuir, porque, no dizer de Matos e Senna (2011, p. 101):

A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época.

A essa crítica que põe em pauta a confiabilidade da fonte subjetiva, uma vez que as informações fornecidas são fruto de uma memória seletiva, particular, sujeita as interferências próprias do contexto de vida de cada sujeito, Thompson (1992, A voz do passado), adverte que, da mesma forma, outras fontes documentais também não garantem exatidão e objetividade de uma verdade definitiva, pois nenhuma fonte está livre da esfera da subjetividade.

Ainda nessa perspectiva, Delory-Momberger (2012, p. 523) em texto que se intitula ‘Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica’ reconhece a necessidade de se compreender que, num projeto de pesquisa biográfica que lida com narrativas orais, é importante saber como os indivíduos se tornam indivíduos a partir das relações que estabelece com o entorno histórico, social, cultural, econômico, político, entendendo as representações que

faz de si mesmo e dos outros e as relações que estabelece com a dimensão temporal da sua experiência e da sua existência. Delory-Monberger (2012, p. 526) aporta, nessa perspectiva, um importante debate sobre a temporalidade da experiência, especificando-a sob o seu aspecto propriamente biográfico de ‘escrita da vida’ contada a partir da lógica de uma ‘razão narrativa’ esclarecendo que

O relato cujo fundamento e princípio de organização é constituído pelo discurso narrativo acolhe muitas outras formas de discurso que descrevem, explicam, argumentam, avaliam as ‘ações relatadas’. É da maior importância reconhecer essa pluralidade discursiva do relato, pois é no entrecruzamento das formas de discurso que ele apresenta que se tornam potencialmente acessíveis os sistemas de tematização e de valorização utilizados pelo narrador.

Assim, foi possível reconhecer que a história oral permitiu esclarecer trajetórias individuais, mas também de grupos específicos uma vez que promove um diálogo sociocultural que se estende para além da esfera que demarca as individualidades, alcançando a dimensão coletiva. O contexto mais geral e institucional das narrativas orais se faz presente e adquire importância como cenário privilegiado onde se desenvolve a experiência, cujos acontecimentos vão sendo lembrados. Porém, podemos dizer a partir de Cunha (2017, p. 33), que:

As lembranças não estão arrumadas à espera do presente, ou melhor, elas não são organizadas em seções relacionadas a cada passo dado ou experiência vivida pelos humanos. Dessa forma, em uma única narrativa dos professores vivencia-se um conjunto de tramas, em que os espaços, tempos e relações sociais se tocam, se mesclam. Nesse entrelaçamento, os vários sujeitos sociais da escola se apresentam, inclusive suas famílias.

No caso desta pesquisa, a Faculdade Pio Décimo, identificada como lócus institucional do Curso de Pedagogia, este se constitui no cenário coletivo mais próximo, espaço onde se desenvolve o processo de formação/atuação dos primeiros professores, cuja profissionalização vai sendo permeada de múltiplos sentidos, à medida que as ações se efetivam.

O *continuum* das críticas que resultaram em consideráveis avanços para garantir a legitimidade dessa abordagem, vão exigir cuidados redobrados do pesquisador para que este possa promover o entrecruzamento de informações orais com outros documentos escritos, não para validar o que diz a testemunha ouvida, mas para auxiliar o pesquisador a perceber com maior clareza o que a sua testemunha manifesta, suas motivações, restrições, cuidados, medos e impedimentos, uma vez que “O historiador da oralidade é criador da própria fonte, pois a entrevista precisa ser extraída da testemunha e somente se torna fonte após transcrição” (MATOS; SENNA, 2011, p. 102).

Conhecer as experiências vividas e desenvolvidas num passado recente da educação superior, pela voz de destacados professores, supõe, entre outras exigências, sensibilidade e rigor teórico-metodológico, daí considerarmos importante abrir o Mapa da Ação Metodológica para indicar de que forma a pesquisa foi operacionalizada, analisando-se a história de cada um, e o modo como se refletiu no coletivo institucional, vivências, oportunidades de formação e atuação profissional.

Fontana (2005) aponta em seus estudos a tese da constituição recíproca entre o eu pessoal e o eu profissional, e que muitos trabalhos de pesquisa que investigam a profissão docente em suas diferentes dimensões, - sobretudo os que se dedicam a compreender os processos de formação e atuação dos professores, distinguindo seus saberes e práticas e seus modos de ser e viver a profissão, optam pelas histórias de vida, que aporta elementos necessários para que se entenda como os sujeitos singulares se constituem professores, no coletivo das instituições. Afirma Fontana (2005, p.66):

Cada um de nós não é apenas professor ou professora. Somos também homens e mulheres, negros, mulatos, brancos, brasileiros, estrangeiros, ou mesmo brasileiros estrangeiros em nosso próprio chão, velhos, moços, pais e filhos, irmãos, esposos, a professora mais antiga da escola, aquela que está iniciando seu primeiro ano de trabalho, a professora militante, a professora não-sindicalizada, a professora que dobra período, aquela que não depende do salário para viver, etc... Muitos em um. Desses lugares sociais distintos, que ocupamos simultaneamente, vivemos e valoramos, de modo nem sempre harmônico, os eventos de nossa experiência.

Quando se trata de compreender o processo de profissionalização docente percebe-se que no contexto das novas abordagens que assumem, na contemporaneidade relevo considerável, salienta-se, entre outros aspectos de cunho acadêmico e pedagógico, as dimensões social e reflexiva como elementos importantes no desenvolvimento profissional, como aponta, por exemplo, Herdeiro (2010, p. 62. Grifo nosso) evidenciando que:

O conceito de prática reflexiva aparece como um modo possível dos professores interrogarem as suas práticas de ensino – fornecendo oportunidades para **voltar** atrás e rever acontecimentos e práticas que acompanhado pela interpretação de um conjunto valorizado de motivações, destrezas e atitudes indispensáveis, apontam a mudança das práticas pedagógicas e da escola como um facto possível de alcançar.

Herdeiro privilegiou em seu estudo as narrativas biográficas escritas e orais, como fontes essenciais de informação recolhidas entre oito informadores-chave, professores que espelharam nas entrevistas realizadas a satisfação em contar as suas experiências pedagógicas vividas num contexto educativo muito particular. Herdeiro (2010, p.10) justifica sua opção metodológica pelas narrativas escritas e orais, ao considerar a necessidade de conhecer:

O cotidiano profissional de um grupo de professores, o modo como constroem e partilham os saberes, as dúvidas e os anseios e como se narram nas experiências profissionais evidenciando suas singularidades, [...]em função das circunstâncias sócio-históricas, materiais, político-legais e pessoais que cada pessoa do professor vivencia e experimenta ao longo do seu ciclo de vida pessoal, profissional e social.

Nesta direção, consideramos que as memórias levantadas e registradas através da história oral, nos permitiram enveredar pela “invenção das noites pioneiras” do ensino superior em Sergipe, especialmente com a criação do curso de pedagogia noturno da FPD.

SESSÃO 3 – CENÁRIOS DA PEDAGOGIA: EMERGÊNCIA DO CURSO SUPERIOR NOTURNO

A profissão docente comporta um conhecimento pedagógico específico, um compromisso ético e moral e a necessidade de dividir a responsabilidade com outros agentes sociais, já que exerce influência sobre outros seres humanos e, portanto, não pode nem deve ser uma profissão meramente técnica de “especialistas infalíveis” que transmitem unicamente conhecimentos acadêmicos (IMBERNON, FRANCISCO, 2006, p. 29).

Nessa sessão, nos interessou, inicialmente, contextualizar a educação superior, principalmente no que se refere a oferta dos cursos de formação do pedagogo, com suas questões e determinações de base legal que refletiam a busca, quase que permanente, de uma identidade profissional que pudesse ser traduzida pela abrangência e diversidade das demandas nessa área. Essencialmente, nos interessa compor o cenário do Curso de Pedagogia em sua forma organizacional relativa aos documentos localizados durante a pesquisa que irão expor o teor da proposta pedagógica, as diretrizes curriculares, pedagógicas e regimentais e os procedimentos viabilizadores do conjunto de ações necessárias à aprovação, início e desenvolvimento da primeira turma que fundou a FPD.

Dessa forma, contemplamos mais que uma listagem dos documentos que puderam ser localizados, que foram exigidos pelo órgão fiscalizador, uma vez que os instrumentos do processo de abertura do curso e de autorização de funcionamento da instituição trouxeram evidências das formas singulares de conjugação das dimensões técnica, administrativa, burocrática e pedagógica.

Procedemos então, nessa sessão, um outro tipo de leitura institucional, expresso pelos registros que seguem, expondo a construção de um saber essencial para legalizar e legitimar o início das ações pedagógicas.

Queremos observar que as questões da pedagogia foram abordadas em seu percurso histórico mais amplo, o que nos permitiu contextualizar o curso que inventou as “noites pioneiras” na FPD. As leituras efetuadas para tal finalidade, basicamente se estenderam ao contexto das produções acadêmicas no âmbito da história da pedagogia e dos processos de formação de professores; da legislação e da história da criação do ensino superior. Destacamos também, alguns trabalhos realizados com a criação da UFS, a exemplo de Souza (2015) e Bretas (2014), o que nos ajudou a compreender mais claramente o contexto das motivações para criação de uma faculdade particular de ensino possibilitando a oferta do curso de pedagogia no turno noturno.

O ensino superior brasileiro sempre se destacou como questão fundamental, problematizada e refletida continuamente nos movimentos promotores de mudanças e reformas – a indefinição da identidade do pedagogo. Porém, havia ainda outros aspectos de grande importância, que frequentemente entravam na pauta das discussões e que até os dias atuais se mantêm no topo das reflexões mais relevantes da educação brasileira. Esses outros aspectos, dizem respeito a busca da igualdade de oportunidades de estudos, e a democratização da educação ampliando as suas vias de acesso, a garantia de financiamento e permanência, e a qualidade da formação profissional, para todos, indiscriminadamente, em universidades públicas ou particulares.

Para Zago (2006), os fenômenos relacionados com as transformações no contexto social, político e educacional, sobretudo, no que tange ao prolongamento e à elevação do nível escolar entre as classes sociais, renovaram as configurações acadêmicas entre os grupos sociais, os processos educacionais e até as estratégias familiares. Essas transformações fazem frente à longa tradição atribuída às desigualdades educacionais e à presença de estudantes de origem popular nas IES particulares.

Portanto, reconhecemos que a história da educação superior no Brasil foi construída como nos demais níveis escolares, fundamentada em persistente desigualdade de oportunidades que no caso do ensino superior é confirmada pela alta seletividade do sistema de vestibular, criado como barreira dificultar o acesso, como um mecanismo que ratifica a exclusão e a seletividade.

A problematização da educação superior no Brasil sempre foi focada nas formas de acesso, democratização e qualidade do ensino superior. Para Severino (2008, p. 75):

O desenvolvimento do modelo universitário no país marcou-se pela combinação de dois traços fundamentais: o caráter privado de sua dependência administrativa e a sua natureza de instituição isolada, como que recuperando e consolidando a tradição fundadora iniciada nos idos do Império com as faculdades de Direito, Medicina e Engenharia. Quando se observa o quadro atual de instituições de ensino superior, bem como sua evolução a partir dos anos setenta do século passado, impressiona ver o crescimento da iniciativa privada em relação às iniciativas do poder público. Das 2.165 instituições registradas pelo Cadastro do INEP, de 2005, apenas 231 são instituições públicas, o que corresponde a 10,7% do total. Em 1996, as instituições públicas respondiam ainda por 23%; a queda atual mostra bem a tendência do desenvolvimento desse setor educacional. Das 922 entidades então cadastradas, 211 eram públicas e 711 particulares. Essa dupla tendência mostra a força do modelo de instituição isolada frente ao modelo universitário propriamente dito, e o peso da opção privatizante no setor educacional.

O crescimento das instituições privadas possibilitadas e efetivadas principalmente a partir dos anos 60 do século passado, trouxe aportes legais favoráveis provenientes de uma série

de reformas ocorridas no sistema educacional que promoveu a reordenação do ensino superior. A reforma da educação sob o foco da implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação n.º 5692/71, e da legislação que disciplina a reforma do ensino superior Lei n.º 5.540 de 28 de novembro de 1968, além dos acordos internacionais que foram firmados, assumem uma tendência tecnicista, com realce para construção de um modelo racionalista empresarial, necessário para atender as exigências da sociedade industrial e tecnológica. O fortalecimento dessa tendência possibilitou o ingresso da iniciativa privada no campo do ensino superior, que diferentemente das instituições públicas de feição estritamente acadêmica, voltadas para fomentar uma qualidade de ensino que se efetivava de forma articulado à pesquisa e a extensão, se caracterizaram como empresas particulares que visavam sobretudo o lucro e a elevação do capital.

Nesse sentido, na década de 70 do século XX, muitos estudantes que participavam dos processos seletivos nas universidades públicas eram excluídos, taxados como reprovados ou ‘classificados como excedentes’, termo que caracterizava muito claramente a força seletiva desse processo e a falta de oportunidade para todos nesse nível elitizado de formação. Há autores que discutem sob diversos aspectos, a educação superior, como Cunha (1998), Severino (2008), Santos (2008) e que evidenciam múltiplos fatores econômicos, sociais e políticos que interferem e conduzem esse processo, realçando o viés da origem social e da qualidade da educação básica oferecida em escolas públicas e privadas, que interferem enquanto demanda que participarão dos processos seletivos para acessar o ensino superior numa universidade pública.

Santos (2008, p. 129), nos mostra que a questão da reforma universitária de 68 com foco na expansão do ensino superior, que em 1968, o Sistema de Ensino Superior privado oferecia apenas 39.756 vagas, passando para 296.635 vagas em 1978, verificando-se uma expansão bastante considerável de 641,6% em apenas 10 anos. Também ressalta outros fatores intervenientes como o processo de urbanização do país na década de 1950, aliado a uma demanda maior do sexo feminino em relação ao curso superior. Germano (1994, p. 105) destaca como fatores preponderantes para o crescimento do setor privado:

- 1) Controle político e ideológico da educação escolar, em todos os níveis [...]
- 2) Estabelecimento de uma relação direta e imediata, segundo a “Teoria do Capital Humano”, entre educação e produção capitalista e que aparece de forma mais evidente na reforma do ensino do 2º grau, através da pretensa profissionalização.
- 3) Incentivo à pesquisa vinculada a acumulação de capital.
- 4) Descomprometimento com o financiamento da educação pública e gratuita, negando, na prática, o discurso de valorização da educação escolar e concorrendo decisivamente para a corrupção e privatização do ensino, transformada em negócio rendoso e subsidiado pelo Estado. Dessa forma, o Regime delega e incentiva a participação do setor privado na expansão do sistema educacional e desqualifica a escola pública de 1º e 2º graus.

No percurso de discussões e mudanças na legislação, especialmente quanto a obrigatoriedade da formação do pedagogo para assumir o magistério na etapa inicial da educação básica, entre outras funções específicas às habilitações previstas na legislação vigente na década de 70 do século passado, se instala uma demanda fundamental de formação de pedagogos. Ainda a partir de Germano (1994) pode-se dizer que essa demanda não atendida pelas instituições federais se referia a uma considerável parcela da população marginalizada pela condição econômica e social, também pelas questões de gênero e cor, provenientes em sua maioria, de estudantes que não conseguiam assegurar a qualidade de conhecimentos necessários para o ingresso numa instituição pública.

Essa perspectiva interferiu, de certa forma, ao longo do tempo, na estruturação dos cursos de formação de pedagogos e, pode-se perceber, a partir da realidade da Faculdade Pio Décimo, como instituição que recebeu em suas salas de aula, principalmente aqueles alunos que provavelmente não tinham como ter acesso a Universidade Federal de Sergipe, na época ainda Faculdade de Filosofia e Educação, ou porque trabalhavam durante o dia, e não tinham como deixar o trabalho para assumir os estudos, ou porque a concorrência através do vestibular era muito grande, o que tornava difícil o acesso. Ainda, pode-se confirmar que em muitos casos, mesmo aprovados, mas não sendo classificados conforme o número de vagas disponibilizados pela instituição pública, o concorrente era posto numa lista de excludentes, o que comprova o nível de desigualdade de acesso e a dificuldade de continuidade de estudos para muitos jovens, às vezes já exercendo o magistério, que desejavam alcançar esse patamar de ensino.

A compreensão, mais exata desse fato pode-se observar nos estudos realizados por Bretas (2014, p. 118) ao esclarecer a partir da leitura de Cunha (1986), que houve, no início do século XX, dois movimentos contraditórios no processo de desenvolvimento do ensino superior.

De um lado, a ampliação e, de outro, a contenção. O primeiro condicionado pelas influências dos positivistas, defendia a liberdade de ensino e o fim do privilégio dos diplomas dos profissionais. Assim, Benjamim Constant, à frente do Ministério da Instrução Públicas, Correios e Telégrafos, alargava os canais de acesso à educação superior e criava condições legais para as escolas particulares concederem diplomas com o mesmo valor das escolas federais. Mas esse mesmo movimento encontrou resistência entre os senadores e deputados, médicos, advogados, engenheiros -, que viam na desoficialização do diploma e na equiparação de escolas particulares às escolas federais uma desqualificação profissional.

Continuando com Bretas (2014) que faz um apanhado pontual no contexto da federalização do ensino superior, refletindo sobre o movimento de criação das universidades federais no Brasil, pode-se apreciar o importante detalhamento histórico sobre a criação da Universidade Federal de Sergipe, sob a égide da LDB 4.024/ 68, no período de maior expansão

desse nível de ensino, que se localizou, como já dito aqui, na década de 60, até o final dos anos 70.

Corroborando essas preocupações, podemos estender um fio de entendimento sobre uma realidade concretamente vivenciada e expressa nos encontros de egressos de pedagogia da FPD, mesmo já no final da década de 1990, quando discutíamos inúmeras questões inerentes ao percurso histórico da educação em Sergipe e as competências inerentes ao papel do pedagogo. É fato que em algumas ocasiões pudemos perceber, e agora compreender à luz das reflexões históricas postas aqui por Bretas (2014), o que, de modo informal, muitos egressos falavam nos bastidores dos encontros, estabelecendo comparativos preconceituosos entre alunos formados pela UFS e alunos formados por instituições particulares de ensino, inclusive na FPD.

Nessa perspectiva, houve um período, lembrado pela professora Emiralva (ENTREVISTA 25/11/2019) em que alguns egressos que alcançaram um patamar elevado no *status* da carreira de educador, em eventos públicos, omitiam propositadamente, ou mesmo não realçavam, que o processo de graduação tinha sido realizado na FPD, uma instituição particular de ensino. A raiz dessa questão discriminatória, talvez se encontre na forma de organização do ensino superior brasileiro, traduzindo para a realidade que observamos e mesmo vivenciamos o que “os reformadores da educação superior dos anos de 1960 queriam dizer com “universidade para as zonas pobres” (BRETAS, 2014, p. 142)

Ainda refletindo sobre o avanço dessas discussões, entre a formulação de consensos, resistências e contradições ocorridos no percurso das reformas educacionais, o ensino superior foi se estendendo em acentuado crescimento quantitativo por toda a década de 1970 com o aumento das instituições públicas e sobretudo das instituições privadas de ensino.

Comprovadamente, esse movimento se refletiu positivamente no percurso inicial da FPD e podemos até dizer que se prolongou pelas décadas de 80 e 90 do século XX. Somente em meados dos anos 2000, começou a haver mudanças sentidas pela instituição em termos do quantitativo de alunos matriculados no Curso de Pedagogia¹⁷. Essa afirmativa não dispõe, no momento, de dados institucionais sistematizados, nesse aspecto, apenas representa uma forma de observação pontual da presença dos alunos enchendo as salas de aula, sem que a instituição demandasse esforço midiático maior para tal fim. Na verdade, o que nos interessa é destacar a perspectiva de crescimento do ensino superior nas instituições privadas, e que, independente dos fatores propiciadores dessa ampliação, criou cenário positivo para abertura do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo.

¹⁷ Com a expansão das Faculdades no Estado de Sergipe oferecendo cursos de EAD.

Cunha (2004) afirmou que após o golpe militar de 64, houve favorecimento à privatização do ensino, com incentivos diretos e indiretos, aliados à representação majoritária no Conselho Federal de Educação. No que se refere ao acesso ao ensino superior, a ideia do governo militar era de que a classe média alta encontrasse algum curso superior que satisfizesse os seus interesses consoantes às necessidades econômicas e de mercado à época. Assim, os exames vestibulares configuraram mais disputas às vagas do que habilitação de conhecimentos para o ensino superior.

Também Zago (2006) confirma a persistência da desigualdade social com o sistema de vestibular que ratifica desigualdades e favorece a procura das melhores IES pelos cursos e candidatos mais conceituados em termos de uma realidade econômica e social.

No que diz respeito à qualidade do ensino, vale lembrar as mudanças propiciadoras da expansão privatista no período militar, particularmente nos exames vestibulares. Estes se transformaram em concursos, porta estreita para muitos, mas expressão mais adequada à disputa de vagas que à aferição da habilitação para os cursos superiores. A nota mínima foi eliminada, precisando ser apenas diferente de zero, e as provas objetivas (entenda-se “de múltipla escolha”) chegaram a ser obrigatórias.

Durante as duas décadas de ditadura (1964/1985), as afinidades políticas dos empresários do ensino com os governos militares abriram caminho para sua representação majoritária (quando não exclusiva) nos Conselhos de Educação, inclusive no Conselho Federal. Tornando-se maioria, eles passaram a legislar em causa própria. Os resultados foram expressos em cifras estatísticas e financeiras.

Impulsionados pela demanda de vagas, pelo freio na velocidade de expansão das redes públicas de ensino e, especialmente, pelas normas facilitadoras, as instituições privadas de ensino multiplicaram-se em número e cresceram em tamanho. Em qualquer capital de estado e até mesmo nas cidades médias do interior, pequenos ginásios e cursinhos pré-vestibular acumularam capital, alunos pagantes e níveis de ensino (CUNHA, 2004, pp. 74-75).

Santos Filho (1989) analisa os pressupostos filosóficos subjacentes ao movimento de democratização do ensino superior, traduzindo questões que até hoje permanecem fundamentais à compreensão do ensino superior em sua perspectiva de abertura, tradicionalmente ofertado como privilégio às classes média e alta. O autor desenvolve em seu texto, três argumentos filosóficos que justificam o processo de democratização do ensino superior. São os conceitos de educabilidade humana, de dignidade humana e de desenvolvimento e sobrevivência humana.

O primeiro conceito pressupõe a crença na educação para toda a vida. Uma educação contínua, para dar conta do inacabamento humano. Nada está pronto de uma vez por todas, e

urge então aprontar-se continuamente através da educação num percurso de constante abertura para conhecer, construir, evolução.

Ao tratar do segundo argumento - da dignidade humana, o autor mostra que a busca de dignidade humana é maior que a busca por mais dinheiro, vantagens e benefícios econômicos. Assim destacamos com Santos Filho (1989, p. 20), na esfera do que, mais que evidenciar uma lição educativa, comove o espírito, por nos mostrar o valor da educação, também em seu terceiro argumento que reflete sobre a importância da educação como forma de se apropriar da civilização “através da redescoberta das maiores realizações do homem, do questionamento e crítica, em cada geração, do que foi criado, e, finalmente, da expansão das fronteiras do conhecimento. Para Santos Filho (1989, p. 21).

Nos países industrializados ricos as massas famintas são olhadas com horror ou pavor e consideradas um perigo em potencial à sua opulência, inclinadas a abraçar o comunismo, ou pelo menos, a serem instigadas à revolução e ao ódio. Mas, o faminto, como os últimos mil anos da história humana têm claramente mostrado, nasceu para a obediência e servidão. Com acerto observa Bereday (1972) que "um homem faminto pode transformar-se num escravo em troca de um pedaço de pão ou por um pedaço de bolo pode lamber as botas de seu patrão" (p. 140). Quando a fome é abolida e quando o medo da fome já não é mais o fator básico do drive humano, o homem está livre para desejar valores superiores na hierarquia das necessidades e valores humanos. "Os homens que possuem seu pão de cada dia desejam dignidade", acrescenta Bereday (1972, p. 140).

O texto seguiu entre argumentações, reflexões e exposição de princípios e pressupostos que foram detalhando a partir da fala de diversos autores com os quais Santos Filho dialoga, a importância da democratização da educação como fator essencial ao desenvolvimento e ao futuro da humanidade, propiciando uma compreensão e uma vida civilizada. Evidenciou Santos Filho (1989, p. 22):

Assim, as sociedades modernas não mais toleram a escravidão, o trabalho das crianças, ou as piores formas de poluição. Não pode ser provado, mas é provável que a educação, sobretudo a educação de nível superior, tenha contribuído grandemente para esta mudança de valor. Em suma, a tarefa das universidades e outras instituições de ensino superior é a extensão da civilização através da redescoberta das maiores realizações do homem, do questionamento e crítica, em cada geração, do que foi criado, e, finalmente, da expansão das fronteiras do conhecimento.

Percebemos, pois, essa linha de reflexões e proposições de expansão do ensino superior numa perspectiva de democratização da educação e da sociedade, que persiste entre avanços e retrocessos, justificados pela lógica do mercado e do capital, que tenta a substituição gradativa dos direitos sociais historicamente conquistados.

Peroni (2015, p. 9) assinala o mote: “Não há mais condições para dar tudo a todos” como justificativa das contradições enfrentadas no percurso de democratização da educação¹⁸.

O movimento crescente que caracterizou a luta da sociedade pela democratização, prosseguiu no contexto dos movimentos sociais, com a participação de estudantes e professores, permeando novas discussões aprovando-se em 1961 a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que, para Martins, (2002) representou uma vitória dos defensores da iniciativa privada, acenando a bandeira da liberdade de ensino. Já a reforma de 68, diz Martins, apesar de se desenvolver em pleno clima de vigilância e controle do Regime Militar, inspirou-se em muitas ideias do movimento estudantil e da intelectualidade de décadas anteriores¹⁹.

Martins (2002, p. 3) mostra os percentuais de crescimento do setor privado nesse nível de ensino e expõe:

No período de 40 a 60, a população do país passou de 41,2 milhões para 70 milhões (crescimento de 70% enquanto que as matrículas no ensino superior triplicaram. Em 1960, existiam 22.218 universitários – dos quais 93.202 eram do setor privado e 28,728 excedentes (aprovados no vestibular para universidades públicas, mas não admitidos por falta de vagas). Já em 1969, os excedentes somavam 161.527. A pressão da demanda levou a uma expansão extraordinária do ensino superior entre 1960-1980 com o número de matrículas saltando de 200.000 para 1,4 milhão, sendo 3/4 partes do acréscimo atendidas pela iniciativa privada. Em 1970, o setor privado já respondia por 62,3% e em 1969, por 69%.

Consideramos que o que restringiu a capacidade de expansão do ensino superior em instituições públicas foi justamente os investimentos necessário para efetivar o ensino à pesquisa e a extensão, abrindo assim espaço para o setor privado.

A década de 60-70, do século XX; se constitui então como um período fértil para as instituições privadas, cujos dados atestam uma grande expansão. Esse processo se estende na trajetória das reformas educacionais e chega aos anos 1990, com a perspectiva de atendimento às demandas de mercado, encolhendo o espaço público e facilitando o ensino superior privado,

¹⁸ Destaca-se no prefácio do livro “Diálogos sobre as redefinições do papel do Estado, e nas fronteiras entre o público e o privado” (PERONI, 2015, p.9). “Os ricos já não se conformam em serem só ricos, eles precisam cada vez mais, serem ricos, para comandar o mundo a seu bel-prazer. Não por acaso, o próprio Banco Mundial admite que 10% da população é dona e usufrui de 75% de tudo o que é produzido no planeta. É justo que seja assim?”

¹⁹ Diz Martins, (2002, p. 5) A reforma de 68 instituiu: 1) o Departamento como unidade mínima de ensino; 2) criou os institutos básicos; 3) – organizou o currículo em ciclos básico e profissionalizante; 4) – alterou o exame vestibular; 5) aboliu a cátedra; 6) tornou as decisões mais democráticas; 7) institucionalizou a pesquisa; 8) centralizou as decisões em órgãos federais. A partir dos anos 70 o governo estimulou a pós-graduação e capacitação docente. Também Sampaio em Relatório de estudos do NUPES, USP (1991), afirma que curiosamente, no Brasil as ideias gestadas no período de liberdade política e efervescência social, tendem a ser implementadas por regimes autoritários e centralizadores.

em que a LDB 5692 de 20 de dezembro de 1996, libera a oferta para esse setor, como bem se pode ver em seu artigo 7 – quando determina que “o ensino é livre à iniciativa privada”.

Nesse breve percurso do Ensino Superior, selecionamos alguns aspectos que provavelmente interessam mais de perto à compreensão da trama da fundação da FPD, compondo um cenário promissor para fomentar ideias e ações que contribuíssem para promover o ensino superior em situação especial, no que se refere aqui a abertura do curso de pedagogia em turno noturno.

Destaca-se assim, que se constituíram como motivacionais as questões relacionadas à alta demanda da comunidade por ensino superior; o crescimento da população e o crescimento econômico gerando exigências e possibilidades também para esse nível de ensino; os limites das instituições públicas sem rubricas financeiras adequadas para assegurar expansão sustentável: o alto percentual de excedentes que se destacava em números e listas provenientes dos resultados dos vestibulares nas instituições públicas federais; o teor das reformas educacionais, privilegiando o setor privado, abrindo espaços importantes para o crescimento da iniciativa particular, também no contexto do ensino superior.

Todos esses fatores, aliados ao cenário local que se coadunava com essas discussões, questões e possibilidades, formaram um conjunto motivacional para que fosse pensado o projeto educativo da Faculdade Pio Décimo, numa época em que a oferta do ensino superior já estava consolidada na instituição que se tornara tradicional – a UFS.

Em períodos antecedentes a abertura do Curso, os jornais da época traziam recortes mostrando que também aqui em Sergipe, as estatísticas apontavam deficiência de vaga na UFS, havendo, portanto, um considerável quantitativo de pessoas que ficavam na categoria de excedentes.

Nesse sentido, percebe-se no detalhe grifado no jornal abaixo especificado, datado de novembro de 1974, que localizamos nos arquivos da Faculdade Pio Décimo, entre as pastas do processo de autorização da Faculdade, que o curso de Pedagogia contava com a inscrição de 503 candidatos interessados para disputarem apenas 90 vagas.

Com essas reflexões, a partir dos dados encontrados, constata-se a necessidade do ensino superior noturno no Estado como forma de incluir professores que já atuavam no magistério em seus municípios sem a formação adequada para exercício de suas funções possibilitando uma educação de qualidade.

A criação do Curso de Pedagogia Noturno na faculdade Pio Décimo vem assim atender a essa demanda existente em Sergipe.

Figura 3 – Recorte de Jornal

JORNAL da cidade

ARACAJU(SE), 1, 2, 3, 4 DE NOVEMBRO DE 1974 - Nb. 789 - ANO III - CR\$ 1,00

**Por uma vaga na UFS,
a guerra de todos os anos**

Em ambiente calmo encerraram-se, ontem, as inscrições para o Vestibular 75 da Universidade Federal de Sergipe, com 5.359 candidatos inscritos. Às 18,30 horas, ainda havia vestibulando se inscrevendo pois foi tolerada a elasticidade do horário para que ninguém ficasse sem realizar sua inscrição. 1.124 candidatos inscreveram-se no último dia.

Falando ao JC., o Reitor Luiz Bispo da UFS, disse estar satisfeito com o êxito alcançado pelas inscrições, embora previsse que estas atingissem a casa dos 6 mil candidatos. Falou que sua satisfação maior foi a grande procura pelos vestibulandos para os cursos de Engenharia Civil e Licenciatura em Educação Física, cujos índices de matrículas justificam suas criações.

Medicina que, desde o primeiro dia, foi mais procurada, conta com 704 inscritos para as 70 vagas que oferece. Ciências Contábeis, Economia e Administração, com 20 vagas, inscreveram 973 candidatos. As demais inscrições foram: Química Industrial e Engenharia Química 182 candidatos para 60 vagas; Química (Licenciatura) 80 candidatos para 20 vagas; Matemática e Física 139 candidatos para 160 candidatos; Engenharia Civil 312 candidatos para 60 vagas; Odontologia 216 candidatos para 30 vagas; Ciências Biológicas 173 candidatos para 30 vagas; Educação Física (masculino) 269 candidatos para 40 vagas; Educação Física (feminino) 225 candidatos para 40 vagas; História e Geografia 556 candidatos para 90 vagas; Letras Vernáculas e Estrangeiras 384 candidatos para 90 vagas; Pedagogia 503 candidatos para 70 vagas; Direito 433 candidatos para 50 vagas e Serviço Social 189 candidatos para 30 vagas.

a partir de hoje

Fonte: Arquivo a instituição pesquisada (2019)

Um breve percurso de reconstrução da trajetória histórica do Curso de Pedagogia no Brasil, também se destaca pela ênfase das reformas curriculares, e nos faz perceber como tais reformas foram refletindo e contribuindo para organização do curso de pedagogia, distinguindo problemas e questões que até hoje envolvem, de certa forma, os processos de formação de professores.

3.1 ESPAÇOS DE FORMAÇÃO DOCENTE: O Curso de Pedagogia

Em uma breve retrospectiva histórica demonstramos que a gênese dos processos de formação de professores para a escola primária instalou-se com a criação da Escola Normal da Corte, fundada no ano de 1880, no Rio de Janeiro, e que em 1889 passou a chamar-se Escola Normal do Distrito Federal.

Autores como Romaneli (1991), Saviani (2008) Silva (1999), Libâneo (1996), Nóvoa (1977) apresentam estudos nesse campo da história da educação e afirmam que a escola normal

contribuiu para institucionalizar os processos de formação docente, destinando-se a princípio aqueles professores que precisavam melhorar o seu grau de instrução e contribuir com a educação primária.

A institucionalização dos processos de formação é fato que se verifica na Pio Décimo, com a oferta do Curso de pedagogia – normal e adicional – que passou a integrar o elenco de oferta de cursos de nível secundário em período antecedente à criação do Curso de Pedagogia, conforme expomos mais adiante.

Matos (2013) situa a Escola Normal historicamente como espaço de formação de professores que vigorou no final do século XIX até 1930. A partir de então, esse espaço de formação é substituído pelos Institutos de Educação, que ofereciam também cursos de especialização, aperfeiçoamento, extensão e outros de considerados extraordinários.

Para Matos, (2013) esse é o modelo inspirador para a criação do curso de Pedagogia no conjunto da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Matos (2013, p. 35) relata que:

Como consequência das preocupações com a formação do educador para atuar no ensino secundário, o curso de Pedagogia foi criado no Brasil junto com as licenciaturas, organizadas pela antiga Faculdade Nacional de Filosofia, em 4 de abril de 1939, pelo Decreto-Lei nº 1.190, tendo em vista a dupla formação, de bacharéis e licenciados, para várias áreas de atuação, tendo como base sólida a formação pedagógica. A concepção normativa da época alinhava todas as licenciaturas no denominado esquema 3+1 para formar bacharéis e licenciados nas diversas áreas das Ciências Humanas (SILVA, 1999). Seguindo esse formato, o curso de Pedagogia oferecia o título de bacharel a quem cursasse três anos de estudos em conteúdo específicos da área e o título de licenciado, que permitia atuar como professor no ensino secundário e no curso normal, aos que, tendo concluído o bacharelado, cursassem mais um ano de estudos dedicados à Didática, que fora incluída como “seção” especial, e à Prática de Ensino. Assim, observamos que o currículo do curso de Pedagogia dissociava o campo das disciplinas pedagógicas, ditas da área, e a disciplina de Didática.

Foi instalada uma dicotomia entre os cursos de bacharelado e as licenciaturas, predominando no decorrer dos processos de reforma da pedagogia, gerando inúmeras discussões e propostas, tanto que se reconhece e até hoje sobrevivem as preocupações com a identidade e a função diversificada do pedagogo.

Para Silva (1990) não é que o curso não tenha uma identidade, uma vez que o curso se organiza em torno de um currículo prescrito, mesmo que abrangente e generalista, mas as discussões sobre a identidade eram realizadas sob o foco das funções atribuídas ao pedagogo, o que foi gerando contínuos conflitos entre os legisladores, educadores e movimentos sociais organizados, traduzindo essas preocupações nos documentos legais que lhes deram origem, conforme resultados das discussões encaminhadas.

De acordo com Saviani, (2007, p. 118).

Ao instituir um currículo pleno fechado para o Curso de Pedagogia, em homologação com os cursos das áreas de Filosofia, Ciências e Letras e não os **vinculando** aos processos de investigação sobre os temas e problemas da Educação, o modelo implantado com o Decreto nº 1.190, de 1939, em lugar de abrir caminho para o desenvolvimento do espaço acadêmico da Pedagogia, acabou por enclausurá-lo numa solução que se supôs universalmente válida em termos conclusivos, agravando progressivamente os **problemas** que se evitou enfrentar.

Matos (2013, p. 42) destacou que diante as preocupações com o processo de formação do pedagogo, ocorrem mais numa ênfase que se dá sobre **o local** de formação e menos sobre **o lugar** de atuação e mostra que:

Com o título de licenciado, ele poderia lecionar as matérias pedagógicas do curso normal de nível secundário, quer no primeiro ciclo, o ginasial – normal rural –, ou no segundo; no entanto, a atuação nesse campo não era conferida somente aos pedagogos, na medida em que a Lei Orgânica do Ensino Normal definia que, para atuar nesse curso, bastava apresentar o diploma de ensino superior.

Acumulando problemas mal resolvidos nesse início de propostas para formação do pedagogo, vemos que nem o bacharel tinha bem definidas as suas funções técnicas, nem os licenciados tinham em seu currículo disciplinas voltadas para o exercício da docência como seu foco mais específico de atuação. Silva destaca a preocupação da criação de um curso – bacharel em pedagogia, porém sem a preocupação de caracterização desse novo profissional. Entre as funções definidas para o bacharel em geral consta que se designam ao preparo de trabalhadores intelectuais para o exercício de altas atividades culturais de ordem desinteressada ou técnicas. Segundo Silva (1990, p. 35):

Para o licenciado em pedagogia a situação também não era das mais favoráveis. Além dos problemas relacionados com a sua formação, possuía também problemas relativos ao seu campo de trabalho, pois não tinha o curso normal como um campo exclusivo de atuação, uma vez que o Decreto-Lei n. 8.530/46 estabelecia que para lecionar nesse curso, era suficiente, em regra, o diploma de ensino superior.

Percebemos, então, que não estava garantida a formação do licenciado como único a ocupar a docência no curso normal, pela legislação o espaço ficava aberto à presença de outros profissionais que para isso bastava ter o diploma de ensino superior, o que por certo desacreditava a especificidade dos conhecimentos adquiridos na formação de licenciatura nos cursos de pedagogia. Se não tinha a garantia do lugar, também havia questionamentos quanto aos conteúdos estudados, de ordem filosófica muito geral. Tanto é, que essa questão se expõe pelo conselheiro Valnir Chagas, autor do parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) 251

de 1962, que achava que a formação do professor primário deveria acontecer no ensino superior e a dos técnicos em educação, em estudos posteriores ao da graduação. No centro das discussões radicaliza-se a ideia de extinguir o curso, uma vez que a formação de professores para lecionar no curso primário já ocorria no curso normal. Por fim, o parecer aprovado, mas continua não distinguindo de forma satisfatória qual é a finalidade da formação do pedagogo, destinando-o como professor e técnico em educação, para ocupar as disciplinas pedagógicas do curso normal, num curso com duração de quatro anos.

De fato, constata-se que o referido parecer 251/62, não faz nenhuma referência ao campo de trabalho do profissional que, indistintamente, chama de “técnico em educação ou “especialista em educação” e é de maneira muito vaga que se reporta a ele com as expressões “administradores e demais especialistas da Educação, profissionais destinados às funções não-docentes do setor educacional”.

Essa perspectiva reformista tem continuidade com o parecer CEF 252/69, que se define a partir de mudanças são propostas à matriz curricular como forma de alinhar os conteúdos mínimos a serem aprendidos às diferentes alternativas profissionais possíveis no âmbito da função do pedagogo para o ensino normal e para as funções de especialista. Esse parecer fixa então um currículo mínimo a ser cumprido, bem como o tempo de formação, designando ainda um conjunto de atividades que vão caracterizar a natureza do trabalho dos técnicos ou especialistas em educação regulamentando as habilitações – administração, orientação educacional, supervisão e inspeção escolar. Traz também exigências de estágio inclusive para as habilitações.

Muitas questões são levantadas em relação a formação do pedagogo em torno de um currículo mínimo, do conjunto de tarefas destinadas a cada habilitação, da fragmentação do trabalho na escola, etc.

A partir dessas considerações e reflexões é possível perceber que o movimento de discussões e mudanças no âmbito da formação do pedagogo tem continuidade avançando por meio de três períodos denominados de Período de Regulamentações (1939 – 1972); Período de Indicações (1973-1978) e período de propostas (1979-1998).

Para Silva (1999), a construção e o reconhecimento de uma identidade para o Curso de Pedagogia se constitui como questão central, cuja discussão se torna necessária para compreender com clareza o trabalho do pedagogo, sua função social, seu papel e contribuições diante de constantes afirmativas de que o pedagogo era um especialista em generalidades. Nesse sentido a autora afirma que a questão da identidade do curso de Pedagogia encontra-se posta no momento de sua introdução no Brasil, em 1939, através do Decreto-lei n.º 1.190.

No percurso das discussões que acompanham a evolução do curso instituiu-se então, uma marca que o interroga permanentemente sobre conteúdos e sentidos próprios, perfil dos egressos, campo de atuação, função e papel do pedagogo. Franco (2008) diz que muitas perguntas ressoam ainda intensamente na década de 90, e se renovam seguidamente desencadeadas pela legislação (Lei 9394-96), exigindo respostas corajosas e urgentes. Franco, (2008, p. 73), reflete sobre os caminhos da pedagogia num percurso aberto continuamente pelas críticas.

A pedagogia, para poder dar conta do seu papel social, deverá definir-se e exercer-se como uma ciência própria, que liberta dos grilhões de uma ciência clássica e da submissão às diretrizes epistemológicas de suas ciências auxiliares, a fim de que possa se assumir como uma ciência que não apenas pensa e teoriza as questões educativas, mas que organiza ações estruturais, que produzem novas condições de exercício pedagógico, compatíveis com a expectativa da emancipação da sociedade.

A evolução das concepções a respeito do Curso de Pedagogia se desenvolve considerando a condição educativa da própria sociedade e a necessidade de se buscar caminhos para humanização do homem como sujeito histórico, “capaz de interagir com suas condições existenciais, modificando-as e sendo por elas transformado” (FRANCO, 2008, p. 110).

Autores como BRZEZINSKI, (1996), vão afirmar que do final do século XIX até 1930, os professores são formados nas Escolas Normais, cujos modelos de organização vão sendo substituído pelos Institutos e Faculdades de Educação.

Em 2006, as diretrizes curriculares para formação de professores mostraram que a identidade do Curso de Pedagogia deveria ser pautada pela docência, implicando a licenciatura como identidade consequente do trabalho do pedagogo. As habilitações foram extintas, e o curso passou a vigorar como Pedagogia – licenciatura, ampliando a concepção de docência, abrangendo um conjunto de atividades que permitiriam conforme o foco do curso, dar conta das demandas institucionais, seja nas escolas, ou em espaços não escolares.

Vimos, nessa breve exposição que desde o momento da sua criação, o Curso de Pedagogia vem apresentando diversos problemas, sendo objeto de muitas críticas e disputas políticas e acadêmicas. Problemas de natureza diversa, que vêm acompanhando-o ao longo do tempo. É na própria gênese do curso que se instala a discussão central em torno do papel do pedagogo e da especificidade da sua profissão.

Reflitamos agora, sobre a pedagogia oferecida em turno noturno, no contexto da FPD, tentando compreender algumas questões possíveis de serem levantadas como preocupações

legítimas dos educadores, considerando-se a situação nova do curso que estava sendo inaugurado.

Nessa perspectiva, entendemos que historicamente as origens do ensino noturno se encontram calcados no paradigma compensatório de cunho assistencialista, surgindo como um espaço político-pedagógico para dar conta dos problemas apresentados por uma clientela que não tinha condições de estudar no turno diurno.

Os estudos em turno noturno que nascem das reivindicações populares, para sanear as situações de carência, visam suprir o que não pôde ser alcançado em tempo hábil, criando-se mecanismos pedagógicos diferenciados para uma clientela específica, que poderiam realizar seus estudos nos cursos supletivos e alfabetização de jovens e adultos. Já nessa forma de atendimento educacional se distingue comumente o perfil do aluno noturno como aquele trabalhador esforçado que chegava na escola cansado da lida, portanto, supunha-se com pouca disposição para enfrentar os estudos em turno noturno, embora fosse essa a sua única opção de continuar os estudos.

Diante das questões reconhecidas nesse histórico da educação, podemos então dizer que na FPD, a oferta do Curso de Pedagogia em turno noturno representou uma opção fundamentada numa realidade concretamente verificada no cenário educacional nacional e também em Sergipe.

Nesse sentido, cabe-nos salientar as contribuições do Ginásio da Pio Décimo²⁰, que fora adquirido pelo professor Sebastião, e se transformara em Colégio Pio Décimo²¹, e na época da Fundação do Curso de Pedagogia já tinha presença significativa no cenário da educação, oferecendo à comunidade sergipana os Cursos: ginásial, colegial, cursos técnicos com a criação da Escola Técnica de Comércio Pio Décimo, e sobretudo, destacamos que o Colégio também oferecia o Curso Pedagógico e o Curso Adicional, constituindo para si mesmo, como fruto de uma sabedoria empresarial, que transparece na fala dos entrevistados fundadores, uma demanda própria, um corpo de alunos que vislumbrava a possibilidade de continuidade de estudos com a criação da Faculdade em turno noturno.

As narrativas dos fundadores nas entrevistas realizadas se reportam a consolidação do Colégio Pio²² Décimo, como um empreendimento de sucesso, que deu base para que o professor Sebastião pudesse pensar na criação de uma faculdade.

²⁰ O Ginásio Pio Décimo foi autorizado pela Portaria n. 965 de 1951.

²¹ Colégio Pio Décimo, autorizado pela DECISÃO n. 01/68 “para funcionar com o Curso Pedagógico (Colégio Normal), 1º e 2º Ciclos no Ginásio Pio Décimo. (Fonte: Arquivos do Colégio Pio Décimo).

²² Consta em documento localizado que trata do reconhecimento do colégio, no item de “Histórico da Entidade” que as origens do Colégio datam de 29 de maio do ano de 1954, “quando foi fundado o Ginásio Pio Décimo, pelo

Assim, compreendemos que a Fundação da FPD não ocorreu somente como fruto de uma vontade idealizada pelo espírito pioneiro do seu fundador, desprovido de outras condições que pudessem favorecer e fortalecer o seu ideal e as suas decisões naquele momento de criação do curso noturno de Pedagogia.

Ressaltamos que essa visão sustentada do cenário educacional motivacional da época da criação do Curso de Pedagogia, somente pôde ser melhor percebida, após aquisição desses conhecimentos peculiares que vão sendo dispostos no decorrer da pesquisa, alinhando “fios soltos”, que se integram ao quadro da fundação, caracterizando os fatores que interferiram e contribuíram para tecer a sua emergência.

Nessa perspectiva, a entrevista com o Senhor Osvaldo Menezes Santos (Seu Osvaldo), vice-diretor do Colégio Pio Décimo, elucida fatores relativos a estrutura que deu possibilidade ao professor Sebastião para que fosse pensado e executado o empreendimento da Faculdade. Assinalamos que recebemos de Seu Osvaldo um compêndio documental que relata toda a história do Colégio Pio Décimo²³ em termos dos processos de autorização e reconhecimento e que nele pudemos comprovar a diversificada oferta de formação para o magistério que era realizada pelo Colégio. Eram seis os cursos ofertados no âmbito do magistério, conforme consta em documento que solicita reconhecimento, datado de 09 de outubro de 1979, encaminhado a professora Lindalva Cardoso Dantas, então Presidente do Conselho Estadual de Educação do Estado de Sergipe:

- Formação de professores para o magistério de 1º grau com habilitação em Comunicação e Expressão;
- Formação de professores para o magistério de 1º Grau com habilitação em Estudos Sociais;
- Formação de professores para o magistério de 1º Grau com habilitação em Ciências;

professor Joaquim Manoel Soares de Lima, conforme Portaria n. 965/54/MEC. Adquirido pelo professor José Sebastião dos Santos no ano de 1963. Destacamos que o Colégio foi reconhecido como entidade de utilidade pública pela Lei Municipal de n. 32, de 14 de outubro de 1968, publicada no Diário Oficial do estado de Sergipe de n. 15.800, de 18 de outubro de 1968. (...). É atualmente um estabelecimento mantido pela Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo, sociedade civil, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade de Aracaju, capital do estado de Sergipe, à rua Estância, n. 362/382, tendo como seu Diretor o Doutor José Sebastião dos Santos. ”

²³ Aqui destacamos que o percurso da pesquisa não é linear, e tampouco se limita ao estudo do objeto encerrado em si mesmo. Desta forma, identificamos na documentação preservado do Colégio, motivos para realização de outras pesquisas, igualmente inéditas, que possam perseguir essa mesma linha de formação em relação a oferta de cursos formadores de professores em nível de segundo grau. ”

- Formação de professores para o magistério de 1º Grau com habilitação para o Maternal e Jardim de Infâncias;
- Formação de professores para o magistério de 1º Grau com terminalidade na quarta série do segundo Grau como opção;
- Formação de professores para o magistério de 1º Grau com Habilitação em Alfabetização.

Também, ressaltamos que ficou claro na fala dos fundadores as expectativas da Faculdade em relação ao perfil da clientela que estava sendo visualizada naquele momento, tendo em vista especialmente três aspectos que valem a pena destacar:

- 1) No movimento de planejamento e organização do curso, quando o diretor - professor Sebastião já identificava a possibilidade de absorver como demanda para o curso superior de pedagogia a sua própria clientela, proveniente dos cursos técnicos, especialmente do curso de pedagogia (curso normal) e adicional, que como dissemos antes ele já oferecia a nível do Colegial;
- 2) A possibilidade de oferta a noite, uma vez que muitos interessados em se preparar adequadamente para dar aulas, trabalhavam nas escolas primárias públicas e particulares durante o dia, constatando-se uma necessidade de qualificação desses professores que só possuíam o curso de pedagogia a nível secundário ou considerado ainda os professores leigos que lecionavam sem ter feito o curso normal.
- 3) A evidência da necessidade de formação dos professores que precisavam dar continuidade aos seus estudos para cumprir a sua função docente correspondendo às expectativas da sociedade e avançando na carreira, melhorando seus rendimentos salariais, assegurando proventos mais substantivos, inclusive tendo em vista as questões da aposentadoria.

Podemos afirmar que em cada aspecto pontualmente apresentado se destaca uma possibilidade concreta e necessária para viabilizar a ação idealizadora da Fundação da Faculdade com a abertura do Curso de Pedagogia.

Dessa forma podemos realçar a presença de condições objetivas declaradas pelos entrevistados que apontaram a positividade da estrutura física já existente, representada pelas instalações do Colégio Pio Décimo, que dispunha de salas livres durante o turno noturno. Também, além da estrutura física, outros itens igualmente importantes estariam à disposição

como um conjunto de recursos materiais, equipamentos, e espaços pedagógicos e administrativos, mas, sobretudo seria possível contar com a presença de uma organização didático-pedagógica, consolidada numa forma peculiar de gestão da educação. Todos esses aspectos constituíram-se como pontos de fortalecimento para assegurar o avanço das proposições promotoras dos objetivos e metas que integravam o planejamento da Fundação da Faculdade Pio Décimo.

Durante as entrevistas, especialmente com os professores-fundadores, notamos a partir das suas narrativas de memórias, que eles pressupunham aquele turno noturno de ensino como uma questão muito natural, e que não representava grandes mudanças pedagógicas, nem para os professores, porque muitos já estavam ministrando aulas a noite, no próprio Colégio Pio Décimo, nem para os alunos ingressantes porque muitos já estavam acostumados com a rotina dos estudos em turno noturno, por terem tido antes essa experiência em nível secundário.

A preocupação com a definição de um perfil desses alunos se registra pois sob a dimensão administrativa, que fica constatada ao localizarmos uma relação contendo os nomes e endereços dos 160 alunos matriculados no primeiro ano do curso.

No entanto, não foram localizados outros documentos de análise pedagógica vinculados a essa questão do turno noturno que ficou ressaltada como podemos ler no Projeto de Curso, nas únicas páginas que foram encontradas, relativas à “justificativa Social do Projeto”, – documento dos arquivos da Secretaria da FPD, datado de 4 de novembro de 1974 assinado pelo professor José Sebastião dos Santos, como se pode verificar a seguir:

Grande parte do magistério sergipano em exercício, da rede oficial, pública ou particular, principalmente a que só possui o antigo curso normal, busca completar, quanto antes, a sua formação profissional a nível do Ensino Superior. Imperativo que resulta do estímulo do artigo 39 da Lei n. 5692/71 (remuneração dos professores e especialistas) e da aspiração de aperfeiçoamento e de atualização para o desempenho das tarefas do magistério na evolução atual da Educação Brasileira.(...) permita-se enfocar que **será o primeiro curso a funcionar a noite, possibilitando, assim, que muitos professores da capital e do interior – regentes pelo dia - possam atender ao reclamo da Lei 5692/71** e completar seu ciclo de estudos, sem prejuízo da força de trabalho que já representam o magistério (Grifos nossos).

Havia, além das motivações pessoais, a constatação de demandas reais e muito próximas, formadas pelos alunos concludentes dos cursos normais e técnicos oferecidos pelo Colégio Pio Décimo e que, naquele momento se constituiriam como foco das atenções mais imediatas para formar as primeiras turmas do Curso em pauta

Figura 4 – Justificativa social do curso (fl. 01)

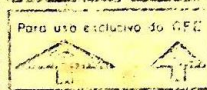
4 - JUSTIFICATIVA SOCIAL DO CURSO				RELATOR		ALF. PAZ	
S	D	I	C	N	1/2		
<p>A ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO", que mantém o Curso Pedagógico (a nível de 2º grau) e o Curso de Estudos Adicionais (previsto no Art.30, §1º, da Lei nº 5.692/71, deseja, com o Curso de Pedagogia na sua futura Faculdade de Estudos Sociais e Aplicados de Aracaju, cooperar com o Governo Federal no preparo adequado do magisterio e completar a estrutura vertical de sua atuação na formação de professores e especialistas para o ensino de 1º e 2º graus.</p> <p>O curso de Pedagogia, de que trata o presente processo, compreenderá as seguintes habilitações: Administração Escolar (licenciaturas de 1º grau e plena); Supervisão Escolar (licenciaturas de 1º grau e plena); Orientação Educacional (licenciatura plena).</p> <p>Grande parte do magistério sergipano em exercício, da rede oficial ou da particular, principalmente a que só possui o antigo curso normal, busca completar, quanto antes, a sua formação profissional a nível de Ensino Superior. Imperativo que resulta do estímulo do Art. 39 da Lei nº 5.692/71 (remuneração dos professores e especialistas) e da aspiração de aperfeiçoamento e de atualização para o desempenho das tarefas do magistério na evolução atual da Educação Brasileira. Se assim ocorrer com os que já estão no trabalho docente, <u>inúmeros</u> são os jovens, concluintes do 2º grau, que pretendem ingressar no curso de Pedagogia.</p> <p>A Universidade Federal de Sergipe, não obstante o seu valioso trabalho, não pode atender, sozinha, à demanda que hoje existe no Estado de referência à formação de professores e especialistas. Prova do alegado é que, para o curso de Pedagogia, APENAS NO TURNO DIURNO, oferece somente 70 (setenta) vagas, quando, para o seu último curso vestibular, inscreveram-se mais de 500 (quinhentos) candidatos. Quantidade de pretendentes que cresce ano a ano.</p> <p>O Estado de Sergipe, pela sua pequena extensão territorial, apresenta uma particularidade: a sua capital - Aracaju (com 220.000 habitantes) - está muito próxima dos outros municípios, todos a ela ligados por um bom sistema de estradas asfaltadas. Esta circunstância permite às pessoas do interior, inclusive professores, que frequentam (como ocorre com o Curso Adicionais), com regularidade, diariamente, pelo dia e pela noite, as aulas na Capital. As mais distantes sedes municipais ficam, de Aracaju, a menos de uma hora de transporte rodoviário, havendo várias delas que não passam, pela proximidade, de bairros da própria Capital.</p> <p>O curso de Pedagogia, ora solicitado, SERÁ O PRIMEIRO, em</p>							
<p>LEGENDA</p> <p>1) S = SATISFATORIO; D = EM DILIGENCIA (PARA NOVOS ESCLARECIMENTOS OU APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR); I = INSUFICIENTE (QUANDO A FALHA NÃO PARECER SANÁVEL EM PRAZO INFERIOR A UM ANO).</p> <p>2) C = COMPROVADO; N/C = NÃO COMPROVADO.</p>				<p>SPF - MEC - CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO</p>		<p>Mod. 01/09</p>	

Figura 5 – Justificativa social do curso (fl. 02)

14 - JUSTIFICATIVA SOCIAL DO CURSO		RELATOR		VLM CAL	
S	D	I	C	N/C	
Sergipe, da rede particular e o segundo a existir, visto, no momento, só a Universidade Federal o mantém, pelo dia, com 70 (setenta) vagas; não constituindo, como se vê, "duplicação desnecessária ou dispersão prejudicial de recursos..." (Art. 60 da Lei nº 5.692/71); mas, ao contrário, uma iniciativa de comprovado interesse social e de ação supletiva no campo prioritário da formação de docentes e especialistas. Permite-se enfocar que será o primeiro curso a funcionar à noite, possibilitando, assim, que muitos professores da capital e do interior - regentes pelo dia - possam atender ao reclamo da Lei nº 5.692/71 e completar o seu ciclo de estudos, sem prejuízo da força de trabalho que já representam no magistério.					
<p>Sé em Sergipe há necessidade, urgente, de melhor qualificação do seu professorado de 1º e 2º graus e de abrir novas oportunidades aos que desejam fazer as habilitações do curso de Pedagogia, outra verdade é a grande escassez, ainda, de docentes com os requisitos exigidos para o magistério de nível superior, principalmente se os seus títulos forem comparados com os seus colegas dos grandes centros, como, por exemplo, o Grande-Rio, São Paulo, Minas Gerais, Brasília e Rio Grande do Sul. Os diplomados por cursos de pós-graduação e de especialização são raríssimos em Aracaju. A própria Universidade Federal de Sergipe sente e sofre a falta de professores, em quantidade suficiente, com o mínimo de qualificação exigida. Esta realidade dificultou, em muito, a organização do corpo docente ora submetido à aceitação do CFE. No entanto, foi arremetido dentre os professores, disponíveis, melhores qualificados, sendo alguns da própria Universidade Federal. Propõe-se esta Associação a promover constante aperfeiçoamento do seu professorado e indicá-los para cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento em instituições que os mantenham. O curso de Pedagogia que ora é proposto virá também ao encontro de inúmeros professores leigos, em atividade, que concluíram o ensino de 2º grau pelo exame supletivo.</p>					
Aracaju, 4 de novembro de 1.974.					
<p style="text-align: center;">Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo</p> <p style="text-align: center;">_____ Presidente</p>					
<p>LEGENDA</p> <p>1) S = SATISFATORIO; D = EM DILIGENCIA (PARA NOVOS ESCLARECIMENTOS OU APRESENTAÇÃO DE DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR); I = INSUFICIENTE (QUANDO A FALHA NÃO PARECER SANÁVEL EM PRAZO INFERIOR A UM ANO).</p> <p>2) C = COMPROVADO; N/C = NÃO COMPROVADO.</p> <p>CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO</p>					

Não sendo localizado o Projeto de Curso enviado ao MEC para o credenciamento da Faculdade, cabe refletir ainda sobre alguns itens que estão registrados nessas duas folhas soltas, encontradas, com identificação na borda superior como “Justificativa Social do Curso”, que põe em evidência aspectos do cenário da educação sergipana, e condições que motivaram a abertura do curso na FPD, no turno noturno, destacando a questão relativa à composição do corpo docente:

A própria Universidade Federal de Sergipe sente e sofre a falta de professores, em quantidade suficiente, com o mínimo de qualificação exigida. Essa realidade dificultou em muito a organização do corpo docente ora submetido à aceitação do CFE. No entanto foi arregimentado dentre os professores disponíveis, melhores qualificados, sendo alguns da própria Universidade Federal de Sergipe [...]. O curso de Pedagogia que ora é proposto virá também ao encontro de inúmeros professores leigos em atividade que concluíram o ensino de segundo grau pelo exame supletivo.

É clara a preocupação com a formação da primeira equipe de professores cujo perfil profissional, deveria ser qualificado adequadamente para atender às exigências do Conselho Federal de Educação. O documento que destaca a Justificativa Social do Curso ressalta que a própria Universidade Federal de Sergipe também era desafiada quanto a essa questão, porque não se encontrava ainda no Estado professores com as devidas credenciais de formação e experiência.


A informação de que o corpo docente fora arregimentado junto ao quadro de docentes da UFS, com indicação de professores escolhidos entre os mais qualificados, se constituiu numa maneira de validar e assegurar a aceitação do pedido de abertura do Curso, uma vez que esses docentes já estariam legitimados pela experiência desenvolvida numa instituição de educação superior, contemplando certamente todos os critérios exigidos pela legislação vigente.

Também foi encontrada uma listagem dos alunos do primeiro ano do curso que mostra os 80 ingressantes do primeiro semestre de 1976, divididos em duas turmas “A” e “B” com 40 alunos cada turma.

O documento segue, relacionando os alunos matriculados entre 29 de março e 03 de abril de 1976:

Acompanhar o desdobramento profissional desses egressos e os lugares que ocuparam na História de Educação, constitui-se a nosso ver, em uma investigação desafiadora a ser realizada posteriormente, possibilitando entender o impacto dessa formação em nível pessoal e profissional dos primeiros alunos da FPD.

Figura 6 – Relação dos alunos fundadores (fl. 01)


Ministério da Educação e Cultura
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO"
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU

Aracaju — Rua Estância, 362/382 - Fone: 222.4477 — Sergipe
 (AUTORIZADA A FUNCIONAR PELO DEC. FED. N.º 77.232 DE 25/02/76)

ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU, MATRICULADOS NO PERÍODO DE 29 DE MARÇO A 03 DE ABRIL DE 1976:

TURMA "A"

- 01) Ana Cristina Vieira Vilanova (aprovada no 1º Período de 1976);
- 02) Ana Izabel Barros Santos (idem, idem);
- 03) Ana Lúcia Cruz Menezes (idem, idem);
- 04) Ana Soares de Souza (reprovada em Filosofia e Antropologia);
- 05) Arlete Maria Silva (aprovada no 1º Período do 1º sem. 1976);
- 06) Clara Elizabeth Wine Oliveira (reprovada em Língua Portuguesa I e Introdução à Metodologia Científica);
- 07) Clara Magalhães Garcia Moreno (aprovada no 1º Período 1976);
- 08) Dalete Maria Samico Silva (reprovada em todas as disciplinas por insuficiência de frequência) repetente no 2º semestre;
- 09) Edênia Silveira Santos (aprovada no 1º Período de 1976);
- 10) Eduardo José dos Santos (idem, idem);
- 11) Eliana de Carvalho Almeida (idem, idem);
- 12) Eliane de Jesus Tôrres (idem, idem);
- 13) Elvira Urânia Nóbrega Moreira (idem, idem);
- 14) Emiralva Simões Cruz (idem, idem);
- 15) Erotildes Batista dos Santos (reprovada em Metodologia);
- 16) Eva Melo de Carvalho Prado Ramos (aprovada no 1º Período);
- 17) Fidelina Maynard Brito (reprovada em Metodologia);
- 18) Francisca de Souza Prata (aprovada no 1º Período de 1976);
- 19) Gladys Selma Menezes Mendonça Leite (idem, idem);
- 20) Gleide dos Santos Travassos (reprovada em todas as disciplinas por insuficiência de frequência e abandonou o curso);
- 21) Izolina Maria Bandeira Boto (aprovada no 1º Período de 1976);
- 22) Jandira Côrtes Reis (idem, idem);
- 23) Joana Angélica Moreira Seixas (idem, idem);
- 24) Jocelina Gilda de Freitas Rezende (idem, idem);



 DE MELO RIBEIRO

Figura 7 – Relação dos alunos fundadores (fl. 02)




 <p>Ministério da Educação e Cultura ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO" FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU</p> <p>Aracaju — Rua Estância, 362/382 - Fone: 222-4477 - Sergipe (AUTORIZADA A FUNCIONAR PELO DEC. FED. N.º 77.232 DE 25/02/76)</p> <hr/> <p>TURMA "A" - fl. 2</p> <p>25) Joelina de Oliveira Santos (aprovada no 1º Período de 1976); 26) Jorge Carvalho do Nascimento (idem, idem); 27) José Américo Gomes (idem, idem); 28) Josefa Garcia de Carvalho (idem, idem); 29) Judith Caetano dos Santos (idem, idem); 30) Linail Alves dos Santos (idem, idem); 31) Lizandro Ferreira Machado (idem, idem); 32) Lúcia Maria da Silva (idem, idem); 33) Manoel de Carvalho Garção (idem, idem); 34) Margarida Maria Cruz Santana (idem, idem); 35) Maria Albertina de Santana Oliveira (idem, idem); 36) Maria Amélia dos Santos (idem, idem); 37) Maria Angélica de Oliveira (idem, idem); 38) Maria Aparecida Rodrigues (idem, idem); 39) Maria Aparecida Teles de Matos (idem, idem); 40) Maria Auxiliadora Sobral de Menezes (reprovada por insuficiência de frequência em todas as disciplinas e cancelou definitivamente sua matrícula).</p> <p>TURMA - "B"</p> <p>41) Maria Carlota Cruz (aprovada no 1º Período do 1º sem. 1976); 42) Maria Carmem Chagas Alves (idem, idem); 43) Maria do Carmo Guimarães (idem, idem); 44) Maria da Conceição Sucupira Garcez (idem, idem); 45) Maria Creuza Nascimento (idem, idem); 46) Maria Elódia Barbosa de Deus (idem, idem); 47) Maria de Fátima Barros de Oliveira (idem, idem); 48) Maria de Fátima Gonçalves Cerqueira (idem, idem); 49) Maria de Fátima Lima Prado (idem, idem); 50) Maria de Fátima Santos Siqueira (idem, idem);</p> <p style="text-align: right;">  SANDINO DE MELO RIBEIRO </p>


Figura 8 – Relação dos alunos fundadores (fl. 03)


Ministério da Educação e Cultura
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO"
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU

Aracaju — Rua Estância, 362/382 - Fone: 222-4477 - Sergipe
 (AUTORIZADA A FUNCIONAR PELO DEC. FED. N.º 77.232 DE 25/02/76)

TURMA "B" - cont. fl. 3

51) Maria das Graças Vasconcelos Machado (aprovada no 1º Período);
 52) Maria Ivanúzia Bispo (reprovada em Filosofia I);
 53) Maria Izabel da Conceição Santos (idem, idem);
 54) Maria Jeanne de Sá Oliveira (aprovada no 1º Período de 1976);
 55) Maria José Carvalho de Lima (idem, idem);
 56) Maria José de Lima (idem, idem);
 57) Maria José Souza (idem - reprovada em Sociologia I);
 58) Maria Josenalva Sampaio de Oliveira (aprovada no 1º Período);
 59) Maria Lindinalva Sampaio de Oliveira (idem, idem);
 60) Maria Luiza Ferreira Ribeiro (reprovada em Filosofia I);
 61) Maria Luzia Machado (aprovada no 1º Período / 1º Semestre/1976);
 62) Maria Marlete Pinto de Sá (idem, idem);
 63) Maria da Pureza Souza (idem, idem);
 64) Maria Raymunda de Souza Alcântara (idem, idem);
 65) Maria Terezinha Almeida Mendonça (idem, idem);
 66) Maria Virginita Santos (idem, idem);
 67) Marilene de Matos Melo (idem, idem);
 68) Marlene Santana Simões (reprovada em Filosofia I);
 69) Marlene Santos de Andrade (aprovada no 1º Período de 1976);
 70) Martha de Souza Menezes (idem, idem);
 71) Matilde Santos (idem, idem);
 72) Neemias Araújo de Carvalho (idem, idem);
 73) Ninfa Maria Machado Lôbo (idem, idem);
 74) Núbia Silveira Santos (idem, idem);
 75) Sacha Lídice Pereira Von Sohsten (idem, idem);
 76) Selma Maria Silva Souza (idem, idem);
 77) Simone Jacira Alves (idem, idem);
 78) Verônica Souza dos Reis (idem, idem);
 79) Wandecy Espínola de Araújo (idem, idem);
 80) Zilná dos Santos (idem, idem - 1º Período do 1º Semestre 1976).


 SANDINO DE MELO RIBEIRO

SESSÃO 4 – “NOITES PIONEIRAS” DA EDUCAÇÃO NA FPD

A sutileza de uma novidade reanima origens, renova e redobra a alegria de maravilhar-se (BACHELARD, 2009, p. 13).

Nessa sessão, tecemos a história do Curso de Pedagogia da FPD, apresentando as Noites Pioneiras da Educação Superior na FPD como “uma novidade que reanima origens, renova e redobra a alegria de maravilhar-se”, conforme diz Bachelard na epígrafe desta sessão, porque a fundação do Curso oportunizou, de fato, a criação de um novo cenário educacional, com novas chances de acesso ao ensino superior, inaugurando novos procedimentos que nasceram nas raízes da fundação do Curso de Pedagogia. A sessão contempla, a partir da trajetória de vida e das memórias do seu fundador e primeiro diretor, professor José Sebastião dos Santos, os principais desafios para efetuar a sua implantação; como se constituiu e qual o significado do Curso Noturno de Pedagogia em Sergipe. Também são evidenciados nesta sessão as narrativas orais dos fundadores-funcionários Osvaldo Menezes Santos e Emiralva da Cruz Souza, abordando os percursos primordiais dos processos organizaram e possibilitaram o acontecimento das “Noites Pioneiras da Educação em Sergipe”.

Narrar sobre essa trajetória me torna sensível para entrelaçar as lembranças que fazem emergir uma memória seletiva, potencializando cenários relativos aos tempos que marcaram a vida escolar, os processos de formação profissional, as relações promotoras de sentidos e vivências que foram me constituindo como pedagoga.

Nessa “viagem” de retorno ao passado recente, fomos passeando entre as frestas do tempo, dando conta das marcas relevantes impressas pelos contextos sociais e por outras faces que me olham do fundo desse espelho que foi constituindo as raízes da nossa formação e, nos fazem agora ressurgir, nessa manifestação narrativa, em múltiplas faces, cuja interpretação peculiar feita pelo olhar do que hoje sou, nos permitiu analisar para além desse reflexo pessoal que “não vimos ao mundo providos de espelhos, mas de pares: a consciência de nossa própria individualidade organiza-se e desenvolve-se em nossas relações sociais” (FONTANA, 2005, p. 63). Ainda Fontana (2005, p. 63), ao abordar o tema da dialética dos espelhos à autoconsciência, inicia o texto dizendo que:

Ninguém vem ao mundo provido de um espelho. Fomos nós quem os criamos. [...]. Ao nascer, cada um de nós mergulha na vida social, na história, e vive, ao longo de sua existência, distintos papéis e lugares sociais carregados de significados – estáveis ou emergentes – que nos chegam pelo outro. Somente em relação ao outro indivíduo tornamo-nos capazes de perceber nossas características, de delinear nossas peculiaridades pessoais e nossas peculiaridades como profissionais, de diferenciar nossos interesses das metas

alheias e de formular julgamentos sobre nós próprios e sobre o nosso fazer. A partir do julgamento que os outros fazem de nós, do julgamento que fazemos dos outros e percebendo os julgamentos dos outros sobre nós próprios tomamos consciência de nós mesmos, de nossas especificidades e de nossas determinações.

Portanto, reconhecemos que esses profissionais, precisam ser ouvidos, reconhecidos, credenciados em suas experiências pessoais e institucionais, produtoras de saberes e práticas, exigindo, da ciência, um olhar investigativo que sem desconsiderar contribuições tradicionais consolidadas em outras abordagens mais objetivas, permitindo novas construções teóricas e metodológicas, apropriadas para compreender os diferentes percursos de constituição desses sujeitos a partir deles próprios e das múltiplas experiências vividas no âmbito das instituições que os acolhe. A subjetividade das experiências cotidianas como testemunhas de uma memória legítima, representativa de determinados acontecimentos e épocas, é reveladora de intimas, valiosas possibilidades que, no âmbito da história oral passam a ser reconhecidas com o mérito do rigor científico.

Diz Alarcão (1997, p. 7) que: “Cada ser humano trilha seu próprio percurso de formação, fruto do que é e do que o contexto vivencial lhe permite que seja, fruto do que quer e do que pode ser.” Dessa forma, não nos tornamos professores apenas no contexto da formação acadêmica e profissional. Formação é processo aberto, ao mesmo tempo totalizante e inconcluso, sempre em andamento, sempre se fazendo e refazendo, seja nos espaços institucionais formalizadores do processo educativo, seja na ampla variedade de possibilidades postas a cada um de nós pelas oportunidades experimentadas nas andanças da vida. Considerar o teor dessas oportunidades se faz agora importante para que se compreenda o significado dessa variedade de pontos de partida que se renovam perpetuamente a cada passo dado no percurso das múltiplas experiências, nas quais somos protagonistas centrais e singulares. Fontana (2005, p. 50) que assume a tese da constituição recíproca entre o eu pessoal e o eu profissional, ancorada nas constatações de Soares (2001, p.18), afirma que:

O processo em que alguém se torna professor é histórico. Na trama das relações sociais de seu tempo, os indivíduos que se fazem professores vão se apropriando das vivências práticas e intelectuais, de valores éticos e das normas que regem o cotidiano educativo e as relações no interior e no exterior do corpo docente. Nesse processo, vão constituindo seu ser profissional, na adesão a um projeto histórico de escolarização. Somente o distanciamento da experiência imediata e o confronto com outras perspectivas emergentes na prática social tornam possível a esse indivíduo perceber-se no contexto em que se foi constituindo professor...

Entendemos com Fontana (2005) que é na possibilidade de tomar distância, pelo recurso sensível e misterioso da memória, que podemos retornar ao espaço/tempo/lugar em que

vivemos muitas faces da nossa história de vida. Esse percurso retrospectivo nos emociona e nos permite compreender os diferentes modos como fomos nos constituindo como professores, mediante a diversidade de experiências e relações que experimentamos com os outros nos diferentes contextos (familiar, acadêmico, social, cultural) que nos foram possibilitados para habitar, cuja lembrança é capaz de ressignificar cada novo momento, fazendo com que cada um reconheça entre as múltiplas faces e vivências, de fato, o que é, e como se constitui o ser professor, aqui e agora.

4.1 JOSÉ SEBASTIÃO DOS SANTOS: história de vida e trabalho do primeiro diretor geral da FPD

Em 1976, data que marca a abertura do Curso de Pedagogia na FPD, estávamos ainda distantes das políticas afirmativas e compensatórias, criadas com o intuito de reduzir os largos e injustos abismos sociais que separavam muitos dessa porta de acesso ao ensino superior. Em nosso estado, muitas professoras que lecionavam nas escolas de educação básica (nas instituições públicas ou privadas) ainda não possuíam a certificação necessária. Portanto, percebe-se que foram criadas as condições para instalação da instituição privada de ensino superior.

Em Sergipe, o professor José Sebastião dos Santos, por sua visão empresarial, e por saber aproveitar o momento positivo do cenário nacional, propício para o fomento da iniciativa privada no campo da educação, se tornou pioneiro na implantação do ensino superior noturno, possibilitando o acesso de muitos estudantes ao ensino superior, especialmente daqueles que já atuavam como profissionais da educação, por competência prática, sem a devida qualificação acadêmica. Esses estudantes que trabalhavam no turno diurno, tinham a partir de então a oportunidade de formação profissional num curso superior noturno.

A década de 1970, pós reforma educacional de 68, desenvolveu-se marcadamente com a perspectiva de crescimento na área da educação superior. Souza (2008), em texto que analisa a expansão do ensino superior público federal, atesta que houve muitas mudanças institucionais, que somadas às condições favoráveis da economia, comprovam grande crescimento, especialmente entre os anos 68 e 78, do século passado. A Reforma Universitária de 68 aportou condições necessárias para ampliação da rede de ensino superior privada. Por exemplo, a criação do Concurso Vestibular como mecanismo elitista, excludente, foi fator de incentivo para a rede privada. Seu texto mostra em tabelas, que em 1968 o sistema de ensino superior

privado oferecia 39.756 vagas, passando para 296.635 em 1978, registrando, portanto, expansão considerável em apenas 10 anos. (SOUZA, 2008, p. 13).

Essas breves considerações, situam de forma preliminar o movimento de reformas na educação que se constituiu como estímulo e condição de possibilidade para que também se possa compreender o pioneirismo do professor José Sebastião dos Santos, quando no ano de 1976, decidiu ampliar a sua oferta de educação básica já consolidada pelo Colégio Pio Décimo, junto à comunidade sergipana, oferecendo a oportunidade de formação no primeiro Curso Superior Noturno de Pedagogia numa IES particular. Constatamos, assim, que a decisão do professor José Sebastião dos Santos, doravante denominado a partir daqui apenas como professor Sebastião, – como é reconhecido pela comunidade sergipana –, em fundar uma instituição de ensino superior, trouxe contribuições que se registram na história da educação superior, no sistema privado de ensino, e, conseqüentemente, na história do magistério privado de turno noturno, inaugurado na FPD.

Sendo assim, procuramos acompanhar, a partir da leitura documental e das vozes dos professores fundadores, o momento de fundação do curso, também, se faz apropriado e justo ressaltar nessa sessão, a história de vida do Professor Sebastião, o seu percurso de estudos, de experiências e de trabalho para que possamos conhecer de forma contextualizada suas motivações e propósitos, compreendendo melhor o significado desse momento da fundação da FPD.

Ao conhecer a história sob a perspectiva de um conjunto de leis que aportam possibilidades, temos de fato acesso às discussões e premissas que nos permitiram compreender a motivação justificadora dos acontecimentos sociais relevantes. No entanto, a amplitude de informações que abrange outros inúmeros fatores também relevantes para mobilizar ações dessa natureza, se torna essencial.

Nesse sentido, a possibilidade de *ouvir* das pessoas que vivenciaram os acontecimentos, e especialmente de seu fundador, esses outros fatores subjetivos ainda não registrados, aportaram um novo sentido à ação criadora dessa nova oportunidade de formação superior. Antes desse percurso de escuta das narrativas dos professores que nos revelou dados do movimento de fundação do curso na perspectiva dos sujeitos envolvidos, cujas vivências sofreram interferência e, também, interferiram nas determinações do contexto mais amplo, prevalece a motivação racional e objetiva de ordem social, jurídica e econômica já explícita na sessão anterior ao tratar da evolução do ensino superior evidenciando a década de 70 como propícia às iniciativas das instituições particulares de ensino.

Sem dúvida, uma motivação pertinente, mas que, sem o desvelo das múltiplas experiências que compõem a história de uma vida, reduzem a extensão do olhar sobre essa história do tempo presente. Nas histórias de vida, os silêncios das subjetividades puderam vir à tona através das narrativas de memórias, alargando horizontes para um olhar mais amplo, sensível, circular e profundo sobre os acontecimentos que marcaram o início do Curso de Pedagogia na FPD.

Os dados biográficos e o detalhamento dos acontecimentos passados, que se contempla no depoimento pessoal e narrativas orais que aqui se fazem não caracterizam a amplitude das ações e sentimentos, saberes e fazeres que envolvem em profundidade e extensão contidos no percurso de uma vida de mais 50 anos dedicada a educação, realizada como um trabalho que contribuiu para alargar as portas de acesso ao ensino superior em Sergipe pela oferta de formação em Pedagogia no turno noturno.

Os resultados das entrevistas realizadas com a equipe dos fundadores já nos mostram que, o trabalho comprometido com um ideal de vida, como uma substância inalienável do ser, que revitaliza o espírito humano, está presente no âmago das histórias de vida, que permitem reconstruir na estrutura de um novo olhar, os processos e procedimentos que marcaram a fundação das noites pioneiras do ensino noturno em Sergipe.

Nos primeiros contatos que estabelecemos com o professor Sebastião, em agosto de 2016, com o objetivo de colocá-lo a par do processo e do projeto de pesquisa que abordaria a Memória Institucional da FPD, ele nos disse que considerava aquele momento como um tempo muito especial da sua vida, e que a produção desse trabalho de pesquisa honraria, não somente a ele, mas aos seus entes queridos, – amigos, funcionários e familiares –, especialmente, destacou, honraria aos mestres-professores, catedráticos que deram aos alunos de pedagogia da Pio Décimo, o seu melhor. Estava, pois, satisfeito, e se pôs à disposição, porque o trabalho propiciaria trazer à memória, toda a sua trajetória de vida simples, de certa forma desprotegida das benesses sociais como ele expressou em sua fala (ENTREVISTA, 17/08/2016):

Uma vida humana singela, mas capaz de gerar sentimentos nobres e necessários, guardados na minha memória, na lembrança das pequenas conquistas, das lutas cotidianas, de um tempo difícil, de um tempo exigente de coragem e determinação para sobreviver e avançar a partir das limitadas possibilidades existentes na pequena e tranquila cidade interiorana de Ribeirópolis, no Saco do Ribeiro, onde me orgulho de ter nascido.

O professor Sebastião é filho de agricultor, nascido em 29 de setembro de 1931 numa pequena cidade do interior, que aos 15 anos e 19 dias (como ele mesmo registra em narrativa escrita), veio para Aracaju, no dia 17 de outubro de 1946 para estudar. Ele escreve: (ENTREVISTA, 17/08/ 2016):

Saí do interior para vir me preparar melhor para prestar o exame de admissão para o curso ginásial, quando fiquei interno no Colégio Jackson de Figueiredo, apenas até o final daquele mesmo ano, porque meus pais eram pobres, mas honrados e preocupados com o futuro dos seus filhos sobretudo na parte que toca a instrução, a educação.

Já há alguns estudos de natureza biográfica sobre o professor José Sebastião²⁴. Localizamos, entre outros escritos, um breve registro datado de 29 de setembro de 1977 e que foi elaborado pelas professoras Leda Diniz Mendonça e Marlene Cardoso Chagas²⁵. São 11 (onze) páginas datilografadas, sob o título – História de Uma Vida²⁶ – de natureza memorialística, o texto homenageia o professor e evidencia a importância do seu papel na gestão do cotidiano institucional (MENDONÇA; CHAGAS 1977, p. 2):

A homenagem das professoras (Leda Diniz Mendonça e Marlene Cardoso Chagas) demonstram agradecimento e o desejo de registrar a memória do professor José Sebastião dos Santos.

Prezado Prof. Sebastião: As linhas aqui traçadas foram o resultado de uma pesquisa silenciosa, elaborada com todo carinho e admiração de quem no dia a dia do labor cotidiano, acompanha os seus passos e as suas ações de líder autêntico, de amigo sincero, e de GRANDE CHEFE. Queremos registrar o nosso sincero agradecimento àqueles que serviram de Fonte de nossa pesquisa, especialmente o nosso obrigada à Dona Belaniza, ao Prof. Osvaldo, ao Sr. Clérico e ao José Júlio. Esperamos que receba este pequeno trabalho como testemunho vivo do nosso respeito pela vida de um homem que soube crescer!

Nesse pequeno texto-homenagem que retrata partes de sua história de vida, as professoras vão descortinando uma infância disciplinada, e rodeada de valores morais e espirituais. Elas mostram que aos domingos o menino Sebastião frequentava o catecismo e todas as quintas-feiras ia com a sua fita amarela para participar da Hora-Santa-Eucarística, integrando o Grupo da Cruzadinha²⁷ desde os sete anos de idade; depois pertencendo à Congregação Mariana e ao movimento do Sagrado Coração de Jesus, dá continuidade à sua formação religiosa.

²⁴Alguns professores que me antecederam na Faculdade Pio Décimo, já escreveram sobre a vida do professor Sebastião, porém de modo informal, pessoal, como uma forma de lhe render homenagem pelo trabalho desenvolvido na educação, tanto na educação básica, quanto no ensino superior. São panfletos, discursos, mensagens, poemas, placas... além de inúmeras condecorações e comendas que o homenageiam.

²⁵ As professoras fizeram parte do quadro de fundadores da Faculdade, Marlene Montalvão, como professora no Curso de Pedagogia, e Leda Diniz, como Diretora Acadêmica em 1976.

²⁶A abertura dessa breve homenagem feita por duas competentes e reconhecidas professoras que se distinguiram no cenário da educação sergipana e que foram respectivamente Leda Diniz Mendonça (já falecida) – a primeira coordenadora do Curso de Pedagogia e a professora Marlene Cardoso Chagas, (que hoje tem limites pela fragilidade da sua saúde) uma das professoras do curso em seus primórdios.

²⁷ O “Grupo da Cruzadinha” se refere aos encontros com crianças e jovens que a Igreja Católica desenvolvia através de várias dinâmicas pedagógicas e temas bíblicos em que se ensinava nas aulas semanais de catecismo.

Ao se reportar à aquisição do Colégio Pio Décimo, instituição que deu origem a Faculdade, o breve texto-homenagem (MENDONÇA; CHAGAS, 1977, p. 3) relatou:

Vencendo barreiras que pareciam a todos intransponíveis, solucionando problemas os mais difíceis, recebendo o incentivo de amigos e ajuda de irmãos, entra o corajoso homem num arriscado negócio e sem ouvir as admoestações dos seus, por intuição própria, com a fabulosa coragem que lhe é peculiar, sobretudo com a graça de Deus, compra o “Pio Décimo! Em péssima situação financeira. Com firmeza invulgar, uma persistência assustadora, sem mudar o nome patrimonial como foi aconselhado por muitos, consegue o nosso historiado, transformar o pequenino Pio Décimo em uma Associação de Ensino e Cultura e com ela a alvorada da esperança, o primeiro raio de sol, a fulgurante estrela a reluzir no cenário educacional do estado, fruto de um sacrifício constante, de um pulso firme que se tornou poderoso pela conquista da própria vontade: A FESAA²⁸ com seu curso de pedagogia.

Outros trabalhos em tom memorialístico também foram construídos ao longo do percurso de crescimento da IES, como textos, discursos e poemas elaborados pelo professor Almiro Oliva (2003)²⁹ e professora Sônia Azevedo (2010)³⁰; também um livreto produzido pela professora Mônica Andréa Oliveira Novaes³¹ (2016), como memórias ainda informais, que vão guardando fragmentos importantes da história da Pio Décimo e do seu fundador, inscrevendo-se na linha de textos memorialísticos.

Figura 9 – Professor José Sebastião dos Santos



Foto: Acervo Faculdade Pio Décimo

²⁸ Oficialmente, em sua origem a Faculdade Pio Décimo foi denominada como Faculdade de Estudos Sociais e Aplicados de Aracaju (FESAA), no entanto sempre foi reconhecida publicamente como Faculdade Pio Décimo.

²⁹ Almiro Oliveira, amigo e um dos professores fundadores do Curso de Pedagogia da FPD, tendo atuado também como professor do Colégio Pio Décimo.

³⁰ Professora do Curso de Pedagogia da FPD, desde 1999 e atual coordenadora da pós-graduação.

³¹ Mônica Novaes continua ainda, atualmente como professora de Educação Física do Colégio Pio Décimo, uma das responsáveis pela organização dos desfiles cívicos e festivos, organizando também a Banda de Fanfarra da Pio Décimo que o professor gostava muito de apreciar.

Para composição dessa narrativa, textos de diversas ordens foram agrupados e serviram de base fundamental para uma escritura detalhada dessa sessão, que intercala entre esses recortes narrativos a escrita de próprio punho do professor Sebastião (2016), em texto autobiográfico que ele produziu para caracterizar a sua história de vida em diferentes dimensões – familiar, estudantil, formação e experiência profissional e como chegou a construir a Faculdade Pio Décimo. Isso por conta do tempo de ocupação do professor Sebastião, que se dedicava diuturnamente à instituição decidindo, acompanhando a vida institucional em todos os seus aspectos.

O professor José Sebastião dos Santos nasceu em 29 de setembro de 1931, no Povoado Saco do Ribeiro, hoje Ribeirópolis. Família grande – Sebastião foi o segundo dos 21 filhos. Seus pais: agricultor Antônio Sebastião dos Santos e sua mãe, então agente dos correios Maria Belaniza de Menezes.

Em sua narrativa foi tecendo dados de seu processo de escolaridade, entremeados com as experiências vividas na escola. Estudou as primeiras letras em Ribeirópolis, e ingressou antes dos sete anos na Escola Particular do Senhor Nicolau Amorim, conhecido como “Senhor Mestre”, situada na rua das Tabocas, que tinha como auxiliar a sua filha Alaíde. Ele recorda bem da disciplina da escola primária e conta que todos eram obrigados a decorarem as lições passadas no dia anterior, até o meio dia e “quem não conseguia recebia como castigo meia dúzia de bolos dados por uma palmatória chamada mariquinha” (ENTREVISTA, 17/10/2016):

Quando os meus pais não tinham mais como continuar pagando a pequena quantia cobrada pelo senhor Mestre, ele foi matriculado numa escola isolada n.º 01, criada pela rede estadual, que teve como diretora, a já falecida professora Josefa Valdice de Carvalho, transferida para Aracaju³², deixando em seu lugar a professora Beatriz Carvalho Silveira, também falecida. Desta escola saí no meio do semestre, antes de concluir o quarto ano primário, vindo para Aracaju ampliar as possibilidades de aprendizagem no Colégio Jackson de Figueiredo³³, dos saudosos Benedito Alves de Oliveira e Judite Alves de Oliveira.”

³² A transferência da professora Josefa Valdice para Aracaju se deu por motivos políticos da época, diz o professor Sebastião e que ao haver respondido mal ao colega Paulo Rodrigues durante a realização de uma prova de história, aproveitou o momento para se afastar pois os seus ascendentes pertenciam a velha União Democrática Nacional (UDN) enquanto que os que exerciam autoridade sobre as professoras pertenciam ao Partido Social Democrático (PSD), tendo sido este o principal motivo de vir concluir seus estudos primários no Colégio Jackson de Figueiredo.

³³ O Colégio Jackson de Figueiredo era um colégio particular de Aracaju, muito bem-conceituado e tradicional, cujo ensino rigoroso e sério, já tinha alcançado o crédito da comunidade sergipana. Segundo texto de Miguel Berger, que em estudos da historiografia de instituições educativas privilegiando a cultura escolar destaca que “Em Aracaju, destacou-se o Colégio Jackson de Figueiredo que teve uma atuação marcante na formação da elite masculina, no período de 1938 a 1980, atendendo filhos das famílias abastadas e de destaque no cenário econômico e político. (BERGER, Miguel) NPGED/UFS.

No Colégio Jackson de Figueiredo concluiu os estudos e cursou a primeira série ginásial. Fez então o exame de admissão em 1946, para ingressar na Escola Técnica de Comércio de Sergipe no curso básico e em seguida no curso técnico de contabilidade, que lhe ofereceu oportunidade para o exercício do magistério. Ele ressalta que fez admissão para um curso noturno, porque os seus pais tinham 21 filhos (11 vivos, e 10 falecidos) e não tinham como manter um filho em Aracaju, apenas estudando, sem trabalhar. Por isso, assim que foi aprovado no exame de admissão, não pode mais continuar seus estudos no Colégio Jackson de Figueiredo, ressaltando, porém que o casal de diretores, Benedito Alves de Oliveira e Judite de Oliveira, muito o ajudaram ao compreender as dificuldades dos seus pais e o seu esforço para continuar estudando, oferecendo-lhe condições de permanecer em Aracaju para estudar a noite, sendo um dos seus auxiliares.

Em Aracaju, residiu em muitos pensionatos. Narrou o professor José Sebastião, que a busca de um lugar para ficar hospedado em Aracaju foi difícil e que no período de férias, antes do início das aulas na Escola Técnica de Comércio, em março de 1946, os seus pais, amigos dos pais de João Costa³⁴, (hoje reconhecido professor universitário) que trabalhava na Alfaiataria do Senhor Pedro de Peroba, vieram juntos para procurar em Aracaju, um lugar adequado para que os seus filhos pudessem ficar, uma vez que os hotéis eram impensáveis pelo preço que não poderiam pagar. Professor Sebastião (ENTREVISTA, 17/10/2016) diz:

Foi aí que com a minha ajuda e de João Costa, encontramos na rua São Cristóvão n.º 477 a saudosa dona Maria Doméstica, que trabalhava fazendo artesanalmente toalhas e colchas de renda, levando uma vida muito difícil com o seu filho. Daí porque nos aceitaram na condição de contribuirmos com qualquer parcela que ajudasse nas despesas da família. Eu, como o colega e amigo João Costa, usávamos os domingos para após a missa na catedral, voltarmos à casa para lavarmos e costurarmos as nossas próprias roupas. Passei ainda por outros pensionatos pela necessidade de conseguir melhor alimentação. Fui para um pensionato na rua Divina Pastora e depois para a Pensão Ideal que ficava na rua Itabaiianinha n.º 55, de propriedade do Senhor Marcionilo e Dona Rosinha.

O professor Sebastião destacou que estudou a noite e trabalhou pelo dia, desde muito cedo, para custear os seus estudos. Foi auxiliar de balcão na Casa Rodrigues – situada na Rua João Pessoa, n.º 94, de propriedade do senhor José Rodrigues Santiago. Esse foi seu primeiro emprego remunerado na capital, e ele diz (ENTREVISTA, 17/10 2016):

Fui admitido com a menoridade de 16 anos, contratado para fazer serviços gerais, abrir e fechar a loja, sendo que todas as manhãs, após abrir a loja, antes que o proprietário entrasse com os funcionários, tinha que molhar o chão com

³⁴ “João Costa foi professor de Português em vários colégios e cursinhos de pré-vestibular em Aracaju. Era aposentado da Universidade Federal de Sergipe e como ator, foi o precursor do teatro no Estado de Sergipe.”

pó de serra e espalhar em todo o salão, e então varrer, para que os tecidos não fossem acometidos de poeira.

O Senhor José Rodrigues só aceitou Sebastião porque sendo filho de Macambira, e tendo passado por idênticas dificuldades, ficou impressionado com a disposição do jovem para estudar e trabalhar. Consta no livreto elaborado pela professora Mônica Novaes (2016, p. 6), que na Casa Rodrigues, “ele trabalhou como atendente, faxineiro e também transportador de mercadorias da matriz para a filial”.

O professor Sebastião explica que quando atingiu a maioridade, substituiu a sua carteira de trabalho que era marcada com cor vermelha (para menores) pela carteira de cor marrom (para maiores), mas mesmo assim, esclarece: “não tive qualquer melhoria salarial, recebendo sempre os mesmos 150 mil reis”.

Ressaltou o professor Sebastião que não tinha medo ou preconceito de enfrentar o trabalho, qualquer que fosse a forma, desde que primando pela honestidade e retidão, para completar a renda financeira da família, nos momentos reservados ao descanso ele confeccionava ornamentos de gesso que vendia no Mercado Municipal de Aracaju nas manhãs de domingo.

Com esforço e coragem para trabalhar, garantindo a oportunidade de continuar estudando, o professor Sebastião fez ainda, pequenas escritas contábeis para os comerciantes locais, que se iniciavam na praça de Aracaju, e ele cita alguns desses pequenos comerciantes: Armazém Dois de julho, estabelecido na rua de Pacatuba, do senhor José Talcides de Souza; Casa Alvorada, situada na Av. Coelho Campos do Senhor Zeca da Alvorada e ainda a Fabriqueta de Bebidas instalada na Rua Santa Rosa, do Senhor Manoel Osvaldo Menezes.

Aqui, o professor Sebastião destaca: “Todas essas tarefas rendiam-me alguns trocados, porém o mais importante ficou o aprendizado polivalente – uma grande lição de vida”. Ele nos conta ainda um fato interessante do seu percurso de estudos e da sua vontade de crescer e galgar novos rumos (ENTREVISTA, 17/10 2016):

Quando criada a Faculdade de Medicina, o então diretor Dr. Antônio Garcia Filho, para atender inúmeros apelos de estudantes concludentes do ensino técnico, instituiu um curso de equiparação com as matérias da área médica para atender candidatos pretensiosos ao curso de medicina entre os quais incluía-me. Concluído esse preparatório, enfrentamos o vestibular formando a primeira turma a ingressar na Faculdade de medicina do nosso estado. Tive como companheiro, entre outros, o saudoso Dr. Lauro Maia. Porém, ainda comemorando a vitória da classificação no Concurso Vestibular, sabendo que o curso funcionaria pelo dia e não pela noite, animei-me em procurar o diretor Regional para rogar a mudança no meu turno de trabalho, e este após ouvir as minhas ponderações sem qualquer atenção me respondeu: “estuda quem pode”. Então, frustrado e traumatizado, retirei-me dali, não com orgulho, mas

humildemente para procurar aquilo que o bom Deus já guardava para me dá com outros segmentos nas áreas educacionais e jurídicas.

Mantendo sua narrativa em curso foi recuperando dados de sua formação em nível superior, destacando o curso o Curso de Ciências Jurídicas e Sociais iniciado em Caruaru, Pernambuco e concluído na cidade de Teófilo Otoni, em Minas Gerais, os estudos de Pós-graduação *lato sensu* e iniciou estudos no curso de doutorado que não pode concluir, considerando fragilidades do seu estado de saúde.

Encerrando essa etapa que se refere aos estudos realizados, coube-nos destacar na fala do próprio professor Sebastião o seu interesse e gosto pelos estudos e a crença no poder da educação para promover a ascensão social: “Gostava muito de estudar e isto fazia com muita vontade de vencer na vida. A maior prova desta vontade não se diz com palavras, mas com a forma de vida que eu levava” (ENTREVISTA 17/10/ 2016).

E ele expressa o seu gosto pelos estudos ao detalhar o cenário de trabalho árduo da vida no interior, quando ele e o seu irmão Neval Menezes Santos eram os responsáveis por várias tarefas necessárias para dar conta da vida na pequena propriedade rural. Desde o transporte do leite que se tirava bem cedinho às quatro horas da manhã, para entregar a freguesia; também iam buscar cargas d’água para abastecer a própria casa e a casa dos fregueses, recebendo por esses serviços alguns tocados. Cuidavam das ovelhas e cabras, e depois desse trabalho tinham que estar às oito horas prontos para irem à escola. À tarde as tarefas domésticas continuavam e somente a noite tinham tempo para estudar, “possuídos de grande cansaço”. Essa disciplina doméstica, segundo o que nos diz o professor, muito ajudou na formação da sua personalidade, na sua dedicação ao trabalho e aos estudos, pela vontade de evoluir na vida.

Aprovado em concurso público para o Departamento de Correios e Telégrafos, foi lotado no Tráfego Postal, ficando responsável pela entrega de correspondências em algumas regiões, chamadas de Distritos, ao ser nomeado carteiro. Nos Correios, porque era do partido político contrário ao do diretor regional, recebeu como castigo a transferência para a Agência Postal de Boquim. Retornando a Aracaju, ocupando depois o cargo de chefia do setor de valores da 5.^a secção. Presidiu a Comissão de Elaboração do anteprojeto de Tombamento e Regimento da Diretoria Regional. Como chefe da 5.^a seção, foi presidente da Comissão de Tombamento e Regimento que fazia o enquadramento de todos os servidores do tráfego postal desviados de suas funções. Lá chegou a Posta lista nível 14 quando depois de 20 anos afastou-se para aposentadoria proporcional. Os dados relativos a essa atividade profissional foram apresentados pelo próprio professor e constam do seu *curriculum vitae*. Sem perder nenhuma oportunidade de estudos ou trabalho, nos conta o professor Sebastião, que ao retornar para casa após uma noite de trabalho

ministrando aulas de contabilidade no Curso Técnico da Escola de Comércio do professor Alcebíades Melo Vilas Boas, de onde somente saiu quando adquiriu o Ginásio Pio Décimo, se deparou com um aviso de VENDE-SE! afixado na parede da frente de um prédio, situado na Rua Estância, onde funcionava. Ele disse que se sentiu motivado e que foi nascendo uma grande e incontrolável vontade de adquirir aquele imóvel.

O primeiro proprietário do Ginásio Pio Décimo foi o professor Joaquim Soares Lima em 29 de maio de 1954, sendo mais tarde adquirido pelo Senhor Jamisson Carlos do Amaral e um ano depois pelo coronel João Victor Bonfim que após três anos, colocou novamente à venda Segundo informações do professor Sebastião (ENTREVISTA, 17/10/2016), que ele não se cansava de repetir sempre que falava das origens da instituição, mas também de outros depoentes, especialmente do Senhor Osvaldo Menezes Santos (funcionário-fundador, e irmão do professor), durante a entrevista realizada em (ENTREVISTA, 16/10/2018) quando também afirma que a escola estava em situação precária, não somente pelo montante das dívidas acumuladas, mas também em termos da baixa credibilidade da comunidade, que gerava um reduzido número de matrícula, e tornava insustentável a sua continuidade.

Desde que aquele momento em que viu a placa de vende-se, buscou as condições para adquirir o Ginásio vendeu o carro e procurou viabilizar uma parte dos recursos financeiros através de empréstimo com os amigos e em bancos, para comprar o imóvel e quitar as dívidas que o antigo proprietário havia contraído, uma vez que a escola estava praticamente falida e sem perspectiva de crescimento, professores com salários atrasados, água, luz, telefone e aluguel do prédio, e ainda contando com apenas 89 alunos matriculados, desanimados.

Em 18 de agosto de 1967 adquiriu o Ginásio Pio Décimo do Cel. João Vitor Bomfim, com 89 alunos, dos quais saíram 29. Como resultado do seu esforço, coragem e tenacidade, no mesmo ano, em 7 de setembro já conseguiu desfilar com bandinha³⁵ acompanhando mais de 313 alunos. Ele descreve esse momento crucial da sua história de vida (ENTREVISTA, 17/10/2016):


Parei para pensar o que fazer quase desorientado, porém, com um desejo imenso de vencer. Então resolvi sair de residência em residência para pedir às famílias que me dessem um crédito de confiança transferindo seus filhos dos colégios onde estivessem matriculados para o Ginásio que acabava de adquirir, pois prometia não os decepcionar. Com este trabalho externo e a minha ação nos assuntos internos, inclusive dando aulas e fiscalizando as demais aulas dadas, já consegui participar com os demais estabelecimentos de

³⁵ Sobre a Banda da Pio Décimo, podemos dizer a partir do que se constata ainda hoje, nos eventos públicos ou privados da FPD, ela se constituiu como motivo de orgulho e alegria para o professor Sebastião, como destaca a professora Mônica em livreto (2016), produzido sobre o professor e a instituição.

ensino em desfile cívico de 7 de setembro do mesmo ano da compra, com um contingente de 313 alunos.

A partir desses acontecimentos, criou uma empresa que possibilitou transformar o ginásio em colégio, abrir cursos técnicos, como o curso comercial e o curso de contabilidade. Implantou o curso colegial, o curso de pedagogia e o de administração e em 1969 já oferecia à comunidade sergipana, do ensino do maternal aos cursos técnicos. No mesmo ano, através da Inspeção Seccional do MEC, sediada nesta capital, e graças à contribuição e orientações da então inspetora da Seccional de Sergipe, professora Celina Oliveira Lima, conseguiu a autorização para implantar o curso colegial e o de assistente de administração de empresas.

Figura 10 – Recredenciamento do colégio



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
DIRETORIA DO ENSINO SECUNDÁRIO
INSPECTORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO DE ARACAJU - SERGIPE

Aracaju, 26 de fevereiro de 1.963

ATO Nº 03

A Inspectoria Seccional do Ensino Secundário de Aracaju,
no uso de suas atribuições e amparada pelos direitos que a lei lhe confere,

RESOLVE

Autorizar o funcionamento do Curso Colegial (científico)
do atual Ginásio "Pio Décimo", situado à Rua Estância, nº 302, neste capital,
tendo em vista as boas condições do Estabelecimento, "AD REFERENDUM" do Sr.
nhor Diretor do Ensino Secundário.

Colina Oliveira Lima
Colina Oliveira Lima
INSPECTORA SECCIONAL ENSINO SECUNDÁRIO

Foto: Acervo Faculdade Pio Décimo

No itinerário de expansão dos cursos oferecidos até então no Ginásio Pio Décimo, o professor relata que em 1968 obteve através de DECISÃO N.º 01 do Conselho Estadual de Educação, a autorização para funcionar com o então Curso Comercial do MEC, obtendo autorização através da portaria n.º 961/68 para lecionar com o curso de Técnico em Contabilidade. Interessante registrar o que ele recorda: “Aproveitando a minha estada na então capital da república procurei o superintendente do Banco do Brasil a quem pedi que me doasse máquinas usadas de datilografia, para que eu pudesse, como aconteceu, criar o escritório modelo, para funcionamento do curso de contabilidade” (ENTREVISTA, 16/10/2017).

Ele assinalou que as suas conquistas resultaram do destemor para alcançar seus objetivos e que mesmo se em algumas ocasiões, foi advertido por amigos de que poderia estar dando “um passo em falso”, seguiu sua intuição e não economizou forças para trabalhar e ir em busca dos seus ideais. Por isso conseguiu, à custa de muito trabalho, aumentar a pequena matrícula que encontrou quando adquiriu o ginásio, e no ano seguinte já contava com 1.787 alunos nos vários cursos que conseguiu implementar.

Podemos referenciar aqui, ao que já destacamos em sessão anterior sobre as conquistas realizadas pelo setor privado, para que possamos compreender mais claramente que não resultaram apenas dos sonhos e da coragem desbravadora de empresários interessados, uma vez que há que se considerar as condições propiciadoras situadas no quadro das reformas universitárias realizadas na década de 60 e mais precisamente com a Reforma de 68 que trouxe além dos avanços de ordem geral a possibilidade de inserção do setor privado, propiciada pela legislação e condições estruturais do momento, constituindo-se como um marco desse processo. Martins (2009, pp. 17-19), realça:

O ensino superior privado que surgiu após a Reforma de 1968 tende a ser qualitativamente distinto, em termos de natureza e objetivos, do que existia no período precedente. Trata-se de outro sistema, estruturado nos moldes de empresas educacionais voltadas para a obtenção de lucro econômico e para o rápido atendimento de demandas do mercado educacional. (...) O “novo” ensino superior privado emergiu de uma constelação de fatores complexos, entre os quais se destacam, num primeiro momento, as modificações ocorridas no campo político nacional em 1964 e seu impacto na formulação da política educacional. (...) O sistema de ensino superior não poderia continuar atendendo a um público restrito, tal como vinha acontecendo. Propunha-se assim sua expansão, assinalando, no entanto, a falta de recursos financeiros, o que levou à introdução do princípio da expansão com contenção, que seria reiterado pela política educacional.

Foi assim que, movido por seu ideal e pelas condições propiciadoras daquele momento, que em 1972, o professor Sebastião solicitou a abertura de dois cursos superiores – Pedagogia e Direito. Pedagogia foi aprovado e a Pio Décimo foi pioneira em 1976 na oferta de um Curso

Superior Noturno numa Faculdade Particular, fato que ele retoma sempre externando seu orgulho. Nunca se cansava de repetir: “Pedagogia é carro chefe da instituição”. Um curso que, segundo ele, prezava como resultado do seu esforço e da sua capacidade de renovação e crença naquilo que o fazia prosseguir em suas constantes jornadas de trabalho e de luta para o crescimento da sua instituição e conseqüentemente da educação em Sergipe.

Em 1976, o Curso foi oferecido em Licenciatura de 1º grau, com as habilitações em Orientação Educacional, Supervisão e Administração da Educação, e Licenciatura Plena com habilitações em Administração, Orientação Educacional Supervisão escolar e magistério das disciplinas pedagógicas do 2º grau (atualmente ensino médio). Autorizado pelo Decreto n.º 77.232, de 25 de fevereiro de 1976 para funcionar em turno noturno com 160 vagas anuais, 80 por semestre, o curso foi reconhecido pelo decreto n.º 083.064 de 22 de janeiro de 1979.

Figura 11- Portaria de autorização do curso de pedagogia

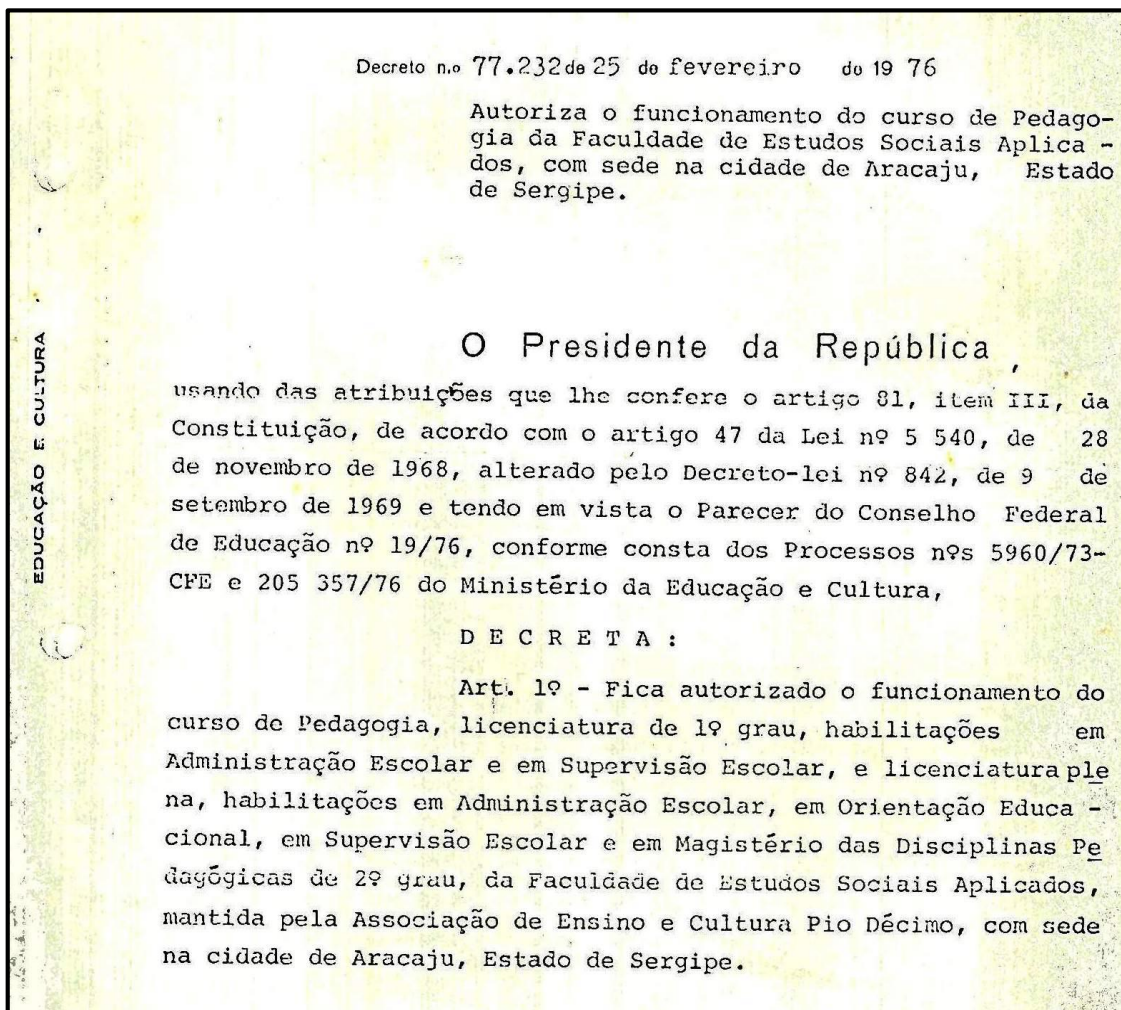


Foto: Acervo Faculdade Pio Décimo

Figura 12 – Portaria de autorização do curso de pedagogia

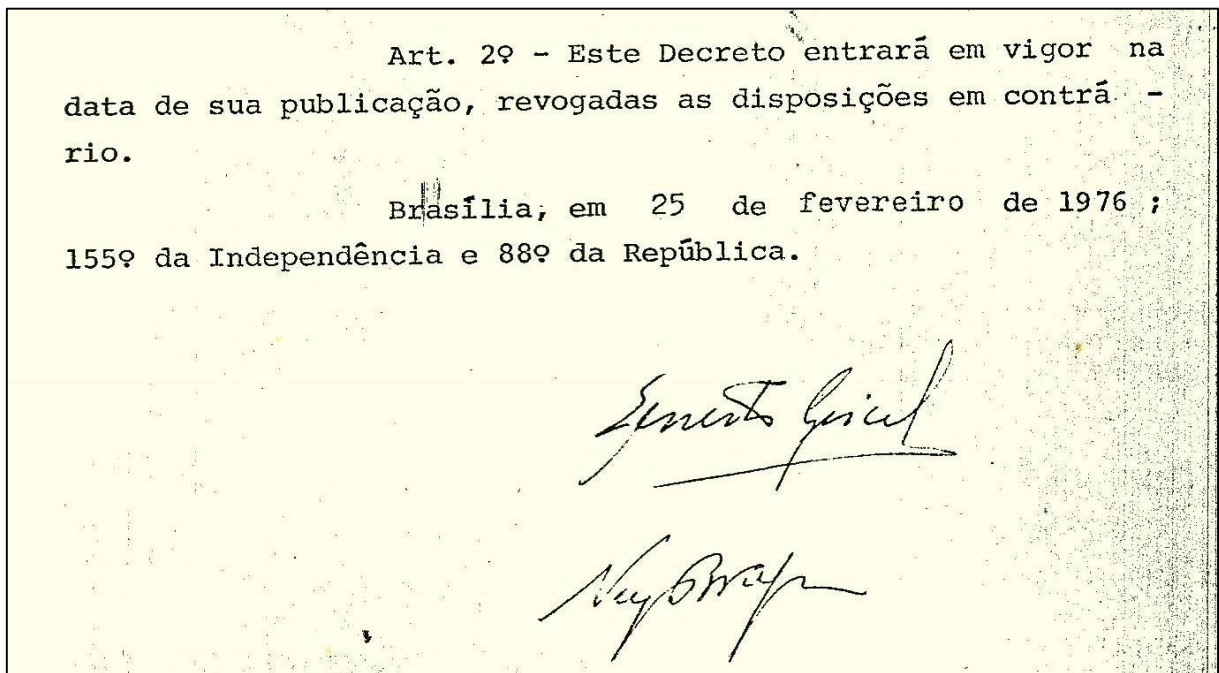


Foto: Acervo Faculdade Pio Décimo

Prosseguindo com seu esforço e desejo de expandir o seu empreendimento, em 1998 – obteve autorização para oferta dos cursos de Engenharia Elétrica, civil e Química, Pedagogia Infantil, Psicologia e Medicina Veterinária inaugurando então o primeiro Hospital de Medicina Veterinária da região norte e nordeste do país.

Em 2000 foi implantado o Núcleo de pós-graduação *lato sensu* com a participação da professora Beatriz Bento Souza, (falecida em 2017), oferecendo inicialmente os cursos de Psicopedagogia Institucional, Psicopedagogia Clínica, Educação e Gestão Administrativa e Didática do Ensino Superior. Hoje, a instituição possui, além dos cursos já citados os cursos de Letras, Direito, Enfermagem e também cursos de Tecnólogos em Engenharia de Segurança do Trabalho.

Nessa linha do tempo de crescimento institucional, podemos atestar a tendência da Faculdade em ampliar as possibilidades de oferta da formação de professores, primeiro contemplando em 1999, a abertura do primeiro curso de Pedagogia com habilitação para a Educação Pré-Escolar, constando no histórico da sua proposta³⁶, os impactos sociais da ação institucional do Curso de Pedagogia implantado desde a fundação com as habilitações em administração escolar, orientação educacional e supervisão escolar, conforme segue:

³⁶ A citação foi retirada do documento que se intitula – Projeto de Habilitação para Educação Pré-Escolar. Observamos que não traz as páginas numeradas, mas ao final contem a data de maio de 1996. Ao esclarecer a demanda para oferta do curso, o Projeto revela: “As instituições educacionais e empresariais estão reclamando esse tipo de profissional e os indicadores socioeconômicos atestam a existência de mercado de trabalho com excelentes perspectivas. No Estado de Sergipe, apenas a Faculdade Pio Décimo ministra o curso de pedagogia noturno com 200 vagas anuais, preenchidas regularmente.”

A Pio Décimo já diplomou milhares de licenciados em seus cursos de pedagogia. Hoje, esses egressos, ocupam funções no magistério das redes estadual, municipal e particular, em todo o estado, e funções de direção, chefia, e assessoramento em órgãos ou serviços ligados à administração educacional dos sistemas estadual e municipal de ensino.

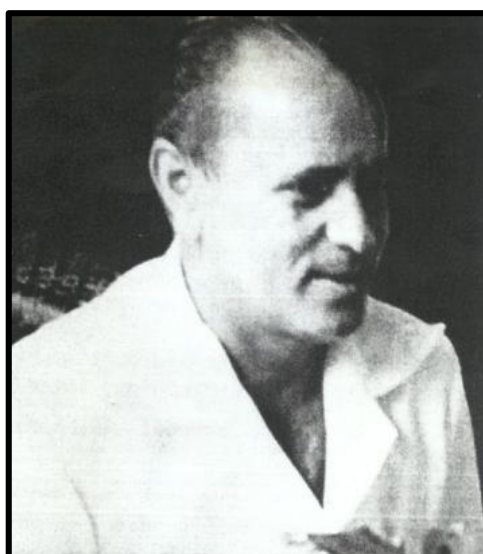
A sua história de vida foi marcante na instituição, que desde a sua criação, cresce e se consolida com a oferta de novos cursos e projetos para atender as demandas da sociedade e diante das possibilidades e necessidades que vão surgindo em cada época.

Compreende-se que o professor Sebastião foi um homem muito articulado com as lideranças do seu tempo. Essas articulações, especialmente no que se refere a pauta desta tese, demonstram que ele valorizava a qualidade desses contatos que estabelecia considerando o suporte técnico, político e pedagógico que qualificaria o trabalho da sua instituição, promovendo agilidade dos processos, credibilidade e orientação. Ele gostava de estar com as pessoas certas, que contribuíam para ultrapassar possíveis obstáculos e pressões.

Constatamos que a sua presença na instituição no final do ano de 2016, começa a sofrer discontinuidades, considerando a fragilidade da sua saúde, deslocando-se em cadeira de rodas, o professor Sebastião foi reduzindo a partir de então, a sua presença física na instituição. No entanto, continuou no comando da instituição, mesmo à distância, até quando isso foi possível, afastando-se definitivamente no início do ano de 2018, falecendo em 17 de agosto de 2019.

4.2 OSVALDO MENEZES SANTOS: presença e contribuições desde as origens da FPD

Figura 13 – Professor Osvaldo Menezes



Fonte: Acervo professor Osvaldo

O professor Osvaldo começou a vida como bedel, no Colégio Tobias Barreto, onde estudava e tomava conta como funcionário do movimento externo à sala de aula. Parou seus estudos no terceiro ano científico, para fazer um curso de Madureza, na Universidade de Alagoas, com o objetivo de começar a ensinar. Foram seis meses de estudos intensos e muita luta, mas voltou preparado. Na época a estrutura da Faculdade já estava em movimento e Osvaldo foi chamado para compor o quadro administrativo como datilógrafo.

Selecionado como um dos funcionários mais antigos da instituição, que esteve presente na Fundação da Faculdade Pio Décimo, permanecendo no quadro administrativo até a atualidade, (2020), Osvaldo Menezes Santos - “Seu Osvaldo” (como é conhecido e tratado por todos), foi convidado para participar da pesquisa sobre a instituição, apresentando informações extremamente importantes e com a riqueza de detalhes que somente as pessoas que viveram com plenitude a experiência da Fundação poderiam trazer.

Os primeiros contatos foram realizados informalmente no primeiro semestre de 2018, em conversas iniciais sobre o foco da tese em questão, e a necessidade de obter informações sobre os primeiros passos dados para organização e funcionamento da instituição, especialmente no período de formação da primeira turma. Em 24 de setembro de 2019, agendamos um encontro mais produtivo e formal que aconteceu na Sala da Coordenação da Biblioteca da Faculdade, no Campus Jabotiana. Local tranquilo e isolado propício para um trabalho dessa natureza, que pudesse ser desenvolvido sem interrupção. Ali mesmo, já fui fazendo os registros que julguei necessários, destacando temas da sua fala e já aproveitando para anotações no laptop que facilitariam o trabalho posterior com a transcrição da gravação.

As informações apresentadas pelo Senhor Osvaldo, irmão do professor Sebastião, que na época da fundação já integrava o quadro de funcionários do Colégio Pio Décimo, foram reveladoras de uma perspectiva institucional que somente poderia se expor a partir de narrativas singulares de quem, de fato, vivenciou diuturnamente as questões administrativas de forma muito próxima ao cotidiano institucional.

A disponibilidade para contar a história da fundação se fez presente de forma integral, e posso dizer, que senti uma certa emoção comovendo a fala de Seu Osvaldo, manifestando-se de forma intensa, como se ele houvesse guardado em sua memória, uma vontade muito antiga de falar sobre os primeiros passos da instituição. Vontade até então silenciada, aguardando espaço para se expressar, através dessa vocação narrativa que se torna agora, elemento importante para que possamos compreender de que forma, quais os procedimentos e encaminhamentos que foram tecendo a face da FPD, no início dos acontecimentos que rodearam a criação do Curso de Pedagogia.

A fala de Seu Osvaldo foi acontecendo de forma contínua, quase ininterruptamente, e parecia seguir linearmente um tempo que morava intacto em suas lembranças. Quase alheio ao ambiente que nos acolhia, ele foi expondo de maneira natural e espontânea, as suas lembranças institucionais, revelando as ações há muito tempo acontecidas, mas que estavam incrivelmente vívidas ainda, presentes, preservadas, refletindo-se em cada palavra dita. No movimento retrospectivo das lembranças que trazia para nós, naquele momento especial, demonstrava o valor da experiência que também para ele foi fundadora de seu percurso de vida pessoal e profissional e se tornou inesquecível, não importando o decorrer do tempo.

Situações, pessoas, formas de intercambiar relações, procedimentos viabilizadores das novas práticas institucionais, questões contextuais, tudo isso foi revelado de forma simples, direta, sem reticências, com o vigor das suas convicções e o olhar interpretativo de quem tinha segurança para falar com simplicidade do que viveu em complexa profundidade.

Para falar da fundação da FPD, o entrevistado começou a sua narrativa destacando a aquisição do Ginásio Pio Décimo, comprado em agosto de 1967, que estava vivendo uma fase de total descrédito e declínio. A sua fala confirma e consolida a voz do professor Sebastião, quando em narrativa já apresentada neste trabalho, lembrou as dificuldades que teve no início de sua vida empresarial, quando adquiriu o Ginásio Pio Décimo em precárias condições. Nessa perspectiva, Seu Osvaldo recorda que o Colégio, na época conhecido como Ginásio Pio Décimo, foi adquirido com várias pendências – questões financeiras, trabalhistas, baixa acentuado de matrícula, etc. Apenas 97 alunos, estudavam numa estrutura que oferecia o primário, o ginásio e um curso científico deficitário.

Segundo Seu Osvaldo, (ENTREVISTA 16/10/2018) foi a partir daí que o professor Sebastião começou a imaginar seu crescimento no campo da educação. Quando adquiriu o Colégio já tinha em mente esse seu objetivo, embora tenha se arriscado muito. Arriscou-se muito, porque ele próprio estava, naquele momento, com muitas dificuldades econômicas e financeiras. Não tinha condições de assumir sozinho a compra da instituição, e por isso recorreu ao crédito pessoal da família. Contou, nesse sentido com a ajuda da sua mãe – Dona Maria Belaniza de Menezes e com o próprio irmão, o professor Osvaldo. Ambos seus avalistas naquele momento.

Narra ainda o entrevistado (ENTREVISTA 16/10/2018) que, comprado o imóvel, o professor Sebastião começou a se preocupar em regularizar as situações deficitárias encontradas, porque tinha um desejo grande de crescer com o investimento no colégio. Na época, emoldurando o cenário contextual da educação em Sergipe, só tinha o Colégio Tobias Barreto e o Colégio Jackson de Figueiredo que já eram instituições consolidadas e tradicionais. Outras escolas existiam na esfera da rede pública.

A breve história do Ginásio Pio Décimo, contada por Seu Osvaldo, nos mostra que, quando ele foi adquirido pelo professor Sebastião, estava muito mal administrado. O primeiro dono foi o Coronel Manoel Joaquim que o construiu em 1957, mas não tinha condição de administrar porque vivia fora de Aracaju. Então vendeu o Colégio ao Senhor Jamisson do Amaral que morava vizinho ao Colégio. Assim, o professor Sebastião comprou o Colégio do Senhor Jamisson do Amaral. O prédio era rudimentar, mas adaptável, e para servir a uma escola inicial tinha uma estrutura física bastante compatível.

Após realizados os procedimentos que se referem aos trâmites mais administrativos da compra da instituição, foi preciso administrar uma outra parte mais desafiadora, uma vez que se constatou que seria essencial para resgatar a credibilidade institucional, tomar de imediato algumas providências para adequar a escola aos valores que estavam se perdendo. Diz seu Osvaldo que havia “muita liberdade dos alunos, dificuldade para manter a disciplina e falta de comando adequado”.

Nesse sentido o professor Sebastião foi muito rápido. Tratou logo de identificar o nível de dificuldade que ocasionava a queda no número de matrícula. Percebeu que as famílias valorizavam a disciplina rigorosa, princípio básico comum na época, e ainda mais por se tratar de uma casa de educação, precisava ter ordem e critério claro para tudo. Começou então a checar o comportamento dos alunos junto das suas famílias. Também, tomou atitude de controle em relação aos professores. Os professores eram bons, mas era preciso fiscalizar a sua ação. Também tinha aqueles professores muito competentes, mas muito problemáticos, como a professora Fulana de Tal.³⁷ Conta Seu Osvaldo que: (ENTREVISTA, 16/10/2018).

No primeiro ano da administração do professor Sebastião, que recebeu o Colégio com 67 alunos, e no mesmo ano já subiu para 378 alunos. Aí entra a vitória dele, do seu modo de administrar, que quando percebeu a evolução do colégio já criou os cursos técnicos de contabilidade e de administração que eram comuns na época, corrigindo também as deficiências do curso científico. Aí o Colégio começou a ter uma expansão radical, até porque não tinha muita concorrência.

Esse avanço se constituiu como um fato que chamou muita atenção da sociedade sergipana, na época, ter comprado o colégio num ano com grande déficit de alunos e no outro ano já conseguir inclusive organizar de forma bonita os alunos para participarem do desfile de sete de setembro, representou uma vitória. Isso deu muito crédito ao professor Sebastião. No segundo ano de trabalho de reestruturação do Colégio, a situação já era totalmente invertida, e o problema é que não tinha mais vaga para os que desejavam ali estudar.

³⁷ Em acordo com o entrevistado, julgamos apropriado não citar o nome da professora, uma vez que era figura pública reconhecida no contexto da educação sergipana da época.

Esclarecendo as dificuldades pedagógicas, administrativas e financeiras no momento da aquisição da estrutura que mais tarde daria espaço à fundação da FPD, Seu Osvaldo aporta informações sobre as dificuldades financeiras que não ficaram saneadas nos limites da compra do imóvel. Porém, a adequada sustentabilidade da vida escolar, para manter em dia a folha de pagamento e uma série de outras responsabilidades e sendo o professor Sebastião o único dono da instituição, pode-se afirmar que no início dessa caminhada sobreviveu na dependência de uma série de ajudas, sobretudo financeira. Ele nos diz, por exemplo: (ENTREVISTA, 16/10/2018).

Se tinha que pagar a folha e não tinha dinheiro...recorria a empréstimos, financiando a juros altíssimos, somente os valores correspondentes às pendências financeiras institucionais. Além disso, para manter a receita além das matrículas, trabalhou muito com linhas de crédito dos Bancos – Banco Dantas Freire e Banco Bradesco³⁸.

As questões financeiras, segundo fala do professor Osvaldo, foram resolvidas com o apoio da família, e pelo seu talento nato de se articular para buscar objetiva e rapidamente a solução para os problemas. Então agia assertivamente, porque somente fazia o que sabia que teria como assumir, contando como quase certo, o retorno positivo que já alcançava pela volta da credibilidade do Colégio.

Na visão do professor Osvaldo (ENTREVISTA, 16/10/2018) que sempre acompanhou de perto toda a trajetória de vida do irmão – o professor Sebastião, a capacidade de se articular com as pessoas certas e ouvir suas orientações contribuíram para que fosse pensada e executada a ideia de abrir uma Faculdade. Então, em sua opinião, tudo foi um pouco fruto da orientação e aconselhamento de amigos leais e importantes como o Dr. Thiers Gonçalves Santana – Juiz de Direito, que morava na rua de Pacatuba e que assumiu depois o cargo de Diretor da Faculdade. O Dr. Thiers era considerado como um irmão e todo problema que tinha na Faculdade o Dr. Thiers orientava Sebastião, com orientação técnica e jurídica. Já o doutor Erílio Conceição era advogado e amigo de muitos anos, pessoa que se interessava pelo dia-a-dia da instituição e quando percebia que Sebastião estava tomando um caminho que não estava de acordo ele chamava a sua atenção e Sebastião de imediato aceitava as suas orientações, pela lealdade da amizade que mantinham.

³⁸ Seu Osvaldo explica que a maneira que o professor Sebastião encontrou para utilizar créditos bancários quando ultrapassava o seu limite pessoal, era recorrendo ao apoio da família. Então, observa Seu Osvaldo, ele só tomava o valor que precisava para resolver a situação daquele momento e com garantia do pagamento definido. Sempre recorria, nesse sentido, ao seu irmão, Seu Osvaldo e a sua mãe (Dona Belaniza). (ENTREVISTA, 16/10/2018).

Foram essas pessoas que começaram a formar um grupo pensante, com o intuito de planejar a abertura da Faculdade e depois dar continuidade, integrando e fortalecendo o quadro da instituição. No entanto, é bom que fique claro, nos diz Seu Osvaldo, que, quando comprou o Colégio e começou a crescer o prédio, Sebastião já tinha intenção de crescer. Depois, com a experiência positiva do Colégio e percebendo que na época só tinha a UFS como instituição pública e que não dava conta da demanda que ficava excedente no vestibular, pensar em crescer tornou-se inevitável. Todo esse cenário contribuiu para que o professor Sebastião fosse alimentando mais e mais o seu sonho de crescer na vida. Assim, com sabedoria administrativa se protegeu com muita gente importante e, sobretudo amiga. Seu Osvaldo (ENTREVISTA, 16/10/2018) destaca um fato que na sua opinião mostra bem a vontade de crescimento do professor Sebastião e as ações que deslançou para alcançar tal finalidade:

É que quando ele comprou o Colégio, e certamente já pensando logo em crescer, buscou transformar o colégio numa Mantenedora que foi denominada como Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo, até hoje existente. O objetivo da Associação era para proteger a criação da Faculdade. Naquele momento ele já estava vislumbrando a possibilidade de evoluir, ampliando a instituição.

Sendo assim, percebe-se pela fala do entrevistado que o professor Sebastião ambicionava crescer, desde que, ao adquirir o Colégio em 1963 com tantos problemas, viu que tudo deu muito certo. Também porque, vencidos os desafios do início, e cercado-se de amigos leais, pessoas respeitadas pela sociedade sergipana e que de certa forma exerciam influência positiva sobre as relações interinstitucionais, trazendo segurança e orientação, o ajudaram na sua tomada de decisões acertadas. E, ressalta “Seu Osvaldo”, “no começo da Faculdade, nenhuma pessoa ganhava nada³⁹, era só pelo privilégio de emprestar o nome e por amizade”, e pelo menos algumas pessoas que integraram a equipe diretiva no começo da vida institucional, agiram muitas vezes em nome da amizade recíproca. Esse dom de cativar boas amizades sempre foi algo permanente e inerente a natureza do professor Sebastião e nessa leitura da sua história institucional a partir das narrativas orais, percebe-se que é forte o tom de pessoalidade, amizade e confiança nas relações que estabelecia. Esse foi um fator preponderante, por exemplo, para influenciar a formação da primeira equipe diretiva da recém-inaugurada Faculdade de Pedagogia, conforme segue:

³⁹ Nenhuma pessoa ganhava nada é de fato uma maneira de dizer. Na verdade, durante a entrevista Seu Osvaldo deixa claro que no início da vida institucional, e especialmente no período de composição dos quadros para envio ao MEC, as pessoas davam seus nomes numa relação de confiança, e não recebiam nada por isso. Também pessoas da equipe diretiva exerceram trabalhos, cuja recompensa era a amizade e diz textualmente Seu Osvaldo “o privilégio de ter sido chamado para compor a equipe. O próprio Seu Osvaldo trabalhou no vestibular, presidindo a Primeira Comissão numa relação de confiança, e fraterna amizade.

Figura 14 – Quadro da 1ª direção da AECPD

**1ª. DIREÇÃO DA ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO"
E DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU:**

ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU - MATRICULADOS NO 2º PERÍODO DO "2º SEMESTRE" 1976 (REPTUARAM O 1º PERÍODO NO 1º SEMESTRE DE 1976) A Faculdade foi autorizada a funcionar pelo Dec. Fed. Nº 77.232 de 25/2/76 - Abertura 18/4/76:

	<p>Prof. José Sebastião dos Santos-Presidente da AECPD e criador da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de ARACAJU-Sergipe.</p>		<p>Prof. Thiers Gonçalves de Santana - Diretor da FESAA, Juiz de Direito da 3ª Vara da Capital e Presidente do TRE do Estado de Sergipe (1976 a 1980)</p>
	<p>Prof. José Eriberto Feitosa Conceição-Vice Diretor da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju. (1976 a 1980)</p>		<p>Prof.ª Maria José Freitas Monteiro - Vice Diretora da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju. (1976 a 1980)</p>
	<p>Sandino de Melo Ribeiro- 1º Secretário da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju. (Port. 06 /76)</p>		<p>Davina Maria da Silva Maia -1ª auxiliar da Secretaria da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju.</p>
	<p>Prof.ª. Celina de Oliveira Lima - Representante da UR-8 do MEC em Sergipe.</p>		<p>Prof. Lauro Pereira do Nascimento - Técnico em Assuntos Educacionais do MEC junto à Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju.</p>
<p> 4) SANDINO DE MELO RIBEIRO - SECRETÁRIO C.P.F. 012624274</p>		<p> Dr. Thiers Gonçalves de Santana DIRETOR</p>	

Destacou Seu Osvaldo (Entrevista 16/10/2018) que nos primeiros passos institucionais, o amigo do professor Sebastião, o Dr. Thiers Gonçalves, conselheiro e orientador das suas decisões, alçou o posto de diretor, traduzindo também o peso do seu papel como juiz de Direito, embora, seu nome não representasse nenhuma exigência de efetiva condução do trabalho administrativo da Faculdade. Na verdade, como já ficou dito, essa indicação era parte de um modo de organização burocrática, porque, de fato, quem assumia a direção da instituição era o professor Sebastião, que por presidir a mantenedora, precisava delegar oficialmente a direção a outra pessoa.

Seu Osvaldo (ENTREVISTA, 16/10/2018) narra em detalhes como foi que aconteceu a organização dos processos necessários para abertura da Faculdade e ressalta a participação do professor Leopoldo Campos Monteiro que era funcionário graduado do MEC, dizendo que foi fundamental a sua participação. Sebastião o conheceu quando fez as primeiras viagens para Brasília em busca de informações, e teve a sorte de encontrar no agendamento o professor Leopoldo. Foi aí que se criou uma grande amizade e o professor Leopoldo se comprometeu em dar toda a orientação possível para criação da Faculdade, inclusive a estrutura de projeto. Daí em diante foram muitas as reuniões realizadas em Sergipe, e ninguém tomou conhecimento disso. Eles se tornaram amigos até o dia da sua morte. Munido pelo conhecimento que adquiriu por seu envolvimento em todas as etapas do processo de Fundação da Pio Décimo, afirma: (ENTREVISTA, 16/10/2018).

Todo o processo de criação da FESAA foi autoria do professor Leopoldo. Era a única pessoa que naquele momento tinha condição de fazer isso. Ele era como um Consultor Especial da Faculdade. Vinha de Brasília e se isolava numa sala já pronta para esse fim, com o intuito de elaborar e dar os encaminhamentos necessários ao projeto de credenciamento da Faculdade.

No entanto, se coube ao professor Leopoldo a escrita do Projeto de Autorização da Faculdade, a organização da estrutura necessária para fazer isso teve a contribuição direta do professor Osvaldo, que ressaltou a extensão dos documentos exigidos como assinala abaixo: (ENTREVISTA 16/10/2018).

Eram pastas e mais pastas e a equipe trabalhava numa sala que ficou selecionada somente para esse trabalho. Uma sala reservadamente isolada, e todo o trabalho de criação do Projeto da Faculdade foi feito em Aracaju. Eram noites e mais noites de trabalho. O professor Leopoldo, altamente profissional, como consultor do Projeto e Sebastião somente criou a Faculdade por conta da experiência dele.

Em primeiro lugar, podemos afirmar a partir da fala de seu Osvaldo (ENTREVISTA 16/10/2018), que era um grupo de pessoas que a instituição podia confiar, porque sabia que representaria bem a instituição. Fizeram parte desse grupo das relações de confiança, por

exemplo, o doutor Ademar Reis que era excelente médico do exército, já famoso na época; José Feitosa, também médico; Ivaldo Santa Rosa, entre outros. Era um grupo formado para dar legitimidade as ações e que já mantinha um bom relacionamento com a instituição. Seu Osvaldo destaca que esses nomes foram mais para compor o quadro, menos o dele, que trabalhou efetivamente, administrando tudo que se fez necessário, sempre com muita atenção e cuidado. Por exemplo, com muita dedicação ele assumiu a grande responsabilidade de organizar o primeiro vestibular, que contou, também com a valiosa contribuição, em termos de orientação, do professor Leopoldo.

Em relação aos procedimentos para a realização do primeiro vestibular, toda a responsabilidade coube ao professor Osvaldo. A elaboração das provas, como ele conta, era de extrema responsabilidade, exigia controle extremo, acompanhamento permanente de todas as etapas, sigilo absoluto e pessoas de confiança para compor o trabalho. É importante evidenciar que naquela época “não se ganhava nada para isso, existia o privilégio de ser chamado para elaborar a prova do vestibular, assim como o meu privilégio de ser chamado para organizar tão importante evento (ENTREVISTA 24/09/2019). Para organizar a primeira equipe do vestibular, em termos da elaboração das provas, eram convidados os professores de maior confiança do Colégio, e que também fossem extremamente competentes em suas áreas de formação e atuação.

Assim, na fala do entrevistado, podemos observar que participaram desse primeiro concurso vestibular, professores como Yvone Mendonça, professora de Língua Portuguesa; Getro da Silva, professor de Matemática, como docentes que, na época, eram considerados como sumidades em suas áreas de atuação. Também o professor Valdemar, de História que foi inclusive professor também do Colégio Tobias Barreto. Indicávamos os melhores professores do Colégio, e eles iam para uma sala fechada durante a noite, no período de uma semana inteira preparando as provas do vestibular e tudo sob a sua supervisão e orientação do professor Leopoldo Campos Monteiro.

A organização detalhada do Vestibular seguia um ritual de controle e acompanhamento. Assim acontecia: (ENTREVISTA, 24/09/2019).

Em uma sala reservada, onde se reunia a equipe de professores, a professora Celina (que presidia a DEMEC40), ficava em comunicação direta com a Comissão porque era obrigada a estar acompanhando todo o processo, como uma espécie de supervisão. O grande trabalho vinha na hora de datilografar. Fazíamos um manual e depois o grande trabalho era datilografar. Eu coordenava a parte datilográfica e convidava pessoas para ajudar porque era muita coisa. A instrução em si era pouca coisa, mas as provas não eram muito grandes e continham questões objetivas e subjetivas. Depois eram reproduzidas sob a forma de xerox na própria faculdade.

⁴⁰ Delegacia do Ministério da Educação e Desporto (DEMEC).


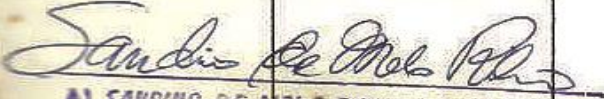

Tomamos então conhecimento a partir da entrevista realizada, que na época, foi comprada uma máquina de xerox só para essa finalidade. Como parte do ritual de controle, as provas eram lacradas somente depois que eram encerradas as inscrições conforme o número exato de provas a serem reproduzidas. Já o momento de multiplicação de provas exigia muita atenção e responsabilidade e contava-se com a estrutura do pessoal da própria instituição, que já atuava no Colégio. As provas eram então lacradas em envelopes com o aval de assinaturas de quem lacrou: a professora Celina Oliveira e Osvaldo Menezes Santos. Após essa fase, até o dia do Vestibular, eram guardadas em Cofres.

Daí vem outro momento importante do vestibular e como Seu Osvaldo presidia as ações, também selecionava uma equipe em consonância com a direção, para assumir a aplicabilidade das provas. Os fiscais eram formados por pessoas convidadas e a distribuição das provas nas salas para o candidato, era levada por uma Comissão de Professores. Finalizado o tempo previsto das provas, estas eram de imediato levadas para correção em Salvador sob a supervisão da professora Celina para uma firma de Sistemas e Processamentos de Dados – a DATAMEC, firma que era a única agência de computação na época. Os computadores eram enormes. Segundo relata Seu Osvaldo (ENTREVISTA 24/09/2019):

Assim que chegávamos à DATAMEC, já tinha uma equipe de técnicos esperando para receber as provas. Lembro que era muito cansativo, porque não existia equipe grande e o trabalho era consecutivo e imediato. Então passávamos lá, a noite inteira, para de manhã já trazer os resultados, que eram publicados, também de imediato, e ao descermos do carro já tinha uma equipe de servidores esperando para colocar às sete horas da manhã os resultados obtidos.

Esse primeiro vestibular aprovou 160 alunos, conforme total aprovado pelo MEC, e divulgado em Edital, sendo 80 alunos para o primeiro semestre e 80 alunos para ingresso no segundo semestre do ano letivo de 1976. No entanto, lembrou seu Osvaldo, que a Pio Décimo, de lá para cá, já formou muita gente que ocupou cargos importantes no Estado. Eram mais de mil concorrentes que participavam do Concurso Vestibular, selecionados para ocupar as 80 vagas do curso em cada semestre letivo.

Figura 15 – Quadro da Comissão do Primeiro Vestibular (1976)

<u>COMISSÃO PERMANENTE DO 1º VESTIBULAR DO CURSO DE PEDAGOGIA</u>			
<p>ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU – MATRICULADOS NO 2º PERÍODO DO "2º SEMESTRE" 1975 (REINTEGRARAM O 1º PERÍODO NO 1º SEMESTRE DE 1976) A Faculdade foi autorizada a funcionar pelo Dec. Fed. Nº 77.232 de 25/2/76 – Abertura 18/4/76</p>			
	<p><u>ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO"</u></p> <p>Presidente: Prof. Dr. José Sebastião dos Santos Vice-Presidente: Ten. Cel. José Sizino da Rocha</p>		
	<p><u>FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU</u></p> <p>Diretor: Prof. Dr. Thiers Gonçalves de Santana Vide-Diretor: Prof. José Erílio Feitosa Conceição</p>		
	<p>Vide-Diretor: Prof. Maria José Freitas Monteiro</p> <p><u>COMISSÃO PERMANENTE DO 1º VESTIBULAR 1976</u></p> <p>Presidente: Profª. Celina Oliveira Lima Membros: Prof. Dr. José Erílio Feitosa Conceição Prof. Dr. Jackson Sales Santos Prof. Alcebiades Melo Vilas-Boas</p>		
	<p>Secretário: Profª. Maria José Freitas Monteiro Prof. Osvaldo Menezes Santos Secretário-Suplente: Sandino de Melo Ribeiro Médicos: Dr. José Feitosa Santos Dr. Ivaldo Santa Rosa Dr. Adelmar Reis</p>		
		<p>Prof. Osvaldo Menezes Santos, Vide-Diretor do Colégio "Pio Décimo", assessor da AECED e 1º secretário da Comissão Permanente do 1º Vestibular do Curso de Pedagogia da Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju.</p>	
	 <p>SANDINO DE MELO RIBEIRO - SECRETÁRIO C.P.F. 013621274</p>	 <p>Dr. Thiers Gonçalves de Santana DIRETOR</p>	

Fonte: Acervo da instituição pesquisada

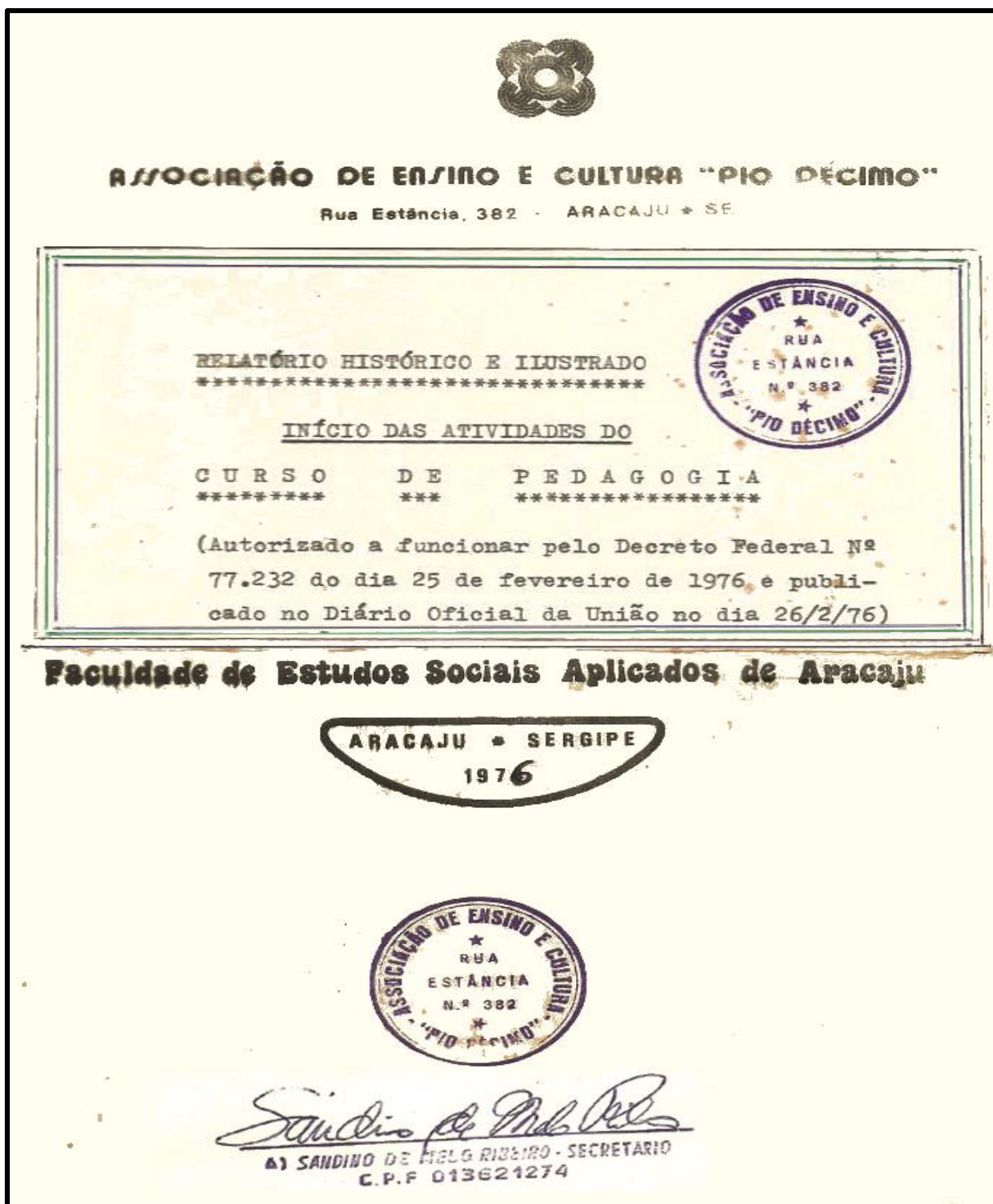
Em relação à comissão responsável pela organização do primeiro vestibular, conforme dados contidos em “Relatório Histórico Ilustrado⁴¹”, podemos conhecer a primeira Comissão do Concurso vestibular, supervisionada por Seu Osvaldo como primeiro secretário. No que pese estar situado como primeiro secretário da Comissão Permanente do vestibular, foi responsável e participante efetivo de todo o percurso processual dessa tarefa, desde a elaboração das provas, até a impressão, correção e devolutiva realizada por meio de listagens fixadas para conhecimento dos alunos. Um trabalho que exigia dedicação exclusiva, discrição máxima, sigilo absoluto e responsabilidade ética e profissional.

Pelo relato do entrevistado tomamos conhecimento do primeiro quadro administrativo da instituição, composto por pessoas impulsionadoras do crescimento e da credibilidade da FESAA, mesmo porque naquele momento inicial era preciso contar com uma equipe de muita confiança.

Dessa forma foi possível identificar entre os primeiros funcionários, a presença do primeiro Secretário, Sandino de Melo, que compôs a equipe por indicação do seu trabalho como Secretário numa Faculdade do Estado de Pernambuco. Seu Osvaldo lembra (ENTREVISTA 24/09/2019) que foram buscá-lo de carro, porque se tratava de um profissional diferenciado que já tinha experiência precedente, e o professor Sebastião, fez a ele uma oferta que superou os seus ganhos na outra instituição, e embora não tenha se demorado muito na instituição, deixou um Relatório Histórico Institucional com registros das primeiras providências e realizações da FESAA, demonstrando sua eficiência. Depois de Sandino de Melo, foram secretárias as professoras: – Leda Diniz e Maria José Galdino. Assumindo por fim, depois de formada na primeira turma de Pedagogia da Pio Décimo, a professora Emiralva de Souza Cruz, convidada inicialmente como Secretária da Faculdade e depois assumindo como Diretora Acadêmica e vice-diretora, permanecendo na instituição até o ano de 2018.

⁴¹ Documento elaborado pelo primeiro Secretário Sandino de Melo, localizado nos arquivos da instituição, que aborda o início da vida institucional e abrange um conjunto de registros que mostram elementos importantes da história da fundação.

Figura 16 – Capa Relatório Histórico e Ilustrado



Fonte: Acervo da instituição pesquisada

A localização desse documento cuidadosamente elaborado com o intuito mesmo de registrar, ainda que, sob a forma de síntese, dados e informações relevantes relativos à organização e abertura do Curso de Pedagogia, constitui-se como um marco importante para o reconhecimento das primeiras providências acadêmicas e burocráticas necessárias ao seu funcionamento, mostrando como se constituíram: a equipe da primeira direção; a comissão do

primeiro vestibular; os professores do primeiro período do curso de Pedagogia, do primeiro e segundo semestres do ano de 1976; a distribuição do horário das aulas com a disponibilidade das disciplinas das duas turmas “A” e “B” e, a relação dos primeiros alunos aprovados no primeiro vestibular.

O documento elaborado por Sandino de Melo Ribeiro aportou com riqueza de detalhes e imagens, contendo fotos, nome e endereço de todos os alunos matriculados, numa composição que nos indica hoje, a partir dessa leitura, possibilidades para novas pesquisas e buscas de informações complementares a partir desses valiosos registros questão devidamente validados com carimbos, assinaturas e o brasão utilizado como marca da instituição naquela época.

Figura 17 – Professor Sandino de Melo Ribeiro – 1º Secretário



Fonte: Acervo da instituição pesquisada

O “Relatório Histórico Ilustrado” se constituiu como uma referência documental fundamental para proceder a identificação de situações, e a confirmação das informações já recebidas através das narrativas orais, porém de forma fragmentada, porque integrada ao enredo das lembranças individuais dos fundadores participantes desta pesquisa que vivenciaram o processo de criação do Curso de Pedagogia e portanto, da Fundação da então denominada FESAA. Há também, assinaturas e carimbos tanto do Primeiro Secretário, Sandino de Melo Ribeiro, quanto do Diretor, Dr. Thiers Gonçalves Santana, indicados para compor o primeiro quadro de pessoal apresentado ao MEC.

Foram, portanto, preciosas as informações constantes nesse documento, que se destaca também por sua forma de organização, apresentada em encadernação especial com capa de papelão, reunindo um conjunto coerente de registros acadêmicos, necessários para o início da vida institucional.

Destacamos que o “Relatório Histórico Ilustrado” revelou sob o tino de um funcionário atento à importância do momento histórico inédito, a responsabilidade institucional dos cuidados burocráticos com a vida documental de uma instituição que inaugurava de forma pioneira o ensino superior noturno em Sergipe, deixando para nós, de forma preservada esse conjunto de informações datadas e assinadas que representam em meio a ausência de outros arquivos devidamente organizados da história da fundação, um legado precioso, inclusive para subsidiar futuros pesquisadores.

Na capa, de papelão, já gasta pelo tempo, rasgada em seu contorno pela guarda inapropriada, como se pode observar, em seu centro preservado constam na parte superior de forma centralizada o nome da mantenedora, endereço e localização; no centro da página com destaque em, papel autocolante e carimbo da mantenedora, Sandino deu título ao documento, denominando-o de “Relatório Histórico e Ilustrado do Início das Atividades do Curso de Pedagogia”; e logo abaixo destacou - autorizado a funcionar pelo Decreto Federal N.º 77.232 do dia 25 de fevereiro de 1976 e publicado no Diário Oficial da União no dia 26/02/76. Entre o topo da página, e o papel autocolante do centro da página com o título do documento ele destacou o nome da Faculdade, o local e o ano, seguido de carimbo da mantenedora e no rodapé da página de capa, localizado no centro está a sua assinatura com carimbo constando também seu nome, função e CPF.

Aqui afirmamos que a história da instituição compreendida a partir narrativas orais dos seus fundadores, também contará com os dados contidos no repertório documental que sobreviveu até os dias atuais, constituindo-se como via de acesso que se abre para uma visita ao passado da instituição, tornando possível dialogar com os registros que vão deixando traços, pistas dos caminhos percorridos para organização da fundação da FPD.

Alves (2012), comenta sobre a permanência do passado que se faz presente no prédio escolar, na disposição dos móveis, nos materiais didáticos, mas, também, nas atitudes dos seus alunos e suas famílias, nas reações que ele próprio tem em diversas situações, nas dificuldades de aprendizagem, na forma como as crianças manipulam ou destroem o material escolar, nas medidas socioeducativas e nos modos de organização das hierarquias educacionais.

Assim, o conjunto de documentos localizados, mesmo que de forma fragmentada, por indicação dos fundadores, servem de base fundamental para que possamos lançar esse olhar vocacionado pelo teor do conteúdo que se registra.

Constatamos, pois, que a partir das memórias do Seu Osvaldo, foi possível reconstruir o itinerário político-pedagógico e administrativo da fundação da FPD, ainda inédito, com riqueza de detalhes dos acontecimentos, especialmente aqueles que o tocaram mais de perto no

exercício das suas funções como vice-diretor do Colégio, membro da equipe administrativa da instituição, secretário da primeira comissão permanente do vestibular, e pessoa responsável pela supervisão geral da instituição.

Reconhecemos que através da metodologia da história oral que recorre à memória de vida pessoal num contexto institucional que já se distanciou (desde 1976), por mais de 40 anos, os fatos e acontecimentos não são aqui reproduzidos como se fossem uma fotocópia do passado, mas renascem da fala dos fundadores entrevistados, e se expõe como uma forma possível de interpretação.

Sabemos também que a memória é seletiva e que cada indivíduo rememora suas lembranças sempre mantendo uma relação com o grupo e o contexto de onde elas vão surgindo. Halbwachs, (2004, p. 36) nos ajuda a compreender essa questão da memória coletiva quando enfatiza.

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparece porque nos são recordados por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar da memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos, ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo.

Nessa perspectiva, atesta-se, conforme a abordagem aqui adotada, a natureza seletiva e interpretativa da memória que ressurgem entre lembranças e esquecimentos, repondo um conhecimento ressignificado à luz de uma memória que é singular, mas também, essencialmente social, porque reflete o que foi compartilhado coletivamente.

4.3 PROFESSORA EMIRALVA DA CRUZ SOUZA: as múltiplas faces da sua contribuição como egressa da primeira turma e membro da equipe diretiva da FPD

Figura 18 – Professora Emiralva da Cruz Souza



Fonte: Acervo da pesquisadora

A professora Emiralva, nasceu em Aracaju no dia 21 de agosto de 1956, e fez seus estudos iniciais em escolas da rede pública em Salvador e Aracaju. Fez Licenciatura em Educação Física na UFS e graduou-se também em Pedagogia, logo que a oportunidade surgiu com a abertura do curso noturno da Pio Décimo, que lhe deu chances para estudar e trabalhar. Casou-se e teve três filhos. Dedicada aos estudos, vendo em sua formação a perspectiva de melhorias de vida, concluiu o curso de Pedagogia-Licenciatura Plena em 1979, tendo escolhido as habilitações de Orientação Educacional e Administração Escolar, uma vez que no decorrer do curso foi se identificando com os conteúdos e procedimentos relacionados a essas dimensões pedagógicas que caracterizavam a função do especialista em educação.

Logo após a sua formação de nível superior, participou de concurso público para a rede pública estadual de ensino, sendo aprovada para exercer a docência, tendo sido lotada no Centro Integrado de Atenção à Criança e ao Adolescente (CAIC), onde assumiu o cargo de diretora administrativa.

Também, tendo alcançando a confiança do professor Sebastião por suas atitudes como aluna, que em momentos especiais do curso, já se dedicava a colaborar no contexto da Secretaria da Faculdade, desenvolvendo ações de monitora e de práticas de ensino.

Assim, foi convidada para integrar a equipe da Secretaria da Faculdade, conduzindo daí em diante o trabalho técnico-administrativo da Faculdade Pio Décimo. A sua vida profissional desenvolveu-se quase que em regime de dedicação exclusiva nos espaços da Faculdade Pio Décimo. Alçou as funções de vice-diretora do Centro Educacional Professor “José Sebastião dos Santos” (CEPJSS), Vice-Diretora do Colégio Pio Décimo e Vice-diretora, Diretora Acadêmica e Secretária Geral da FPD, acumulando cargos e funções referentes a essas atuações profissionais. Ocupando esses espaços e gozando da confiança do diretor – o professor Sebastião, participou intensamente da vida institucional, acompanhando, assessorando e definindo com as equipes coordenadoras do trabalho acadêmico, o trajeto de evolução da instituição, desde a sua criação.

Atenta a necessidade de formação continuada, fez alguns cursos de extensão e especialização *lato sensu* em psicopedagogia institucional e clínica, na própria instituição, integrando a primeira turma de pós-graduação *lato sensu* no ano de 1999. Também deu início ao doutorado em Educação e Gestão Administrativa, que foi interrompido em 2003, diante dos limites de tempo em face das responsabilidades de estudos que esse nível de ensino requer. Ainda, foi membro do Conselho Estadual da Pessoa com Deficiência. Recebeu prêmio de Mulher-Destaque na Assembleia Legislativa em março de 2010.

As informações contidas nesse resumo biográfico foram coletadas durante a entrevista realizada com a professora Emiralva.

- **Entrevista com a Professora Emiralva da Cruz Souza**

A entrevista com a professora Emiralva⁴², vice-diretora e secretária acadêmica da FPD e, também egressa da primeira turma de pedagogia da instituição trouxe contribuições importantes para esta pesquisa, principalmente sob dois aspectos essenciais: um aspecto relativo à localização de documentos, dispersos nos arquivos da instituição ou até sob guarda de acervos pessoais com a indicação e localização de professores e funcionários mais antigos que, a seu ver, poderiam ampliar o nível de contribuições com informações pertinentes e adequadas aos objetivos do trabalho em pauta; e o outro aspecto se refere ao seu conhecimento da instituição, como egressa, como funcionária que exercia as suas funções de forma muito próxima da direção geral e nesse sentido também como pessoa da mais alta confiança do professor Sebastião, patente em diversas ocasiões e eventos institucionais.

É mister expor aqui que o contato com a professora Emiralva ocorria diariamente, em seu espaço de trabalho e atendimento ao público, localizado no mesmo gabinete ocupado pelo

⁴² Doravante a denominaremos de professora Emiralva, uma vez que essa forma de tratamento já está legitimada no cotidiano institucional, embora não exerça a docência na instituição, mas por sua formação em Pedagogia.

Diretor Geral, proximidade que favorecia o compartilhamento das preocupações, desafios e questões acadêmicas, que implicavam no desenvolvimento da instituição.

Nesse sentido, podemos afirmar que a entrevista oficial, ocorreu em dois momentos distintos (26/10/2017 e 25/11/2019), que na verdade foram antecidos e se estenderam por diversos momentos de consulta, de busca de informações e de esclarecimento de dúvidas, especialmente sobre os registros documentais da vida institucional.

A primeira entrevista formalmente agendada aconteceu na sala da direção, em momento previamente organizado para que ficasse garantida uma certa tranquilidade de trânsito com as obrigações diárias de atendimento à comunidade acadêmica, propiciando o estabelecimento de um espaço de diálogo produtivo e ininterrupto. A segunda entrevista ocorreu na casa da entrevistada em 25 de novembro de 2019, uma vez que a professora já estava desligada das suas funções administrativas e acadêmicas na Faculdade.

Esclarecemos que, desde o momento da primeira entrevista, já havia da parte da professora Emiralva um conhecimento informal sobre os propósitos da tese em andamento, que refletia um desejo nosso de registrar para conhecimento público, inicialmente a história de vida do professor Sebastião, uma vez que somente haviam sido elaborados até então, internamente, por alunos ou professores, registros mais informais, a título de breves homenagens, de caráter mais pessoal. Quando surgiu a oportunidade dos estudos do doutorado o desejo de constituir uma memória contando a história de vida do professor Sebastião, foi substantivado pelos estudos realizados, transformando-se na tese, cujo foco principal passou a incidir sobre a Fundação da Instituição e, claro, conseqüentemente, também sobre a vida e a obra do professor Sebastião.

Sendo assim, com o domínio compartilhado desse conhecimento precedente, as entrevistas fluíram quase como continuidade de uma conversação que vinha sendo tecida com os fios da memória avivada pelo desejo de rememorar cenários, pessoas e coisas do passado, que deram sentido à vida de muitas pessoas e essencialmente, deram sentido à vida institucional.

Com claro entusiasmo, a entrevistada contou-nos sobre uma época em que tudo para ela e para o grupo que compôs a primeira turma do curso de pedagogia, era começo e promessa de crescimento, um momento que trazia, de certa forma, a alegria daqueles tempos pioneiros, em que se inaugurava um processo especial de formação preparatória para o início de uma vida produtiva, não somente da recém criada instituição, mas, sobretudo se percebia a oportunidade de começar uma experiência de formação acadêmica e profissional das pessoas envolvidas, promovendo muitas outras chances de integração e avanços no contexto da vida social e econômica do Estado de Sergipe.

Para comprovar essa possibilidade de evolução na vida institucional e das pessoas que integravam a comunidade escolar, narrou a professora Emiralva (ENTREVISTA 26/10/ 2017).

Logo após concluídos os estudos da primeira turma, surgiu um concurso público para a Rede estadual de Ensino, e as portas se abriram para muitos alunos que tinham acabado de fazer o Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo, – que ela chama atenção, na época ainda não existia como FPD e sim como FESAA. Foi a possibilidade de ter feito esse curso de nível superior numa instituição particular, e sobretudo, também pela oferta do turno noturno, porque a maioria trabalhava durante o dia, o que deu a chance a muitos egressos de participarem do processo seletivo para a Rede Pública Estadual de Ensino. Foi assim, a comprovação, quase imediata da importância e contribuição do curso para o avanço das condições de vida de muitos concludentes que até já lecionavam, tanto na própria rede pública quanto em escolinhas particulares.

Relembrando fatos de uma temporalidade biográfica⁴³, a professora Emiralva foi dando corpo às experiências que vivenciou como momentos importantes da sua própria história de vida. Cada etapa, finalizada pelo decorrer do tempo, ao final de uma sucessão de acontecimentos, contribuiu para dar sentido à sua vida, no intercâmbio de outras vivências dos que estiveram próximos, compartilhando referências comuns ao campo educativo, institucional.

Há, por certo, na fala da professora Emiralva, a perspectiva de legitimar a ação qualitativa educativa do Curso de Pedagogia oferecido pela Pio Décimo, quando ela atribui a essa oportunidade única de estudos, a possibilidade de uma formação para a qual convergiram os interesses de muitos professores que já lecionavam tendo apenas a formação inicial realizada nos cursos secundários.

Uma questão que ficou realçada durante a entrevista com a professora, e que nos auxilia na construção do perfil específico dos alunos que compuseram a primeira turma, diz respeito à vontade de aprender, à responsabilidade com os estudos, a dedicação e a disciplina da maioria da turma. Disse a professora Emiralva (ENTREVISTA 26/10/ 2017) que a história da instituição estava começando e que havia uma interface com a história de vida de professores e alunos, que também estavam iniciando seus estudos de nível superior - no caso dos alunos - e da carreira profissional, no caso dos professores. Nesse sentido, havia uma sintonia de desejos com foco na perspectiva de aprendizagem coletiva institucional. Pairava no clima da instituição uma vontade

⁴³ Em texto de Delory-Momberger, (2016), que trata da pesquisa biográfica como construção compartilhada de um saber singular, explica que ela pode contribuir para pôr em evidência um saber multirreferenciado na tessitura das interações sociais. Embora não se trate aqui de uma atividade de biografização, as pesquisas qualitativas que abordam a história oral, reflete aspectos da pesquisa biográfica, das histórias de vida. Delory Momberger (2006, p. 35) assinalou que: “A atividade biográfica realizada assim uma dupla e complementar operação de subjetivação do mundo histórico e social e da socialização da experiência individual: ela é ao mesmo tempo, e inseparavelmente aquilo porque os indivíduos se constroem como seres singulares e é por isso que se produzem como seres sociais.”

forte de ampliar conhecimentos, de evoluir social e economicamente. Isso tudo, nos disse a professora Emiralva, foi, de fato muito positivo. Ela reforça (ENTREVISTA 26/10/ 2017)

Era muito seleta e de alto nível a equipe que constituía o corpo docente, com professores que em sua grande maioria se formaram na UFS, e já tinham uma experiência docente anterior. Mas, da mesma forma, também os alunos – que em sua maioria exerciam a docência e lecionavam nas turmas de alfabetização, e do ensino primário. Esses alunos chegaram no curso, já trazendo uma base dos fundamentos a partir do que tinham aprendido na escola normal, e a escola normal, na época, era muito exigente, como se fosse um curso de pedagogia de hoje, e tínhamos também professores renomados.

Percebemos, pois, na fala de uma egressa fundadora e funcionária, que o curso se organizou, reunindo os melhores professores da época, e atendeu a uma demanda bem característica, composta por alunos que estavam ali, não apenas para adquirir um diploma, mas por uma necessidade de crescimento profissional e de melhoria das condições salariais, como reforça a fala da professora (ENTREVISTA 26/10/ 2017).

A turma era composta em sua quase totalidade por um corpo feminino de alunas trabalhadoras da educação, e uma ou outra era como eu que não tinha experiência do magistério, mas a grande maioria dessa turma trouxe como referencial de entrada a necessidade de estudar, e isso ficava muito claro, muito patente na turma. Os alunos não faltavam as aulas e tinham gosto de estudar. Apesar de ser um curso em turno noturno, a turma não reclamava de cansaço ou dificuldades. É claro que havia alunos que não levavam os estudos a sério, mas era um ou outro e justamente entre os que não eram ainda trabalhadores da educação.

Nessa perspectiva, a entrevistada afirma que a história da Pio Décimo é, eminentemente parte da própria história da formação do pedagogo no Estado de Sergipe, uma vez que: (ENTREVISTA 26/10/ 2017)

Tínhamos muitos professores naquela época que estavam em vias de aposentadoria. Lembro que foram minhas colegas, Zilná dos Santos, Manoel Garção, Arlete Ferreira de Melo, Fidelina Maynard Brito, Margarida Maria Cruz Santana que tinha sido minha professora de desenho no Colégio, José Américo dos Santos... eram todos alunos muito interessados. Eram alunos-professores, e muitos já estavam alinhados para pleitear uma aposentadoria melhor com a aquisição do diploma de nível superior. Então, pode-se dizer que esse curso veio resgatar essa clientela que já estava no magistério e não tinha mesmo como estudar durante o dia. Então, com o nosso curso de pedagogia noturno, a concorrência do vestibular para uma vaga na Pio Décimo era imensa. No início eram 160 vagas, que depois se ampliou para 200 vagas. A grande procura se estendeu por muito tempo, quando tínhamos filas de ônibus na porta da Faculdade, trazendo do interior do estado os alunos matriculados.

Observamos que a professora Emiralva, mesmo decorrido tanto tempo, após a conclusão do curso em 1979, guardou uma memória minuciosa de fatos da época, que conseguiu traduzir

os nomes de professores, de alunos e situações, que deixam para nós a certeza das marcas significativas da sua vivência como aluna da primeira turma de pedagogos da FPD.

A lembrança dos colegas e professores transparece plena de detalhes, que vão tracejando acontecimentos da vida que distinguiu alguns colegas que permaneceram no grupo mais próximo, cujas experiências pessoais foram compartilhadas. Dessa forma a referida professora lembrou e até nomeou os alunos que em sua visão não eram tão estudiosos, colavam, brincavam demais, não levavam a sério os estudos, contrastando com outros que se portavam radicalmente contrários a essa postura. Também se recorda dos rumos da vida pessoal de alguns que ela igualmente nomeou, mas que aqui, não cabe expor identificações dessa natureza, a não ser ressaltar a relevância dessa memória ainda tão acesa, iluminando fatos tão estritamente pessoais, mas que se imiscuem na vida institucional.

Também destacamos que o seu testemunho tão vívido, trouxe à tona uma história que é também do seu grupo de referência, cuja experiência inédita criou raízes que, por assim dizer, florescem ainda no tempo presente, fertilizadas pelos momentos em que foi encontrando espaço de propagação, como esse, que através das demandas da pesquisa acadêmica do doutorado em educação, criou oportunidade para desocultar um emaranhado de lembranças que permaneceram preservadas dada a intensidade e o valor da efervescente experiência. Isto implica em entender com Halbwach (2004) que a memória coletiva é construída e reconstruída no cerne das memórias individuais.

A contribuição da professora Emiralva, no que concerne à parte documental, não se limitou a indicação de percursos internos visando os achados documentais, uma vez que disponibilizou a entrega de arquivos pessoais, que ela preservava, como parte do respeito pela história que viveu no processo de formação, e depois, como funcionária da instituição.

Dessa forma, foi possível enriquecer esse trabalho com os registros fotográficos e documentais que comprovam o frescor de uma época que se reapresenta revigorada e que assim, pode ser melhor conhecida, interpretada e compreendida.

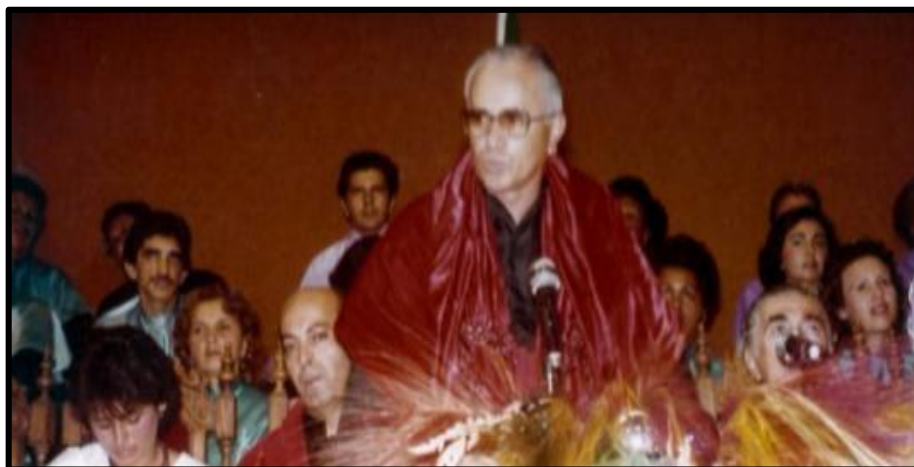
Podemos então, apreciar um conjunto de fotos que ficaram preservadas em Álbum de Formatura da professora Emiralva, que nos foi gentilmente cedido, e que atesta pela presença da família e de amigos, que a brindaram em festiva comemoração, a importância de um evento dessa natureza para muitas famílias daquela época, que, como ela mesma destaca, “formava seus filhos com muito sacrifício, acreditando na educação como mola mestra para assegurar a melhoria de vida”.

Nesse sentido, podemos perceber que ainda hoje, os momentos dedicados às formaturas na FPD ocorrem como se fossem acontecimentos sociais e educativos de grande importância,

que extrapolam a etiqueta do cerimonial formal e se refletem no requinte dos trajes, nos abraços efusivos e em outras formas de manifestação de carinho e admiração das famílias que comparecem para saudar seus filhos ou amigos muito queridos, registrando e valorizando ainda mais o momento de comemoração da formatura. Cabe destacar que o professor Sebastião sempre participou desses eventos demonstrando muita alegria e manteve, até quando foi possível, a sua presença no cerimonial de formaturas como uma tradição peculiar que foi construindo um jeito de ser da instituição.

Nas fotos que seguem, destacamos momentos especiais da Cerimônia de Formatura no ano de 1979, onde se pode observar as marcas da solenidade, em alguns aspectos ainda tão parecidas com as que ocorrem hoje, especialmente em instituições como a FPD, que seguem nesse quesito, um roteiro de tradições. Foram imagens que fizeram parte da solenidade de formatura da primeira turma da FPD (1979), colhida do acervo pessoal da professora Emiralva.

Figura 19 – Professor Sebastião na mesa de abertura da solenidade



Fonte: Acervo particular professora Emiralva (1979)

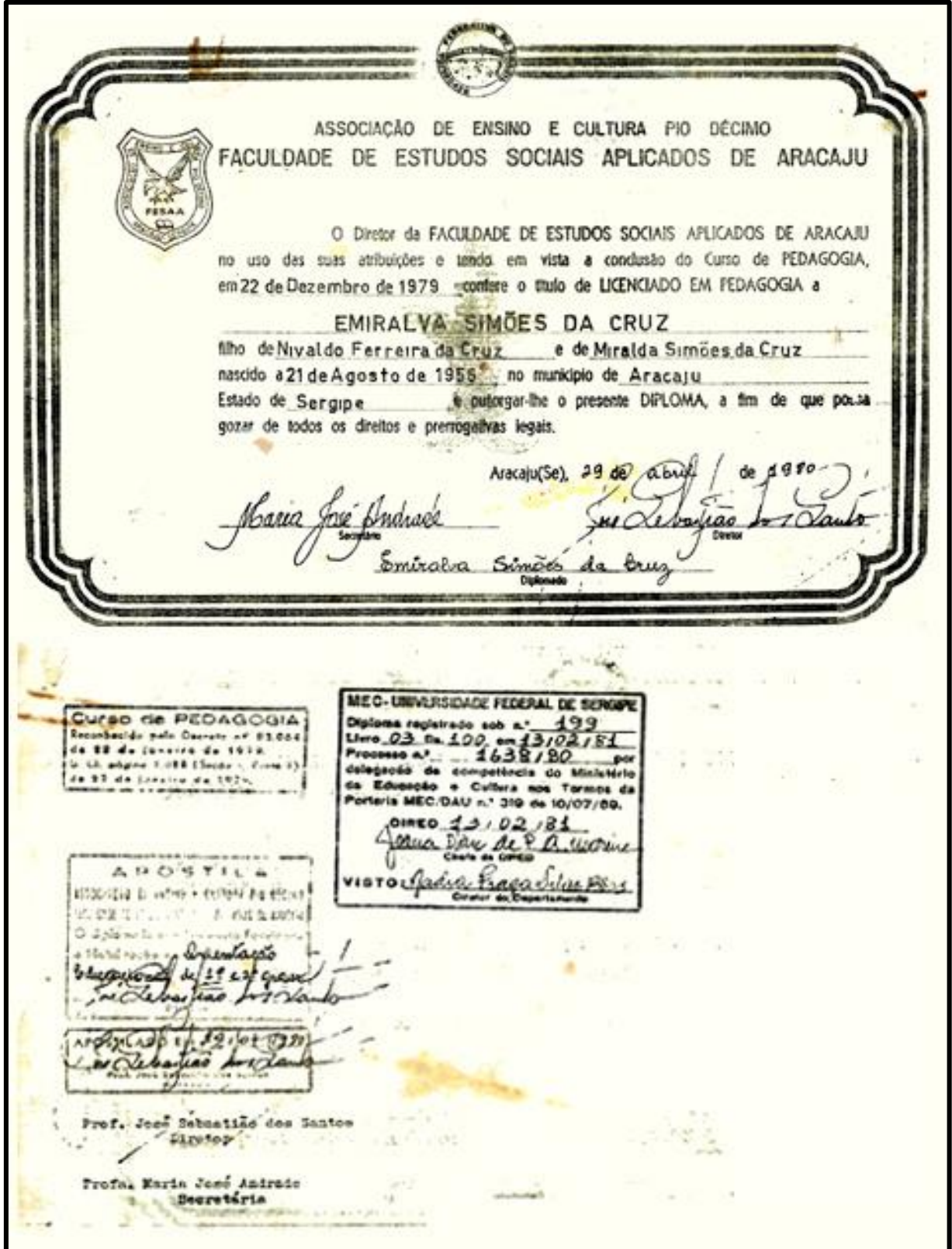
Figura 20 – Professor Sebastião apondo o capelo sobre a cabeça da formanda Emiralva



Fonte: Acervo particular professora Emiralva (1979)

Também tivemos acesso à cópia do diploma conforme foi elaborado, para a primeira turma de Pedagogia.

Figura 21 – Diploma do Curso de Pedagogia da FESAA



Fonte: Acervo particular professora Emiralva (1979)

O Diploma da professora Emiralva, egressa da primeira turma do Curso de Pedagogia da FPD, mostra data da conclusão do curso em 22 de dezembro de 1979, conferindo o título de Licenciado em Pedagogia, datado de 29 de abril de 1980 e tem as assinaturas do diretor – professor José Sebastião dos Santos e da secretária Maria José Andrade. Consta também a assinatura da aluna e carimbos no verso, referentes a chancela do MEC, rubricada pela Universidade Federal de Sergipe através da funcionária Joana D’Arc Moreira (Chefe do Divisão de Registro, Documentação e Arquivo – DIREED) e com o visto da professora Nádia Fraga Vilas-Boas (Diretora do Departamento).

Também se registra o apostilhamento da habilitação em Orientação Educacional de 1º e 2º graus, assinados pelo professor José Sebastião dos Santos.

Abaixo, foto da Comissão de formatura destacada do álbum da professora Emiralva, onde se vê, os professores Jorge Carvalho do Nascimento, Margarida Maria Cruz Santana e Emiralva da Souza Cruz.

Figura 22 – Comissão de formatura 1ª turma 1976 - 1979

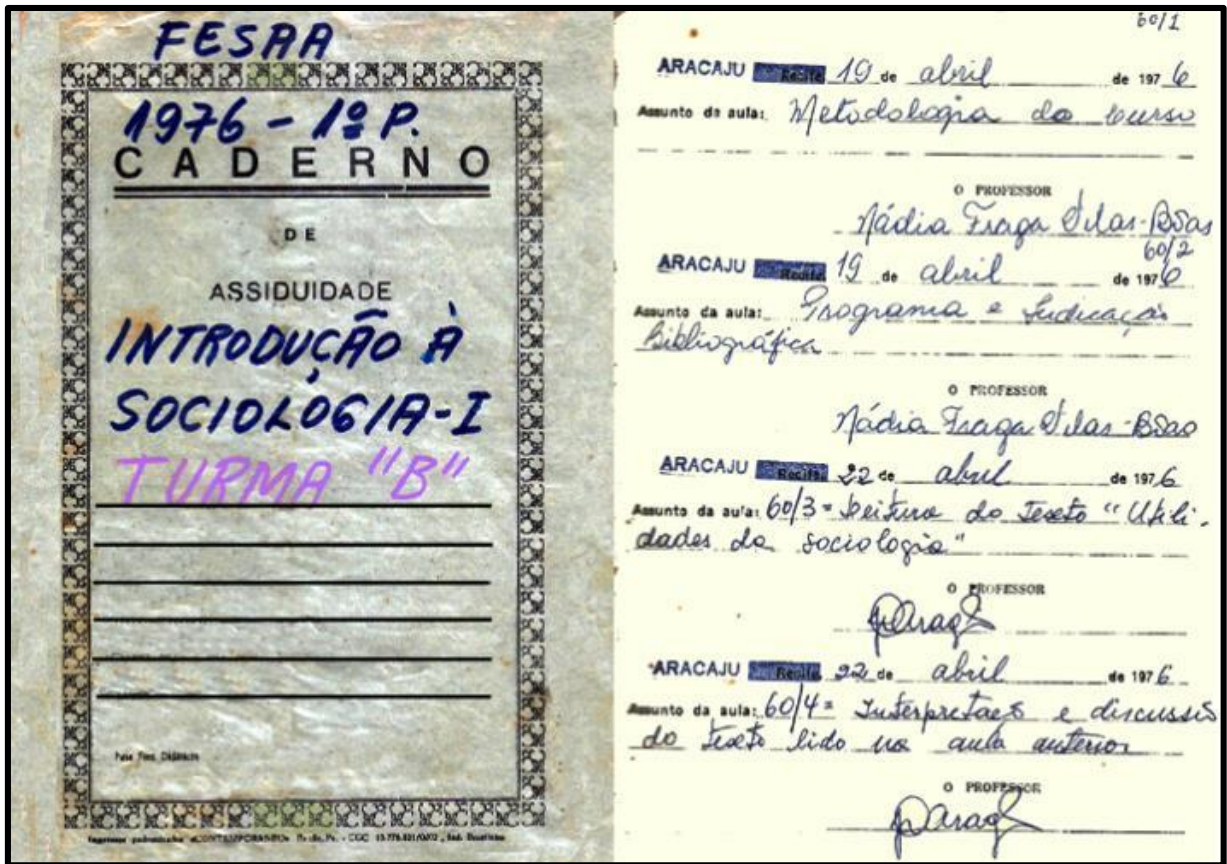


Fonte: Acervo particular professora Emiralva (1979)

Ainda, no processo de busca documental, após a localização dos Diários de Classe, foi necessário contar com as valiosas informações da professora Emiralva para esclarecer rubricas de professores que não destacavam os seus nomes por extenso nas assinaturas apostas nos Diários, nem na capa, nem na parte interna dos registros das aulas, tornando difícil a identificação de alguns docentes.

As ilustrações dos Diários de Classe utilizados na época e a constatação em alguns, da impossibilidade de uma leitura correta do nome do professor ministrante de algumas disciplinas.

Figura 23 – Diários de classe



Fonte: Acervo instituição pesquisada (1976)

Observamos que os Diários de Classe localizados estão preservados e poderão se constituir como fonte significativa de dados para novas pesquisas no contexto da pedagogia no ensino superior, uma vez que esses documentos revelam não somente um roteiro de conteúdo programáticos, mas, também as metodologias aplicadas ao ensino naquela época, as formas de avaliação e de registro das atividades docentes.

Em relação à formação das turmas a professora Emiralva ajudou a esclarecer aspectos da organização e o número de alunos constantes nos Diários de Classe das quatro turmas (A, B, C e D), formadas para o ano letivo de 1976. Nesse caso, ficou claro, pelo número de vagas aprovadas pelo MEC, – num total de 160 vagas anuais –, que em cada uma das quatro turmas organizadas constava uma relação de 40 alunos. Sendo que no primeiro semestre, foram abertas as turmas A e B, somando um total de 80 alunos, e no segundo semestre, abertas as turmas C e D, que, igualmente somavam 80 alunos (ANEXO A), totalizando o quantitativo de 160 alunos autorizados para matrícula pelo órgão regulamentador. Posteriormente a Pio Décimo reivindicou e foi autorizada a oferecer 200 vagas anuais, 100 vagas, em cada semestre letivo.

No tocante a matriz curricular do Curso de Pedagogia da FPD, Emiralva apontou a oferta de três habilitações para essas quatro primeiras turmas: Orientação Educacional; Administração

Escolar e Supervisão Escolar. Nas turmas seguintes foram oferecidas apenas as habilitações que tiveram uma procura maior: – Orientação Educacional e Administração Escolar.

A matriz curricular (ANEXO B) distribuía as disciplinas da base de formação geral do pedagogo até o quarto período, incidindo sobre o quinto período o que cada aluno deveria escolher para fazer jus a uma habilitação, complementando os 24 créditos próprios de cada período, matriculando-se nas disciplinas vinculadas a sua opção. Segue um quadro elaborado pela pesquisadora para destacar a composição curricular complementar inerente a cada área de atuação.

Quadro 4: Matriz curricular

Habilitação	Período	Disciplinas	CH
Administração Escolar	5º	Princípios e Métodos de Administração Escolar I	60h
	6º	Princípios e Métodos de Administração Escolar II	60h
		Introdução ao Planejamento Educacional	60h
	7º	Estágio Supervisionado I	120h
		Evolução da Educação no Brasil	60h
	8º	Estágio Supervisionado II	120h
		Total de carga horária	460h
Supervisão Escolar	5º	Princípios e Métodos de Supervisão Escolar I	60h
	6º	Princípios e Métodos de Administração Escolar II	60h
		Introdução ao Planejamento Educacional	60h
	7º	Estágio Supervisionado I	120h
		Evolução da Educação no Brasil	60h
	8º	Estágio Supervisionado II	120h
		Total de carga horária	460h
Orientação Vocacional	5º	Princípios e Métodos de Orientação Educacional I	60h
	6º	Princípios e Métodos de Orientação Educacional II	60h
		Orientação Vocacional I	60h
	7º	Estágio Supervisionado I	120h
		Orientação Vocacional II	60h
	8º	Estágio Supervisionado II	120h
		Total de carga horária	460h

Fonte: Acervo instituição pesquisada (1976)

No 6º período, da mesma forma, os alunos complementariam a carga horária do semestre conforme a opção da habilitação escolhida, cursando as disciplinas, respectivamente referentes à administração, supervisão ou orientação educacional, conforme oferta na época.

Esclarecemos que durante todo o período da pesquisa, de 2017 a 2019, os contatos com Emiralva foram acontecendo informalmente para resolver dúvidas, confirmar indicações, auxiliando de forma efetiva na composição de documentos que graças aos seus documentos pessoais e o auxílio para localizar pastas nos arquivos institucionais, consolidando dados e ilustrando esta pesquisa.

Numa segunda entrevista que ficou oficialmente agendada para o dia 25/11/2019, que aconteceu na residência da entrevistada foi possível abordar questões relativas ao regimento da faculdade, encontrado numa versão conjugada à sua revisão estrutural como parte identificada de uma pendência reportada pelo MEC.

Sendo assim, pudemos observar que o primeiro Regimento da FESAA por sua natureza normativa e organizativa da vida institucional identificava a finalidade e os direitos da instituição, definindo a oferta de cursos e as formas curriculares de organização das disciplinas carga horária, códigos de acesso etc. Também direcionava e determinava os procedimentos e comportamentos no interior da instituição, formas de ação colegiadas, organização administrativa entre outras determinações.

Ressaltamos que na versão localizada do Regimento havia uma nota, colocada no lado direito da página com o título – “Demonstrativo das alterações regimentais propostas.”

Com essa observação, passamos a leitura do regimento observando que nele se contemplava uma série de recomendações e modos de processar o acesso do candidato; a oferta do currículo (hierarquizado pelo sequenciamento de disciplinas distribuídas entre os semestres letivos).

A professora Emiralva (ENTREVISTA 25/11/2019) destacou, que chamou sua atenção por exemplo, a flexibilidade do acesso pela via do vestibular; o teor de um dos pré-requisitos para participar das avaliações. Assim, pontuou os artigos que seguem:

Art. 24 – “Após a classificação dos candidatos, a Faculdade poderá admitir, se houver vaga nos seus cursos de graduação, independente de concurso vestibular, candidatos já diplomados em outros cursos legalmente autorizados.”

Art. 44 – Somente serão realizadas as avaliações do segundo bimestre letivo, os alunos que estiverem integralmente quites com a Faculdade.

A entrevistada informou que basicamente não havia como acolher candidatos fora do vestibular, uma vez que não havia sobra de vagas, mas ao contrário, o número de inscritos superava, e muito, o quantitativo das vagas disponibilizadas pela Faculdade. Também sobre as avaliações ela esclarece (ENTREVISTA 25/11/2019)

As avaliações eram muito rígidas e os alunos tinham que estudar bastante. A forma de avaliar era através de provas bimestrais, mas alguns professores faziam antes trabalhos, pesquisas ou seminários. No entanto, até mesmo os professores mais flexíveis durante as aulas, na etapa das provas demonstravam toda a rigidez e autoridade contidas no seu papel e função, até porque a instituição cobrava dos professores essa postura mais rígida, embora também cobrasse aprovação, e os alunos sempre tinham chance de fazer o que se denominava como “nova chamada”.

Também chama a atenção para a forma departamental de organização da instituição, o que de certa forma estranhemos, por julgar que fosse difícil existir numa instituição isolada, tendo em vista o hábito que temos de fazer a ligação do termo Departamento com a estrutura da UFS, por exemplo. No entanto, ficou dito pela entrevistada que essa organização era regra a ser seguida na época.

Assim, (ENTREVISTA EM 25/11/2019) a professora Emiralva demarcou no Regimento da Faculdade os artigos que seguem:

Art. 54 – Cada departamento terá um chefe e um suplente, com mandato de um ano respectivamente da data da posse, podendo ser reconduzidos por um mandato de igual período ou superior.

Art. 56 - I – Eleger, dentre os seus professores, através de votação entre os que compõem o Colegiado Superior, o Chefe e o Suplente dos Departamentos;
 II – Elaborar seus planos de trabalho, atribuindo encargos de ensino, pesquisa e extensão ao pessoal docente que o integre, respeitando as especializações;
 III – Preparar material didático que se fizer necessário e analisar os planos de trabalho apresentados pelos professores para cada período do curso de graduação;

IV – Aprovar os planos de cursos de especialização, aperfeiçoamento e extensão, bem como os projetos de pesquisa no âmbito de sua competência e encaminhar para homologação à Direção da escola;

V – Sugerir providências que julgar necessário ao aperfeiçoamento dos trabalhos escolares da faculdade;

VI – Emitir pareceres em assuntos de sua competência.

Na mesma entrevista nos mostrou que as funções em destaque, descreveram a forma de liderança pedagógica do Chefe de Departamento, definindo, elaborando e sugerindo inclusive medidas de aperfeiçoamento dos trabalhos realizados. Também chamou a atenção para a categoria “trabalhos escolares” posta no item V, uma vez que se tratava de denominar os trabalhos de uma Faculdade e não de um Colégio, e para o caso das faculdades o termo acadêmico é usualmente utilizado.

Constatamos que a Faculdade Pio Décimo, se estruturou sob a forma de Departamentos que foram organizados por meio da criação de dois Departamentos: Ciências Sociais e Educação, reconhecidos sob uma numeração convencional que não ficou para nós totalmente esclarecida. Talvez se possa atribuir a um padrão de exigência de ordem legal, vigente à época.

Quadro 5: Distribuição organizacional

NÚMERO CONVENCIONAL	NOME DO DEPARTAMENTO	CHEFIA
100	Departamento de Ciências Sociais	Antônio Tavares de Jesus
200	Departamento de Educação	Judite Oliveira Aragão

Fonte: Dados da instituição pesquisada (1976)

Cada Departamento se definia com um chefe e um suplente designados pelo Diretor com o aval da mantenedora, com mandato de um ano podendo ser renovado por mais um ano.

Sobre os artigos 62 e 63, conforme os destaques da entrevistada (ENTREVISTA 25/11/2019) são importantes porque expõem a função e a composição do Conselho Departamental, dando a perceber que havia, mesmo que a nível de exigência burocrática de ordem legal, uma estrutura participativa e representativa da comunidade acadêmica.

Nessa perspectiva lembramos que nenhum dos fundadores entrevistados antes, abordou ou realçou esse tipo de participação colegiada. Vejamos abaixo o que vai se revelando nos artigos destacados pela entrevistada.

Art. 62 – ...

Parágrafo segundo – O Conselho Departamental deliberará validamente e só se reunirá com a maioria absoluta de seus membros;

Parágrafo terceiro – O Conselho Departamental poderá reunir-se em segunda convocação, com intervalo pelo menos vinte e quatro horas entre esta e a primeira, desde que compareçam a maioria absoluta dos membros integrantes.

Art. 63 – ...

I – Pelo Diretor da Faculdade, que é seu presidente;

II – Pelo vice-diretor;

III – Pelos professores titulares, em exercício na faculdade;

IV – Pelo representante dos professores assistentes em exercício na faculdade;

V – Pelo representante do corpo discente da Faculdade.

Parágrafo Único – No impedimento do Diretor, o Colegiado Superior será presidido pelo vice-diretor, e no impedimento deste, pelo previsto no parágrafo sexto do artigo 51.

O art. 63 destaca as categorias existentes na carreira do professor: professor Titular; professor Assistente e Auxiliar de Ensino. Ainda conforme o regimento, as contratações deveriam ocorrer, baseando-se em processos seletivos, comprovando-se formação universitária; produção científica; e eficiência didática (ANEXO C) seguem os contratos de trabalho que foram localizados em livro de registro no setor de pessoal da instituição.

SESSÃO 5 – A PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO: TECENDO A HISTÓRIA PELOS CAMINHOS DA MEMÓRIA DOS SEUS PROFESSORES-FUNDADORES

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que já se passaram. Mas pela astúcia que tem certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que não se misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. [...]. Tem horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras, de recente data (JOÃO GUIMARÃES ROSA, 1985, p. 49).

Na sabedoria de Guimarães Rosa, contar a experiência vivida é uma forma sensível de compreender a diversidade e o dinamismo das lembranças que guardamos, uma vez que não são retomadas como espelho da realidade vivenciada. Isso que torna o ato de contar, “muito dificultoso” um “contar seguido e alinhavado” só mesmo para coisas sem importância. O que tem para nós alto significado como experiência constituinte da vida mistura diálogos, paisagens, tempos e lugares desafiando nossa capacidade de sistematização que interliga memórias antigas e novas marcando nossa passagem, o que fica no mundo e o que se guarda dentro da gente. Este é o desafio de contar, que nos desafia igualmente para primeiro educar a nossa escuta, sempre de modo singular, adaptado a cada situação e circunstância, embora preservando características metodológicas que propiciem validação.

De fato, para descortinar o objeto de estudo definido nesta tese, que centraliza como preocupação da história da educação o conhecimento da Fundação da Faculdade Pio Décimo, tornou-se essencial dar voz aos seus fundadores, para com eles ir tecendo a história da fundação da FPD e do curso de pedagogia pelos caminhos da memória, uma vez que, a visão singular e significativa de cada depoente, se constitui como elemento essencial para organização de um corpus oral que possibilita a releitura do passado, com suas experiências e demandas do momento presente daqueles que narram.

A experiência de vida pessoal ainda tem sido pouco considerada para o esclarecimento dos acontecimentos históricos e da vida institucional. Por isso é importante relembrar que compreendemos que o indivíduo é indissociável de seu ser social, porque se apropria e realiza as suas experiências de vida e trabalho para além da sua dimensão particular, com outros indivíduos que igualmente estão sujeitos às condições sociais e regras de conduta vigentes nos espaços e instituições por onde transitam.

Dessa forma, a partir dessa sessão temos como pressuposto analisar as narrativas de memórias dos que participaram da fundação do Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo, destacando os cinco professores-fundadores revelando a importância das suas experiências pessoais no âmbito da sua formação e exercício profissional, cujos acontecimentos convergentes ao tema em pauta, ao serem rememorados e narrados destacam e confirmam que a abordagem escolhida para este estudo, situa a compreensão da história institucional como memória individual e coletiva do passado, propiciando consciência crítica do presente e possibilidade de operar o futuro.

Fazer uma leitura do passado pelo presente e compreender no âmbito da história da Fundação da Faculdade Pio Décimo as primeiras experiências pedagógicas, desenvolvidas especialmente pelos docentes nas noites pioneiras da educação, nos trouxe a possibilidade de conhecer um tempo passado como um lugar que se torna presente na rede de memórias que se cruzam – individual e coletivamente, sem operar rupturas entre o passado e o presente como cita Bosi (2004, pp 46-48);

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

A criação de uma instituição ultrapassa o momento da sua fundação, é algo que ocupa uma perspectiva de continuidade que vai envolvendo o passado, o presente e o futuro. A memória permite essa relação, e quem narra, de fato não se atem apenas a um tempo proscrito, vai misturando as lembranças para além de um calendário cronológico, transitando entre os tempos.

Por meio das narrativas de memória dos professores-fundadores, que contribuíram e participaram efetivamente da criação do Curso de Pedagogia na FPD, surgiram revelações surpreendentes, motivações e circunstâncias até então desconhecidas, desafios e acontecimentos que envolveram a origem da IES no período de formação da primeira turma de pedagogos entre 1976 e 1980.

As memórias, postas em suas singularidades, refletem, sem dúvida, conforme indicam as teorias contempladas nos estudos da metodologia da história oral, os sentidos e significados guardados como memória coletiva, comum aos que compartilharam a experiência da fundação e a presentificam no âmbito das suas narrativas de memória, revelando pessoas, tempos, lugares, e modos de ser e fazer que exerceram importante influência na elaboração desse projeto educativo.

Apresentamos a seguir as narrativas dos professores-fundadores entrevistados como sujeitos desta pesquisa numa ordem de apresentação que não se determina nos termos de prioridade ou importância de suas narrativas orais, uma vez que todos os depoimentos foram essenciais para compor este estudo. Note-se que inclusive as professoras Deusinha e Judite fizeram parte do quadro de docentes do Colégio Pio Décimo, Deusinha lecionava didática e metodologia e Judite sociologia no ensino normal de segundo grau, o que as distingue no grupo de professores fundadores pela experiência na instituição e pelos contatos já mantidos com o diretor geral o professor Sebastião. Portanto eram professoras já avaliadas em seu percurso pedagógico como docente.

5.1 JUDITE OLIVEIRA ARAGÃO e MARIA JOSÉ DE ALMEIDA SOARES: memórias em conjunto⁴⁴

Figura 24 – Professora Judite Aragão



Fonte: Acervo particular profa Judite Aragão

A professora Judite Aragão nos permitiu acompanhar a formação e as práticas profissionais realizadas, conjuntamente com aspectos administrativos e pedagógicos da instituição.

Ela relata que nasceu em 06 de março de 1947 em Nossa Senhora da Glória, município do Estado de Sergipe. Licenciou-se em Pedagogia pela UFS, tendo sido da primeira turma do

⁴⁴ Esclarecemos que é dupla a Entrevista a seguir, pois relata de forma conjunta as narrativas orais das duas professoras – Maria José (Deusinha) e Judite, uma vez que optaram por participarem juntas do momento da entrevista.

curso de Pedagogia, formada no período de 1968 a 1971. Habilitou-se em Orientação Educacional e continuou estudos a nível de Especialização nessa mesma área, pela Universidade Federal de Pernambuco, especializando-se também em Metodologia da Informação Ocupacional pelo Centro de Pós-graduação em Psicologia aplicada da Fundação Getúlio Vargas. Iniciou sua vida profissional na Prefeitura de Aracaju, como auxiliar administrativo e posteriormente fez concurso para o magistério iniciando sua carreira docente, como professora alfabetizadora em 1967, na Escola Municipal José Sales, no Bairro Industrial.

Em 1969, ainda estudante de Pedagogia lecionou nos cursos de formação de professores (curso pedagógico) no Instituto de Educação Rui Barbosa (antiga Escola Normal) em Aracaju, no Colégio Estadual Murilo Braga em Itabaiana e em cursos de formação de professores oferecidos pela Secretaria de Educação de Estado em Propriá e Estância.

Em 1972, já graduada, concorreu a uma vaga para um curso de especialização em Recife que visava preparar profissionais para implantar na rede estadual de ensino as determinações da Lei 5692 de 1971.

Ao retornar a Aracaju, trabalhou no período de 1973 a 1975 como integrante da equipe de especialistas em educação, responsável pela implantação da então Escola Polivalente Olavo Bilac, no bairro Santos Dumont.

Em 1975, a convite do Secretário de Educação, passou a integrar a equipe de especialistas em educação na Secretaria de Educação do Estado.

Em 1976, prestou concurso público para o Magistério Estadual, permanecendo na Secretaria de educação compondo a equipe de implantação das equipes técnicas nas escolas a rede estadual de Ensino.

No período de 1975 a 1976, exerceu a função de Presidente da Associação dos Educadores Educacionais de Sergipe e membro do Conselho de representante da Federação Nacional dos Orientadores Educacionais em 1977.

Em 1979, ingressou na Universidade Federal de Sergipe como professora no Departamento de Educação do Centro de Educação e Ciências Humanas com carga horária de 20 horas semanais, dividindo sua jornada de trabalho com a Secretaria de Educação até 1990, quando, ao aposentar-se da rede estadual, passou a assumir o regime de dedicação exclusiva. Como professora da UFS ministrou as disciplinas: Orientação Educacional, Orientação Vocacional, Alfabetização, Estrutura e Funcionamento do Ensino, Organização do Trabalho Pedagógico e Gestão Educacional; participou do desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão; foi Presidente do colegiado do Curso de Pedagogia, participando do processo de reformulação do curso.

Entre 1980 e 1990, acompanhou e participou do movimento nacional, regional e local, de reformulação dos cursos de formação do educador. Exerceu também as seguintes funções: Diretora do Departamento de Apoio Didático Pedagógico da Pró-reitora de Graduação da UFS; Chefia do Departamento de Educação; Membro da Comissão Permanente de Pessoal Docente da UFS; Ministrou cursos e palestras na área de formação de educadores e participou de diversos eventos em nível, nacional regional e estadual na área de educação.

No período de 1987 a 1988 foi assessora na Secretaria Municipal de Educação de Aracaju na gestão da Professora Iara Maria Campelo Lima, atual vice-Reitora da UFS.

Aposentou-se em 2006 e em 2007, recebeu o título de Professor Emérito, concedido pelo Conselho Universitário da UFS.

Em 24 de outubro de 2018, recebeu da Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, a Medalha de Mérito Educacional Manoel Bomfim.

Esses dados constitutivos do perfil biográfico da professora Judite Aragão foram fornecidos pela professora através de registro escrito entregue durante o momento da entrevista.

5.1.1 A Professora Maria José de Almeida Soares (Deusinha): pedagogia e gestão no caminho das suas práticas

Figura 25 – Professora Deusinha



Fonte: Acervo particular da prof^a Maria José (Deusinha)

A professora Deusinha, como é reconhecida, nasceu em Alagoas, fez seus estudos iniciais em escolas públicas e graduou-se em Pedagogia na Universidade Federal de Sergipe, integrando a primeira turma daquela instituição. Deu continuidade aos seus estudos, cursando

o Mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1982). Começou estudos do doutorado em educação, mas por motivos diversos precisou interromper em 2003.

Seu percurso de formação profissional sempre esteve vinculado a educação e mais precisamente a pedagogia. Foi professora da primeira equipe da Pio Décimo, afastando-se por um curto período, retornando à instituição no ano 2000 e depois, em 2010, assumindo a função de coordenadora adjunta na pós-graduação da FPD.

Leciona atualmente (2020) nos Cursos de Pedagogia da Faculdade Amadeus e é professora de Filosofia no Seminário Maior “Nossa Senhora da Conceição”, localizado em Aracaju. Em sua carreira profissional na UFS.

Diversificando a sua experiência docente, desenvolveu experiência significativa na área da gestão universitária ocupando os cargos de Pró-Reitora de Graduação, Pró-Reitora de Extensão e Assuntos Comunitários (1996 – 2000).

No âmbito da gestão de programas, foi coordenadora de Avaliação do PEC/SE (1995 – 1996); Coordenadora do Programa de Intercâmbio (1992 – 1993); Coordenadora da Comissão de Avaliação Institucional (1990 – 1992). Nessa perspectiva também coordenou o Projeto de Avaliação do Plano Estadual de Qualificação Profissional/Ministério do Trabalho / SEAST / SEFOR / CODEFAT (2001 – 2001).

Outra experiência valiosa ocorreu no contexto acadêmico institucional, quando assumiu como Diretora o Departamento de Apoio Pedagógico (1986 – 1990).

Ainda, destacou-se com a experiência realizada a nível da educação básica, quando foi Diretora do Departamento de Educação da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe. Participou de grupos de pesquisa da UNIT/CNPq. Já aposentada, recebeu o Título de Professora Emérita da Universidade Federal de Sergipe. A professora Deusinha sempre se mostrou uma estudiosa do campo do currículo. Na década de 70, iniciando sua vida profissional como professora de curso superior, ministrou a disciplina Currículo para a turma que entrou em 74, turma da qual fez parte como já citado nesse documento. No decorrer da sua história de vida profissional, a professora foi aprofundando conhecimentos nessa área, lecionando a disciplina currículo em instituições privadas de ensino superior.

5.1.2 Narrativas das memórias conjuntas reconstroem a história institucional

A entrevista com as professoras Judite Aragão e Maria José Soares⁴⁵, convidadas através de Carta, (Apêndice A), realizou-se como momento de culminância no dia 21 de outubro de

⁴⁵ A professora Maria José de Almeida Soares por ser reconhecida pela Comunidade Acadêmica como professora Deusinha, será tratada nesta tese, daqui por diante, sob esta denominação.

2019, tendo sido orientada por contatos e conversas antecedentes, por telefone e pessoalmente, necessários para contextualizar a ação da pesquisa, esclarecer objetivos, necessidades e formas de realização da escuta, em ambiente que facilitador da presença das professoras entrevistadas, propiciando bem estar e tranquilidade para o acontecimento das suas narrativas de memória.

Atendendo aos critérios de seleção do grupo de professores fundadores que participariam das entrevistas, conforme se define formalmente na metodologia desta pesquisa, Deusinha e Judite exerceram, na perspectiva pedagógica uma presença significativa no Curso, lecionando disciplinas que se constituíam como eixos centrais do currículo então proposto, cujos conteúdos e práticas potencializaram conhecimentos de grande importância para compor o perfil do pedagogo fomentar a qualidade da formação profissional.

Ressaltamos que as professoras, optaram por participarem juntas do momento da entrevista que foi realizada em espaço privativo da Sala da Direção Acadêmica da Faculdade Pio Décimo, situada no terceiro andar do Campus Centro, distante, portanto, do burburinho escolar e dos ruídos da rua, local que se caracterizou como apropriado para a ação em pauta.

Nesse preâmbulo contextualizador torna-se fundamental destacar a proximidade profissional e afetiva que perpassa as relações entre as professoras entrevistadas, consolidada no decorrer dos anos dedicados ao exercício do magistério realizado nos espaços institucionais, especialmente na UFS, na rotina de trabalho comum, como docentes do Curso de Pedagogia; também, nos primórdios do Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo. As relações afetivas entre as duas professoras foram mantidas mesmo após o distanciamento institucional como efeito da aposentadoria, de forma permanente até a presente data, independente do vínculo efetivado pelo contexto do trabalho docente. Essa proximidade propiciou o compartilhamento de uma memória ao mesmo tempo singular e coletiva e o resgate das lembranças de um tempo de trabalho que aportou espaços e possibilidades diferenciadas de ensino e de aprendizagens presentes no início das suas carreiras profissionais no magistério público e privado.

Assim, as professoras Judite e Deusinha vieram juntas para a entrevista e ateste-se que receberam o convite com muita satisfação, disponibilizando um tempo precioso da sua rotina de vida para atender à nossa solicitação. Aqui, também cabe evidenciar o nível de relacionamento e o respeito que tenho por Deusinha e Judite, que foram minhas professoras no Curso de Pedagogia na UFS, no período de 1974 a 1978. Com a professora Deusinha mantive contatos mais persistentes, e tive a honra de estabelecer posteriormente ao meu processo de graduação, parcerias profissionais em trabalhos realizados na Secretaria de Estado da Educação e no Núcleo de Pós-Graduação da Faculdade Pio Décimo, em períodos distintos. Essa interação profissional criou, sem dúvida, um clima adicional de receptividade positiva e disponibilidade

para relatar suas vivências pedagógicas, contribuições e formas de interpretação da trama organizacional que envolveu a origem institucional da FPD.

As professoras foram recebidas numa sala de mesa grande, com cafezinho, água, bolo e afeto. Inicialmente, enquanto aguardávamos a chegada da professora Judite que se atrasou um pouco, por conta do trânsito, perambulamos pela instituição. Não fisicamente, mas recorrendo ao acervo que guardamos na memória individual e que foi surgindo naturalmente, fomentado pela ocasião, nos trazendo questões de um tempo de vivências comuns no contexto da educação e das instituições por onde andamos juntas – situações, fatos e acontecimentos que misturavam o antes e o agora, suscitando um pensar reflexivo e comprometido com os rumos da educação superior agora e no futuro próximo.

Durante a dupla entrevista, cujas anotações foram sendo constituídas por meio de registros e gravação, comprovou-se a importância das pesquisas que recorrem a história oral e credibilizam a memória como fonte de conhecimento do passado mais recente. Dessa forma foram muitas e significativas as lembranças das professoras Judite e Deusinha, que, de conversa em conversa, dialogando com um passado que foi se tornando cada vez mais próximo e mais presente, trouxe luz ao momento de organização dos projetos de autorização da FPD e aos processos de organização do curso e seleção das equipes de trabalho; formas de construção dos documentos necessários para abertura do Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo; modos de organização do trabalho em nível administrativo e didático-pedagógico; desafios e atuação dos professores, face a um modo próprio, diferenciado de abordar a experiência pedagógica numa instituição particular de ensino, em turno noturno.

O teor das narrativas orais não seguiu, como já era de se esperar, uma linha cronológica linear e objetiva, uma vez que, não há como segurar, e é até mesmo desejável que flua de maneira mais natural esse relembrar sensível da memória. Os fatos e acontecimentos foram então sendo lembrados de uma forma sensível, sem preocupação com categorização das informações, o que tornou o momento ainda mais produtivo, ampliando o espaço de abertura para visitar o passado e revisitá-lo através da memória a história vivida.

Salientamos que a professora Judite trouxe dados que refletiam a sua percepção sobre o percurso de elaboração do projeto de abertura do curso. Dados esses que não constavam em nenhuma forma de registro documental até então localizado na instituição. Nesse sentido, aportou credibilidade à professora Ada Augusta Celestino Bezerra⁴⁶ como líder do grupo de

⁴⁶ A professora Ada Augusta Celestino Bezerra (que faleceu em 2018), graduada em pedagogia na turma de 1971 UFS. Aposentada da UFS, integrou, conforme relação já apresentada nesta tese, o quadro de docentes do Curso de Pedagogia e foi também professora e pesquisadora da UNIT. Fez o pós-doutorado sênior em educação, pelo

elaboração do Projeto de Credenciamento Institucional e Abertura do Curso de Pedagogia (ENTREVISTA PROFESSORA JUDITE, 21/10/2019).

A professora Ada liderou o grupo de elaboração do Projeto de abertura do curso, do qual participou também a professora Ivanda Bezerra. Ada foi constituída como coordenadora desse grupo, pela confiança que o professor Sebastião depositava nela, por sua competência e experiência. Coube a professora Ada indicar os professores e cadastrar os que fariam parte do primeiro quadro de docentes da FPD, cujo perfil contemplava as exigências de avaliação da época. Na lista enviada para análise do MEC, constavam como escolhidos aqueles professores que tinham concluído os respectivos cursos de graduação na UFS.

A fala da professora Judite foi corroborada pela narrativa da professora Deusinha, que disse ter feito parte desse processo de organização inicial, mas não se envolveu efetivamente com a escrita do projeto, apenas contribuiu com a apresentação do currículo vitae para o cadastro do seu nome na lista dos professores convidados que seria enviada ao Ministério da Educação e Cultura – MEC, não participando naquele momento, efetivamente, da discussão do Projeto de Curso em andamento.

Percebemos nos entremeios da entrevista, pela narrativa das duas professoras, que além dos critérios de ordem legal e burocrática “havia o critério de pessoalidade” para efetivação dos contratos Consolidação das Leis do Trabalho – CLT dos professores que lecionariam na primeira turma. Deusinha detalhou aspectos importantes que foram relevantes na época, para estabelecer o contrato com o grupo de professores que atuaria no curso após sua aprovação (ENTREVISTA COM A PROFESSORA DEUSINHA, 21/10/2019).

Foram da primeira turma da UFS que quando fez vestibular foi para a Faculdade Católica de Filosofia quando em maio de 68 foi formada a universidade. Essa primeira turma foi pioneira no estado em muitas ações e foi esse grupo que começou a desbravar as questões relativas ao magistério no Estado, desencadeando uma série de ações e contribuições – como o Mobral e os Cursos de Formação de Professores no estado e aí se deu a motivação para o convite de participação desse grupo.

Esclarecendo a presença marcante da professora Ada Augusta na liderança do grupo de trabalho, não só por seus méritos acadêmicos, seus conhecimentos e sua potencial capacidade administrativa, mas também pela confiabilidade que o seu trabalho despertava, Deusinha relata (ENTREVISTA PROFESSORA DEUSINHA, 21/10/2019).

Piva⁴⁷ era o Secretário de Educação e ele tinha uma confiança muito grande no trabalho da professora Ada Augusta. Ela foi do DEAPE⁴⁸ e se tornou o carro-chefe do projeto de Curso na FPD. Através dela foram convidados então os primeiros professores.

O processo de escolha dos professores-fundadores não foi de fato aleatório ou guiado somente pelos critérios determinados pelo MEC, tendo em vista os aspectos eleitos para o credenciamento da Instituição e autorização de funcionamento do curso. A escolha da equipe de professores considerou os critérios exigidos pelo órgão fiscalizador. No entanto, também se constituiu a partir de uma ordem pessoal, no contexto das múltiplas interações que a instituição mantinha com pessoas que estavam no comando das instituições educativas em funcionamento no Estado. Isso ficou bastante claro nos depoimentos dos funcionários já apresentados, especialmente na fala de Seu Osvaldo (ENTREVISTA EM 24/09|2019), que expôs com pertinência o nível de contatos favoráveis que o professor Sebastião mantinha com lideranças de órgãos públicos importantes no cenário social, jurídico, cultural e educativo da vida sergipana. A lista de professores, assim como os procedimentos para outras ações e processos necessários à aprovação do curso foram observados pela Seccional do MEC em Sergipe.

Dessa forma, no entrecruzamento das vozes ouvidas, constatamos que houve a presença de uma personalidade forte no processo de formação da primeira equipe de docentes, porém, uma personalidade permeada por uma inteligência político-pedagógica articuladora e promotora de um percurso técnico-administrativo e acadêmico positivo, visando favorecer a chancela do curso pelos órgãos de controle e avaliação. A professora Deusinha complementou (ENTREVISTA DA PROFESSORA DEUSINHA, (21/10/2019):

Os professores não tinham visto a Lei 5692 de 1971 durante o curso e foram então estudar e correr atrás. Eu mesma quando saí da Faculdade precisava aprender ainda muita coisa. A Lei já estava pronta e aprovada enquanto havia um grupo de professores que estava ainda discutindo. Assim, diante dessas demandas trazidas pela legislação, a própria professora Celina (que comandava a Seccional do MEC em Sergipe, na época) me convidou para dar um curso de ciências visando a melhoria e principalmente atualização da formação de professores do segundo grau.

⁴⁷ Nestor Piva, formado em Medicina em 1954. Mestre em Medicina Patologista, foi vice-Reitor da UFS; pró-reitor de graduação, chefe do Departamento de Medicina e Secretário de Educação do Estado de Sergipe.

⁴⁸ Departamento de Apoio Pedagógico – DEAPE, responsável pelo acompanhamento das atividades de ensino-aprendizagem. Consta hoje na página online da UFS (pograd.ufs.br) sobre o DEAPE que ele funciona como “subunidade responsável pelo acompanhamento qualitativo das atividades de ensino de graduação, tendo em vista o aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem e sua compatibilização com a política acadêmica da UFS. Também trata das questões relativas à acessibilidade de estudantes com deficiência exercendo suas funções com o apoio dos seguintes órgãos: Divisão de Métodos e Técnicas de Ensino – DIMET, Divisão de Análise de Desempenho Acadêmico – DIADE e Secretaria. e acessibilidade dos alunos da UFS aos cursos de graduação”. (prograd.ufs.br, janeiro 2020)

A professora Celina de Oliveira Lima, representava, naquele momento, (segundo dados coletados na entrevista das professoras), um poder local estratégico, técnica e politicamente qualificado, uma vez que era representante da DR' 8 e integrada a política de educação do MEC, ao atuar como coordenadora da Seccional de Sergipe. Sendo assim, estava habilitada para acompanhar, analisar, orientar e avaliar o percurso de criação da nova Faculdade, bem como, consequentemente dos procedimentos demandados e realizados para criação do primeiro Curso de Pedagogia Noturno em Sergipe. Cabia ao órgão local proceder a fiscalização dos processos e indicar as formas de encaminhamento adequado das questões.

Outro aspecto que mereceu ser evidenciado nesse processo de escolha e que ficou claro nas entrevistas é que a equipe escolhida, em sua maioria proveniente da UFS, aportaria além da formação acadêmica e experiência profissional, também a confiança da comunidade que iria demandar os serviços educacionais da FPD, uma vez que a passagem dos professores convidados pela UFS⁴⁹, como uma instituição pública formadora já legitimada e tradicionalmente reconhecida pela comunidade, proporcionaria ao curso da Pio Décimo, também pelo valor acadêmico dessa equipe, o respeito e os créditos necessários para afirmação do curso perante a sociedade.

As professoras Deusinha e Judite, assinalam que foi uma estratégia política interessante, que demonstra a perspicácia do professor Sebastião, então diretor do Colégio Pio Décimo, como um homem de visão administrativa capaz de promover um Projeto dessa natureza:

Enquanto o projeto de curso tramitava no MEC, o Colégio Pio Décimo que já oferecia o Curso Normal criou o Curso Adicional que permitia aos formados nessa modalidade de ensino de segundo grau, lecionarem até a quinta e sexta série do primeiro grau. Esse curso, com certeza alargou as possibilidades de formação dos interessados, trazendo para o Colégio Pio Décimo uma demanda que sem dúvida, estaria interessada na continuidade de estudos e, portanto, concorrendo ao Exame para o Vestibular de Pedagogia na FPD.

Assim, constatamos que entre os professores convidados para formar a equipe de docentes do Curso de Pedagogia, constavam também professores que já lecionavam no Colégio Pio Décimo, nos cursos pedagógico e Adicional – cursos de segundo grau que já demarcavam a possibilidade de continuidade de estudos. Desse modo, percebe-se que o professor Sebastião já continha em sua própria instituição um quantitativo significativo tanto de possíveis alunos

⁴⁹ Observou-se que boa parte dos professores pertenceram a primeira turma de pedagogos formados pela UFS –A Turma de 68. Consultas à tese: A Faculdade de Educação da UFS (1967-1971): origens e contribuições, de Nayara Alves de Oliveira (p. 61), revelam eu as professoras Ada Augusta, Deusinha e Judite estavam incluídas no quadro de aprovadas no vestibular de 68, mostrando suas respectivas médias gerais, que garantiram a entrada na Faculdade. Além dessas três professoras também constam outros como: Nádia Fraga Vilas Boas, Vera Lúcia Sobral, Maria Ivanda Bezerra de Sant'Ana, Gerson Vilas-Boas, Angélica Donald. Todos estes foram professores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo.

que teriam interesse em permanecer na instituição para dar continuidade aos seus estudos, realizados no âmbito do curso normal, quanto de professores, que já acumulavam uma experiência institucional como docentes do curso normal na FPD. Poder contar com essa demanda particular, com certeza trouxe mais segurança para o diretor – professor Sebastião na perspectiva de que aberto o curso, estaria garantida a procura, em parte pelos alunos da própria casa de educação.

Conforme narrativa das professoras, a descoberta desses fatos que se revelaram com a oportunidade aberta pela linha de pesquisa baseada na história oral, tornou possível estabelecer determinados vínculos que parecem demonstrar que não houve, na verdade, um insight repentino, ou um toque mágico de sabedoria para fomentar as motivações que levaram o professor Sebastião a criar uma Faculdade e abrir o Curso de Pedagogia, numa época que somente a UFS oferecia. Houve sim, uma lucidez administrativa fundamentada pelas circunstâncias que envolveram alguns fatores propiciadores de uma perspectiva de sucesso diante de tal empreitada inédita.

Naquele momento já despontava no cenário educacional uma preocupação maior com o nível de formação dos professores que lecionavam no primeiro e segundo graus. Sobre esse aspecto a professora Deusinha dá detalhes que expressam a preocupação dos que tendo alcançado a formação inicial, buscaram ampliar seus conhecimentos fazendo especialização em Curso oferecido pela Universidade Federal de Pernambuco. A professora Judite nos disse que (ENTREVISTA DA PROFESSORA JUDITE, 21/10/2019).

Terminou seu curso em 71 e foi ensinar em Itabaiana. Na época o Dr. Piva era o Secretário de Educação e junto com a professora Olga Andrade sua assessora, queria tirar das salas de aula os professores leigos do Estado. No Colégio Murilo Braga em Itabaiana tinha o Curso Normal, e ele substituiu os professores-estudantes e colocou os formados em Pedagogia. Depois disso, em 1972 houve uma seleção na SEED para implantar as escolas polivalentes que era uma inovação na época, com a reforma da legislação, e que exigia a formação profissional integral.

Assim, a professora Judite fez Especialização em Recife, destacando que foram também outros professores daqui de Sergipe, para participarem dos processos de formação profissional: coordenação pedagógica, direção.

Ficou evidente alguns aspectos relevantes das políticas de educação naquele momento, que, por certo, se converteram em fatores propulsores das possibilidades de construção de uma experiência docente fortalecedora do processo de graduação. Ainda sob a perspectiva de valorizar a evolução de estudos, como uma necessidade não só profissional-individual, que se observa em vários momentos na fala das duas professoras sobre a importância dessa formação posterior, como atualização de estudos, e de realizações em busca de aperfeiçoamento.

Fato é, que o dinamismo pedagógico vivenciado pela primeira turma de pedagogia formada na UFS, aliado à necessidade de implantação de novos mecanismos de educação, como as professoras destacam ao falar por exemplo sobre o polivalente, e outras experiências fundamentais à implantação da Lei 5692-71, foram traduzindo a importância e o alcance da qualificação desse grupo de professores, cujo perfil se mostrou afinado com os interesses e expectativas da Pio Décimo para efeito do convite feito pelo professor, por indicação da professora Ada Augusta para compor o grupo de pioneiros da Pedagogia na FPD.

A professora Judite fez um percurso pedagógico teórico e prático, pode-se dizer multifacetado, experimentando a vivência concreta da docência antes mesmo de se formar, o que contribuiu para ampliar, atualizar e enriquecer os domínios de conhecimentos pedagógicos adquiridos na jornada acadêmica de formação inicial.

A professora Deusinha, ao esclarecer esse aspecto multidimensional das experiências pedagógicas que foram exercendo e acumulando, justificou que os alunos do Curso de Graduação em Pedagogia da UFS precisavam, até mesmo antes de estagiar, comprovar um tempo significativo de experiência docente. Desse modo, todos os alunos conviviam no decorrer do curso com o desafio de buscar e desenvolver uma atuação em sala de aula, que lhes garantisse Declaração de comprovada experiência como docente. Sobre esse aspecto, podemos constatar abaixo o relato da professora Judite (ENTREVISTA 21/10/2019):

Comecei como professora alfabetizadora de escola primária no Bairro Santo Antônio. Passei um ano indo para o Município de Estância que tinha um Centro de Formação – o Jorge Amado – e eu dava aulas sextas e sábados. Ter sido alfabetizadora e vivenciado a sala de aula foi muito importante. E eu me pergunto: – Como dar aulas, sem ter vivenciado essa experiência?

Deusinha também pontua e destaca o valor da experiência concreta vivenciada como docente, tanto em sala de aula como em outros âmbitos igualmente importantes para preparar e dar segurança e qualidade ao professor que estava iniciando carreira. Ela nos disse que tanto ela quanto a professora Judite “foram professoras-formadores da escola normal e já ensinavam mesmo enquanto eram ainda alunas, uma vez que a partir do segundo ano do curso de graduação tinham que ensinar porque ter experiência era obrigatório” (ENTREVISTA PROFESSORA DEUSINHA, 21/10/2019).

No currículo das professoras Judite e Deusinha foi possível observar o compromisso com a formação inicial e continuada em face das oportunidades que foram surgindo desde o período da graduação, prolongando-se com os estudos de especialização e o exercício da docência em escolas públicas que vivenciavam naquele momento um período de dinamismo pedagógico com a implantação de projetos educacionais inovadores.

Assim, Judite nos conta que atuou na Escola Olavo Bilac – Bairro Santos Dumont, como a primeira escola polivalente implantada no Estado de Sergipe. Também exerceu a função de Orientadora Educacional (sua habilitação da graduação), e trabalhou na Escola Murilo Braga, na cidade de Itabaiana. Também foi professora e formadora de professores.

Coube-nos salientar que as referidas professoras tem uma experiência consolidada quando da fundação do curso pois fizeram parte da primeira turma de pedagogos da UFS, com experiência no ensino público e privado, conforme nos indicou seu perfil biográfico⁵⁰. Judite nos falou que as propostas inovadoras atendendo às mudanças apresentadas pela legislação (Lei 5692-71), foram possíveis graças a presença de profissionais qualificados que contaram com a credibilidade e o reconhecimento dos órgãos públicos da educação, especialmente da Secretaria de Estado da Educação. Professores como Gizelda Moraes⁵¹ e Maria Olga Andrade⁵² – que, por sua formação aperfeiçoada e por sua credibilidade, exerceram influência positiva na educação do Estado de Sergipe. “Elas fizeram um Curso de Alfabetização nos Estados Unidos e trouxeram uma colaboração muito boa para esse campo de conhecimento, inclusive a professora Olga Andrade foi Chefe do Departamento de Educação da UFS” (ENTREVISTA DA PROFESSORA JUDITE, 21/10/2019).

Também foi revelando durante as entrevistas uma perspectiva de formação político-acadêmica. A professora Judite relata que vivenciou momentos importantes à frente do Colegiado do Curso, como Presidente, no momento em que se discutia a formação dos pedagogos no âmbito das mudanças ocorridas na legislação.

[...] Foi um momento muito rico, e uma experiência muito boa, a caminhada de reformulação do Curso de Pedagogia com as discussões em nível nacional e do Curso de Sergipe, que foi tomado como exemplo. [...] tinha uma

⁵⁰ Identifica-se aqui e valoriza-se a natureza desse processo de formação e de atuação das professoras entrevistadas, uma vez que esse percurso acadêmico e profissional contribuiu para ir traçando um perfil docente que correspondia às exigências de qualificação que influenciaram o processo de indicação seletiva para compor então o quadro de professores pioneiros da Pedagogia na FPD.

⁵¹ Gizelda de Moraes, nasceu no município de Campo do Brito em 1939. Estudou no Colégio Tobias Barreto. Graduada em Filosofia e Psicologia. Fez mestrado em psicologia e filosofia na USP. O pós-doutorado foi realizado na França, lecionando em Nice\França. Foi professora da UFS e escritora, contribuindo com a Gazeta de Sergipe e O Correio. Também pertenceu a Academia Sergipana de Letras. Falecendo em 15\08\2015.

⁵² A professora Maria Olga Andrade integrante do Instituto de Letras, contribuiu com a gestão da FACED junto com a diretora, professora Cacilda de Oliveira Barros. Foi docente da FACED em 1968, inaugurando a primeira turma de Pedagogia, lecionando a disciplina de prática de ensino em inglês conforme consta na Resolução CONSU-UFS. Também fez parte de Comissão de elaboração do Regimento da Faculdade de Educação, junto com os professores Ovídio Valois e Maria Auxiliadora Campos Medeiros e coordenou vários eventos importantes, como I Seminário de Educação de Sergipe, integrando ainda a Comissão Regional de Desenvolvimento das faculdades de Educação – CORDEFE. (Informações coletadas na tese de Nayara Alves Oliveira (UFS), intitulada “A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971) Origens e contribuições. (pp. 45;51;69; 74; 76; 106 e 108)

Comissão Nacional e uma Comissão local (ENTREVISTA DA PROFESSORA JUDITE, 21/10/2019).

A professora Judite recordou-se ainda, dada a intensidade da participação, de detalhes singulares de um diálogo que ficou guardado em sua memória, como que atestando o significado daquelas discussões e as contribuições políticas e educativas propiciadas àqueles que estiveram envolvidos no panorama das mudanças em andamento. Então, nos disse (ENTREVISTA DA PROFESSORA JUDITE, 21/10/2019).

Lembro bem do Dr. Fernando discutindo a reformulação do Curso, quando me disse: [...] minha filha me diga uma coisa você acha que mudando uma disciplina vai alterar alguma coisa... Aí respondi: – o propósito é discutir o destino dos alunos e dos cursos... é preciso se perguntar: – Pra quê o curso de medicina... o curso quer formar pra quê... Como esperar que os alunos saiam... pra depois decidir qual é o currículo que convém.

Deusinha interferiu observando que a noção de currículo⁵³ era bem diferente do que se tem hoje. Na época, o currículo era tido como grade, o que significava somente a soma das disciplinas. Foi a partir da década de 1970 que se começou a ter outra noção de currículo. Na época, os conselheiros do Conselho Federal de Educação estabeleciam quais as disciplinas teriam que compor a grade curricular dos cursos. A partir das discussões acontecidas nos Colegiados dos Cursos, como já disse Judite, o Conselho Nacional não estabeleceu mais o currículo mínimo.

Dessa forma, percebemos que houve um grupo de professores oriundos da primeira turma de Pedagogia da UFS que contou com espaços adicionais de fortalecimento da sua formação inicial, como é possível apreciar na fala das duas professoras Judite e Deusinha.

Judite citou com satisfação os nomes de professores que aportaram experiências muito significativas. “Era um quadro de professores de excelência, como Gizelda Moraes, Jackson Carneiro, Paulino⁵⁴, Padre Ovídio... realmente, professores muito bons...” (ENTREVISTA DE JUDITE, 21/10/2019).

Nessa perspectiva da valorização dos processos de formação, e dos espaços político-pedagógicos que fomentavam conhecimentos e formas de participação, ação e aprendizagem, a professora Judite nos fala sobre o que chama de “A grande pesquisa”. Esclarece que ocorria

⁵³ A professora Deusinha sempre se mostrou uma estudiosa do campo do currículo. Na década de 70, iniciando sua vida profissional como professora de curso superior, ministrou a disciplina Currículo para a turma que entrou em 74, turma da qual fiz parte como já citado nesse documento. No decorrer da sua história de vida profissional, a professora foi aprofundando conhecimentos nessa área, lecionando a disciplina currículo em instituições privadas de ensino superior.

⁵⁴ Professor José Paulino da Silva, formado em Pedagogia e filosofia. Doutor em Filosofia. Nasceu em Cachoeira do Taape/Pernambuco em 1942. Professor da UFS. Foi Pró-reitor de pesquisa e vice-reitor. Em 1993 recebeu o título de Cidadão Sergipano.

no contexto de uma disciplina de pesquisa que desenvolvia uma grande pesquisa, propondo aos alunos a realização de um mapeamento – por exemplo no Bairro Santo Antônio. Era um mapeamento das comunidades residentes. Ela diz “até levei carreira de cachorro”.

No contexto deste trabalho, realçamos o perfil das professoras entrevistadas para fazer parte do corpo docente da primeira turma de Pedagogia, num curso que se diferenciava, especialmente através de duas dimensões: oferta de ensino noturno e no espaço de uma instituição privada de ensino. Sendo assim, a possibilidade de realização das entrevistas para ouvir os professores dessa primeira turma, trouxe, sem dúvida nenhuma, informações valiosas que iluminaram o panorama de formação docente naquela época, superando o conhecimento adquirido com base nos critérios formais de contratação. A escuta das narrativas de memórias do passado institucional nos permitiram ir muito além do esclarecimento posto de modo geral, que confirma que os contratados eram aqueles professores que, em sua maioria, tinham vivenciado o curso de formação de pedagogos da UFS.

Consideramos, então, a valorização do processo de formação que os próprios professores creditam às oportunidades de enriquecimento dos conhecimentos adquiridos durante e após o curso. Isso fica bastante evidente nas reflexões realizadas pelas duas professoras ao rememorar seus processos formativos e de exercício profissional. Afirma a professora Deusinha: “Quando saí da Faculdade precisava ainda aprender muita coisa.” Ela ressalta e credita a sua performance docente às experiências antecedentes que tinha tido oportunidade de vivenciar, e destaca a experiência docente que desenvolveu logo depois de formada, como professora do curso primário, na Escola Armindo Guaraná, estreando em sala multisseriada, “para dar conta não era nada fácil”. Deusinha reforça: “Esse percurso fez com que repetíssemos a experiência de formação inicial como docentes... e todas eram oriundas de curso pedagógico.”

Alguns aspectos retratados na dupla entrevista se apresentam extremamente relevantes para esclarecer as questões postas por esta pesquisa em torno das condições, desafios, formas de organização e funcionamento do curso de pedagogia da FPD em seus primórdios. As pontuações e reflexões expressas pelas professoras Judite e Deusinha trazem informações valiosas que caracterizam a organização do trabalho administrativo e pedagógico da FPD, naquela época, e que, alguns, de certa forma foi criando um perfil institucional que até hoje permanece, refletindo um modo peculiar de gestão, conduzido pelo professor Sebastião.

As professoras relataram que as condições para oferta do ensino noturno eram propícias, uma vez que já se concretizava o ensino noturno com a implantação do Curso pedagógico e depois do curso adicional, na própria instituição Pio Décimo. Também a escola Normal funcionava à noite e dessa forma os professores já tinham experiência de lecionar no ensino noturno.

Sobre o perfil dos candidatos concorrentes a uma vaga no curso de Pedagogia da Pio Décimo, as entrevistadas confirmaram que a maioria eram trabalhadores da educação, professores da rede pública, em busca de melhoria salarial e que já exerciam atividades docentes em sala de aula durante o dia todo. Então, quando o professor Sebastião abriu o curso adicional, já cativou de imediato essa clientela que abraçou, mais tarde, a oportunidade de continuidade de estudos, favorecida pela oferta em turno noturno do Curso de graduação em Pedagogia.

Sobre os contratos de trabalho, informaram, como já está dito nesta seção que eram contratos CLT, e que “a seleção era feita previamente na base do conhecimento pessoal, por indicação de quem estava elaborando o projeto, que considerava os profissionais oriundos da UFS” (ENTREVISTA DA PROFESSORA DEUSINHA, 21/10/2019).

Sobre a forma de organização pedagógica, pudemos conhecer através das narrativas das professoras algumas peculiaridades da instituição marcada pelo modo singular de administrar do professor Sebastião. As professoras afirmaram que a organização do trabalho pedagógico e administrativo era feito através de uma estrutura de Departamentos e que na Pio Décimo tinha o Departamento de Educação, cujo coordenador foi o professor Feitosa e logo depois foi a professora Leda Diniz. Judite faz uma análise da forma de organização pedagógica, na época do curso, ressaltando que: (ENTREVISTA DA PROFESSORA JUDITE, 21/10/2019).

Na época a coordenação não era pedagógica, era mais administrativa. Quem fazia as reuniões era mesmo o professor Sebastião. Assim era muito difícil, por exemplo produzir. Era difícil mudar. Era difícil até mesmo por reproduzir no ensino superior a experiência de gestão que já se consolidara no Colégio Pio Décimo, nos cursos primário, secundário, pedagógico e adicional.

E é a professora Judite quem nos conta um pouco dessa forma singular do professor Sebastião gerenciar a sua instituição. Ela relembra posturas e falas do professor durante as reuniões de coordenação que aconteciam aos sábados e eram presididas pelo diretor. Segundo a professora Judite, ele dizia: (NARRATIVA DA PROFESSORA JUDITE, 21/10/2019)

Eu quero avisar pra vocês que, como diretor eu tenho o direito de entrar na sala de aula do professor a qualquer hora, para assistir a aula e dá minha opinião. [...] passando na sala de aula escutei tal frase...á escutei isso..., mas professor, o senhor não acabou de dizer que tinha o direito de entrar na sala do professor...então porque não entrou na sala. Havia certos posicionamentos dele sobre a metodologia de trabalho dos professores. Por exemplo, ele deixava claro que os professores estavam proibidos de fazer trabalho de grupo, porque achava que era só pra livrar o professor de ter trabalho de dar aulas.

Conforme atesta a professora Judite, é claro que ela não seguiu essa regra. Ficou chateada com a ordem, mas desobedeceu e continuou a fazer trabalhos de grupo com seus alunos. Não por rebelião, mas por acreditar no potencial pedagógico dessa metodologia de ensino, que dinamiza interações e favorece aprendizagens.

As professoras (Judite e Deusinha) refletem sobre esse aspecto, dizendo que as metodologias eram adaptadas sim, por cada professor, mas não havia nenhum movimento de reflexão mais sistemática e coletiva para fundamenta esse processo.

Deusinha lembra: “tinha a salinha dos professores que tinha uma pessoa específica que separava as cadernetas e ia levar na sala para os professores. O convívio entre os professores era muito bom.”

Um fato curioso, que somente pode ser contado por quem viveu a experiência, porque não se registra esse cotidiano de outra forma, chama a atenção para o modo incomum do professor Sebastião administrar a instituição de ensino. Havia um sentido fiscalizador aliado ao intuito de saber o que de fato acontecia nos bastidores das salas de aula. Nos conta Judite que: (NARRATIVA DA PROFESSORA JUDITE, 19/09/2019).

O professor Sebastião tinha colocado nas salas de aula um sistema de som⁵⁵ que ouvia tudo o que se passava durante as aulas. Só que muitos professores ficaram sabendo e... (Judite nos diz sorrindo) – Eu, quando queria falar com o diretor, mandava recado pra ele da própria sala de aula.

Notamos pelos depoimentos das professoras que a administração do professor Sebastião tinha um tom aberto e pessoal, porém bastante fiscalizador. Esse tom fiscalizador se refletia na forma da coordenação conduzir o trabalho pedagógico, baseado especialmente sobre a rigorosa observação do cumprimento de horário de trabalho. Também, outro aspecto que cabe destacar é sobre o controle da disciplina. Era muito rígida. Quem entrasse na Faculdade ou na Sala de Aula não poderia sair, a não ser quando as aulas terminassem.

As avaliações eram feitas através de provas e trabalhos e os desafios e dificuldades eram muitos. Lembra Deusinha que: (ENTREVISTA DA PROFESSORA DEUSINHA, 19/09/2019)

Não tinha dois professores de uma mesma disciplina, então não tinha como compartilhar propostas. Também com a clientela que já tinha uma certa idade, se houvesse uma discussão dos professores; não tinha só professor da escola pública não; por exemplo os filhos da professora Mariah foram formados na Pio Décimo e foram alunos muito bons.

Entre os desafios da docência as professoras consideraram a questão da base de conhecimentos dos alunos. Elas destacam que as primeiras turmas eram ótimas, mas “muitos alunos chegavam no curso zerados e ficavam esperando que o professor ditasse para que eles copiassem e depois desse a resposta para que eles continuassem copiando. Então, era muito

⁵⁵ Contaram-nos, a boca pequena, que em certa ocasião, ouvindo a aula de uma professora (já falecida), ele se surpreendeu com os elogios e defesa da instituição que a professora fez. Então, daquele dia em diante a professora ganhou prestígio aos olhos do professor.

difícil”. Também, citam como desafio a questão do clientelismo. E assim se pronunciam (NARRATIVA DA PROFESSORA JUDITE 21/10/2019).

O clientelismo da escola particular, está na mania que o aluno já vem dizendo eu paguei, então eu tenho que passar. E naquela época tinha outra chamada... depois outra chamada...depois outra chamada, até que os alunos fossem aprovados...e o professor tinha que fazer outra prova.

Na verdade, havia uma intenção administrativa de tolher a autonomia do professor, embora cada um agisse conforme julgava cada situação e possibilidades.

5.1.3 Memórias de professores-fundadores: narrativa oral da professora Yvone Mendonça de Souza

Figura 26 – Profa. Yvone Mendonça de Souza



Fonte: Acervo particular da Profa Yvone

A professora Yvone Mendonça de Souza nasceu em Aracaju, no Bairro Industrial, no dia 30 de janeiro de 1939 e destacou-se nesta pesquisa como professora-fundadora referenciada pelos critérios estabelecidos na metodologia, para narrar a sua história de vida, formação e atuação profissional. O traçado de um breve perfil biográfico torna-se essencial para situar a importância dessa professora no contexto da educação sergipana, ressaltando aspectos da sua história de vida profissional que, por certo, influenciaram a sua escolha para compor o quadro dos primeiros professores do Curso de Pedagogia na FPD. Podemos afirmar que a professora Yvone Mendonça construiu uma carreira profissional respeitável no magistério público e privado, iniciando a docência ainda quando estudante universitária, conquistando prestígio e

reconhecimento por sua competência como professora de Língua Portuguesa, de Literatura Brasileira e Sergipana e de Redação.

Os dados a seguir, foram registrados no momento da entrevista com a professora Yvone Mendonça e complementados com a leitura da monografia intitulada Yvone Mendonça de Souza: educação e ensino, sua grande paixão” (GOIS, UNIT, 2005). Iniciou e prosseguiu seus estudos em escolas da rede pública. Estudou no Grupo Escolar José Augusto Ferraz no Bairro Industrial, onde residia e na Escola de Aplicação Padre Gaspar Lourenço, vinculada à Escola Normal, prestando exame de admissão para fazer o ginásio na Escola Normal. Fez o científico no Colégio Estadual Atheneu Sergipense (CEAS) e o Curso de Filosofia na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, graduando-se no Curso de Letras Neolatinas.

Iniciou sua carreira no magistério em instituições privadas de ensino, atuando por 20 anos como professora de Português, Francês e Educação Moral e Cívica; no Colégio Jackson de Figueiredo. Lecionou também nos Colégios Tobias Barreto, Arquidiocesano e Gabinete de Ciências da Matemática (GCN), colégio particular que ficou conhecido pelo rigor da aprendizagem comandada pelo então diretor professor Leão Magno Brasil. Foi professora de Língua Portuguesa e literatura na Faculdade Tiradentes e titular da disciplina de língua Portuguesa na Faculdade de Estudos Sociais e Aplicados de Sergipe – Pio Décimo, ocupando também, nessa mesma instituição, o cargo de professora de língua Portuguesa no Curso de Pedagogia, atendendo a convite do professor Sebastião.

Dados da monografia de Gois (UNIT, 2005) mostram que a sua formação em Letras Neolatinas ocorreu na Faculdade Católica de Filosofia e que a professora sempre buscou aprimorar seus conhecimentos. Como professora de língua portuguesa, contribuiu com a educação de crianças e jovens em grandes colégios públicos de Aracaju, – o Colégio Estadual Atheneu Sergipense – CEAS, o Colégio Estadual Presidente Castelo Branco – CEPCB e o Instituto de Educação Rui Barbosa – IERB, onde, neste último, também exerceu o cargo de diretora. Foi ainda professora de Francês no Colégio de Aplicação – COPAD da UFS, após concurso foi aprovada e contratada como professora substituta.

A professora Yvone teve destacada participação política na educação. Integrou o quadro de primeiros sócios da Associação de Professores Licenciados do Brasil – APL – Secção Sergipe⁵⁶, que depois veio a se transformar na Associação dos profissionais do Magistério de

⁵⁶ Essa Associação, segundo Figueiredo (1975, pp 43; 46.), “sob a liderança dessa associação e dos professores Thiers Gonçalves de Santana e José Silvério Fontes e Caetano Quaranta, em 25 de outubro de 1963, os professores da rede estadual de ensino fazem a sua primeira greve. Essa greve obtém o apoio de diversas categorias profissionais e reúne docentes das redes pública e privada. O movimento sai vitorioso, quando o governador Seixas Dórea, assina em novembro um decreto aumentando os vencimentos dos funcionários públicos estaduais.”

Sergipe (APMESE). Participou na formação do Sindicato dos Trabalhadores da Educação do Estado de Sergipe (SINTESE)⁵⁷ e no Sindicato dos Professores da Rede Particular de Ensino do Estado de Sergipe, fundado em 1977, onde exerceu os cargos de presidente em exercício e de vice-presidente. Em suas próprias palavras, registradas na biografia do seu livro recente (MOMENTOS, 2019), ela diz que viu surgir o primeiro sindicato patronal sob a presidência do Professor Benedito Alves de Oliveira, com a participação do professor José Sebastião dos Santos, que deu origem à FENAN.

Em 1993 fundou a Academia Literária de Vida, com um grupo de educadores e intelectuais aposentados, liderados pela professora Maria Lígia Pina⁵⁸, que já participavam das reuniões denominadas “Hora Literária”. A Academia foi registrada em cartório em 1995, com o objetivo de preencher o tempo livre com troca de experiências e discussões profícuas sobre temas que as preocupava no momento, de ordem nacional e internacional, envolvendo a educação, a cultura, a formação da juventude, contemplando uma produção literária em termos de jornais e Revista.

Também foi membro do Conselho Estadual de Educação (CEE) durante duas décadas, tendo ocupado a presidência daquela instituição. Integrou o ensino superior como professora em instituições privadas de ensino, sendo uma das fundadoras do ensino superior noturno na Faculdade Pio Décimo, onde assumiu a docência na primeira turma do Curso de Pedagogia a convite do professor Sebastião.

Como Conselheira-Presidente do CEE, participou da 1ª Jornada Pedagógica de Cuba-Brasil ao lado dos conselheiros professor José Sebastião dos Santos, Aglaé Fontes d’Avila⁵⁹ de Alencar e Luiz Antônio Barreto⁶⁰, visitando escolas e participando de palestras sobre a organização dos sistemas educacionais do Mercado Comum do Sul (Mercosul) e da América, Central. Além disso, sempre investiu esforços no seu processo de formação, desde a graduação,

⁵⁷ Góis (2019, p. 153) e Gois, (2005, p. 47) salientou que a professora Yvone teve uma atuação importante como uma das fundadoras da Associação dos profissionais do Magistério (APMESE), ao lado de professores como Walter Leão, Maria Hermínia Caldas, Janira Alves Lima, Marlene Rosa Montalvão, Lígia Madureira Pina, Maria do Carmo Prado Lobão. Esse grupo subscreveu a Ata de fundação da APMESE se transformou no SINTESE, órgão que hoje representa o magistério público do estado de Sergipe.

⁵⁸ Maria Lígia Madureira Pina, professora e escritora. Nasceu em 1925 e faleceu em 2014. Formada em História e geografia – UFS. Foi da Academia Literária de Vida, fundada em 1992. Foi membro da Academia sergipana de Letras. Recebeu a medalha de Mérito Cultural Silvio Romero.

⁵⁹ Professora Aglaé Fontes é pesquisadora da Cultura, folclorista, licenciada em Filosofia e pós-graduada em Educação Musical pela UFS, ocupou várias funções públicas, como Secretária de Estado da Educação; Secretária de Estado da Cultura e Presidente da Fundação Aperipê. Também foi fundadora do Centro de Criatividade.

⁶⁰ Luiz Antônio Barreto nasceu em Lagarto em 1944, estudou Direito na Faculdade Nacional em Direito. Jornalista, historiador, escritor. Foi Secretário de Estado da Educação. Conhecedor da Cultura Brasileira e Sergipana, com publicações na área.

com a participação constante em cursos de diversas naturezas voltados para atualização e aperfeiçoamento de conhecimentos. Importante destacar aqui que a professora Yvone participou, na década de 1970, das discussões que implementariam a Reforma do Ensino com as exigências da lei 5692-71.

Aposentada aos 30 anos de exercício do magistério foi premiada com importantes condecorações oficiais⁶¹, dedicando-se, entre outras atividades as ações da Academia Literária de Vida, da qual é também uma das suas fundadoras. Erudita, competente, militante, promotora da cultura, a professora acumula uma significativa e diversificada experiência de mais de 40 anos de ensino, tendo algumas publicações literárias, entre as quais se destaca o livro “Louvando a Vida” (2017) e Momentos: uma ponte entre o passado e o presente” (2019).

Os dados aqui relatados foram obtidas através de entrevistas realizadas com a professora Ivone em 25 de setembro de 2017, estendendo-se depois de um período em que nos dedicamos às buscas e sistematização dos documentos localizados na instituição, bem como à realização de outras entrevistas, para novos contatos em 28 de novembro de 2019, com o objetivo de complementar informações, solicitar fotografias a fim de padronizar a apresentação dos professores-fundadores que ilustram essa seção.

- **Entrevista com a professora Yvone Mendonça de Souza**

O primeiro contato com a professora Yvone Mendonça ocorreu por meio de Dona Valdenice dos Santos, atual Supervisora Geral da FPD, pessoa que, por seus múltiplos relacionamentos institucionais, longo tempo de trabalho na instituição e forma peculiar de atendimento à comunidade acadêmica, detém um conhecimento amplo e diverso sobre os profissionais que pertenceram ao quadro de pessoal da Instituição. Assim, Dona Valda localizou quase que de imediato os contatos da professora Yvone. Através de uma ligação conversamos inicialmente de forma breve sobre o propósito do trabalho de pesquisa e da sua valiosa contribuição. Com satisfação a professora Yvone nos convidou para uma conversa em sua própria residência, quando poderíamos esclarecer sobre os objetivos da pesquisa e o nível de participação da professora.

O contato presencial, em sua residência foi muito acolhedor. A delicadeza e elegância, como qualidades que já fazem parte do perfil da professora Yvone, criou espaço apropriado em

⁶¹ Professora Yvone Mendonça de Souza em seu memorial particular, a professora coleciona suas honrarias. São 12 medalhas de honra ao mérito cultural e educacional, 20 placas de reconhecimento público, comendas e dezenas de certificados e diplomas que atestam uma história de vida a serviço da educação sergipana. Dados contidos no livro Momentos:

ambiente sossegado e agradável. Gentil, ela me conduziu mostrando quadros e peças de viagens, bem como seus muitos troféus que atestam o reconhecimento do seu trabalho educativo junto à comunidade sergipana.

Durante a entrevista a professora se colocou muito à vontade, citando outros trabalhos de pesquisa dos quais tinha sido convidada a participar, como uma monografia de graduação orientada pela professora Tereza Cristina Cerqueira da Graça que já contempla dados biográficos e de sua história de vida profissional. Esse trabalho me foi cedido para auxiliar na busca de informações preliminares.

Ao abordar a questão relativa à formação do quadro de docentes da primeira turma da Faculdade, a professora Yvone Mendonça, recordou-se que se vivia numa época em que mais que os títulos de pós-graduação, mestrado e doutorado, da forma como são exigidos hoje, categorizando-se uma forma de classificação para aprovação do corpo docente de uma instituição. Na visão da professora Yvone, o que era importante mesmo “era ter o notório saber, ter experiência profissional” (ENTREVISTA, 25/09/2017). Sendo assim, quando o professor Sebastião me convidou, solicitou apenas o currículo, que foi enviado junto com o Projeto de Curso para a equipe do MEC em Brasília. Após avaliação do mérito curricular, os documentos eram devolvidos à instituição para que os docentes aprovados pudessem ser contratados para dar início ao processo de ensino, conforme as disciplinas que estavam habilitados para lecionar.

Percebemos que a qualidade dessa equipe repousava então sobre “o notório saber”, como nos disse a professora Yvone. Eram professores altamente competentes, selecionados como os melhores professores, aqueles que poderiam fazer jus às expectativas daquele momento tão importante para a instituição. A professora Yvone nos conta (ENTREVISTA 25/09/2017):

Era tudo muito novo na época e a equipe entusiasmada, atuava de braços dados. Toda a equipe de docentes com a equipe diretiva, somavam esforços nesse início de jornada para que o novo Projeto Educacional tivesse o merecido sucesso. E foi mesmo o que aconteceu, como se pode ver.

Aqui, destacamos da narrativa oral da professora Yvone, outro aspecto importante das relações institucionais que aconteciam através de troca de experiência, e contatos pessoais e pedagógicas, além dos intercâmbios acadêmicos que eram desenvolvidos na formalidade dos espaços de trabalho da instituição. Segundo a professora, as relações eram muito éticas e muito próximas. Havia, na época muito respeito pelos colegas, e mesmo da parte da direção, os professores sentiam que havia muito respeito e consideração.

Sobre a realização do primeiro vestibular, lembrou a professora Yvone que ocorreu como um momento muito solene, porque o vestibular era um evento muito importante, cercado de muito sigilo, rigor, expectativa, alegria e responsabilidade (ENTREVISTA 25/09/ 2017).

Na época não existiam as possibilidades viabilizadora de hoje, então a Faculdade Pio Décimo, como não existiam aqui tantas condições, as provas eram elaboradas em total sigilo pelos docentes que lecionavam no ensino médio e eram então convidados para elaborar as provas. Era uma relação de muita responsabilidade e confiança. Eu mesma elaborei várias provas de vestibular para a Faculdade Pio Décimo, na área de comunicação e expressão e de língua portuguesa.

Podemos aqui, através da fala da professora sobre o primeiro vestibular, confirma o que ficou detalhado antes pelo Seu Osvaldo que presidiu a primeira Comissão do Concurso Vestibular da FPD, em 1976 sobre a participação sigilosa dos professores do Colégio Pio Décimo como elaboradores das provas do vestibular, e nos revelou o teor das preocupações com a indicação da equipe de professores elaboradores das provas, todos provenientes da docência no ensino secundário, no próprio Colégio, e também todos os que atendiam ao critério de relação de extrema confiança pessoal do professor Sebastião. Competência e confiança eram os elementos mais observados na formação da primeira equipe preparatória do Vestibular.

Sobre a estrutura física da nova instituição, a professora Yvone destacou que não houve grandes mudanças, uma vez que foi a estrutura física que servia ao Colégio que acolheu o Curso de Pedagogia. Era uma estrutura simples, também porque o novo curso estava apenas começando e como havia espaço suficiente à noite, para dar conta desse processo inicial, o professor Sebastião utilizou a própria estrutura do Colégio que funcionava no turno diurno abrigando os espaços, ambientes e materiais próprios da Faculdade. Dessa forma, houve, na verdade um aproveitamento especial da estrutura já existente, que atendia às demandas do curso secundário.

Confirmamos também na narrativa da professora Yvone que a clientela da Faculdade que tinha interesse em fazer um curso superior noturno, era de fato muito peculiar, formada em sua grande maioria pelas próprias alunas do Curso Pedagógico da própria instituição e também por alunas que tinham concluído o Curso Normal no Instituto de Educação Rui Barbosa. As alunas buscavam nesse Curso de graduação a oportunidade de fortalecer os estudos de segundo grau e ampliar seus conhecimentos para melhorar a carreira profissional que a maioria já estava assumindo. Eram basicamente essas as características dos candidatos a uma vaga no Curso Superior de Pedagogia – egressas do curso normal e professoras da educação infantil e escola primária.

Ainda no campo das relações institucionais, a professora Yvone evidenciou a liberdade de cátedra que os professores tinham. Talvez pela qualidade da equipe, e pelo reconhecimento já adquirido antes mesmo de virem compor o quadro de docentes da FPD. Aliás, pode-se afirmar que esse reconhecimento e credibilidade é que possibilitaram as suas presenças no quadro da instituição. Então, estava-se ciente da capacidade dos professores, por isso a liberdade de ação lhes tenha sido outorgada. Para Yvone (ENTREVISTA 28/11/2019).

Houve adequação de metodologias, conteúdos e práticas, desde o início da FPD, e ressalta que os professores sempre estavam investindo em estudos para atualização, porém, uma coisa foi muito importante: na própria estrutura, o professor sempre teve liberdade de cátedra e as metodologias mais atualizadas da época eram então aplicadas de acordo com o grau de independência e capacidade de cada professor.

Para Yvone, a coordenação do curso desenvolvia um trabalho de acompanhamento e controle das ações pedagógicas que dava liberdade aos professores para apresentar suas ideias e práticas. No âmbito das metodologias, o trabalho não se limitava ao espaço da sala de aula expositiva, havia também, baseados nos estudos que realizávamos propostas de seminários, trabalhos em grupo, intercâmbios com outras instituições, como práticas diferenciadas, especialmente durante os estágios. “Era um momento de efervescência pedagógica que empolgava a todos pela abertura do curso novo, embora fossem muitos os desafios, pois, como sempre, toda instituição que começa é desafiada a apresentar seus propósitos e a sua visão de futuro” (ENTREVISTA 28/11/2019).

A professora evidenciou, ainda, que está afastada há quase 30 anos das lides educacionais, uma vez que está aposentada, mas que nunca se afastou totalmente, pelo amor à educação e pelo idealismo. Foi com certeza o gosto pela profissão docente, que mobilizou a primeira equipe de professores para estudar. E nos revela os autores estudados, que ela ainda se recorda, passados tantos anos, pela influência pedagógica e pela intensidade do trabalho realizado, que marcou em sua memória. “Nós estudamos muito a pedagogia de Pestalozzi, a psicologia de Piaget, a filosofia de Dom Bosco, o Construtivismo, que na época já se falava muito em construtivismo, e sem dúvida, o grande mestre da educação brasileira Paulo Freire.”

Ao ouvir a professora Yvone lembrar do passado, com sua memória emocionada pelo que viveu como professora, percebemos a importância da narrativa de memória desse grupo de professores que foi responsável por construir com a comunidade acadêmica diversas práticas para servir melhor ao perfil singular dos alunos daquela primeira turma. Para Yvone, “isso se deu também pela inteligência do grupo dos professores que soube buscar na própria experiência institucional as respostas que tinha capacidade de atender às necessidades da realidade, considerando o contexto social local que se projetava no entorno da Faculdade”.

Assim, para encerrar a entrevista, destacamos a reflexão que faz a professora Yvone diante do trabalho realizado, que demonstrou a extensão e o sentido do passado, repercutindo no tempo presente (ENTREVISTA 25/09/2017).

Quando os administradores de hoje olham para o ontem e pensam no amanhã sabem que foram vitoriosos porque a Faculdade Pio Décimo, através da sua história já se constituiu como uma referência positiva e respeitada não somente em Sergipe, mas no Nordeste e no Brasil, pela qualidade e singularidade da educação que oferece e das contribuições sociais que dela resultam.

Reafirmamos o valor da narrativa oral de ordem pessoal, que nos permitiu um retorno ao passado coletivo e nos ofereceu a oportunidade de reconhecer os múltiplos sentidos que cada um vai conferindo às ações que foram desenvolvidas, destacando o que foi de fato penetrante na experiência vivida; o que funcionou como força motriz, e que ao se revelar, não apenas retrata a singularidade dos acontecimentos em si mesmos, mas numa rede coletiva interdisciplinar que marcou o modo de ser da instituição em suas origens. Traços de semelhanças e diferenças vão expondo o que, para nós às vezes parecia ser tão único, tão pessoal, mas que de fato também se faz presente na voz de outros com os quais compartilhamos a mesma história que agora pode ser reconstruída, contada, em suas semelhanças e diferenças, reinterpretadas à luz da experiência de ontem, mas com o olhar guiado inevitavelmente pela existência contemporânea.

5.1.4 Professor Jeremias Romão de Brito

Figura 27 – Professor Jeremias e professor Sebastião



Fonte: Acervo particular de prof. Jeremias

O professor Jeremias, natural de São Paulo, estudou no Colégio Piracicabana, hoje Universidade Metodista. Nos conta sobre a sua história de menino pobre, que veio da roça para

estudar e que veio para Aracaju, por escolha própria como Pastor da Igreja Metodista, com o intuito de realizar um trabalho diferenciado. Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia da Igreja Metodista, graduou-se em Psicologia pelo Instituto Metodista de Ensino Superior (1974). Valorizando seus estudos, sempre buscou aprimorar sua formação.

Em 1997 fez Especialização na Universidade de São Paulo tratando da Violência Doméstica contra a criança e o adolescente. Nessa perspectiva cursou o Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (2008). Como psicólogo exerceu por 20 anos a função no Colégio Orlando Dantas, aposentando-se nessa função pela Secretaria do Estado da Educação de Sergipe.

Em seu percurso de formação e experiências profissionais, teve oportunidade de contribuir no âmbito social, político-pedagógico e psicológico, atuando como Presidente da FEBEM, transformando os Núcleos de Atendimento existentes em Centros Comunitários; foi presidente do Conselho do Idoso; fundador e mantenedor da Fundação CANAÃ⁶² de Assistência a Infância em Sergipe; Fundador da Associação Nosso Lar de Assistência a Infância. Na Faculdade Pio Décimo, foi professor fundador, passando depois a substituir dona Leda Diniz ocupando o cargo de Diretor Acadêmico do Curso de Pedagogia. Também dirigiu o Centro de Práticas de Psicologia da instituição, afastando-se em 2019. Coleciona títulos que qualificam a sua vida profissional, e a sua prática política e pedagógica. Foi premiado com os título de Comendador da Ordem do Mérito "Tobias Barreto" Palácio Graccho Cardoso – Aracaju; Título de Benfeitor da Associação Centro Social Urbano Terezinha Meira; Honra ao Mérito, União dos Ministros Evangélicos do Estado de Sergipe; Amigo do Município, Sociedade "Amigos do Município", Barra dos Coqueiros; Sócio Benemérito da Associação dos Subtenentes e Sargentos da Polícia Militar do Estado de Sergipe.

- **A Entrevista com o professor Jeremias Romão**

O processo de escuta do professor Jeremias Romão ocorreu de modo peculiar, considerando que foi o primeiro professor a ser entrevistado e que continuava ainda fazendo parte do quadro de docentes da FPD, atuando como Coordenador do Centro de Práticas de Psicologia. Ele exercia suas atividades acadêmicas no espaço do Campus II, situado na Avenida Rio de Janeiro, no Campus Centro, situado na Rua Estância. Porém, mesmo localizados em prédios diferentes, inevitavelmente tínhamos muitos contatos em reuniões, encontros pedagógicos e outras atividades sistemáticas promovidas pela instituição. Além disso,

⁶² A FUNDAÇÃO CANAÃ – instituição filantrópica, reconhecida como Centro Psicossocial Canaã, situada à rua Goiás, n. 1.111, Bairro Siqueira Campos.

ressaltamos que fomos, de fato, colegas de trabalho, participando do quadro de docentes do Curso de Pedagogia quando ainda funcionava no Campus Centro.

Dessa forma, conhecia o professor Jeremias apenas de ouvir dizer, mas pelo convívio comum nos corredores, salas de aula, auditórios, sala de professores, como espaços comuns aos docentes, e que ele ocupava sempre com muito bom humor, sorriso aberto e simpatia. Lembramo-nos também da professora Norma Rosane de Oliveira (hoje aposentada), que carinhosamente o chamava de Jerêê, tal era o nível de informalidade e amizade presentes nas relações entre os membros do corpo docente. Assim, o contato com o professor Jeremias, para convidá-lo a participar desta pesquisa como um dos fundadores que ainda continuava a exercer funções docentes e administrativas na FPD, tornou-se singular.

Inicialmente fui conversar com ele em sua Sala de Coordenação, situada no Centro de Práticas de Psicologia, sendo então recebida com gentileza e disponibilidade para contribuir com a história da instituição. Nesse primeiro contato, que ocorreu em 18 de setembro de 2017 conversamos muito. Não somente sobre a pesquisa, mas sobre a vida na instituição, os desafios da educação, família, o trabalho social e político, os projetos educativos extraordinários e a admiração que ele nutria, (e eu também), pelo diretor geral, o professor Sebastião. Na ocasião, fizemos uma agenda para os próximos encontros que seriam realizados de modo mais formal, e conforme nosso acordo, as reuniões não mais aconteceriam no Centro de Práticas, e sim no Instituto Canaã, onde estava residindo⁶³, também porque lá, segundo o professor Jeremias (ENTREVISTA, 26/10/2017), “tenho muita coisa e eu vou agora pegar as minhas coisas e descer tudo, e você vai lá para pegar foto, alguma coisa... eu acho melhor lá porque aqui eu vou ter que trazer muita coisa”.

Esclarecemos que o professor Jeremias estava se recuperando de um período muito difícil com problemas sérios de saúde. Tinha voltado ao trabalho, após licença necessária, mas já não estava mais em sala de aula, o que lhe causaria esforço extremo para cumprir com as obrigações didáticas, uma vez que ficara com algumas limitações para uma fluência de comunicação essencial ao desempenho docente.

Cada encontro nos proporcionou um elo de aproximação que enlaçou duas importantes dimensões da vida humana – a dimensão pedagógica e a dimensão afetiva -, ambas educativas em sua essência. Ficamos muito à vontade para conversar, sempre a tarde, geralmente das 14

⁶³ Vivenciando uma fase de transformação na vida pessoal e profissional, após superação de sério problema de saúde, o professor Jeremias me disse: “Professora Sônia, hoje eu moro na instituição que construí e a minha casa é o serviço (ENTREVISTA, 16/05/2018). A Fundação Canaã é uma instituição que atende às pessoas da comunidade.

às 17 horas, horário em que ele se preparava para ir cumprir o turno da noite na Faculdade. Durante as entrevistas, os diálogos foram anotados e gravados e ele fez questão de me apresentar seu espaço de trabalho. Um gabinete com uma grande estante ao fundo, abrigando centenas de livros. Clássicos e contemporâneos da educação, da literatura, da filosofia, da teologia e da psicologia. Uma mesa de trabalho com muitas pastas e objetos que representavam a sua vida profissional. A sala abrigava ainda um piano que ele tocava de vez em quando.

Durante a entrevista foi difícil manter um roteiro preliminar. O professor Jeremias narrou, de forma emocionada, partes importantes da sua história de vida de menino pobre⁶⁴, de menino que trabalhou na roça, e que muito se esforçou para estudar e alcançar um patamar de vida diferente. Ele nos disse que foi da roça que veio a sua natureza persistente e teimosa. Disse que trouxe a força do campo e a fértil generosidade das sementes.

A conversa com o professor Jeremias foi aberta, franca, agradável, e ele foi revelando as múltiplas faces da sua experiência de vida na especificidade dos conhecimentos e valores que adquiriu em seu percurso de formação em Teologia, na Universidade de São Paulo, em Psicologia, no Instituto Metodista de Ensino Superior de São Paulo. Fez também especialização *lato sensu* e *stricto sensu*, cujas temáticas semelhantes, destacaram as questões de gênero e de violência doméstica, temas que ele segue aprofundando em vários cursos e práticas de pesquisa. Nos disse que esses conhecimentos não são apenas para enriquecer o seu currículo, são ferramentas com as quais pode desenvolver um trabalho social e acadêmico relevante. O tema central da sua dissertação de mestrado “Violência doméstica e educação em Aracaju no século IX (BRITO, 2003), lhe permitiu ampliar conhecimentos e projetar pesquisas que desenvolve ainda, como coordenador do Centro de Práticas do Curso de Psicologia da FPD.

O professor Jeremias não só integrou a primeira turma do Curso de Pedagogia da FPD, também foi o seu segundo coordenador, assumindo essa função por dez anos, continuando até 2018 na instituição, passando a exercer a função de Coordenador do Centro de Práticas de Psicologia.

Como pastor da Igreja Metodista realizou um trabalho social relevante, que se estendeu com a obra social desenvolvida através da sua Fundação – o Instituto Canaã, que presta serviços de assistência a infância, através do Lar de Assistência a Infância. Sobre o período da fundação

⁶⁴Quando eu comecei a estudar no Colégio Piracicabano, hoje Universidade Metodista, as meninas e os meninos descobriram que eu não tinha blusa de frio e um menino arranhou uma blusa para mim e também os livros. Eu lembro bem de uma menininha que disse: – Jeremias eu tenho um transferidor pra você e uma régua... eu sentava no fundo da sala porque eu não tinha roupa e o meu sapato tinha um furo no fundo. Aí os meninos entendiam que eu era muito pobre, mas muito inteligente... aí desabei a dar aulas de matemática e ganhava dinheiro que mandava para a família em Emilianópolis. Eu trabalhava seis horas por dia na construção como ajudante de pedreiro (risos) e ia para o colégio à noite (ENTREVISTA 09/09/2017).

da FPD, ele disse que: “no início o grupo me proporcionou muitos desafios. Eu tinha o conhecimento, e vinha de uma escola forte – a Teologia e a Psicologia, mas não tinha experiência quando fui convidado para lecionar na Faculdade” (ENTREVISTA 26/10/2017).

Constata-se que o professor Jeremias construiu uma carreira sólida, em áreas que exigiam atitude ética, solidez de valores humanos, sensibilidade e senso de justiça, como o magistério e a ação social e pastoral, além da participação efetiva na vida política de Sergipe, uma vez que foi eleito como vereador de Aracaju, além de fundar o Instituto Canaã, contribuiu com as discussões da Constituinte de 88. Ele mesmo ressalta:

Eu fui relator da Comissão Constituinte, com o tema - Da Ordem Social. Briguei! Briguei muito... agora aprovei todos os meus requerimentos e dos meus amigos e isso virou lei. Agora já modificaram tudo...uma pena! Você vai lá na constituinte, e vê que eu tenho um trabalho como constituinte da ordem social lá...

O perfil profissional do professor Jeremias foi construído reunindo conhecimentos de diversas ordens, no decorrer dos processos de formação continuada que puseram em destaque temáticas que até hoje repercutem na sociedade. Para ele, todas essas experiências o ajudaram a construir e desenvolver práticas enriquecidas no âmbito da psicologia, da docência e da ação pastoral.

O professor Jeremias explicou que durante a graduação na Universidade Metodista de São Paulo, participando da direção do curso de Teologia, estabeleceu muitos contatos, com alunos que tiveram um brilho especial: “A esposa de um desses alunos, que se transformou em sua co-pastora, conhecia bem o professor José Sebastião”, e então disse a Jeremias que ele estava precisando de um professor para ministrar Psicologia da Personalidade, e se ele estivesse interessado... ao que Jeremias respondeu que “sabia muita teoria, mas para ensinar...”

Assim, tendo ouvido do professor Sebastião que ele não queria saber de teoria e nem prática e sim se eu daria conta do recado, o professor Jeremias aceitou e passou a integrar a equipe de professores pioneiros do Curso Noturno de Pedagogia na FPD, permanecendo na instituição por mais de 40 anos. E ele encerrou essa primeira entrevista na qual me concedeu essas informações, sorrindo, com seu jeito sempre muito brincalhão: “Acho que o professor Sebastião já se arrependeu de ter me contratado”.

Seguindo carreira no magistério, no ensino superior privado, Jeremias foi professor da disciplina “Personalidade Humana” na Graduação do Curso de Pedagogia e depois também no Curso de Psicologia. Deu aulas nos cursos de pós-graduação, oferecidos pela instituição no campo da educação e da psicologia já numa fase bastante recente da história da instituição, uma vez que a pós-graduação é aberta na Pio Décimo nos anos 2000. Como Diretor Acadêmico da Faculdade,

realizou um trabalho importante, substituindo a primeira coordenadora – professora Leda Diniz que se afastou da função por motivo de aprovação em concurso público. Assim, o professor Jeremias exerceu a função de coordenação de curso, no âmbito da gestão acadêmica, durante 10 anos e disse em tom brincalhão: “isso me comeu o juízo, mas eu aprendi”.

Percebemos aqui o critério de indicação pessoal, embora fundamentado na relevância do currículo e das notórias experiências⁶⁵ desenvolvidas por Jeremias no campo da psicologia, da pastoral e também no campo social-educativo, pesassem favoravelmente para promover a sua escolha, tendo em vista a confiança e credibilidade que o professor Sebastião tinha em quem o estava indicando. Sobre as suas concepções de educação, das quais, como ele mesmo diz, foi se apropriando no decorrer da sua carreira como docente e gestor no Curso de Pedagogia:

Professora Sônia, eu fiz um resumo sobre o que eu penso sobre educação. [...] talvez eu fale muita besteira...eu aprendi com vocês mesmos, pedagogos, porque eu sou psicólogo [...] aprendi que a educação... ela tem que ensinar ao aluno, o aprendizado da reflexão. Aí, disso nasce o aprender a aprender. A minha história...parte dela é assim...eu não tinha dinheiro morava na roça e eu aprendi a aprender, primeiro com os professores da minha roça. Eles me estimularam, lá naquela época, que eu pensava que eu poderia aprender sozinho. Aí eu aprendi um pouquinho de violão cavaquinho e um pouquinho de piano. Isso aprendi sozinho! Quando eu fui para a escola de verdade, aí eu dei com outra forma de aprendizado. Então, aprender a aprender é uma coisa para mim, sagrada. O aluno que não aprende a aprender ele tá fadado pro lixo. É muito perigoso conversar com uma intelectual... (risos). É ruim, mas eu vou lá.

Sua preocupação em se colocar de maneira que julga apropriada em termos das concepções, que diz, adquiriu ao longo do seu percurso no curso de Pedagogia e também por seu compromisso em aprender. A sua fala denotou a presença de uma leitura pedagógica e uma preocupação com a aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, a passagem pelo curso de Pedagogia trouxe para o professor Jeremias a oportunidade de aprimorar seus conhecimentos de psicologia e teologia e se apropriar de temas da pedagogia. O seu apreço pelo estudo fica claro nas frases que ele intercala durante a entrevista, como na citação que recorda de cabeça, sem precisar ler, de Einstein – um autor que ele diz gostar muito e destaca – “A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original.”

Essas colocações revelaram os princípios pedagógicos que fomentaram a sua forma de ser professor, sua forma de ensinar, aprender e contribuir com uma didática singular que ele desenvolveu nos primórdios do Curso de Pedagogia. Ele destacou como elementos

⁶⁵ Pode-se constatar, naquele momento, um exemplo da sua contribuição social e do seu espírito empreendedor quando ele pediu autorização para transformar a residência pastoral numa Clínica Médica Odontológica, recebendo inicialmente um não como resposta – Ao que ele retrucou: “Eu moro na minha casa mesmo e eu Também quero construir um Hospital Evangélico [...] E o pastor: “O que é isso Jeremias você tá doido [...]. Mas o professor Jeremias fez. Construiu uma Clínica Médica Odontológica que oferecia atendimento médico a comunidade.

fundamentais presentes no seu processo de tornar-se professor: os estudos realizados na diversidade e abrangência de temas, não somente em seu processo de especialização e mestrado, mas os estudos no âmbito da formação em teologia, como formação rigorosa e exigente que o fez conhecer autores pelos quais nutre admiração, compartilhando seus princípios e concepções. Recordou também sobre o início do trabalho como docente, inaugurando uma turma num curso superior e a sua inexperiência que aos poucos foi sendo superada pela emergência de um determinado modo de ser da instituição.

Ao lembrar como era estar na FPD que estava abrindo para uma clientela diferenciada, o professor Jeremias vai aportando cenários, diálogos e histórias que representaram o que vivenciou no Curso de Pedagogia, a forma como foi conduzindo as suas ações e também como foi percebendo e recebendo as ordenações institucionais presentes naquela época. Ele realçou as boas relações com o grupo de professores, o perfil dos alunos, a admiração, e os embates e conflitos com o professor Sebastião, tendo em vista algumas divergências administrativas e pedagógicas.

Essas lembranças vão consolidando e deixando claro o objetivo dessa investigação, revelando um certo jeito de ser da instituição em suas origens, e como esse jeito de ser refletia, sem dúvida, a forma de administrar do professor Sebastião que já tinha se apropriado de uma experiência educativa anterior, referente a implementação do trabalho administrativo e pedagógico no Colégio Pio Décimo. Nessa perspectiva, o professor Jeremias revela uma situação didático-pedagógica em que o Professor Sebastião o orienta conforme seu modo próprio de ver as questões educativas, no contexto geral da instituição (ENTREVISTA 09/09/2017).

O grupo Pio Décimo me proporcionou muitos desafios. Eu tinha um conhecimento quando fui convidado para assumir uma disciplina no Curso de Pedagogia, e vinha de duas escolas fortes: a teologia e a psicologia, mas não tinha nenhuma experiência. E uma vez eu estava sozinho e todos os professores já tinham terminado o curso, mas eu não tinha terminado o meu. Então chegou o Professor Sebastião e me disse: “professor Jeremias, não precisa fazer isso não rapaz! Faça assim... um trabalhinho... e eu fiquei muito irritado, e eu pensei: isso não é comigo não! Eu quero fazer um trabalho muito sério. Mas, depois, muitos professores chegaram e eu fui aprendendo... aprendendo...de tal maneira que o Professor Sebastião adquiriu confiança em meu trabalho.

Acima, o professor Jeremias se referiu ao rigoroso cumprimento do calendário de aulas. Quem vive a vida institucional em espaços educativos formais sabe bem do que se trata, quando, por alguns motivos, seja de feriados, seja de eventos, que ocupam o lugar das aulas, ausências dos próprios professores, etc., o ano letivo se encerra sendo preciso ainda seguir com as aulas. Para dar conta do calendário previsto, alguns professores vão ficando na instituição até dar conta

completamente do estrito cumprimento da carga horária como deve ser. Também ressaltou a sua preocupação com a falta de experiência, mas ao mesmo tempo mostra a dedicação e a vontade de fazer da docência uma etapa de aprendizagens importantes na sua vida. É assim que, comprovando a sua capacidade de ensinar e a sua disciplina para dar conta da tarefa para a qual foi convidado, o professor Sebastião lhe faz um novo convite, para ocupar o cargo de Diretor Acadêmico, coordenando o Curso de Pedagogia, com essas palavras (ENTREVISTA 16/05/2018):

Olhe só professor Jeremias, eu quero que o senhor me traga os professores que o senhor escolheu, que eu quero conhecê-los, mas não se preocupe que a escolha é sua. Então eu escolhi o grupo que eu escolhi e graças a Deus não me deu trabalho e deu conta do recado.

No entanto, o professor Jeremias enunciou situações desafiadoras em que teve que se posicionar de modo contrário ao que o professor Sebastião como diretor geral ordenava, às vezes baseado em comentários mal interpretados, às vezes baseados em seu próprio modo de ser e ver as questões educativas e institucionais, a partir da sua própria experiência que vinha sempre cancelada pelas vitórias já alcançadas. Para ilustrar uma dessas situações peculiares ele nos contou (ENTREVISTA 26/10/2017).

A gestão acadêmica tinha muitos problemas, porque o professor Sebastião como todo empresário rezava na cartilha do capitalismo e eu sabia disso! E era isso mesmo! Às vezes eu tinha problema. Lembro que eu tive um professor lá que eu escolhi, e ele já morreu, de câncer. Um professor bom, honesto, competente, e era professor de uma turma que tinha alguém muito ligado ao professor⁶⁶ e que tornou a vida desse professor um inferno. E o professor Sebastião me chamou: – Jeremias, fulano-fulana me disse que tem um professor que não dá aula e tem um comportamento muito ruim e eu quero que o senhor chame ele e eu vou demitir agora. Eu disse: – Professor! O professor é um bom professor, – competente, honesto e trabalhador, e não dá trabalho nenhum aqui, em nada... os alunos gostam deles. Aí ele disse, batendo na mesa: – Então o senhor quer dizer que fulano-fulana de tal, pessoa de próximas relações comigo, está mentindo! – Não! Eu disse, Não! Eu disse que fulano-fulana, não tem competência para fazer essas coisas que o senhor pensa. Se o senhor quiser demitir... demita! A escola é sua! Mas eu sou contrário. E o professor disse: – Tá bom! E o professor envolvido nunca soube disso. Então, quantas vezes eu quebrava o galho das coisas dos professores para ele não tomar a atitude errada.

E as narrativas de memória do professor Jeremias foram revelando, ora a face de empresário controlador do professor Sebastião, ora a face do educador, que se misturavam em determinados momentos, influenciando as suas decisões, muitas vezes precipitadas.

⁶⁶ Na entrevista, o professor Jeremias cita o nome desse fulano ou fulana – aluno (a) do curso de pedagogia, mas que, aqui, por motivos de preservação da vida particular, decidimos que era mais apropriado e ético omitir, deixando claro apenas o fato em si, que nos interessa no âmbito desta tese.

Para Jeremias (ENTREVISTA 26/10/2017),

O professor Sebastião era um homem impulsivo, e, que por vezes se deixava influenciar pelas conversas ruidosas do contexto acadêmico, tomando decisões precipitadas, baseadas na informalidade das opiniões nem sempre balizadas por princípios éticos e pedagógicos. No entanto, apesar da pessoalidade presente em diversos momentos do trabalho pedagógico, é mister destacar que, da mesma forma que o professor Sebastião tomava decisões precipitadas, ao ouvir o teor das argumentações dos responsáveis envolvidos nas questões em pauta, era capaz de voltar atrás e rever seu posicionamento com a mesma rapidez com que se precipitou antes, o que denotava a sua capacidade de aprender, compreender, ponderar e respeitar aqueles que ele próprio elegia para o comando das práticas institucionais.

Outro aspecto importante da narrativa do professor Jeremias, recaiu sobre o corpo docente da época. Ele lembrou da competência e do compromisso da equipe de professores com o projeto educativo da instituição, nomeando alguns que, em sua visão e análise no conjunto da instituição, alcançaram, por seu trabalho sério, pelo teor dos conhecimentos e experiências que possuíam, o reconhecimento público pelo percurso de formação profissional, e qualidade das ações que executavam (ENTREVISTA 26/10/2017):

Muitos deles, vestiam a “camisa da instituição” e trabalhavam mesmo com muito amor. Olha, professora Sônia, eu posso falhar, mas vou dar exemplo... A Yvone Mendonça, a Genalva, a Acácia, Amarize, Eunice, Marlene Montalvão, com o jeito dela, mas ela ensinava muito... Então eu posso dizer que sempre contei com o reconhecimento desse grupo seletivo de professores [...]. Jackson Sales, Júlio Diniz, Júlio Seabra.... Olha! O Júlio Seabra, o Júlio Diniz e eu, éramos considerados os três terrores da Faculdade, naquela época. Isso funcionava assim... – Vixe Maria! Você vai pegar esse professor! Agora você vai pegar o Júlio... O Júlio é muito inteligente e competente, mas não abre mão da disciplina.

E em meio às inumeráveis lembranças, o professor Jeremias ressaltou com entusiasmo a competência e o compromisso dos colegas, como uma equipe de professores muito bem selecionados e que prestaram um serviço importante ao professor Sebastião e especialmente à instituição Pio Décimo, que oportunizou a formação de tantas alunas que já exerciam a docência, e puderam então construir uma carreira e evoluir profissionalmente, comprometendo-se de forma mais substantiva com a qualidade do trabalho que desenvolviam. Nesse sentido o professor Jeremias disse que não houve apenas momentos de eufórica alegria pela inauguração de um curso novo, que trazia novas oportunidades para todos, houve também alguns momentos que ele qualificou como de tristeza na Faculdade. Falou professor Jeremias (ENTREVISTA, 16/05/2018)

Quantas vezes eu briguei com o professor Sebastião... briguei mesmo! Porque ele às vezes não valorizava o trabalho dos professores. Aí, uma vez eu falei

com ele assim: – professor Sebastião, aqui tem uma moça – a professora Fulana de Tal, que o senhor paga a ela muito mal. O senhor precisa rever isso [...] então ele me atendeu e passou a pagar a ela um pouquinho mais do que os outros... – Oh! Meu Deus! A luta era muito árdua. Cada dia uma grande batalha que a gente enfrentava ...

Desse modo, o professor expôs as condições administrativas e pedagógicas de ensino na origem da FPD, com um grupo seletivo de docentes que representavam as expectativas traduzidas num perfil profissional traçado pelas exigências do MEC, mas também que atendia aos anseios do professor Sebastião, como Diretor Geral e dono da instituição. Embora a sua personalidade não fosse de todo fundamentada em seu gosto particular, em suas relações de simpatia e proximidade das pessoas, uma vez que fica claro no decorrer da pesquisa, nas narrativas de professores e funcionários, o tino da sua natureza empresarial. A equipe de professores escolhidos para responder às demandas do órgão regulamentador, concentrava justamente os profissionais que faziam correspondência com o perfil estabelecido.

Nesse contexto, o professor Jeremias, sem experiência docente, mas com a cabeça cheia das ideias dos autores que costumava ler, por sua dupla formação – Psicologia e Teologia, demonstrando uma consciência crítica da realidade, tanto da importância e magnitude do ato de ensinar naquele momento num curso superior, novo e diferente, quanto dos seus próprios limites pela falta de experiência anterior, diz que: (ENTREVISTA, 16/05/2018)

Lá! Lá na Faculdade, eu tinha muita dificuldade, de fazer a minha caminhada, porque eu era parte desse processo, e na minha visão eu ainda não tinha maturidade suficiente para administrar isso do jeito que eu agora acho que poderia fazer, olhando daqui. Lá! Dez, quinze, vinte anos atrás, a vida estava muito complicada porque o professor estava com muita dificuldade financeira, também o professor era muito cabeça dura... não abre as coisas, mas tinha um grupo de professores que pensavam do jeito dele e eu peguei uma carona nisso e aprendi algumas coisas e depois na USP... os cursos que eu fiz... bom! Algumas coisas estão erradas... a gente tem que repensar tudo isso. Mas aí, eu esbarrei muito na direção... e eu gosto do meu emprego, preciso do trabalho... mas ao mesmo tempo eu tinha uma consciência de que a educação não era aquilo ali..

A narrativa do professor Jeremias, cheia de reticências, faz uma reflexão demonstrando a contribuição dos anos de ensino e conseqüentemente também de aprendizagem que nos faz perceber bem, ao olhar para trás, a natureza do clima institucional numa instância privada, desde a sua origem. O poder do diretor com seu modo próprio de administrar uma instituição nova, no espaço do ensino superior, porém herdeira de uma tradição administrativa e pedagógica que representava uma forma, por assim dizer testada de gerenciar o espaço institucional, tendo em vista a experiência anterior do professor Sebastião na implantação do colégio que conseguira avançar.

Por outro lado, professores que, no dizer mesmo do professor Jeremias “vestiam a camisa da instituição”⁶⁷, entre outros que traziam ideias também muito próprias, e refletiam seus percursos profissionais, suas leituras e crenças no papel da educação. Daí surgiram as barreiras postas pela direção que, de certa forma retardava avanços institucionais no trato pedagógico das questões. O professor Sebastião, primava pelas questões do controle, da disciplina da fiscalização do trabalho docente. Os professores, e aqui, destacou-se da fala do professor Jeremias, pensavam na disciplina e no controle da classe, e era um professor que refletia o rigor do Seminário, onde desenvolveu seus estudos de teologia, mas havia também outras perspectivas em volta do ato educativo. Para quem tinha tido oportunidade de realizar uma leitura diversificada – Freud, Paulo Freire, Vygotsky, Edgar Morin e acreditava no potencial do diálogo e do “aprender a aprender”, não era fácil conduzir o ensino como receita pronta para alunos que, no dizer de Jeremias, muitos chegavam totalmente despreparados. Sobre essa falta de preparo ele relata um caso que até hoje lembra: (ENTREVISTA, 16/05/2018)

Eu estava dando aula sobre Freud. Aí o aluno reprovou três vezes. Aí eu peguei a prova. A prova é sem consulta, eu disse, e quando o sinal tocar vocês me entregam senão eu não recebo. Naquela época eu era muito rígido. Faz parte da minha personalidade esse sistema que a roça me fez. Aí os alunos.... Escreveram... e eles entregaram a prova em branco. Uns quatro ou cinco alunos entregaram! Pá! Aí um aluno fechou a porta e me pegou pela camisa... uma aluna estava grávida e partiu pra cima dele.... Oh que menina valente! Aí eu fiquei assim.... Parado! E a menina o pegou... Então eu fechei a porta e continuei com o meu trabalho. Daqui a pouco a direção me chamou: professor tem um grupo de alunos denunciando o senhor e agora a gente quer que o senhor... a gente vai levar o senhor para casa, porque a gente tem medo desse aluno fazer uma besteira. Eu disse: Não! – Eu não aceito escolta não! Eu sou professor e também sou psicólogo. Então o professor Sebastião me entregou um documento e eu disse: professor, isso que tá escrito aqui é tudo mentira...É assim oh! Mas eu vou fazer... Era quinta feira e aí no sábado eu fui para o meu sitio e quando eu tirei a kombi ele (o aluno) e o irmão dele chegaram... e o aluno disse: professor, me perdoe! Eu fiz aquilo, uma besteira, porque estava com a cabeça cheia. E eu disse: Ah! Nada rapaz! Da minha parte eu não tenho problema nenhum, mas você faz um documento falando a verdade e na segunda feira quando eu entrar na aula você vai comunicar aos seus colegas da situação. Ele disse: Tá tudo bem! Na segunda feira todo mundo esperando um bagulho desgraçado... e ele chegou! Bêbado... e ele disse professor eu tomei uma cachacinha ... e aí, no final das contas, até hoje, o aluno me abraça. É uma história... uma coisa! Fazer o que!!! Hoje o professor a coisa é bem diverso.

⁶⁷ O “Vestir a camisa da instituição”, pode aqui ser interpretado em dois sentidos. Um relativo à adaptação ao contexto institucional, aderindo as regras e ao modo de ser da instituição; outro, relativo ao esforço para realização de um trabalho produtivo, digno e sério, afinado com a modernidade da educação, em seu ideário mais contemporâneo.

Foi perceptível a riqueza de detalhes de um cotidiano que já se distanciou, porém, as marcas dessa experiência permanecem na consciência do professor Jeremias como parte importante do seu modo de ensinar-aprender, refletindo inúmeras questões que se poderia abordar, para além dos objetivos desta tese. As questões de uma didática disciplinadora e rígida, o papel do professor, os trâmites de uma pedagogia institucionalizada no dia-a-dia da escola, a delicadeza das relações e reações professor-alunos no contexto da sala de aula, etc.

Em cada palavra e gesto, a clareza de que o contexto das relações institucionais, que alunos, professores e direção foram instituindo seus modos próprios de educar, de discutir e tomar decisões no calor dos acontecimentos e práticas que vão dando sentido a experiência docente e transformando a prática pedagógica. Ao encerrar o período das entrevistas, o professor Jeremias agradeceu a oportunidade de poder contar uma parte significativa da sua história de vida profissional na Faculdade Pio Décimo e lembrar de fatos que o ajudaram a desenvolver mais a memória.

5.1.5 Narrativa oral do Professor José Júlio Seabra

Figura 28 – Professor José Júlio Seabra Santos



Fonte: Acervo particular do professor Júlio Seabra

O professor José Júlio Seabra, nasceu em 26 de setembro de 1952, filho mais velho do professor José Sebastião dos Santos e Lisete Seabra Santos. Casado com Sônia Seabra, com quem teve três filhos.

Realizou seus estudos de primeiro grau no Colégio Salvador e o curso científico no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. É militar, coronel aposentado e graduou-se em Medicina

pela UFS (1979) especializando-se na Residência Médica pela Sociedade Brasileira de Clínica Médica (2002). É especialista em Acupuntura no Colégio Médico Brasileiro de Acupuntura (SMBA).

Suas oportunidades e atividades profissionais revelam a diversidade de formação que compõem o seu perfil biográfico. Exerceu a Presidência do Conselho Regional de Medicina do Estado de Sergipe – CREMSE (2003 – 2005); foi Membro do Conselho Especial de Justiça na Auditoria Militar da Polícia Militar de Sergipe na condição de Coronel QOSPM (2003 – 2006). Coronel Médico da Polícia Militar do Estado de Sergipe; Associação Brasileira de Medicina das Polícias Militares (ABMPM); Médico da Prefeitura Municipal de Nossa Sra. do Socorro, desde o ano de 2005. Fez Especialização em Educação e Administração Educacional na FPD (1998); Vice-Diretor da Faculdade Pio Décimo (1997 – 2019).

Foi conselheiro deliberativo do Centro de Hemoterapia de Sergipe – HEMOSE. É membro efetivo do Conselho Regional de Medicina do Estado de Sergipe. É sócio da SOMESE e integra a Sobrames/SE.

- **A realização da entrevista**

A realização da entrevista com Júlio Seabra, em 26 de novembro de 2018, aconteceu no Campus Jabotiana numa sala que ele próprio reservou para essa finalidade. A conversa com Júlio no cotidiano da instituição e nos espaços dos eventos – sejam acadêmicos como os Fóruns de Ensino Superior que foram sistematizados como momentos dedicados ao planejamento estratégico da IES, ou ainda nos momentos das formaturas que ele participava efetivamente substituindo o professor, quando este tinha algum impedimento. Assim, devo dizer que já compartilhávamos como membros da equipe de gestão institucional, desses momentos de reflexão e vigor produtivo em que a IES, promovia análise do cenário educacional e encaminhava mudanças e procedimentos necessários ao cumprimento do que ficava acordado e aprovados nos órgãos colegiados, dos quais Júlio também fazia parte. Sentar perto dele, nessas ocasiões, era estar certo de que haveríamos de sorrir, porque o bom humor e a brincadeira já se constituíam como uma marca da sua presença, sempre muito leve, muito tranquilizadora.

Dessa forma, foi com o domínio desse conhecimento precedente que a entrevista aconteceu, entre sorrisos – às vezes gargalhadas mesmo, brincadeiras e falas sérias. Júlio foi expondo a sua história profissional que se misturava com a história de vida familiar. O direcionamento da pesquisa não tolheu nem limitou as suas lembranças e foi falando quase sem parar sobre acontecimentos e situações, fatos e pessoas de ontem e de hoje, contribuindo para consolidar a compreensão da instituição no percurso da sua origem.

As contribuições do Dr. Júlio Seabra, ou simplesmente professor Júlio como é comumente reconhecido no âmbito da instituição, ocorreram muito além da questão restrita ao nível da sala de aula. Houve um período no início da instituição, ainda como Colégio Pio Décimo, em que desenvolveu atividades como professor do Colégio Pio Décimo e, posteriormente, inaugurou na primeira turma de Pedagogia o exercício da docência no ensino superior.

No entanto, após sua formação em medicina e com o decorrer da sua experiência institucional, adquirida a confiança do professor Sebastião no seu trabalho como profissional e não somente como o filho mais velho, ele pôde contribuir ainda mais efetivamente em outros âmbitos da Instituição. Desse modo, realizou importantes encaminhamentos administrativos em termos dos percursos jurídico-acadêmicos junto ao MEC, para aprovação de novos cursos que ampliaram a oferta de ensino superior da instituição. Estabeleceu, nesse período mais administrativo, muitas buscas de contatos necessários para aprovação dos novos cursos, especialmente dos cursos de Psicologia e de Medicina Veterinária. Assim, desempenhou ações essenciais à condução dos processos de autorização desses cursos e viveu uma experiência que se tornou para ele inesquecível, conforme afirmou. Ainda nesse sentido, ressaltou que a sua participação, quase sempre atuando junto com a professora Emiralva, acompanhando os trâmites dos processos junto ao MEC permitiu sanear barreiras, encaminhar revisões e procedimentos que se afinaram com as exigências do órgão fiscalizador, contribuindo para aprovar e ampliar a oferta dos cursos na Faculdade Pio Décimo.

José Júlio Seabra Santos é o filho mais velho do professor Sebastião. Na época de abertura do Curso de Pedagogia, era ainda um jovem estudante do Curso de Medicina, mas já dava aulas para as turmas do Colégio Pio Décimo e não se cogitara a sua presença como professor no Curso de Graduação, uma vez que ele ainda não estava formado. No entanto, ocorreu uma situação em que a professora que tinha sido convidada inicialmente para ministrar as aulas de Psicopatologia, desistiu de assumir a função docente. Houve então, uma grande dificuldade de encontrar professor com perfil adequado para ministrar tal disciplina. Sendo assim, e diante da emergência de resolver a questão, o professor Sebastião, ouvindo amigos que tentavam mostrar a ele a competência adquirida por Júlio enquanto professor do Ginásio e Colégio Pio Décimo, mesmo temendo que pudesse não dar certo, aprovou o nome do filho, após certificar-se de que ele poderia atuar no quadro de docentes do ensino superior, uma vez que já estava quase concluindo o curso de Medicina.

Constatamos que os conhecimentos ofertados no curso não se estendiam a necessidade essencial de domínio de conhecimentos no campo da Pedagogia e sim, em relação às especificidades das temáticas inerentes aos conhecimentos científicos da disciplina que iria lecionar.

Na ocasião, o professor Júlio informou que já tinha estudado em seu Curso de Medicina, as matérias que serviam de base fundamental para promover os conhecimentos necessários para que ele pudesse lecionar com segurança a disciplina em questão. Mesmo assim, quando recebeu de seu pai, a confirmação de que iria lecionar no curso superior, ele procurou primeiro conversar com a sua mãe e ouvir, como sempre fazia, sua orientação e seus conselhos. Conversou com a sua mãe, que ponderou com ele, que naquele momento ele representava a solução do problema e respondia a uma necessidade da instituição e do seu próprio pai. Segundo Júlio, a sua mãe, ao incentivá-lo, lhe disse: “Será um grande desafio para você meu filho, e quem sabe pode ser esta uma oportunidade que sirva para o seu futuro. Eu fui professor e seu pai também foi professor. Você já dá aulas no Colégio. E então Júlio conclui: Eu aceitei e tudo deu muito certo.”

Durante a entrevista e mesmo no trato diário que tinha com o professor Sebastião na instituição, Júlio se referia ao professor Sebastião como “meu pai”, em sinal de respeito e admiração. Para ele era menor o título de diretor geral da instituição. Quem viveu e vive o cotidiano da instituição Pio Décimo, sabe muito bem que as relações na época do professor Sebastião estavam permeadas pelo tom familiar e que esse modo de ser da empresa se sobrepunha em muitas ocasiões.

Esse “dar muito certo”, segundo professor Júlio, foi ressaltado pelos professores da época, e aqui, neste trabalho, através das falas dos entrevistados constatamos que essa afirmativa foi reforçada, quando ele é citado pelo professor Jeremias Romão, como um excelente professor, destacado entre os melhores e mais rigorosos. Também a professora Emiralva que foi sua aluna nessa primeira turma de Pedagogia, realçou o nome de Júlio, como um dos professores mais destacados pelo rigor, disciplina e bom humor. Porém, demonstrando a sua preocupação em assumir a docência no ensino superior, embora ciente das orientações da sua mãe que o aconselhara a não desistir, o professor Júlio ressaltou tentando esclarecer o teor da disciplina Psicopatologia que ao final das tensões e preocupações iniciais, ele assumiu (ENTREVISTA, 26/11/2018).

Essa disciplina tinha um caráter mais organicista, do que, vamos dizer assim, teoricista, mas também está muito baseada em aspectos comportamentais da psicologia, da psiquiatria, e todas essas teorias de psicologia e psiquiatria evoluíram muito, por exemplo com a criação das tecnologias, e as técnicas de ressonância.

O que percebemos foi que, na verdade havia um grande receio da parte de Júlio de decepcionar o seu pai. Ele já estava quase formado em Medicina, um curso conceituado, que dava um *status* diferenciado de outras profissões elevando o valor social da sua formação. Também já tinha experimentado a sala de aula, exercendo a docência no nível secundário, lecionando no Colégio, e sendo assim, dono desse percurso promotor, ele poderia ter tido logo de início a segurança necessária para aceitar de imediato o convite posto pelo professor Sebastião.

No entanto, a sua resistência inicial vem demonstrar também a grande responsabilidade que ele vislumbrou, por ser a Pedagogia na Pio Décimo, um curso novo, que contava com um quadro seleto de professores, formado em sua maioria por docentes graduados na UFS como instituição tradicional e de difícil acesso, tendo em vista seu processo seletivo que abrangia alta demanda, excluindo os que não alcançavam e mesmo estando aprovados ficavam como excedentes, porque não existiam vagas suficientes para todos os concorrentes; um curso em percurso inicial, sob avaliação do MEC, e, por fim a sua grande responsabilidade e consequente compromisso de fazer jus às expectativas da comunidade acadêmica que tinha apontado o seu nome, acreditando em seu potencial como docente.

O professor Júlio queria fazer o seu melhor para o curso novo que estava começando na Pio Décimo, para o seu pai, – como pai e Diretor Geral e para a própria instituição. Ciente da dupla responsabilidade que assumiria como filho do dono e professor, ele nos disse: (ENTREVISTA 26/11/2018)

Gente! Como eu estudei para dar aulas naqueles tempos. E foi muito interessante porque Sônia⁶⁸ foi chamada nessa época para arrumar a enfermagem da Clínica São Marcelo que estava também começando. Então tinha um grupo que se preparava para a psicanálise e eu resolvi entrar nesse grupo, e foi onde formei uma grande amizade... aí isso me deu muita paz, porque eu comecei a ver as pessoas como um complexo de forças, obscurantismo e luz, como fraquezas restauráveis.

Consideramos que o processo de aprendizagem⁶⁹ do professor Júlio no âmbito do curso de medicina, que lhe garantiu a aquisição de um conjunto de conhecimentos gerais e específicos à sua profissão de médico, superou as exigências em termos do domínio de conteúdos necessários para dar sustentabilidade ao desenvolvimento das aulas no curso de Psicopatologia como um componente da Matriz Curricular do Curso de Pedagogia da FPD.

⁶⁸ Aqui, Júlio se refere à Sônia Seabra, sua esposa, que também é da área de saúde (enfermagem).

⁶⁹ Somente quem aprende pode ensinar.

Outras oportunidades de estudos surgiram, por conta das convergências de sua formação na área da saúde, e trouxeram novas chances de complementaridade que muito o auxiliaram, não só na área da saúde, mas também no exercício da docência em sala de aula.

Contou-nos o professor Júlio que os estudos não só da medicina em si, mas da psicologia e da psicanálise o ajudaram a vivenciar melhor os processos de relacionamentos, na área do atendimento médico, e também para alargar a visão pedagógica da instituição, ajudando-o a construir um olhar diferenciado sobre cada pessoa, a analisar cada paciente. Ele nos disse: “Como médico, eu começo a examinar a pessoa quando ela entra no meu consultório e às vezes a melhor técnica não é perguntar, mas observar... e eu sou muito observador” (ENTREVISTA, 26/11/2018).

Também, Júlio se espelhou e admirou a prática de muitos professores que desenvolviam suas funções docentes em conformidade com os valores e princípios realçados pela época em que a FPD estava começando. Dessa forma, destacou e nomeou os que, na sua opinião e na opinião da instituição, se constituíram como bons professores, que ficaram na lembrança dos alunos e da instituição: Amarize, Jakson Sales, João Batista, Judite Oliveira, Aparecida, Eunice, Yvone Mendonça, Marlene Chagas, Deise Ximenes, que ele recorda e destaca como um dos ícones, e conta que se sentia lisonjeado por dividir com ela as aulas, chamadas “aulas geminadas” de Biologia Educacional.

Sobre o seu modo de avaliar os alunos, ele diz que sempre cobrou o que dava na sala de aula, e nada a mais. Diz: “Eu comentava a prova que ia aplicar antes da avaliação, destacava uma lista de questões, e muitos mesmo assim alguns alunos ainda não acertavam. ” (ENTREVISTA 26/11/2018)

- **Afastamento e retorno**

Quando Júlio se formou em Medicina, no ano de 1979 e com as atividades próprias da sua profissão, ele nos conta que começou a se afastar da instituição. Primeiro abriu mão de uma disciplina, em um tempo em que todo mundo reconhecia que ele era um bom professor que nunca deu problema, apesar de ser exigente e que ensinava muito bem e só cobrava o que dava na sala de aula. Depois, explicou que, considerando o alto envolvimento emocional posto pela sensibilidade da relação familiar, que às vezes criava tensões, ao lado de algumas questões institucionais que o desagradavam, ele passou a se dedicar ao exercício da sua profissão como médico, até que aparece nova oportunidade, e cria-se a necessidade do seu retorno.

Um dia, meu pai olhou pra minha mãe e perguntou: – Cadê José Júlio?
Explicou: – Eu tô precisando de uma luz. Minha mãe me deu o recado. Disse:
– Seu pai quer falar com você, porque você não vai lá... não deixe ele chateado.

Aí quando um dia que eu tô saindo... meu pai disse: – Eu quero falar com você... aí a luz era para começar os cursos novos da Pio Décimo.

O professor Júlio assumiu muito bem essa nova tarefa que lhe fora confiada e estabeleceu a partir de então muitos contatos importantes para aprovação dos cursos de Psicologia e de Medicina Veterinária. Ele conta algumas passagens a esse respeito. Viajou a Brasília, conversou com lideranças políticas e com gestores responsáveis pela avaliação dos cursos, fez intercâmbios com a Comissão de Estudos Internacionais do Itamaraty e com o MEC em seus setores relacionados a aprovação dos cursos. Batalhou, como ele diz, em muitas ocasiões contando com a participação da professora Emiralva que se somava para viabilizar os procedimentos necessários a abertura e aprovação dos novos cursos que o professor desejava implantar.

Ele mostra que no retorno, assumiu a vice direção da Faculdade e foi então pavimentando a história da instituição, participando das pautas viabilizadoras do crescimento da IES, trazendo aportes que representavam inovação, como a compra dos primeiros computadores da marca COMPAQ.

Encerramos a entrevista com a reflexão do professor Júlio “não é a instituição que muda que mais importa... o que importa mesmo são as pessoas que vão passando pela vida da gente. A vida, a nossa e a da instituição não se define como uma coisa retilínea.”

Ouvir as narrativas orais dos professores-fundadores teve como perspectiva e finalidade conhecer nuances dos percursos institucionais administrativos, técnicos e organizacionais, do ponto de vista burocrático e cartorial, inerente ao papel e função dos que atuavam nos espaços de apoio, localizados fora da sala de aula, mas que, por isso mesmo, criavam ferramentas, instrumentos e formas de procedimento e relacionamento que interferiam na vida institucional e conseqüentemente também na própria sala de aula. A importância dessa participação se confirmou no decorrer da pesquisa, por meio do contato efetivo com os que vivenciaram os meandros da instituição, no movimento da fundação. Assim fomos ampliando as informações sobre a instituição, desde as suas origens, tomando conhecimento de passagens singulares, de diferentes formas de interpretação de uma época rica de começos de aprendizagens, de oportunidades, de novos sentidos, fora das referências que se puseram inicialmente.

A percepção da importância dessa participação se confirmou e até podemos dizer cresceu, no decorrer da pesquisa. Foi no contato efetivo com as pessoas que vivenciaram os meandros da instituição, no movimento da fundação, que fomos ampliando as informações sobre a instituição desde as suas origens, tomando conhecimento de passagens singulares, de diferentes formas de interpretação de uma época rica de começos de aprendizagens, de riqueza

de oportunidades, de novos sentidos, fora das referências que se puseram para nós inicialmente. Sem dúvida, uma compreensão maior da história da fundação da FPD, em suas origens, que se fez aqui sob a perspectiva das narrativas de seus fundadores, trouxe a possibilidade de conhecer o movimento educacional que criou o primeiro curso noturno de pedagogia em nosso Estado, evidenciando saberes, procedimentos e práticas que fizeram parte desse processo de formação profissional e institucional, ao mesmo tempo, humana e social, individual e coletiva.

Na próxima sessão, teceremos a perspectiva finalizadora desse trabalho, retomando os objetivos, a tese e as perguntas elaboradas no começo da tarefa que nos propomos. Percebemos então que é preciso respondê-las, encarando-as como uma forma de refletir sobre a trama da fundação, com a maturidade do olhar aprendiz que foi circulando a obra em construção, marcando, a partir do que se colheu no campo fértil das memórias o que se traduz agora em inquieta compreensão do acontecido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PALAVRAS TECELÃS DE CONTINUIDADES NA TRAMA DAS MEMÓRIAS DAS NOITES PIONEIRAS DA EDUCAÇÃO NA FPD

E o fim de todas as nossas explorações será chegar ao lugar de onde partimos e conhecê-lo então pela primeira vez” (BARTHES, 1996).

Longe! Fomos muito longe! Viajamos munidos pelo desejo de olhar e ver, com o olho circular, do qual falamos no começo desta tese. Um olhar capaz de superar cenários periféricos ou centrais e se abrir, para além das margens, como uma flor de girassol, movendo-se... movendo-se em direção ao sol. Fomos mesmo muito longe! Fomos longe, somente para chegar ao lugar das origens, como afirma Barthes na epígrafe dessas Considerações, guiados pelas palavras tecelãs que inicialmente foram abrindo os caminhos das nossas memórias, ultrapassando o tempo presente, protagonizamos com os pioneiros fundadores, a obra educativa da FPD em suas origens, como testemunhas da engenhosa fábrica de histórias de vida pessoal e coletiva, de formação e trabalho. Histórias de vida humana. História que é de todos e agora está viva, acesa pelas lembranças, antes submersas, que permaneceram à espera do desejo dos nossos corações, como sentinelas alertas, que se alinharam para nos dar passagem indicando os percursos reveladores do que se fez ou não, no passado recente, que se estendeu claro como água de fonte limpinha, fertilizando novas confabulações necessárias para tecer futuros e continuidades. Fomos longe!

Pois é! Porque fomos tão longe para olhar e ver, podemos responder com a sabedoria de Rubem Alves, (2011, p. 57) quando nos ensina que “o ato de ver exige distância. O objeto deve estar longe para poder ser visto. Na visão, o objeto visto é o que não se tem. Sem essa separação, entre o olho que vê e o objeto que é visto não pode haver objetividade”. Também Fontana (2005) aborda a validade da distância ao dizer que “é na possibilidade de tomar distância, pelo recurso sensível e misterioso da memória, que podemos retornar ao espaço/tempo/lugar em que vivemos muitas faces da nossa história de vida.”

Na Academia, os modelos metodológicos da ciência mais tradicional e também mais contemporânea valorizam a busca da objetividade como uma categoria apropriada para leitura do mundo, invenção e reinvenção do conhecimento válido como verdade. Nessa perspectiva, e tomando como ponto de partida as reflexões postas neste trabalho podemos entender que os resultados alcançados pela pesquisa, como é de praxe apresentar no momento da conclusão, estão permeados por essa dimensão retrospectiva, como resultado do que nos disseram os narradores e textos documentais colhidos na lonjura dos tempos que já se distanciaram, mas

que puderam deixar como legado, para a construção social da memória da instituição, o que se concretizou aqui, objetivamente, porém, fundamentado sobre as múltiplas subjetividades expostas pelas narrativas orais.

Vimos em Halbwachs (2004), sobre a memória coletiva, que as lembranças sobreviventes em cada um de nós, resulta do que foi compartilhado entre os membros de um grupo de comum pertencimentos, revelando além das singularidades próprias das experiências particulares, um universo coletivo, que nessa tese nos remeteu às origens da instituição Pio Décimo e tornou-se possível devido ao apelo feito pelas questões e necessidades da pesquisa que lhes foi apresentada e que os mobilizaram para tecer lembranças do passado da Fundação do Curso de Pedagogia, que lhes permitiram tecer/contar/reconstruir os acontecimentos, que as suas experiências tornaram significativas.

Nesse sentido, movidos pela vontade de lembrar e registrar os acontecimentos das “Noites Pioneiras da Educação Superior em Sergipe”, viabilizadoras de novas oportunidades de formação profissional de nível superior, as memórias da Fundação do Curso de Pedagogia na Faculdade Pio Décimo, nos idos de 1976, foram ativadas e trouxeram para nós informações, conhecimentos, como cenários preciosos descortinando práticas, procedimentos, relacionamentos, alegrias e insatisfações que desafiaram a instituição naquele momento, pleno de tantos começos.

Nos referimos não só ao começo da vida institucional inaugurando o ensino superior noturno, mas à vida profissional dos fundadores, iniciando suas carreiras, abraçando oportunidades de formação e de trabalho que deram sentido às suas vidas e à sua profissão, trazendo o reconhecimento das suas experiências e abrindo portas para continuidades. Era o começo da vida institucional e o começo da vida dos fundadores. Em todos, o desejo de evolução, a vontade de tecer possibilidades de continuidade.

Tecer o cenário institucional da fundação pela reconstrução das memórias dos fundadores para compreender a história da fundação da Faculdade Pio Décimo, como instituição pioneira na oferta do primeiro curso noturno de pedagogia em Sergipe, que tomamos como nosso objetivo, não foi um trabalho fácil, porque, como aprendemos com Bosi, (1987) em memória e sociedade – lembranças de velhos – “A memória não é sonho, é trabalho.” Vamos então ao trabalho.

Para começar concretamente, devo dizer o quanto foi importante ter podido voltar para tão longe com os fundadores. Eles representaram um fio importante para a tecelagem das ideias sobre a fundação. O que existia como a priori foi se movendo, ora confirmando-se ora desfazendo-se com as faces surpreendentes desenhadas pela possibilidade da escuta. Assim,

buscamos as palavras da síntese promotora dessa compreensão finalizadora para expor os ganhos desse percurso que será sempre começo em tempos outros que virão, trazendo, com certeza outras infinitas possibilidades de leitura.

Reconstruindo a tese proposta de que a história da vida institucional é coletiva, e não se constrói apenas como um conjunto organizado de conhecimentos acadêmicos e procedimentos burocráticos, mas se institui no entrelaçamento das histórias de vida, e nas memórias individuais, que guardam e atualizam o significado das experiências de formação, sempre abertas a novas interpretações e produção de sentidos, porque não se limitam à temporalidade do já vivido como passado, mas envolve a relação dinâmica passado/presente/futuro, como movimento e recriação no decorrer do tempo histórico”, fomos percebendo com (FERRAROTTI, 1988, p. 26), que “o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual. ”

Assim, apoiados principalmente nas concepções dos autores que abordam a metodologia da história oral e memória e entre estes (FONTANA, 2005; CUNHA, 2017; ALBERTI, 2004; HERDEIRO, 2010; HALBWACHS 2004; POLLAK, 1989), nas narrativas orais dos fundadores e no acervo documental produzido no período da fundação, tornou-se possível conferir e confirmar a tese de que a história da vida institucional é coletiva, e não se constrói apenas como um conjunto organizado de conhecimentos acadêmicos e procedimentos burocráticos, - mais que isso, - se institui no entrelaçamento das histórias de vida, e nas memórias individuais, que guardam e atualizam o significado das experiências de formação, sempre abertas a novas interpretações e produção de sentidos, porque não se limitam à temporalidade do já vivido como passado, mas envolve a relação dinâmica passado/presente/futuro, como movimento e criação no decorrer do tempo histórico.

Dessa forma, as entrevistas e os estudos realizados sob o embasamento da pesquisa qualitativa fundamentada na perspectiva da história oral, se organizaram através de uma relação sensível de escuta e diálogo, estabelecida entre o entrevistador e os entrevistados para produzir um conhecimento histórico referenciado à singularidade das experiências vivenciadas por cada um dos selecionados, como fontes especiais propiciadoras da reconstrução dos acontecimentos que permearam a trama institucional em suas origens.

Presenças e distanciamentos do material colhido nos encontros com os fundadores reafirmaram a constituição recíproca “entre o eu pessoal e o eu profissional” (FONTANA, 2005), e pudemos mostrar que o conhecimento construído nas instâncias sociais assinala um processo singular de aprendizagem: “Se nós somos, se todo indivíduo é a reapropriação singular

do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (FERRAROTI, 1988 *apud* FONTANA, 2005, p. 48).

Consideramos também que o campo destinado a explicação da metodologia história oral refletiu o significado das narrativas, bem como o teor das suas contribuições, não em termos de certezas ou de fiel reprodução dos fatos ocorridos, mas como possibilidade de leitura reinterpretada a partir do recurso da memória, como esclarece Fontana (2005, p. 48) a esse respeito:

A narrativa, por outro lado, não explica nada. Ela produz sentidos. Entrega-se ao ouvinte/leitor, para ser assimilada, memorizada, recontada, indagada – “e o que aconteceu depois?” Nela há espaço para o “conselho”, que não consiste em intervir do exterior na vida de outrem, como interpretamos frequentemente [...] narrador e ouvinte compartilham um fluxo narrativo comum, aberto a novas propostas, que podem emergir a cada uma de suas passagens. Cada acontecimento, cada personagem sugere, suscita outras histórias, que se articulam e se constituem entre si, tecendo uma rede. Modos distintos de produzir conhecimento e de ler a vida....

Concluindo-se a leitura das falas dos fundadores, procuramos realizar uma síntese fomentadora de novas aprendizagens, modos distintos de produzir conhecimento e novas formas de olhar e ver⁷⁰, a partir dos múltiplos e (im)possíveis, im(pensáveis) sentidos que cada história de vida e trabalho ao ser contada, foi capaz de revelar. A partir de então, cada leitor poderá se apropriar dessas memórias de uma forma diferenciada, reinterpretando o que se expôs sobre a trama da fundação da FPD, ciente que não se desvinculou ou se alienou das histórias de vida particulares aqui tecidas com as experiências de cada um dos participantes dessa obra fundadora de possibilidades educativas, nesta trama das memórias individuais.

Os resultados não são achados matemáticos, nem se recompõem na linearidade dos fatos, pois são frutos tecidos pelas memórias, num recorte realizado a partir do que para nós, para efeito dos objetivos propostos nesta tese, fez sentido, e foram sistematizados, numa tentativa conectada com “o olhar de ver”, para compor aspectos significativos do cenário institucional que marcou a fundação da FPD em sua forma de organização e funcionamento, recriando para conhecimento público, as formas e os jeitos institucionais que organizaram as “noites pioneiras do ensino superior noturno.”

⁷⁰ José Saramago (2000) propôs “se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”. E aqui, na síntese final, mas ao mesmo tempo parcial e provisória das narrativas construídas, nos interessa desvelar “o olhar de ver”, que realmente repara no movimento que nos conduz no mundo e vai mudando com o tempo, com os dramas da vida, com as tramas institucionais, com as oportunidades que nos são apresentadas. Ver é para quem se sente desafiado a retirar a venda dos olhos, tornando-se capaz de enxergar-se, e enxergar o outro para ressignificar a cada momento propício pelas condições e oportunidades, toda a sabedoria de uma vida.

A realização de uma leitura mais pausada sobre as narrativas dos Fundadores do Curso de Pedagogia, – diretor geral, funcionários e professores; leitura que nos remeteu, sem dúvida, ao momento das entrevistas, quando as lembranças nos permitiram recordar as falas por vezes tão informais, espontâneas mesmo, desprovidas de controle externo, se efetivaram para circunscrever uma unidade de sentido, referenciadas à problemática central da pesquisa em pauta nesta tese, que procurou compreender como se deu na trama da fundação da FPD, a implantação do curso de Pedagogia, reconhecendo, a partir das narrativas de seus fundadores, o modo de organização e funcionamento da primeira turma?

Nesse contexto apreciativo dos registros das entrevistas, foi impossível não comparar certas passagens do que se registrou e do que se pode ler/enxergar, – nesse momento posterior ao diálogo com os entrevistados–, para além do que foi dito -, reparando melhor nas ênfases, nos pequenos silêncios, nas reticências, nos gestos fortuitos, na perspicácia dos olhares intencionais, como sinais que o corpo expressa, corroborando, ou, por vezes até contradizendo, o que as vozes enunciadoras vão pontuando a partir das lembranças singulares que vão surgindo.

A leitura desses registros remetidos à situação central de temas que envolveram a trama da fundação institucional, e mais que isso, remetidos também ao conhecimento que carregamos sobre os entrevistados e suas práticas administrativas e pedagógicas, desde que os conheço profissionalmente, compartilhando com quase todos, o cotidiano da instituição, foram trazendo novas possibilidades de análise, e a compreensão de que há sempre novos sentidos a construir sobre uma mesma experiência vivida num mesmo ambiente coletivo. Isso ocorreu, porque cada um reflete sobre a base de um percurso singularizado pelas situações e oportunidades apresentadas no decorrer das suas próprias histórias de vida, de formação acadêmica e exercício profissional.

Percebemos então, que a face institucional, singular e complexa, traz a perspectiva da convergência, por se constituir através de procedimentos prescritivos e formas padronizadas, homogêneas de organização e funcionamento, mas também, não se pode negar que o próprio saber-fazer institucionalizado abre espaços instituintes para posturas divergentes, permitindo um pensar diferenciado que também foi compondo a face singular dessa trama histórica que revela os primeiros passos viabilizadores da fundação da FPD.

Não somente a face singular da instituição, inicialmente construída sob a moldura da obediência à legislação, e ao seu modo particular de ser, diga-se aqui, repercutido como herança de um modo de administrar consolidado pela experiência institucional antecedente, posta pela organização e funcionamento do Colégio Pio Décimo; também se reconstrói nesse percurso a

face singular do grupo de professores e do grupo de alunos, que em sua maioria eram professores da escola primária, ou estavam interessados em exercer a profissão docente, um precedente que é mister reconhecer.

Os professores que integraram essa pesquisa, ganharam importância não somente por suas experiências singulares e contribuições profissionais pessoais, mas, sobretudo por refletirem o pensamento de um grupo social específico, possibilitando o reconhecimento de uma visão de educação permeada pela experiência do trabalho coletivo, institucional, uma vez que o indivíduo é indissociável de seu ser social, ou seja, cada ser humano está atravessado pela experiência comum, pela experiência de todos, para além de seu aspecto pessoal, porque somente se faz na presença do outro. Ouvir os professores-fundadores com suas lembranças referenciadas à educação que se realizou nas noites pioneiras da educação, no movimento de fundação da FPD, mas também num tempo em que, agora é possível afirmar, todos estavam também começando seus processos de profissionalização após a graduação, nos permitiu avançar na compreensão das condições da educação do momento presente, propiciando uma análise que trouxe novos sentidos para a experiência pedagógica fundamentada nos valores de ontem, mas que nos servem agora para refletir com mais propriedade sobre um projeto de educação para o futuro, porque, segundo Alves (2012, p. 3).

Talvez mais do que nunca os educadores precisem da história, não para resgatarmos a ilusão de que as lições do passado ainda seriam úteis, [...] mas para perceber, sim, o conhecimento do passado como um recurso inesgotável de ferramentas que aguçam nossa percepção do presente e nos ajudam a refletir sobre as escolhas para os projetos futuros.

Nessa perspectiva, desvelar o passado tornou-se de fato atitude fundamental para reinventar o presente e construir o futuro, não como fruto de uma vontade particular, ingênua e mágica, ou como missionários bem-intencionados, mas como possibilidade de elaborar historicamente outros modos de olhar para o vivido e repensar a educação produzida na trama das multideterminações do processo social, histórico e cultural.

A configuração das entrevistas, para viabilizar a leitura apreciativa das experiências contadas por cada um dos fundadores, se articulam num panorama mais unitário, superador dos fragmentos selecionados, expostos nas narrativas orais particulares.

As narrativas orais, especialmente do seu diretor e funcionários-fundadores revelam as motivações, desafios e fatores propulsores da fundação, mostrando que a história da instituição não começa no primeiro dia da aula inaugural em 18 de março de 1976. Quatro anos antes o curso tinha sido solicitado ao MEC, fazendo a partir dali um percurso dinâmico de idas e vindas ao órgão fiscalizador, de buscas de complementação de dados e de formas de responder às

pendências baixadas em diligência. Não era uma questão simples. Envolveria múltiplas relações e intercâmbios locais e nacionais, especialmente de pessoas localizadas nos gabinetes do MEC em Brasília.

Percebemos que mesmo antes desse encaminhamento oficial, o professor Sebastião munido pela vontade de crescer na vida, vontade que sempre o moveu na busca de concretização dos seus sonhos de menino pobre, jovem trabalhador de menoridade, portador da carteira vermelha, que aprovado no vestibular para medicina abdicou dos seus sonhos uma vez que estes não poderiam ser conciliados com o trabalho, que representava a sua sobrevivência. Nota-se na frase que ele destaca em seu depoimento, ao procurar o patrão para tentar conciliar os horários que a resposta que recebeu foi: “estuda quem pode”. Essa frase repercutiu como uma marca daquele instante imediato da sua existência, integrando o seu caderno de memórias onde se registra a sua história de vida.

Esses pequenos acontecimentos que somente fazem sentido para nós outros quando inseridos num contexto que nos permite tecer aproximações entre o passado e o presente, contribuíram, junto com outras condições mobilizadoras, para a busca de ferramentas e estratégias necessárias à concretização de um empreendimento que lhe daria a chance de oportunizar estudos para jovens trabalhadores, que, em sua maioria batalhavam nas salas de aula durante o dia e viam nos estudos noturnos a melhor chance para se formarem.

Certamente, esse ideal de vida calcado numa passagem que ele mesmo expõe em suas narrativas e depoimentos, e mesmo ao longo de outros momentos não relacionados a esta pesquisa, sobre o início da sua vida estudantil, não seria suficiente para esclarecer a vontade e a possibilidade de propiciar os avanços pretendidos na sua instituição.

É um dever necessário neste contexto de considerações finais, retomar alguns aspectos apresentados na Mensagem de Abertura que dedica “Casa de Educação e Delicadezas ao professor José Sebastião dos Santos, manifestando de forma sobretudo afetiva e subjetiva a admiração e o reconhecimento de um homem que se tornou representante da educação em Sergipe ao construir uma instituição que contribuiu para formar inúmeras gerações. Foi a escuta atenta das histórias de cada um dos entrevistados, e especialmente os depoimentos do próprio diretor, o professor José Sebastião que tornou possível ir compreendendo, em cada voz, em cada gesto, em cada olhar aceso pela luz da memória singular, as motivações sociais, econômicas, políticas, e aqui acrescento, sobretudo quando me reporto ao professor Sebastião, a dimensão afetiva, traduzida nele pelo desejo de crescer, conquistar autonomia, construir uma vida independente que o moveram para superar as dificuldades postas pelas condições objetivas reveladas no início da Fundação. Muitos se perguntam: - Como um homem tão simples, sem

lastros financeiros compatíveis para fomentar sucesso empresarial de tamanho potencial pôde se estabelecer, evoluir e permanecer em concorrência com outros empreendimentos que foram também assumindo um lugar de destaque na sociedade sergipana? Observamos que havia, na época da compra do primeiro imóvel onde funcionava o Colégio Pio Décimo, muitos riscos envolvidos; tanto de ordem econômica, quanto de ordem social e pedagógica. Ao comprar uma instituição falida e sem recursos para assumir por conta própria as pendências financeiras existentes, com poucos alunos, e o descrédito da comunidade, é notável constatar os avanços conquistados por ele em breve tempo. Esse avanço pode ser compreendido pelo apoio irrestrito da família, pela cercania dos amigos influentes (do setor econômico, jurídico e político da época) pelas condições e circunstâncias que contribuíram para contextualizar aquele momento como propício a uma decisão desse porte. Todos esses fatores deram ao professor José Sebastião credibilidade, apoio e orientação, fundar a instituição. Podemos destacar que a presença dos amigos e da família se constituíram como contribuição especial e decisiva, por confiarem na sua coragem, firmeza de propósitos e seriedade dos seus sonhos de águia, como um trabalhador incansável. Desde esse momento, nunca se afastou da sua instituição, trabalhou diuturnamente para superar barreiras, acompanhando permanentemente todas as ações e processos que foram efetivando a consolidação da sua obra educativa e social.

Durante a pesquisa fomos descobrindo outros fatores importantes, tanto em relação às condições objetivas da sociedade, quanto a uma base de experiência bem-sucedida adquirida com o Colégio Pio Décimo, como mola mestra motivacional para que o professor Sebastião pudesse alçar novos empreendimentos, acreditando, como de fato conseguiu, seria igualmente vitorioso.

Reconhecendo-se em suas inúmeras falas institucionais como o filho determinado de um pequeno agricultor, herdeiro de fortes valores religiosos e disciplinares oriundos da família e das cerimônias de formação religiosa das quais participava na igreja católica, o jovem Sebastião se reportava sempre que falava das origens e do crescimento da instituição, que não enfrentou as dificuldades sozinho. Aliás, ele sempre valorizava a participação do grupo que lhe deu apoio, mesmo que não nomeasse a todos, ressaltava permanentemente: “não fiz nada sozinho”.

Nesse sentido, a pesquisa, tanto documental quanto as narrativas orais, foram expondo nomeadamente os sujeitos que compuseram com o professor Sebastião “esses outros” que o ajudaram a transformar o pequeno Colégio que adquirira em condições precárias, numa instituição que se tornou obra e patrimônio perdurável da educação.

Assim, é possível perceber que as práticas narradas encerram, por vezes, e umas mais que outras, convergências e contradições que oscilam entre o cumprimento radical das ordenações prescritas, conforme o perfil institucional, e também, uma certa resistência inconformada que é vista na instituição como desobediência, como nos indicou o professor Jeremias, e que praticamente não avança muito, devido mesmo aos limites de autonomia real dos professores, especialmente tratando-se aqui de uma instituição privada de ensino, e ainda, porque, como fica claro em alguns momentos das entrevistas, há uma necessidade forte de manter-se no emprego, garantindo-se a sobrevivência.

Fragmentos das vivências e memórias foram selecionados por cada um porque ao narrar a própria experiência, esta não transparece em sua totalidade estática, há um processo seletivo que vai privilegiando o que cada um deseja mostrar, mostrar-se, contar ao outro. A memória é seletiva conforme já discutimos antes, e se manifesta entre lembranças e esquecimentos, por diversos motivos conforme caracterizam autores como Pollak (1989;1992) e Maurice Halbwachs (2004).

Para responder as questões correlatas da pesquisa, que nos interrogou sobre a organização das práticas educativas, as relações e ações que deram início ao funcionamento do curso, notamos da parte dos professores uma preocupação com o teor específico das suas disciplinas, centradas nos conhecimentos do que deveria ser ensinado, mas não sobressai, nos depoimentos orais – e isso é importante constatar -, uma preocupação com a questão pedagógica da pedagogia em si, num curso de formação dos pedagogos, em que faz sentido o que nos coloca Franco, (2012, p. 51) em *Pedagogia e prática docente*.

[...] a perspectiva do ensino como arte de fazer a educação; a educação como instrumento importante da democratização da sociedade; a destinação da educação a todos e a crença e fé na possibilidade de todos poderem aprender com prazer e alegria. Enfatizo a questão da universalidade do ensino; da criação de um discurso pedagógico em que o método de ensino (como ensinar) se subjeta a uma profunda reflexão sobre as finalidades do ensino (o que estudar) e aos objetivos da educação (para que ensinar).

Também, se faz necessário lembrar as evidências destacadas sobre o modo de agir da coordenação acadêmica que atuava, conforme vimos nos depoimentos dos professores-fundadores, muito mais numa linha de acompanhamento voltado para o controle e a organização burocrática dos instrumentos de registro das aulas, como procedimentos adequados, valorizados pela instituição privada, com pouquíssimas oportunidades de reflexão. A obra pedagógica tinha que ser controlada de perto e o perfil de bom professor identificava-se com aqueles que mantinham uma rígida disciplina na sala de aula. Neste aspecto, constatamos que a instituição

instalava mecanismos de controle, que permitiam a direção, sigilosamente, ouvir o teor das aulas dos seus professores a qualquer momento que fosse necessário.

Ainda, em relação ao domínio de um pensamento pedagógico atualizado e contemporâneo, percebemos divergências, com professores que se identificavam em suas falas e até citam literalmente os educadores que para eles iluminaram o cenário mais contemporâneo da educação e outros que rejeitaram sua obra, a exemplo da obra de Paulo Freire, embora seja mundialmente conhecido⁷¹. Foram evidenciados alguns conflitos conceituais nas práticas docentes de professores-fundadores, desvelados pelas concepções trazidas por esse pensador da educação brasileira, como assinala Franco (2012, p. 68):

Dessas perspectivas progressistas que vão surgindo em solo brasileiro destacamos o pensamento e a obra pedagógica de Paulo Freire que vem marcar a educação brasileira e mundial com uma postura inovadora e crítica diante da função social da escola e da organização dos processos e práticas educativas, delineando uma proposta inclusiva e emancipadora. [...] Ele revoluciona o pensamento pedagógico, introduzindo a concepção dialética na educação e propondo perspectivas essenciais para mudar as raízes históricas de uma educação elitista e lançar as bases de uma pedagogia revolucionária, apostando na educação como instrumento de transformação e libertação.

Com certeza a tarefa didática, não como conteúdo disciplinar, mas como uma prática transformadora, que marca a face mais moderna da pedagogia nas salas de aula, ainda foi tímida. Embora seja necessário dizer que o ensino se organizava validado pelos parâmetros curriculares da época, (grades que determinavam o que se deveria ensinar), estritamente em conformidade com os critérios de avaliação do MEC, e sob as vistas da sua representante em Sergipe, através da Delegacia do Ministério da Educação e Desporto – DEMEC, o curso se sustentou exatamente sobre a competência dos professores-fundadores, dedicados e responsáveis, peritos no domínio dos conteúdos das suas respectivas disciplinas, experientes na vivência docente, mesmo que em outras instâncias de nível secundário.

Respondendo sobre a formação da primeira equipe de professores, vimos que a contratação foi permeada por critérios fundamentados na formação acadêmica e experiência profissional dos professores, mas também por questões de ordem pessoal do seu diretor, relacionadas a confiança, proximidade com a instituição. Assim, a instituição compôs um corpo

⁷¹ Destaca-se que especialmente a Pedagogia do Oprimido, escrita no exílio em 1968, publicada em inglês em 1970 e traduzida para o português em 1975. Conferindo as narrativas orais, pode-se observar que alguns professores são adeptos ao diálogo, à participação dos alunos de modo mais dinâmico em aulas que fugiam ao padrão expositivo. Alguns professores citam os autores que costumavam ler para mostrar que tinham domínio de conhecimentos atualizados. Também, nesse aspecto pode-se evidenciar os cursos de atualização que muitos fizeram enriquecendo sua experiência docente. Porém, num contexto de instituição privada, a ênfase, de modo geral recaía sobre os valores de uma pedagogia mais tradicional, através do controle, do respeito a hierarquia e da rigidez da disciplina.

docente com um perfil que representava o que havia de melhor na época, em termos de uma qualificação adequada para assegurar o exercício de boas práticas e manter a credibilidade e a confiança da comunidade sergipana na educação oferecida pela recém-nascida FPD.

No entanto, foi possível compreender melhor à luz do que foi tecido através das narrativas, as interferências pedagógicas que sofreu a educação brasileira, herdeira do modelo jesuítico de ensinar (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 145), onde cabia aos alunos:

Realizar as *reportationes*, ou seja, anotações para serem memorizadas em exercícios, e utilizar um caderno para *loci communes*, em que registravam, por ordem, assuntos e frases significativas, palavras e pensamentos ou complementavam com anotações de citações transpostas, imitando os clássicos.

Desse modo, as narrativas dos fundadores vão respondendo para nosso conhecimento sobre as marcas históricas que ficaram em suas lembranças, sobre a organização pedagógica as práticas e as relações acontecidas nos primeiros anos de atuação no curso de pedagogia. Nessa perspectiva são revelados aspectos característicos do modelo jesuítico que sobressaiu no ensino universitário daquela época, vislumbradas nas narrativas dos professores-fundadores ao expor passagens das suas experiências e práticas que foram evidenciando valores inerentes a uma qualidade de ensino baseada como já dissemos, na hierarquia, no rigor da disciplina, na passividade e obediência do aluno, onde a memorização era valorizada como recurso básico da aprendizagem voltada para a fiel reprodução do que fora ensinado, sobretudo através de aulas expositivas, mesmo reconhecendo o uso de outras metodologias mais dinâmicas, que caracterizavam uma maior participação do aluno e que eram utilizadas pelos professores, mas não de modo a se destacar da aula expositiva, aliás como até hoje ocorre, no que pese os avanços das tecnologias voltadas para a educação.

Sobre o perfil do aluno, nos reportamos ao que ficou foi dito pelos professores em suas narrativas individuais ao recordar o espaço da sala de aula e as relações professor-alunos, como relações fundamentais para dar sustentabilidade à prática docente. O sentido que se expôs, sobrepôs a figura do professor à do aluno. Na sala de aula, o professor tinha o comando e não se tolerava falta de limites disciplinares. Era entendido como “bom aluno”, aquele que queria estudar, porque demonstrava isso sob a forma de obediência e submissão às regras e determinações institucionais. Quando assim se portava o aluno, o professor podia dizer envaidecido: esse aí tem futuro! Por exemplo, vimos na narrativa do Seu Osvaldo que os alunos depois que entravam na instituição não poderiam sair de modo algum, a não ser quando fossem encerradas as aulas. Para tanto havia rigorosa fiscalização, desde a portaria às salas de aula.

Talvez aqui se revele heranças de um modo de ser institucional aprendido com a experiência do Colégio que deu origem a estrutura da Faculdade.

Sobre o ensino noturno, identifica-se na fala dos professores-fundadores que esse turno não era entendido como um problema ou desafio institucional, e sim de forma positiva, e isso, porque, na visão deles, a clientela vinha com vontade de aprender, não se caracterizando então mudanças substanciais nas formas de ensinar que fossem adaptadas para o ensino noturno. Essas marcas históricas foram inscritas na face institucional da Pio Décimo, no contexto das práticas desenvolvidas refletindo tanto a experiência dos professores, quanto os modos de ser da instituição.

Pudemos conhecer o teor da disciplina como um valor pedagógico distinguido pela instituição. Assim os professores, precisavam se manter num patamar disciplinar que se mostrasse em total acordo com as regras institucionais. Na época, conforme transparece em diversas falas, o “bom professor” era essencialmente aquele que conseguia dar uma boa aula, expondo com clareza o conteúdo da sua disciplina. Se os conteúdos estavam explicados, não havia mistério, cabia ao aluno memorizá-lo, repeti-lo no momento da avaliação que representava, na maioria das vezes a exigência fiel de uma devolutiva reprodutiva da voz do professor em sala de aula.

Vemos isso claramente, por exemplo na narrativa de um professor quando aborda as questões de avaliação em sala de aula, mostrando que ele passava uma síntese dos conteúdos antes das avaliações, explicadinhas numa lista de questões e orientações, dentre as quais escolhia depois algumas para compor os testes que seriam aplicados, e para sua surpresa, alguns alunos não conseguiam, responder acertadamente a prova.

Podemos compreender, a partir do pensamento de autores como Pimenta e Anastasiou (2002), Franco (2012), Freire (2002) que o professor ficava surpreso diante dos “erros” dos alunos, em situações que para ele pode parecer tão óbvio que: - se ele ensinou a matéria e se até mesmo deu aos alunos a oportunidade de estudar o que ia cair nas provas -, então, como é que eles não conseguiriam responder satisfatoriamente às questões formuladas?

Há nessas considerações, uma série de fatores de ordem pedagógica envolvidas na construção de um modo de “ser professor no ensino superior” que caracteriza a ordenação das práticas docentes e se reflete em posturas e formas de relacionamento professor-aluno que vão denotar heranças sociais cumulativas que integram as diferentes experiências dos professores. São as experiências sociais e de formação escolar e acadêmica, vividas por cada professor, que vão influenciar na sua maneira de ser educador. Há interferências de muitas ordens. A própria passagem pela sala de aula, como estudantes, de certa forma ensina o professor a se portar na

sala de aula, repetindo ou transformando aspectos da sua vivência como aluno. Heranças das diversas experiências sociais e formas de ser das instituições onde ensinam e também aprendem, contribuem para traçar o seu perfil. Nóvoa, (2002) afirma que a identidade do professor não é algo adquirido de forma estática, mas resulta dos espaços de formação, de lutas e de conflitos que vão construindo e reconstruindo permanentemente a sua maneira de ser professor.

Esses resultados clarearam a tese pela evidência das práticas encaminhadas pelos fundadores, reveladas por suas narrativas, sejam por medidas administrativas ou pedagógicas que vão deixando marcas na trajetória dos fundadores e da fundação. Também se expõe o significado da implantação do curso noturno naquele momento, entremeado pelo movimento de reformas da educação que criou as condições favoráveis à iniciativa privada, contribuindo para democratização do acesso embora fica aqui uma nova pergunta: - Houve de fato uma redução do nível de exclusão e efetiva e livre passagem para o ensino superior?

Uma das contribuições significativas da pesquisa compreende a possibilidade de continuidade da pesquisa. Muitas questões novas foram surgindo, mostrando campos ainda não investigados que se instituíram como necessidade de continuidade desses estudos. Outros fundadores poderão ser ouvidos, por exemplo os egressos⁷², cujo cabedal de experiências adquiridas durante e após o curso, poderão detalhar novas tramas, mostrando os impactos desse processo educativo para além das estatísticas que os numeram objetivamente; outros funcionários e outros professores, entre os que compuseram a lista dos 31, alguns já não estão se encontram mais entre nós, como presença física, e precisamos ser ágeis para o registro das memórias desses educadores. Também, se faz necessário a busca de novos documentos, e nesse sentido há muito trabalho a fazer, com os arquivos⁷³ que precisam ser organizados para dar campo de pesquisa ao nascimento de novas memórias, quem sabe vindas de longe. Muito longe! Aproximando-nos do passado que revitaliza a experiência do tempo presente.

Sobre o problema da pesquisa: Como se deu na trama da fundação da FPD, a implantação do curso de Pedagogia, reconhecendo, a partir das narrativas de seus fundadores, o modo de organização e funcionamento da primeira turma; a definição da proposta curricular; a realização das práticas pedagógicas e as condições e desafios gerais para o desenvolvimento das ações de formação do pedagogo? O que podemos afirmar é que pela reconstrução das memórias individuais de professores-fundadores e funcionários do Curso de Pedagogia da FPD,

⁷² Motivada como egressa da primeira turma, a professora Emiralva já se dispôs a organizar um Encontro com os que compuseram a primeira turma do Curso de Pedagogia.

⁷³ Sobre a organização dos arquivos da Fundação, a instituição demonstra seu apoio para um Projeto de Preservação da Memória Institucional que se desenvolverá a partir dos resultados desta pesquisa.

no período de 1976 a 1980 tornou-se possível conhecer a trama histórica da instituição no contexto da sua origem e formação da primeira turma de pedagogos, revelando motivações, circunstâncias, desafios e acontecimentos que envolveram a abertura do ensino superior noturno em Sergipe.

Confirmou-se então que o contato com os fundadores, com suas múltiplas faces sociais, possibilitou revelações surpreendentes de uma história não oficial, guardada como lembrança que ultrapassou sobremaneira os registros documentais, fazendo emergir na interface dessas diferentes presenças, memórias seletas, como um patrimônio social e educativo privilegiado, até então refugiadas sob os cuidados individuais, aguardando oportunidade para se tornar presentes, iluminando a história da educação, mais precisamente a história do ensino superior privado em Sergipe.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M.H.M.B. (Org.). **História e histórias de vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. **A aventura (auto)biográfica** – teoria & empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. **Identidade e vida de educadores rio-grandenses**: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. **O professor e o ciclo de vida profissional**. In: ENRICONE, D. **Ser professor**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 9-23.
- _____. **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. In: História da Educação. ASPHE-FaE-UFPel, Pelotas: n 14, pp79-95, set. 2003
- ALARCÃO, I. **Percursos de formação e desenvolvimento profissional**. SÀ-CHAVES, I. (Org.). Lisboa, Portugal: Porto Editora, 1997.
- ALBERTI, V. **História oral**: a experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- _____. **Ouvir contar**: textos em História oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004
- ALVES, E.M.S. **O Atheneu Sergipense**: uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: PUC, 2005.
- ALVES, C. **O educador e sua relação com o passado**. Educação em Revista, v.28, 2012
- ANDRÉ, M. E.D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas/SP: Papius. 1995.
- ARBEX, D. **Holocausto brasileiro**, São Paulo: 2003:
- AZANHA, J.M.P. **Uma ideia de pesquisa educacional**. São Paulo: EDUSP. 1992.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2009.
- BARTHES, R. **A poética do devaneio**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.
- BERGER, M. **O Colégio Jackson de Figueiredo**: trajetória e o cotidiano escolar. NPPGED/UFS, 2001.
- BARRETO, R.A.D.N.. **A formação de padres no nordeste do Brasil (1894 – 1933)**. Universidade do Rio Grande do Norte. Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.
- BARROS, J.D’A.. **O projeto de pesquisa em história** – da escolha do tema ao quadro teórico. Vozes, Petrópolis/RJ: 2015.
- _____. História, **Espaço e tempo**: interações necessárias. Varia História, v. 22, nº 36, p. 460-476, jul/dez, Belo Horizonte: 2006.
- BARRONCAS, R. A memória, o esquecimento e o compromisso do historiador. **Revista Em Tempo de Histórias**, n. 21, p. 124-136, 1 mar. Brasília: 2012.

BERNARDO, R. **Inserção no Ensino Superior**: trajetórias de formação narradas por jovens universitários. Tese (Doutorado) da Universidade São Francisco: Itatiba: 2015.

BEREDAY, G. Z. F. Método comparado em educação. São Paulo: Ed. Nacional, 1972.

BLOCH, M. **Apologia da história** - ou o ofício de historiador. Rio de Janeiro/RJ: Zahar, 1997.

BOM MEIHY, J.C.S. **Manual de história oral**. Edições Loyola, 1996

_____. **Definindo história oral e memória**. Cadernos da Universidade de São Paulo: Centro de Estudos Rurais e Urbanos - CERU, n. ° 05, série 2, 1994

_____. **Os novos rumos da história oral**: o caso brasileiro. Revista de história, 155 (2º - 2006), 191-203, Universidade de São Paulo/USP, 2006

BOSI, E. **A pesquisa em memória social**. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 1993.

_____. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

BRASIL. Lei nº 4.024 de 20/12/1961. **Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Diário Oficial. Brasília: 27 dez. 1961.

_____. Lei nº 5.692 de 11/08/1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º Graus e dá outras providências**. Diário Oficial. Brasília: 12 ago. 1971.

_____. Lei nº 7.044 de 18/10/1982. Altera dispositivos da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, referentes à profissionalização no ensino de 2º grau. Diário Oficial. Brasília: 19 out. 1982.

_____. Lei nº 9.394 de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial. Brasília: 23 dez. 1996.

_____. Lei nº 5540, de 28 de novembro de 1968. Disciplina a Reforma do Ensino Superior no Brasil e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 28 nov.1968

BRETAS, S.A. **Universidade Federal de Sergipe**: história, política e formação da comunidade acadêmica (1950-1970). São Cristóvão-Se: UDUFS, 2014.

CATANI, D.B. **A didática como iniciação**: os relatos autobiográficos e a formação de professores. Ensaio sobre a produção e circulação dos saberes pedagógicos. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Educação, São Paulo: 1994.

CARMO, K. de A. **Uma história do curso de ciências biológicas na Universidade Federal de Sergipe**: para que? O que? Para quem? Como?(1969-1983). Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Universidade Federal de Sergipe, 2011.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano** – Artes de Fazer. Petrópolis/RJ: Vozes. 1994.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez. 1998.

CONCEIÇÃO, C.O.da. **A escola de química de Sergipe**: o processo de formação de um campo profissional (1948-1967). Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação e Pesquisa. Universidade Federal de Sergipe. 2010.

CUNHA, L.A. **Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior**: estado e mercado. Educação e Sociedade, Campinas, vol. 25, n. 88, p. 795-817, Especial - Out. 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 05/12/2017

_____. **Qual universidade?** São Paulo: Cortez, 1989.

_____. **A universidade reformanda**: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior, Rio de Janeiro: Francisco Alves, São Paulo: Editora da UNESP, 1998

CUNHA, C.M. **Memórias docentes**: convocações do presente. São Paulo: Paco Editorial, 2017.

CRUZ, M.T.J.O. **Ritos, símbolos e práticas formativas**: a Faculdade de Direito de Sergipe e sua cultura acadêmica (1950 -1968), Tese (Doutorado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Universidade Federal de Sergipe, 2014.

DELGADO, L. de A.N. **História oral**: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DELORY-MOMBERGER, C.Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: **Memória, autobiografia e diversidade, questões de método e trabalho docente**. SOUZA, E. C. (Org.). Salvador/Ba: EDUFBA, 2011.

_____. **A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular**. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica, Salvador: v. 01, n. 01, p. 133-147, jan./abr. 2016.

_____. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, v 17, n 51, set-dez, 2012.

_____. **Revista brasileira de pesquisa (auto)biográfica**. Salvador: V. 01, N. 01, P. 133-147, jan./abr. 2016.

GENTILI, P. **Universidades na penumbra**: neoliberalismo e reestruturação universitária. São Paulo: Cortez, 2001.

GULLAR, F. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pedagogia como ciência da educação**. São Paulo: Cortez, 2008.

FERNANDES, D. **Narrativas biográficas na formação inicial de professores de matemática**: reflexões a partir de um olhar retrospectivo. In: SOUZA, J.C.de. Memória, (auto) biografia e diversidade: questão de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2011.

FERREIRA, M. de M. **História, tempo presente e história oral**. Topoi: Rio de Janeiro: dezembro, 2002, pp.314-332.

FONTANA, R.A.C. **Como nos tornamos professoras?** Autêntica, Belo Horizonte: BH, 2005

FREITAS, A. M.; SOBRAL, M. N. **História e memória**: curso de pedagogia da UFS. São Cristóvão: UFS, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GERMANO, J.W. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. São Paulo: Cortez, 1994.

- GEDHIN, E.L.; FREITAS, L.M. **Narrativas de formação: origens, significados e usos na pesquisa-formação de professores.** Rio de Janeiro: Revista Contemporânea de Educação, vol. 10, n. 19, janeiro/junho de 2015.
- GUIMARÃES, V.S. **Formação de professores, saberes, identidade e profissão.** Campinas: Papirus, 2004.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2004.
- HERDEIRO, R. **Trabalho Docente e desenvolvimento profissional: narrativas de professores.** Chiado Editora, São Paulo: 2010.
- HUBERMAN, M. **O Ciclo de vida profissional dos professores.** In: NÓVOA, A. Vidas de Professores. Porto: Porto Editora, 1995.
- IMBERNOM, F. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2006.
- LIMA, F.M.V. de A. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968).** Revista do instituto histórico e geográfico de Sergipe, nº 45, Aracaju: Sergipe: 2015.
- LIBÂNIO, J.C. **O papel do pedagogo na mediação e organização do trabalho pedagógico.** São Paulo: Autêntica, 1996.
- LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas, Ed. Da UNICAMP, São Paulo: 2003.
- MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Entre fatos e relatos: As trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na Educação Sergipana (1960-1991).** Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe – UFS: 2013.
- MARQUES, Z.M. de O. **Como se chega ou como nos tornamos docentes no ensino superior.** Tese (Doutorado em Educação). Centro de Ciências Sociais e Aplicadas. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN: Natal/RN: 2006.
- MARTINS, C.B. **Ensino superior brasileiro: transformações e perspectivas.** São Paulo: Brasiliense, 1988.
- MARTINS, A.C.P. **Ensino superior no Brasil: da descoberta aos dias atuais.** REVISTA Acta Cirúrgica Brasileira, 2002.
- MATOS, J. S.; SENNA, K. de. **História oral como fonte: problemas e métodos.** In: Revista História, Rio Grande: 2 (1): 95-108, 2011.
- _____. **História oral como fonte: problemas e métodos.** In: Revista História, Rio Grande: 2 (1): 95-108, 2011.
- MATTOS, P.G.G.S. **O curso de pedagogia da faculdade de formação de professores da UERJ a partir de narrativas de formação de professoras das infâncias.** Dissertação (mestrado) Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ, 2013.
- MEIHY, J.C.S.B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- MEIRELES, C. **Retrato.** In: Poesia Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994
- MELO, R.T. de. **História, memórias e vivências A EJA no norte de Minas gerais. (940-1960).** Dissertação. UFU, Minas Gerias: 2015.

MENEZES, S. **História, memória e direitos**. Universidade Federal Fluminense, 2004.

MIRANDA E SILVA, T.D. **Trajetórias de formação de professoras de educação infantil: história oral de vida**. Tese (Doutorado) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: FEUSP, 2012.

MOITA, M.C. **Percursos de formação e de trans-formação**. In: NÓVOA, A. Vidas de professores. Porto: Porto Editora, 1995.

NASCIMENTO, E.F.V-B. de C. do [et.al.]. **Educação superior em Sergipe 1991 – 2004**. In: Educação Superior Brasileira: 1991 – 2004. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2006, p. 25- 26.

NASCIMENTO, J.C. do; OLIVEIRA, N. A. de. **Perfil histórico e antropológico do desenvolvimento urbano de Aracaju (1855-2005)**. Do nascimento aos primeiros passos do curso de Pedagogia da UFS no ano de 2006. (Relatório de Pesquisa).

_____. **Perfil histórico e antropológico do desenvolvimento urbano de Aracaju (1855-2005)**. A história da Faculdade de Educação da UFS, no ano de 2006-2007. (Relatório de Pesquisa).

NÓVOA, A. **Experiências de vida e formação**. Lisboa: EDUCA, 2002.

_____. **Formação de professores e profissão docente**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991.

_____. **Formação de Professores e profissão docente**. In: Nóvoa, A. Os professores e a sua formação. Lisboa: Porto Editora, 1995, p. 11-35.

_____. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

_____. **Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si**. In: SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M.H.M.B. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

_____. **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

NUNES, M.T. **História da educação em Sergipe**. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro/RJ: 1984.

OLIVEIRA, J.P.G. **Disciplinas docentes e conteúdo: itinerários da história na Faculdade católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Universidade Federal de Sergipe, 2011.

_____. **Caminhos cruzados: itinerários de professores do ensino superior sergipano (1915-1954)**. Tese (Doutorado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Universidade Federal de Sergipe, 2015.

OLIVEIRA, N.A. de. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Núcleo de Pós-Graduação em Educação. Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. Universidade Federal de Sergipe, 2011.

PESSOA, F. **O guardador de Rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Cultrix, 1988.

PERONI, J. **Diálogos sobre as redefinições do papel o Estado**. 2015.

PIMENTA, S.G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2002.

PINEAU, G.. **As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existência.** Tradução de Maria Teresa Van Acker e Helena CoharikChamlian. Educação e Pesquisa, São Paulo: v.32, n.2, p. 329-343, maio/ago. 2006.

POLLAK, M. **Memória e identidade social: estudos históricos.** Rio de Janeiro: v. 5 a 10, 1992, p. 200-212

_____. **Memória esquecimento e silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v. 2 n.º 3, 1989, p. 3-15.

PORTUGAL, J.F. **Quem é da roça é formiga! Histórias de vida, itinerâncias formativas e profissionais de professores de geografia de escolas rurais.** Universidade do Estado da Bahia, UNEB, 2013

ROMANELLI, O. **História da educação no Brasil (1930-1973).** Petrópolis:Vozes, 1978.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 2007.

ROSA, J.G. **Grande sertão veredas.** Rio de Janeiro. Nova fronteira, 1985.

ROLLEMBERG, M.S.T. e SANTOS, L.A. UFS: história dos cursos de graduação. Centro de Impressão Eletrônica da UFS, São Cristóvão/Se: 1998.

SANTOS, M.F. **Ecos da modernidade a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926),** Dissertação, NPPGED\UFS, São Cristóvão: 2009

SANTOS FILHO, José Camilo. **Por uma teoria da democratização do ensino superior: pressupostos e implicações.** Revista Forum Educação, Rio de Janeiro, 1989

SANTOS, B. de. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade.** São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, C.M. dos. **O acesso ao ensino superior no Brasil: a questão da elitização.** Ensaio - Avaliação e Políticas Públicas em Educação. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, n. 19, vol. 6, abril/junho 1998.

SANTOS, M.P. dos. **Relembraças em mingunte: interpretação biográfica da obra de Carmo Bernardes.** Tese (Doutorado), Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Franca: UNESP, 2007.

SANTOS, V.N. **A Faculdade de Serviço Social de Sergipe: tendências e experiências de docentes no processo de formação profissional.** Dissertação (Mestrado), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, São Paulo/SP: 2005.

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira.** 1996.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil: história e teoria,** São Paulo: Cortez, 2008.

SILVA, T.D.M. **Trajetórias de formação de professores de educação infantil: história oral de vida.** Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo/USP, 2012.

SILVA, Carmem Silvia Bissolli da. **Curso de Pedagogia no Brasil: história e identidade.** Caminas, São Paulo: Editora Autores Associados, 1999.

SOBRAL, M.N. **História oral da vida camponesa: assentamentos da reforma agrária em Sergipe.** São Cristóvão: Editora UFS, 2006.

_____. **Memória e história: o curso de pedagogia em Sergipe.** São Cristóvão/UFS, 2009.

SEVERINO, A. J. **O ensino superior brasileiro: novas configurações e velhos desafios.** Educar, Editora UFPR, Curitiba: n. 31, p. 73–89, 2008.

SILVA, C.S.B. **Curso de pedagogia no Brasil: história e identidade.** 3 ed. Autores Associados, 2006.

SILVA, Anna karla de Melo. **As Contribuições do professor Sergipano Felte Bezerra para a disciplina Etnografia do Brasil na Faculdade Católica de Sergipe (1953-1956).** Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Sergipe – UFS. 2013

SOARES, M. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora.** São Paulo: Cortez, 2001.

SOUZA, E.M.de. **A questão da expansão do Ensino Superior Brasileiro: um Desafio para o curto prazo.** Revista Educação Brasileira, Brasília: v. 16, n.33, p.201-228, jul./dez. 1994.

SOUZA, E.C. de. **Autobiografias, histórias de vida e práticas de formação.** Porto Alegre: EDPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006.

_____. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores.** Tese (Doutorado) Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2004.

SOUZA, P.R.C. **A reforma universitária de 1968 e a expansão do ensino superior federal brasileiro: algumas ressonâncias.** Cadernos de História da Educação, nº 7 – jan./dez. 2008.

SOUZA, J.E. **História e memória: Universidade Federal de Sergipe (1968-2012).** São Cristóvão/Se: 2015.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2002

THOMAZ, A.A. **Os amados intelectuais de Sergipe e suas contribuições para a educação brasileira (1950-1970).** Universidade Tiradentes, Programa de Pós-Graduação em Educação, Aracaju: 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado.** Tradução: OLIVEIRA, Lélia Lourenço de. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VIÑAO, A. **A história das disciplinas escolares.** Revista Brasileira de História da Educação, nº 18 set. /dez. 2008.

APÊNDICE

APÊNDICE A – CARTA CONTIVE ENTREVISTADOS**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS -GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO****CARTA-CONVITE AOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA NA
FACULDADE PIO DÉCIMO**

O campo da história oral é acentuadamente totalizador; entrevistado e entrevistadores trabalham conscientemente na elaboração de projetos de significação do passado. O esforço é muito mais construtivista do que desconstrutivista [...], e tem por base a experiência concreta, histórica e viva, que, graças à compreensão hermenêutica, é transformada em expressão do humano. É importante ter consciência dessa vocação totalizante da história oral, em um mundo em que a fragmentação e a dissipação de significados, o desaparecimento do sujeito e o privilégio da superfície (em detrimento da profundidade) também estão na ordem do dia Alberti (2004, p. 2)

ARACAJU, 06 DE JANEIRO DE 2020

CARÍSSIMO(A) PROFESSOR(A)\FUNCIONÁRIO(A)

O Campo da memória, que abre a porta das lembranças, torna possível compreender com a sabedoria do presente, os tempos já vividos no calor das experiências fundamentais que vão compondo uma biografia de vida pessoal e profissional contribuindo para o que hoje, reconhecidamente somos. Nesse sentido, quero dizer da admiração que guardo pelos que contribuíram de forma tão cuidadosa para consolidar a Faculdade Pio Décimo como uma experiência inovadora que se tornou parte inelutável da História da Educação Sergipana.

Dessa forma, tendo em vista pesquisa que realizo para o doutorado em Educação, da Universidade Federal de Sergipe, sob a orientação da professora doutora Maria Neide Sobral, peço a sua valiosa colaboração para possibilitar a composição de dados sobre a fundação do curso de pedagogia que me permitam elaborar a tese que tem como tema “A INVENÇÃO DAS NOITES PIONEIRAS DA EDUCAÇÃO SUPERIOR EM SERGIPE – MEMÓRIAS DOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA (1976-1980).

A construção da tese carece de informações que revelem a partir do olhar singular dos professores e funcionários fundadores do Curso, os meandros da vida institucional da Faculdade Pio Décimo em suas origens, postas de forma inédita no cenário da educação sergipana, uma vez que, como instituição privada de ensino, abriu, em nosso Estado oportunidades de estudos de nível superior em turno noturno, numa época em que a Universidade Federal de Sergipe, oferecia seus cursos de graduação apenas no turno diurno. O trabalho tem como objetivo compreender e responder, através de narrativas orais os que participaram da primeira turma, para que possamos compreender como se deu a trama de implantação do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, em Sergipe, quais as formas de organização do trabalho pedagógico na época e que marcas históricas foram construídas acerca das práticas educativas, das relações e ações desenvolvidas durante os primeiros anos de atuação no curso noturno?

Portanto, agradecendo antecipadamente a generosa disponibilidade para relembrar os acontecimentos que promoveram o primeiro curso superior noturno em Sergipe, destaco abaixo um roteiro que deve servir como guia aberto e fio

condutor para despertar lembranças, sentimentos, ações e relações que possam ser consideradas fundamentais para descrever a História da Fundação do Curso e da instituição naquele período.

- Lembranças de acontecimentos significativos da fundação
- Formação da primeira equipe de docentes
- Estrutura física, administrativa e pedagógica para implantação e implementação do curso
- Rotina institucional e procedimentos da direção e da coordenação pedagógica
- Metodologias e práticas de ensino
- Formas de relacionamento institucional
- Peculiaridades dos alunos do ensino noturno
- Desafios e dificuldades
- Saberes e práticas que foram predominantes no processo de formação do pedagogo.

2 ESPAÇO ABERTO PARA DEIXAR FALAR A MEMÓRIA E O QUE O CORAÇÃO DESEJAR....

MUITO GRATA

Professora Sônia Azevedo

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/PPGED

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, E DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Doutoranda Sônia Maria de Azevedo Viana

TÍTULO DA PESQUISA: “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)”

Eu, *Fernando de Souza*

Abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que segue:

Fui convidado como um dos professores-fundadores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, para participar da pesquisa intitulada **Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)**, sendo informado devidamente sobre os seus objetivos e a finalidade de ampliar os conhecimentos sobre a história das instituições de ensino superior em Sergipe. Assim, declaro que estou ciente de que:

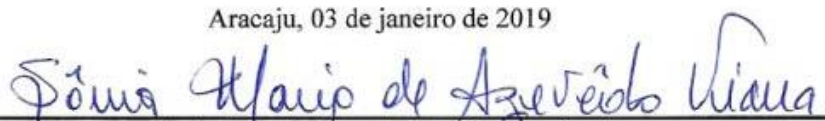
- 1 – A minha participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada;
- 2 – Sei que a minha participação não é obrigatória e que posso retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou durante a coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a minha pessoa;
- 3 – Não terei nenhuma despesa e também não receberei nenhuma remuneração por tal participação;
- 4 – Para qualquer informação adicional, poderei entrar em contato, com a doutoranda, pelos telefones (79) 2106-3056 – 2106-3057 – 9134-0521, ou com a professora orientadora desta pesquisa, Doutora Maria Neide Sobral, no endereço Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos. Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze - CEP 49100-000 - São Cristóvão/SE.

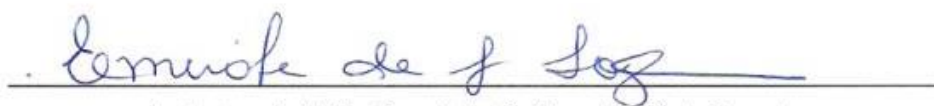
Eu, *Fernando de Souza*

RG nº 300.983/SE CPF nº 116.379.275-68 declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) para a doutoranda Sonia Maria de Azevedo Viana que poderá usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua tese de Doutorado, “NOITES PIONEIRAS DO

ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE: MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO (1976-1980), inserida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGGED / UFS, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aracaju, 03 de janeiro de 2019


Assinatura da Pesquisadora Responsável


Assinatura do(a) Professor(a) – Colaborador(a) da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/PPGED

APÊNDICE 1

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, E DE CONSENTIMENTO PÓS-
INFORMADO**

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Doutoranda Sônia Maria de Azevedo Viana

TÍTULO DA PESQUISA: “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)”

Eu _____

Jeremias Romão de Brito

Abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que segue:

Fui convidado como um dos professores-fundadores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, para participar da pesquisa intitulada **Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)**, sendo informado devidamente sobre os seus objetivos e a finalidade de ampliar os conhecimentos sobre a história das instituições de ensino superior em Sergipe. Assim, declaro que estou ciente de que:

- 1 – A minha participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada;
- 2 – Sei que a minha participação não é obrigatória e que posso retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou durante a coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a minha pessoa;
- 3 – Não terei nenhuma despesa e também não receberei nenhuma remuneração por tal participação;
- 4 - Para qualquer informação adicional, poderei entrar em contato, com a doutoranda, pelos telefones (79) 2106-3056 – 2106-3057 – 9134-0521, ou com a professora orientadora desta pesquisa, Doutora Maria Neide Sobral, no endereço Cidade Universitária Prof. José Aloisio de Campos. Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze - CEP 49100-000 - São Cristóvão/SE.

Eu, _____

RG nº _____, CPF nº _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) para a doutoranda Sonia Maria de Azevedo Viana que poderá usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua tese de Doutorado, “NOITES PIONEIRAS DO

ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE: MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO (1976-1980), inserida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED / UFS, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aracaju, 03 de janeiro de 2019



Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do(a) Professor(a) – Colaborador(a) da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/PPGED

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, E DE CONSENTIMENTO PÓS-
INFORMADO

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Doutoranda Sônia Maria de Azevedo Viana

TÍTULO DA PESQUISA: “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)”

Eu

Andrite Oliveira Aragão

Abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que segue:

Fui convidado como um dos professores-fundadores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, para participar da pesquisa intitulada **Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)**, sendo informado devidamente sobre os seus objetivos e a finalidade de ampliar os conhecimentos sobre a história das instituições de ensino superior em Sergipe. Assim, declaro que estou ciente de que:

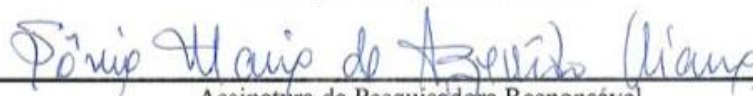
- 1 – A minha participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada;
- 2 – Sei que a minha participação não é obrigatória e que posso retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou durante a coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a minha pessoa;
- 3 – Não terei nenhuma despesa e também não receberei nenhuma remuneração por tal participação;
- 4 - Para qualquer informação adicional, poderei entrar em contato, com a doutoranda, pelos telefones (79) 2106-3056 – 2106-3057 – 9134-0521, ou com a professora orientadora desta pesquisa, Doutora Maria Neide Sobral, no endereço Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos. Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze - CEP 49100-000 - São Cristóvão/SE.

Eu, _____

RG nº _____, CPF nº _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) para a doutoranda Sonia Maria de Azevedo Viana que poderá usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua tese de Doutorado, “NOITES PIONEIRAS DO

ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE: MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO (1976-1980), inserida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGGED / UFS, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aracaju, 03 de janeiro de 2019



Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do(a) Professor(a) – Colaborador(a) da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/PPGED

APÊNDICE 1

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, E DE CONSENTIMENTO PÓS-
INFORMADO**

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Doutoranda Sônia Maria de Azevedo Viana

TÍTULO DA PESQUISA: “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)”

Eu José Julio Feabra

Abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que segue:

Fui convidado como um dos professores-fundadores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, para participar da pesquisa intitulada **Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)**, sendo informado devidamente sobre os seus objetivos e a finalidade de ampliar os conhecimentos sobre a história das instituições de ensino superior em Sergipe. Assim, declaro que estou ciente de que:


- 1 – A minha participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada;
- 2 – Sei que a minha participação não é obrigatória e que posso retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou durante a coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a minha pessoa;
- 3 – Não terei nenhuma despesa e também não receberei nenhuma remuneração por tal participação;
- 4 - Para qualquer informação adicional, poderei entrar em contato, com a doutoranda, pelos telefones (79) 2106-3056 – 2106-3057 – 9134-0521, ou com a professora orientadora desta pesquisa, Doutora Maria Neide Sobral, no endereço Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos. Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze - CEP 49100-000 - São Cristóvão/SE.

Eu, _____

RG nº _____, CPF nº _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) para a doutoranda Sonia Maria de Azevedo Viana que poderá usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua tese de Doutorado, “NOITES PIONEIRAS DO

ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE: MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO (1976-1980), inserida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGGED / UFS, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aracaju, 03 de janeiro de 2019



Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do(a) Professor(a) – Colaborador(a) da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/PPGED

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, E DE CONSENTIMENTO PÓS-
INFORMADO

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Doutoranda Sônia Maria de Azevedo Viana

TÍTULO DA PESQUISA: “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)”

Eu Maria José de Almeida Soares

Abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que segue:

Fui convidado como um dos professores-fundadores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, para participar da pesquisa intitulada **Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)**, sendo informado devidamente sobre os seus objetivos e a finalidade de ampliar os conhecimentos sobre a história das instituições de ensino superior em Sergipe. Assim, declaro que estou ciente de que:

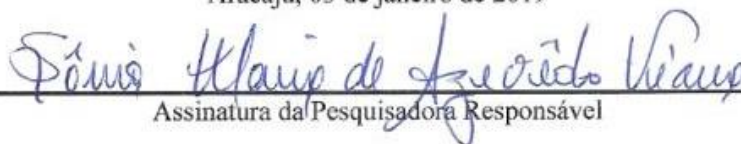
- 1 – A minha participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada;
- 2 – Sei que a minha participação não é obrigatória e que posso retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou durante a coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a minha pessoa;
- 3 – Não terei nenhuma despesa e também não receberei nenhuma remuneração por tal participação;
- 4 - Para qualquer informação adicional, poderei entrar em contato, com a doutoranda, pelos telefones (79) 2106-3056 – 2106-3057 – 9134-0521, ou com a professora orientadora desta pesquisa, Doutora Maria Neide Sobral, no endereço Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos. Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze - CEP 49100-000 - São Cristóvão/SE.

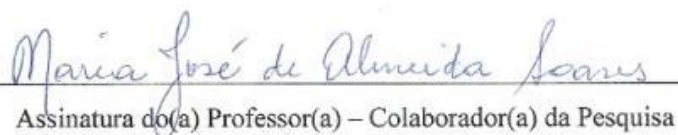
Eu, _____

RG nº _____, CPF nº _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) para a doutoranda Sonia Maria de Azevedo Viana que poderá usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua tese de Doutorado, “NOITES PIONEIRAS DO

ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE: MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO (1976-1980), inserida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGGED / UFS, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aracaju, 03 de janeiro de 2019


Assinatura da Pesquisadora Responsável


Assinatura do(a) Professor(a) – Colaborador(a) da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/PPGED

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, E DE CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Doutoranda Sônia Maria de Azevedo Viana

TÍTULO DA PESQUISA: “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)”

Eu Osvaldo Meuzer Santos

Abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que segue:

Fui convidado como um dos professores-fundadores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, para participar da pesquisa intitulada **Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)**, sendo informado devidamente sobre os seus objetivos e a finalidade de ampliar os conhecimentos sobre a história das instituições de ensino superior em Sergipe. Assim, declaro que estou ciente de que:

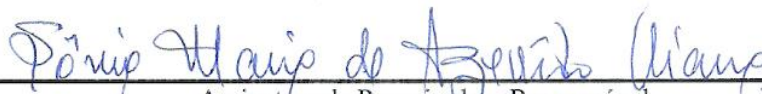
- 1 – A minha participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada;
- 2 – Sei que a minha participação não é obrigatória e que posso retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou durante a coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a minha pessoa;
- 3 – Não terei nenhuma despesa e também não receberei nenhuma remuneração por tal participação;
- 4 - Para qualquer informação adicional, poderei entrar em contato, com a doutoranda, pelos telefones (79) 2106-3056 – 2106-3057 – 9134-0521, ou com a professora orientadora desta pesquisa, Doutora Maria Neide Sobral, no endereço Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos. Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze - CEP 49100-000 - São Cristóvão/SE.

Eu, _____

RG nº _____, CPF nº _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) para a doutoranda Sonia Maria de Azevedo Viana que poderá usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua tese de Doutorado, “**NOITES PIONEIRAS DO**

ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE: MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO (1976-1980), inserida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED / UFS, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aracaju, 03 de janeiro de 2019



Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do(a) Professor(a) – Colaborador(a) da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/PPGED

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO, E DE CONSENTIMENTO PÓS-
INFORMADO

RESPONSÁVEL PELA PESQUISA: Doutoranda Sônia Maria de Azevedo Viana

TÍTULO DA PESQUISA: “Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)

Eu Walter Mendonça de Souza

Abaixo assinado, declaro ter pleno conhecimento do que segue:

Fui convidado como um dos professores-fundadores do Curso de Pedagogia da Faculdade Pio Décimo, para participar da pesquisa intitulada **Noites pioneiras do ensino superior noturno em Sergipe: memórias da fundação do curso de pedagogia na Faculdade Pio Décimo (1976-1980)**, sendo informado devidamente sobre os seus objetivos e a finalidade de ampliar os conhecimentos sobre a história das instituições de ensino superior em Sergipe. Assim, declaro que estou ciente de que:

- 1 – A minha participação é voluntária e se dará por meio de entrevista semiestruturada;
- 2 – Sei que a minha participação não é obrigatória e que posso retirar o meu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou durante a coleta dos dados, independentemente do motivo e sem nenhum prejuízo a minha pessoa;
- 3 – Não terei nenhuma despesa e também não receberei nenhuma remuneração por tal participação;
- 4 - Para qualquer informação adicional, poderei entrar em contato, com a doutoranda, pelos telefones (79) 2106-3056 – 2106-3057 – 9134-0521, ou com a professora orientadora desta pesquisa, Doutora Maria Neide Sobral, no endereço Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos. Av. Marechal Rondon, s/n Jardim Rosa Elze - CEP 49100-000 - São Cristóvão/SE.

Eu, _____

RG nº _____, CPF nº _____ declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista (história de vida, formação e profissão) para a doutoranda Sonia Maria de Azevedo Viana que poderá usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazo e citações, para a escrita/produção da sua tese de Doutorado, “**NOITES PIONEIRAS DO**

ENSINO SUPERIOR NOTURNO EM SERGIPE: MEMÓRIAS DA FUNDAÇÃO DO CURSO DE PEDAGOGIA NA FACULDADE PIO DÉCIMO (1976-1980), inserida no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGGED / UFS, para efeitos de apresentação em congressos e/ou publicações desde a presente data. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente.

Aracaju, 03 de janeiro de 2019



Assinatura da Pesquisadora Responsável

Assinatura do(a) Professor(a) – Colaborador(a) da Pesquisa

ANEXOS

ANEXO A - RELAÇÃO DE ALUNOS DA 1ª TURMA



Ministério da Educação e Cultura

ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO"

FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU

Aracaju — Rua Estância, 362/382 - Fone. 222.4477 - Sergipe

(AUTORIZADA A FUNCIONAR PELO DEC. FED. Nº 77.232 DE 25/02/78)

ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU, MATRICULADOS NO PERÍODO DE 29 DE MARÇO A 03 DE ABRIL DE 1976:

TURMA "A"

- 01) Ana Cristina Vieira Vilanova (aprovada no 1º Período de 1976);
- 02) Ana Izabel Barros Santos (idem, idem);
- 03) Ana Lúcia Cruz Menezes (idem, idem);
- 04) Ana Soares de Souza (reprovada em Filosofia e Antropologia);
- 05) Arlete Maria Silva (aprovada no 1º Período do 1º sem. 1976);
- 06) Clara Elizabeth Wine Oliveira (reprovada em Língua Portuguesa I e Introdução à Metodologia Científica);
- 07) Clara Magalhães Garcia Moreno (aprovada no 1º Período 1976);
- 08) Dalete Maria Samico Silva (reprovada em todas as disciplinas por insuficiência de frequência) repetente no 2º semestre;
- 09) Edênia Silveira Santos (aprovada no 1º Período de 1976);
- 10) Eduardo José dos Santos (idem, idem);
- 11) Eliana de Carvalho Almeida (idem, idem);
- 12) Eliane de Jesus Tôrres (idem, idem);
- 13) Elvira Urânia Nóbrega Moreira (idem, idem);
- 14) Emiralva Simões Cruz (idem, idem);
- 15) Erotildes Batista dos Santos (reprovada em Metodologia);
- 16) Eva Melo de Carvalho Prado Ramos (aprovada no 1º Período);
- 17) Fidelina Maynard Brito (reprovada em Metodologia);
- 18) Francisca de Souza Prata (aprovada no 1º Período de 1976);
- 19) Gladys Selma Menezes Mendonça Leite (idem, idem);
- 20) Gleide dos Santos Travassos (reprovada em todas as disciplinas por insuficiência de frequência e abandonou o curso);
- 21) Izolina Maria Bandeira Boto (aprovada no 1º Período de 1976);
- 22) Jandira Côrtes Reis (idem, idem);
- 23) Joana Angélica Moreira Seixas (idem, idem);
- 24) Jocelina Gilda de Freitas Rezende (idem, idem);


SANDINO DE MELO RIBEIRO



Ministério da Educação e Cultura
ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO"
FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU

Aracaju — Rua Estância, 362/382 - Fone: 222.4477 - Sergipe

(AUTORIZADA A FUNCIONAR PELO DEC. FED. N.º 77.232 DE 25/02/76)

TURMA "A" - fl. 2

- 25) Joeline de Oliveira Santos (aprovada no 1º Período de 1976);
- 26) Jorge Carvalho do Nascimento (idem, idem);
- 27) José Américo Gomes (idem, idem);
- 28) Josefa Garcia de Carvalho (idem, idem);
- 29) Judith Gaetano dos Santos (idem, idem);
- 30) Idnail Alves dos Santos (idem, idem);
- 31) Izandro Ferreira Machado (idem, idem);
- 32) Lúcia Maria da Silva (idem, idem);
- 33) Manoel de Carvalho Gargão (idem, idem);
- 34) Margarida Maria Cruz Santana (idem, idem);
- 35) Maria Albertina de Santana Oliveira (idem, idem);
- 36) Maria Amélia dos Santos (idem, idem);
- 37) Maria Angélica de Oliveira (idem, idem);
- 38) Maria Aparecida Rodrigues (idem, idem);
- 39) Maria Aparecida Teles de Matos (idem, idem);
- 40) Maria Auxiliadora Sobral de Menezes (reprovada por insuficiência de frequência em todas as disciplinas e cancelou definitivamente sua matrícula).

TURMA - "B"

- 41) Maria Carlota Cruz (aprovada no 1º Período do 1º sem. 1976);
- 42) Maria Carmem Chagas Alves (idem, idem);
- 43) Maria do Carmo Guimarães (idem, idem);
- 44) Maria da Conceição Sucupira Garcez (idem, idem);
- 45) Maria Greuza Nascimento (idem, idem);
- 46) Maria Elódia Barbosa de Deus (idem, idem);
- 47) Maria de Fátima Barros de Oliveira (idem, idem);
- 48) Maria de Fátima Gonçalves Cerqueira (idem, idem);
- 49) Maria de Fátima Ima Prado (idem, idem);
- 50) Maria de Fátima Santos Siqueira (idem, idem);

SANDINO DE MENEZES RIBEIRO



Ministério da Educação e Cultura

ASSOCIAÇÃO DE ENSINO E CULTURA "PIO DÉCIMO"

FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU

Aracaju — Rua Estância, 362/382 - Fone: 222-4477 - Sergipe

(AUTORIZADA A FUNCIONAR PELO DEC. FED. N.º 77.232 DE 25/02/76)

TURMA "B" - cont. fl. 3

- 51) Maria das Graças Vasconcelos Machado (aprovada no 1º Período);
- 52) Maria Ivanúzia Bispo (reprovada em Filosofia I);
- 53) Maria Izabel da Conceição Santos (idem, idem);
- 54) Maria Jeanne de Sá Oliveira (aprovada no 1º Período de 1976);
- 55) Maria José Carvalho de Lima (idem, idem);
- 56) Maria José de Lima (idem, idem);
- 57) Maria José Souza (idem - reprovada em Sociologia I);
- 58) Maria Josenalva Sampaio de Oliveira (aprovada no 1º Período);
- 59) Maria Lindinalva Sampaio de Oliveira (idem, idem);
- 60) Maria Luiza Ferreira Ribeiro (reprovada em Filosofia I);
- 61) Maria Luzia Machado (aprovada no 1º Período / 1º Semestre/1976);
- 62) Maria Marlete Pinto de Sá (idem, idem);
- 63) Maria da Pureza Souza (idem, idem);
- 64) Maria Raymunda de Souza Alcântara (idem, idem);
- 65) Maria Terezinha Almeida Mendonça (idem, idem);
- 66) Maria Virginita Santos (idem, idem);
- 67) Marilene de Matos Melo (idem, idem);
- 68) Marlene Santana Simões (reprovada em Filosofia I);
- 69) Marlene Santos de Andrade (aprovada no 1º Período de 1976);
- 70) Martha de Souza Menezes (idem, idem);
- 71) Matilde Santos (idem, idem);
- 72) Neemias Araújo de Carvalho (idem, idem);
- 73) Ninfa Maria Machado Lôbo (idem, idem);
- 74) Núbia Silveira Santos (idem, idem);
- 75) Sacha Lídice Pereira Von Schsten (idem, idem);
- 76) Selma Maria Silva Souza (idem, idem);
- 77) Simone Jacira Alves (idem, idem);
- 78) Verônica Souza dos Reis (idem, idem);
- 79) Wandecy Espínola de Araújo (idem, idem);
- 80) Zilná dos Santos (idem, idem - 1º Período do 1º Semestre 1976).


SANDINO DE MELO RIBEIRO

Sandino de Melo Ribeiro
SANDINO DE MELO RIBEIRO

ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
APLICADOS DE ARACAJU - MATRICULADOS NO 2º PERÍODO DO "2º SEMESTRE" 1976
(EFETUARAM O 1º PERÍODO NO 1º SEMESTRE DE 1976) A Faculdade foi autori-
zada a funcionar pelo Dec. Fed. Nº 77.232 de 25/2/76 - Abertura 18/4/76:



(vide relação anexo com os nomes)

SANDINO DE MELO RIBEIRO

ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
APLICADOS DE ARACAJU - MATRICULADOS NO 2º PERÍODO DO "2º SEMESTRE" 1976
(EFETUARAM O 1º PERÍODO NO 1º SEMESTRE DE 1976) A Faculdade foi autori-
zada a funcionar pelo Dec. Fed. Nº 77.232 de 25/2/76 - Abertura 18/4/76:

21) 	22) 	23) 	24)
25) 	26) 	27) 	28)
29) 	30) 	31) 	32)
33) 	34) 	35) 	36)
37) 	38) 	39) 	40)

(vide relação anexa com os nomes)


SANDINO DE MELO RIBEIRO

ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS
APLICADOS DE ARACAJU - MATRICULADOS NO 2º PERÍODO DO "2º SEMESTRE" 1976
(EFETUARAM O 1º PERÍODO NO 1º SEMESTRE DE 1976) A Faculdade foi autori-
zada a funcionar pelo Dec. Fed. Nº 77.232 de 25/2/76 - Abertura 18/4/76:



(vide relação anexa com os nomes)

SANDINO DE MELO RIBEIRO

ALUNOS FUNDADORES DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU - MATRICULADOS NO 2º PERÍODO DO "2º SEMESTRE" 1976 (REPELERAM O 1º PERÍODO NO 1º SEMESTRE DE 1976) A Faculdade foi autorizada a funcionar pelo Dec. Fed. Nº 77.232 de 25/2/76 - Abertura 18/4/76:



(vide relação anexa com os nomes)

ANEXO B – MATRIZ CURRICULAR

FACULDADE DE ESTUDOS SOCIAIS APLICADOS DE ARACAJU				
CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA				
1ª grade da Faculdade				
Código	Disciplinas - 1º Período	Créditos	Horas	Pré-requisitos
FA-201.1	Língua Portuguesa I	04	60	
FA-101.1	Introdução à Sociologia I	04	60	
FA-102.1	Introdução à Antropologia	04	60	
FA-103.1	Int. à Metodologia Científica	04	60	
FA-104.1	Introdução à Filosofia I	04	60	
FA-202.1	Educação Física I		30	
	2º Período Total	20	330	-
FA-201.2	Língua Portuguesa II	04	60	FA-201.1
FA-101.2	Introdução à Sociologia II	04	60	FA-101.1
FA-104.2	Introdução à Filosofia II	04	60	FA-104.1
FA-201.2	Introdução à Educação	06	90	
FA-202.2	Educação Física II		30	
	3º Período Total	18	300	
FA-107.3	Estudo de Prob. Brasileiros I	02	30	
FA-204.3	Psicologia da Educação I	02	30	
FA-206.3	História da Educação I	04	60	
FA-205.3	Sociologia da Educação I	02	30	
FA-224.3	Filosofia da Educação I	04	60	
FA-207.3	Didática I	03	45	
FA-202.3	Educação Física III		30	
	4º Período Total	17	285	
FA-225A-4	Estrutura e Funcionamento da Escola de 1º grau I	04	60	FA-107.3
FA-204.4	Psicologia da Educação II	04	60	FA-204.3
FA-205.4	Sociologia da Educação II	04	60	FA-205.3
FA-224.4	Filosofia da Educação II	04	60	FA-224.3
FA-206.4	História da Educação II	04	60	FA-206.3
FA-207.4	Didática II	04	60	FA-207.3
FA-202.4	Educação Física IV		30	

CONTINUAÇÃO DO CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA / FESAA

	Total	24	390	
Código	Disciplinas - 5º Período	Créditos	Horas	Pré-requisitos
FA-204.5	Psicologia da Educação III	04	60	FA-204.4
FA-107.5	Estudo de Problemas Brasileiros II	02	30	FA-107.3
FA-217.5	Currículos e Programas do Ensino de 1º Grau I	04	60	FA-207.3
FA-209.5	Met. do Ensino de 1º Grau I	02	30	FA-207.3
	Comunicação e Expressão, Matemática	02	30	FA-207.3
FA-212.5	Estatística Aplic. à Educação I	03	45	
FA-215.5	Medidas Educacionais I	03	45	FA-212.5 e FA-207.3
FA-202.5	Educação Física V		30	
	OPÇÕES			
	<u>ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR</u>			
FA-211.5	Princípios e Métodos de Administração Escolar I	04	60	FA-225A-4
	<u>SUPERVISÃO ESCOLAR</u>			
FA-216.5	Princípios e Métodos de Supervisão Escolar I	04	60	FA-205.4
	<u>ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL</u>			
FA-213.5	Princípios e Métodos de Orientação Educacional I	04	60	FA-207.3
	Total	24	390	
Código	Disciplinas - 6º Período	Créditos	Horas	Pré-requisitos
FA-216.6	Curríc. e Prog. do Ens. de 1º e 2º Graus II	04	60	FA-217.5
FA-209.6	Metod. do Ensino de 1º e 2º Grs. II	02	30	FA-209.5
	Estudos Sociais	02	30	
	Ciências	02	30	
FA-105.6	Psicologia da Personalidade	04	60	FA-207.3
FA-225A.6	Estrutura e Funcionamento da Escola de 1º e 2º Graus II	04	60	FA-225A-4
FA-202.6	Educação Física VI		30	

CONTINUAÇÃO DO CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA / FESAA


Código	(OPÇÕES) - Disciplinas	Créditos	Horas	Pré-requisitos
<u>ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR</u>				
FA-211.6	Princípios e Mot. de Administração Escolar II	04	60	FA-211.5
FA-236.6	Introdução ao Planejamento Educacional	04	60	FA-212.5 e FA-211.5
<u>SUPERVISÃO ESCOLAR</u>				
FA-216.6	Princípios e Métodos de Supervisão Escolar II	04	60	FA-216.5
FA-235.6	Legislação do Ensino	04	60	FA-224.4
<u>ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL</u>				
FA-213.6	Princípios e Métodos de Orientação Educacional II	04	60	FA-213.5
FA-214.6	Orientação Vocacional I	04	60	FA-107.3
Total		24	390	
Código	Disciplinas - 7º Período			
FA-210.7	Prática de Ensino na Escola de 1º grau I (Estágio)	08	120	FA-209.6
FA-215.7	Medidas Educacionais II	04	60	FA-215.6
FA-211.7	Psicopatologia da Educação	04	60	FA-105.6
FA-202.7	Educação Física VII		30	
<u>OPÇÕES</u>				
<u>ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR</u>				
FA-225.7	Estágio Supervisionado I	08	120	FA-211.6
FA-208A.7	Evolução da Educação no Brasil	04	60	FA-206.4
<u>SUPERVISÃO ESCOLAR</u>				
FA-227.7	Estágio Supervisionado I	08	120	FA-216.6
FA-208A.7	Evolução da Educação no Brasil	04	60	FA-206.4
<u>ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL</u>				
FA-226.7	Estágio Supervisionado I	08	120	FA-213.6
FA-214.7	Orientação Vocacional II	04	60	FA-214.6
Total		28	450	

CONTINUAÇÃO DO CURRÍCULO DO CURSO DE PEDAGOGIA / FESAA

Código	Disciplinas - 8º Período	Créditos	Horas	Pré-requisitos
FA-210.8	Prática de Ensino II (Estágio 2º grau)	08	120	
FA-204.6	Psicologia IV (Social)	04	60	FA-204.5
FA-205.8	Sociologia da Educação III	02	30	FA-207.4
FA-207.8	Didática III	04	60	FA-207.4
FA-202.8	Educação Física VIII		30	
	OPÇÕES			
	<u>ADMINISTRAÇÃO ESCOLAR</u>			
FA-225.8	Estágio Supervisionado II	08	120	FA-225.7
	<u>SUPERVISÃO ESCOLAR</u>			
FA-227.8	Estágio Supervisionado II	08	120	FA-226.7
	<u>ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL</u>			
FA-226.8	Estágio Supervisionado II	08	120	FA-227.8
	Total	26	450	

ANEXO C - AMOSTRAGEM RWEGISTROS DE TRABALHO

N. 039



Nome José Julis Sebastião Santos

Profissão { Pai José Sebastião dos Santos
Mãe Luizete Sebastião Santos

Carreiras { Profissional N. 12065 Série 309 INPS N. _____
Reservista N. 805845 Série _____ Categoria _____
Estrangeiro _____

Emprego a que pertence _____ Matrícula N. _____

Estado civil Solteiro Instrução Universitária Idade 24 anos

Data do nascimento 26 de Setembro de 1952 Nacionalidade Brasil

Lugar do nascimento Aracaju - Se

Residência _____ Data da admissão 03/03/76

Estado estrangeiro { Data que chegou _____ / _____ / _____ É naturalizado? _____
É casado com brasileira? _____ Tem filhos brasileiros? _____

Categoria e ocupação habitual Proprietário Salário 13,38 de mês

Horas para trabalhar das _____ às _____ horas, com intervalo de _____ horas para a refeição

Descanso das sábados das _____ às _____ horas, num total de _____ horas semanais

Contribuição do FGTS. Data da opção 03/03/76 Retratção _____

Forma de pagamento Mensal Nome dos beneficiários _____

Assinatura do empregado José Julis Sebastião Santos

Data da dispensa 30/03/89

Nome do livro de anotações _____

Fotografia

N. 048

Nome Maria Beatriz Garcia Costa Carvalho

Filiação { Pai Antonio Sauparis Garcia
Mãe Barbina Carvalho Garcia

Carteiras { Profissional N. 2307 Série 1984 INPS N. _____
Reservista N. _____ Série _____ Categoria _____
Estrangeiro _____

Sindicato a que pertence _____ Matrícula N. _____

Estado civil Casada Instrução Superior Idade _____ anos

Data do nascimento 05 de Junho de 1947 Nacionalidade Bras.

Lugar do nascimento Borborema - Ceará

Residência Rua Nossa Senhora das Dores, 1092 Data da admissão 03/03/76

Quando estrangeiro { Data que chegou _____/_____/_____
É naturalizado? _____
É casado com brasileira? _____ Tem filhos brasileiros? _____

Categoria e ocupação habitual Professor Salário 13,38

Para trabalhar das _____ às _____ horas, com intervalo de _____ horas para a refeição e descanso das sábados das _____ às _____ horas, num total de _____ horas semanais

Situação do FGTS. Data da opção 03/03/76 Retratção _____

Forma de pagamento mensal Nome dos beneficiários _____

Assinatura do empregado _____

Data 03/03/76

Data da dispensa 03/03/78

Fólio do livro de anotações _____

Polígono digital





N. 054

Nome Saldino de Melo Ribeiro

Filiação { Pai Jana de Melo Ribeiro
Mãe Zelma de Melo Ribeiro

Carteiras { Profissional N. 66910 Série 92 INPS N. _____
Reservista N. 518 595 Série _____ Categoria _____
Estrangeiro _____

Sindicato a que pertence _____ Matrícula N. _____

Estado civil Casado Instrução Secundária Idade _____ anos

Data do nascimento 11 de Maio de 1934 Nacionalidade Bras.

Lugar do nascimento Ped de Azevedo - P. Lagos

Residência Rua K. 109 - P. Talalaia Data da admissão 01/04/76

Quando estrangeiro { Data que chegou _____ / _____ / _____ É naturalizado? _____
É casado com brasileira? _____ Tem filhos brasileiros? _____

Categoria e ocupação habitual Secretário da Faculdade Salário 2000,00

Para trabalhar das _____ às _____ horas, com intervalo de _____ horas para a refeição e descanso das sábados das _____ às _____ horas, num total de _____ horas semanais

Situação do FGTS. Data da opção 01/04/76 Retratção _____

Forma de pagamento mensal Nome dos beneficiários _____

Assinatura do empregado Saldino de Melo Ribeiro

Data 01/04/1976

Data da dispensa 11/1/76

Fólio do livro de anotações _____





N. 057

Nome Helia Maria de Paula Rocha

Filiação { Pai Helio Borges da Rocha
Mãe Margarida de Paula Rocha

Carteiras { Profissional N. 69807 Série 162 INPS N. _____
Reservista N. _____ Série _____ Categoria _____
Estrangeiro _____

Sindicato a que pertence _____ Matrícula N. _____

Estado civil solteira Instrução Superior Idade _____ anos

Data do nascimento 22.10.49 Nacionalidade Bras.

Lugar do nascimento Cameta - Para

Residência Rua Papilio Bualis Teofil Clavi, 321 Data da admissão 19/04/76

Quando estrangeiro { Data que chegou _____ / _____ / _____ É naturalizado? _____
É casado com brasileira? _____ Tem filhos brasileiros? _____

Categoria e ocupação habitual Professor Universitário Salário 40,00

Para trabalhar das _____ às _____ horas, com intervalo de _____ horas para a refeição e descanso das sábados das _____ às _____ horas, num total de _____ horas semanais

Situação do FGTS. Data da opção 19/04/76 Retratação _____

Forma de pagamento mensal Nome dos beneficiários _____

Assinatura do empregado _____

Data 19/04/76

Data da dispensa 4/3/77

Fólio do livro de anotações _____

Fotografia

N. 058

Nome Antonio Tavares de Jesus

Filiação { Pai Maurice Tavares Filho
Mãe Maria Botita dos Santos

Carteiras { Profissional N. 26704 Série 284 INPS N. _____
Reservista N. 577922 Série _____ Categoria _____
Estrangeiro _____

Sindicato a que pertence _____ Matrícula N. _____

Estado civil Casado Instrução Superior Idade _____ anos

Data do nascimento 02.07.35 Nacionalidade Brasileira

Lugar do nascimento São Cristovão - Se

Residência Rua Frei Paulo, 1036 Data da admissão 19/04/76

Quando estrangeiro { Data que chegou _____/_____/_____. É naturalizado? _____
É casado com brasileira? _____ Tem filhos brasileiros? _____

Categoria e ocupação habitual Professor Universitário Salário 400,00 Real

Para trabalhar das _____ às _____ horas, com intervalo de _____ horas para a refeição e descanso das sábados das _____ às _____ horas, num total de _____ horas semanais

Situação do FGTS. Data da opção 19/04/76 Retratação _____

Forma de pagamento mensal Nome dos beneficiários _____

Assinatura do empregado _____

Data 19/05/76

Data da dispensa 23/08/79

Fólio do livro de anotações _____